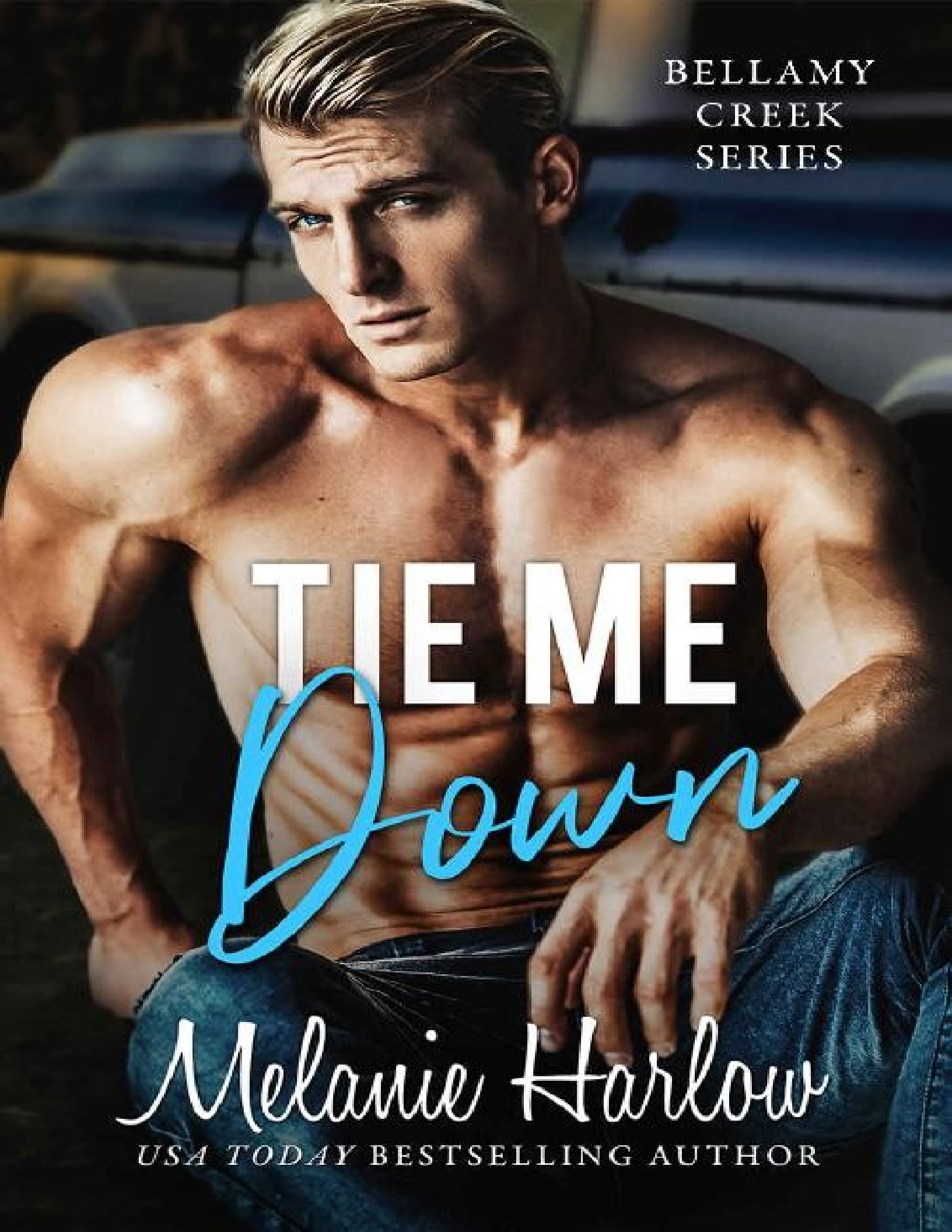




BELLAMY
CREEK
SERIES

TIE ME

Down

Melanie Harlow

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR



The logo features the text "A.D.T." in a serif font, centered within a black circle. This circle is surrounded by two concentric, glowing rings. The inner ring is a vibrant magenta, and the outer ring is a bright cyan. Both rings have a soft, out-of-focus glow that extends into the surrounding black background.

A.D.T.

2021

Sinopse

Apenas Amigos.

Isso é tudo que Beckett Weaver e eu já fomos.

Claro, ele é um cowboy gostoso que deixou Wall Street para assumir o rancho de sua família. Sim, eu tenho uma paixão secreta por ele desde que tínhamos dezessete anos. E quem não gostaria daquelas mãos fortes, aquele peito enorme e a maneira como ele preenche um jeans Levis?

Ele faz uma garota suar só de olhar para ele... e eu olho. Bastante.

Mas eu sou uma mãe solteira tentando seguir em frente com minha vida, e ele está administrando aquele rancho sozinho enquanto cuida de seu pai idoso. Nós nem mesmo vivemos no mesmo estado. Eu só voltei para minha cidade natal de Bellamy Creek para vender a casa da minha falecida mãe, e ele apenas convidou a mim e meu filho para ficar com ele porque ele tem um grande coração. Essa não é a única grande coisa que ele tem, o que eu descubro na noite em que finalmente atravesso o corredor para seu quarto e tiro minhas inibições ao lado do meu pijama. E uma vez que nos entregamos, não podemos parar.

O celeiro. A carroceria de sua caminhonete. A doca junto ao lago.

Nada nunca pareceu tão certo, mas seu passado o ensinou a não acreditar em felizes para sempre, e cada noite perfeita que passo em seus braços nos aproxima do adeus. Como qualquer cowboy, ele é bom com uma corda e sabe exatamente como me amarrar.

Mas e se eu quiser que ele me amarre?

Lançamento

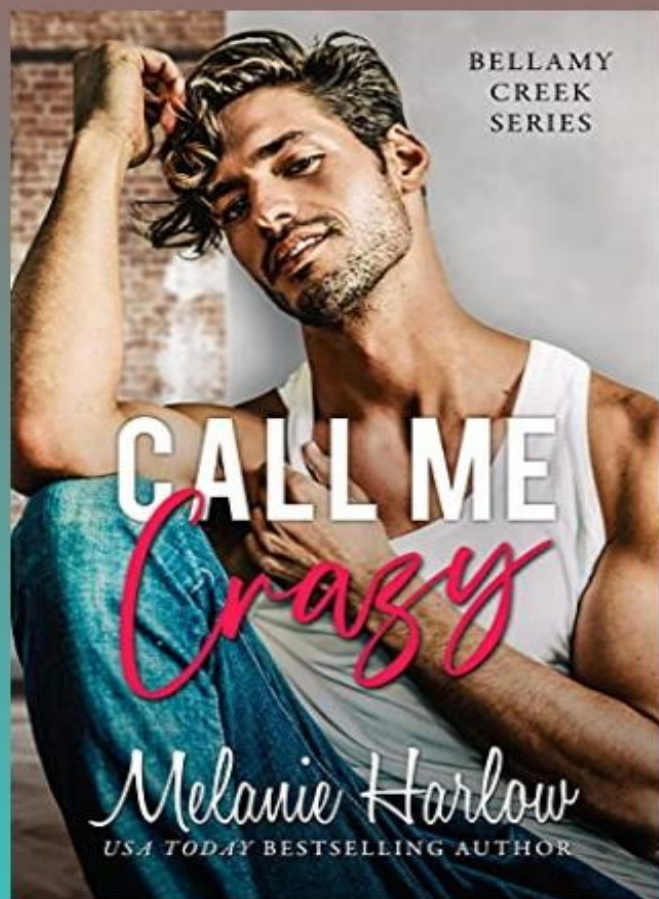
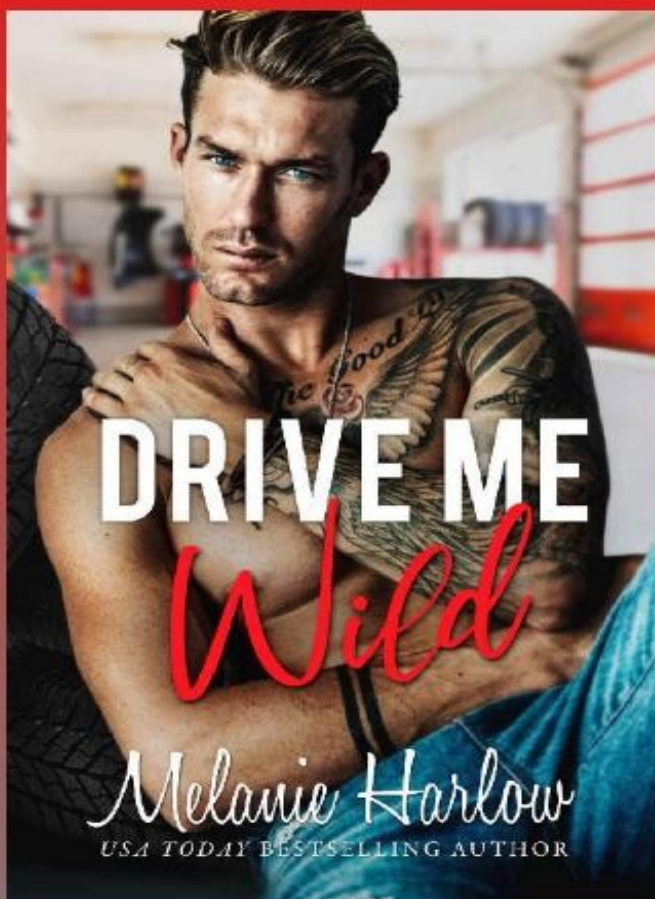
BELLAMY
CREEK
SERIES

TIME
Down

Melanie Harlow

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

A Serie



Tie Me Down

*Para Corinne Michaels,
extraordinária contadora de histórias e amiga.*

Melanie Harlow

Tie Me *Down*

Eu serei aquele que ficará até o fim

E eu serei aquele que precisa de você de novo

E eu serei aquele que propõe em um jardim de rosas

E realmente te ama muito depois que nossa cortina se fecha

Mas você ainda vai me amar quando ninguém me quiser por perto?

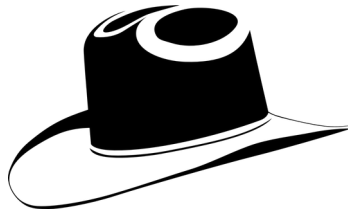
Quando eu fizer 81 e esquecer as coisas, você ainda ficará orgulhoso?

REX ORANGE COUNTY, —HAPPINESS

Melanie Harlow

Quinze Anos Atras

Tie Me
Down



Beckett

—Quem quer ir primeiro? — Cole perguntou.

Todos nós olhamos para a caixa de equipamentos vazia na mesa da cozinha da minha família. Griffin a trouxe e eu tirei todas as bandejas para que pudesse servir para uma função diferente. *Cápsula do tempo*.

Desde que éramos crianças, meus três melhores amigos, Cole Mitchell, Griffin Dempsey e Enzo Moretti e eu tínhamos planejado enterrar uma cápsula do tempo no verão depois de nos formarmos no colégio. Tínhamos ouvido falar sobre cápsulas do tempo anos atrás, na aula de estudos sociais da quinta série, e todos os quatro concordamos naquele momento que iríamos fazer isso. Depois de alguma discussão, concordamos que fazia mais sentido enterrá-la em algum lugar na fazenda da minha família. Imaginamos que a família de outra pessoa poderia se mudar algum dia, mas Weaver Ranch estava na minha família há mais de cem anos e estaria na minha família nas próximas gerações.

Eu ia ter certeza disso. Meu plano era me formar em finanças, obter um MBA e garantir um daqueles empregos em Wall Street onde você poderia

Melanie Harlow

ganhar milhões se tivesse cérebro, coragem e ética de trabalho. Eu tinha todos os três e os usava para ajudar minha família.

— Eu vou, — disse Griffin, colocando sua mochila surrada sobre a mesa e enfiando a mão dentro dela. Ele puxou suas borlas de formatura, uma fotografia dele parado entre seu pai e seu avô na frente do capô aberto de uma velha caminhonete que eles estavam restaurando, e uma folha de papel dobrada.

— O que é isso? — Perguntou Moretti, apontando para o papel.

— É uma cópia da carta do Corpo de Fuzileiros Navais me dizendo quando e onde me apresentar ao campo de treinamento.

Nós assentimos e assistimos Griffin colocar esses três itens na caixa. Ele iria em três semanas para a Ilha Parris, o primeiro de nós a deixar Bellamy Creek e nosso quarteto unido. Em agosto, eu estava partindo para Harvard, onde tinha uma bolsa integral de estudos acadêmicos, e Cole estava indo para uma faculdade local, onde planejava estudar para a polícia. Moretti já estava trabalhando em tempo integral para a empresa de construção de sua família, como fazia desde os quatorze anos.

A última coisa que Griffin puxou da mochila foi uma bola de beisebol suja e desgastada. — Desde o dia em que fiz o home run da vitória contra o Mason City High para conquistar o título, — disse ele com reverência. — Eu assinei, no caso de vocês colocarem uma bola de beisebol também. Assim saberemos de quem é de quem.

Todos nós concordamos. O beisebol era sagrado para nós, a única coisa mais sagrada era nossa amizade. Griffin colocou a bola na caixa como se fosse feita de vidro.

— Certo, quem é o próximo? — Perguntei.

— Eu irei. — Moretti colocou um saco de papel marrom na mesa. Dele, ele tirou um recorte de jornal do Bellamy Creek Gazette sobre seu recorde de bases roubadas e um menu para viagem do DiFiore's, seu restaurante favorito, que pertencia a seus primos. Em seguida, ele tirou um de seus retratos mais velhos e adicionou-o à caixa. Não é pequeno também, um cinco por sete.

— Sério, Moretti? — Griffin gesticulou para a foto. — Uma grande foto sua?

— Ei, acho que estou bem nesta foto. E se eu ficar careca ou algo assim? Vou querer olhar para trás e lembrar quando eu tinha um cabelo incrível. E maçãs do rosto. — Ele colocou a foto na caixa.

Rindo, balancei minha cabeça. Era um Moretti típico. Ele era vaidoso e egoísta, mas você não poderia pedir um amigo mais leal. Sentiria falta dele. Sentiria falta de todos eles.

— E eu também tenho uma foto nossa, então dê o fora. — Ele tirou uma foto de nós quatro depois de um de nossos últimos jogos, quatro caras arrogantes de dezoito anos com bonés e uniformes sujos, sorrindo para a câmera. Ele o adicionou à caixa e olhou para o outro lado da mesa. — Cole? Quer ir a seguir?

—Certo. — Cole abriu um grande saco Ziplock e tirou uma folha de papel dobrada. —O elenco do nosso time de beisebol e o recorde da temporada, — disse ele, colocando-o na caixa. —E eu tenho a bola do não rebatedor que armei este ano. Eu assinei.

—Um jogo tão bom, — Griffin disse, batendo nas costas de Cole. —Esse é o melhor que eu já vi você lançar. Cara, vou sentir falta desses jogos.

—Eu também, — disse, odiando a sensação de vazio em meu estômago. —Acha que vamos jogar juntos de novo?

—Claro que sim. — Moretti deu uma gargalhada. —Seremos como aqueles caras velhos que saem nas noites de quinta-feira todo verão com suas barrigas de cerveja e joelhos velhos e frágeis.

Todos nós rimos também, incapazes de nos imaginar com entranhas barrigudas e juntas rígidas. A última coisa que Cole colocou na caixa foi uma foto de todos nós com nossas acompanhantes na noite do nosso baile de formatura. Cole havia levado sua namorada, Trisha, Griffin pegou uma garota com quem ele estava saindo desde o Natal, Moretti havia tomado seu sabor do mês; e eu tinha levado uma amiga, já que a garota que eu gostaria de ter chamado, Maddie Blake, estava fora dos limites.

—Sua vez, Weaver. — Cole olhou para mim. —Vamos ver o que você tem.

De um saco plástico de supermercado, tirei uma cópia da minha carta de aceitação de Harvard, meu valioso cartão de beisebol do Mickey Cochrane e duas fotos. A primeira era uma de nós quatro, tirada com

nossos capelos e togas logo após a cerimônia de formatura, e a segunda era uma foto de Maddie e eu tirada um minuto depois. Eu tinha um braço em volta dos ombros dela, e ela tinha um braço em volta da minha cintura, sua bochecha quase encostada no meu peito. Eu mal conseguia respirar.

—Qual é a segunda foto? — Cole perguntou, porque eu tentei esconder a foto de Maddie e eu atrás da primeira.

—Não é nada. — Peguei a tampa da caixa e tentei colocá-la, mas Moretti, cujos reflexos foram rápidos, enfiou a mão na caixa e pegou as fotos, embaralhando-as para que a foto de Maddie e eu ficasse em cima.

Ele sorriu. — Aha. Agora eu entendi.

—Foda-se. — Peguei as fotos de suas mãos e coloquei-as viradas para baixo na caixa.

—De quem era a foto? — Cole perguntou.

—A garota dos seus sonhos, —disse Moretti. —Mas Weaver, você percebe que dizer a ela que gosta dela seria uma ideia melhor do que colocar a foto dela em uma caixa de equipamento que você vai enterrar no chão?

Minha mandíbula cerrou. —Eu não posso fazer isso, tudo bem?

—Você poderia, — ele insistiu. —Você simplesmente não vai.

Era fácil para Moretti dizer. Ele nunca ficava calado perto de garotas e podia encantar qualquer um que conhecesse. Até professores e mães o adoravam. Elas gostavam de mim também, por diferentes motivos, eu era

educado, quieto e responsável. Mas tinha que pensar antes de falar com uma garota, e às vezes pensava tanto que perdia a chance de dizer o que queria. Especialmente para Maddie.

Cole fechou a caixa e trancou a trava. — Devemos enterrá-la?

— Sim. Vamos fazer isso, — disse Griffin. — Eu tenho que estar em casa para o jantar às seis.

Sáímos pela porta de tela de madeira da cozinha, que abriu e fechou como sempre fazia, um som familiar que nunca pensei que sentiria falta mais tarde na vida, ou mesmo pensar em quando eu partisse. Estava errado sobre isso. Estava errado sobre muitas coisas.

Entramos no quintal e olhamos ao redor, para o grande celeiro vermelho, os piquetes, o galinheiro, a horta, as pastagens além. Era minha hora favorita do dia no rancho, o sol estava começando a se pôr, polvilhando tudo com ouro. Em algum lugar nos campos, meu pai ainda estava trabalhando, e me senti um pouco culpado por ter saído cedo hoje.

— Onde é um bom local? — Perguntou Moretti.

— Que tal ali perto da árvore? — Sugeri, gesticulando em direção a um velho bordo entre o estábulo e o celeiro. De seus galhos grossos e robustos pendia um balanço em que minhas irmãs e eu brincávamos quando crianças, mas essa não era minha lembrança favorita dele. Não mais.

— Claro, — disse Cole. — Só tem que estar em algum lugar que não seja muito desenterrado.

— As raízes das árvores podem ser um problema. — Griffin tirou o boné e o recolocou.

— Vamos ficar no meio do caminho entre a árvore e o celeiro. Me deixe pegar uma pá. — Deixando-os lá, entrei no galpão e peguei a pá. Poucos minutos depois, cavei um buraco grande o suficiente e Griffin se ajoelhou para colocar a caixa de equipamento dentro dele. Todos nós jogamos terra de volta no buraco e eu bati com a pá.

— Acha que devemos marcar o local? — Cole perguntou.

— Não, vamos lembrar onde está, — disse Moretti.

— Quando vamos desenterrá-lo? — Griffin se perguntou. — Tipo, daqui a vinte anos?

Dei de ombros. — Certo.

Todos nós olhamos para a terra fresca, tentando imaginar a vida vinte anos no futuro. Não foi fácil.

— Como você acha que seremos então? — Cole perguntou.

Moretti riu. — Você vai ser um policial. Casado, com dois filhos, uma cerca de estacas e um cachorro. Talvez uma linha fina recuando.

Cole riu e deu um empurrão nele. — Foda-se.

— Eu provavelmente vou me parecer exatamente com meu pai. — Moretti não parecia muito feliz com isso. — Completo com todos os cabelos grisalhos que minha esposa e oito filhos vão me dar.

— Você vai ter *oito filhos*? — Perguntei a ele.

Ele levantou os ombros. — Eu sou um Moretti. Não fazemos nada pequeno.

— Eu me pergunto se ainda estarei na Marinha, — Griffin disse, olhando para longe, — ou aqui trabalhando com meu pai na garagem.

— Aposto que você volta, — disse Moretti. — Eu ainda estarei aqui, espero que administrando a Moretti & Sons. Se eu não for o chefe quando tiver trinta e oito anos, alguém me dê um soco na cara.

Cole olhou para mim. — E você, Beckett? Acha que vai voltar aqui depois da faculdade?

— Nah, Beck não vai voltar aqui, — zombou Moretti. — Ele estará muito ocupado ganhando seus milhões em Wall Street.

Rindo, eu dei de ombros. — Ainda não sei.

Ficamos todos em silêncio por um momento, o peso da separação e um futuro desconhecido de repente pressionando fortemente sobre nós. Fomos melhores amigos, irmãos na verdade, por tantos anos, nunca realmente nos ocorreu que chegaria o dia em que as coisas mudariam e seguiríamos caminhos separados. . . talvez para sempre.

— Vamos fazer um pacto. — Moretti parecia sério, mais sério do que eu jamais o tinha ouvido. — Que não importa onde acabemos na vida, daqui a vinte verões voltaremos a este local e desenterraremos nossa cápsula do tempo juntos.

— Combinado. — Cole esticou o punho, como fazíamos antes dos jogos.

— Combinado. — Griffin encostou os nós dos dedos nos de Cole.

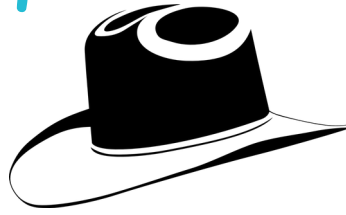
— Combinado. — Moretti acrescentou o punho.

— Combinado. — Adicionei o meu.

Alguns minutos depois, voltamos para a casa e parei no galpão para guardar a pá. Fechando a porta, corri para alcançá-los, lançando um último olhar por cima do ombro em direção ao bordo. Me perguntei se quando eu estivesse lá vinte anos depois e desenterrássemos a caixa, eu ainda estaria pensando na mesma garota, ou se ela seria uma memória distante. Talvez eu risse de como minha paixão parecia grande aos dezoito anos. Talvez já tivesse feito sexo com cinco garotas ou algo assim, agora eu era o único virgem que restava entre nós. Mas isso não me incomodou. Muito.

Me perguntei se eu ficaria feliz. Se fosse rico. Se tivesse um bom trabalho. Por um segundo, até me perguntei se nós quatro ainda seríamos melhores amigos. Então me contive é claro que seríamos. Dizem que amigos são a família que você escolhe e que nós quatro tínhamos nos escolhido há muito tempo. Algumas coisas nunca mudam.

Capítulo Um



Beckett

—Eu estou indo para Chicago hoje, — meu pai anunciou na mesa do café da manhã. —Eu preciso da caixa com as alças.

Peguei minha caneca de café e estudei meu pai por um momento. Ele ainda estava de pijama e seu cabelo branco estava espetado em várias direções.

—Você quer dizer a mala? — Perguntei.

—Sim. É isso. — Ele acenou com a cabeça satisfeito e começou a passar manteiga em sua torrada. —Eu preciso da mala. Você sabe onde está?

—Provavelmente no sótão. Mas por que você está indo para Chicago?

—É aí que o jogo é hoje à noite.

—Que jogo?

Ele me olhou como se eu fosse louco. —O jogo de beisebol. Está escrito na programação.

Olhei para a geladeira, onde uma programação do Detroit Tigers estava presa por um ímã que dizia Eu Amo Meu Tio, um presente da minha sobrinha de sete anos, Daisy.

— Você tem ingressos para o jogo? — Perguntei, embora soubesse muito bem que ele não tinha.

— Ingressos! — Ele zombou. — Os jogadores não precisam de ingressos. E eu sou a melhor chance que eles têm de vencer os Sox.

— Certo. — Observei meu pai de 81 anos por um longo momento, dividido entre a vontade de rir da visão dele em um uniforme dos Detroit Tigers, se exibindo para o prato, ajustando seu boné e dando ao arremessador seu velho olhar mais rabugento do homem e querendo gritar para ele parar com essa maldita besteira, ele não era um jogador da Liga Principal de Beisebol e nunca tinha sido. Ele era um fazendeiro aposentado com quadris ruins, mãos artríticas e um maneirismo geriátrico lento como melaço em janeiro. Ele levaria um maldito mês para contornar as bases. Mas, em vez de apontar isso, tomei um gole de café.

Normalmente, quando confrontado com seu declínio cognitivo moderado, como o médico o chamava, embora não entendesse como alguém poderia se referir a sua imaginação selvagem como moderada, tentei usar a razão e a lógica com ele. Mantendo ele aterrado na realidade. Mas nada deixou meu pai mais beligerante do que ouvir o que ele acreditava que não era real, e estava tentando ter mais paciência com ele.

— Vou encontrar a mala para você, — disse.

— Bom. Vou fazer as malas depois do café da manhã, — ele continuou.
— Eu não quero perder o trem. Você pode me dar uma carona até a estação?

Tomei outro gole e respirei fundo. — Claro, pai.

— Obrigado. — Ele comeu seu café da manhã novamente.

Sem muita fome, olhei pela grande janela ao lado da mesa que dava para o rancho. Era uma linda manhã de junho, o céu azul estava sem nuvens, o sol estava alto e o solo estava seco pela primeira vez. Estava acordado desde as cinco, tinha visto o nascer do sol sobre minha primeira xícara de café, então saí para fazer as tarefas da manhã antes de voltar para dentro para acordar meu pai e tomar seu café da manhã, uma reversão completa dos papéis pai-filho que nunca falhou em fazer minha cabeça girar. Mas, em vez de insistir nisso, repassei o dia de trabalho na minha cabeça. Como proprietário e único funcionário em tempo integral da Weaver Ranch, minha lista de tarefas era interminável. Tive algumas mãos de meio expediente, mas na maioria dos dias, manter este lugar funcionando era um show solo estrelado por você de verdade.

Meus dias eram longos, sujos, suados, exigentes e ocasionalmente me faziam questionar minha sanidade. Além de todo o trabalho físico, também tomei todas as decisões executivas que nos mantiveram no negócio e paguei todas as contas que mantiveram as luzes acesas. Mas depois de anos passados em prédios de escritórios em Manhattan me sentindo cercado por cubículos e sufocado pela ganância e gravatas, eu poderia

dizer com certeza que não trocava esta vida por outra. Agora, havia coisas que eu mudaria? Difícil sim.

Começando com o homem sentado à minha frente, que estava tagarelando sobre como alguém deve ter tirado seu uniforme de beisebol, porque ele o procurou esta manhã e não estava onde deveria estar.

—Eu vou encontrar para você, — disse a ele. —Ou talvez Amy possa ajudá-lo. Ela deve chegar a qualquer minuto.

—Amy? — Meu pai se iluminou com a menção de minha irmã mais velha.

—Sim. Ela está vindo para passar o dia com você.

—Amy Maureen. Dezenove de abril de mil novecentos e setenta e nove.

—Isso mesmo. — Listar os nomes completos e as datas de nascimento de seus filhos era algo que ele gostava de fazer para provar que ainda estava com ele. —Que tal Mallory? — Eu solicitei, nomeando o irmão do meio.

—Mallory Grace. Vinte de janeiro de mil novecentos e oitenta e dois.

—E eu?

—Beckett Eugene. Dois de outubro de mil novecentos e oitenta e sete.

Como sempre, estremeci um pouco com meu nome do meio. — Certo. E quem ganhou...

—Os Twins, — disse ele, com uma expressão presunçosa no rosto, porque havia antecipado minha próxima pergunta. —O Minnesota Twins

venceu a World Series daquele ano sobre o St. Louis Cardinals, em sete jogos.

Eu sorri. Sua memória de longo prazo, especialmente para estatísticas de beisebol, ainda era muito nítida. — Isso é bom, pai.

—Você era apenas um bebê, — lembrou ele, seus olhos azul-acinzentados vivos com a memória. —Você era apenas um bebê quando assisti aquele jogo. — Ele olhou por cima do ombro em direção ao centro de nossa casa. —Mas onde é aquela sala em que eu estava?

—Aquela era a velha casa. Construímos uma nova, lembra? — Depois que me mudei de volta para Bellamy Creek quatro anos atrás, mandei demolir a casa de madeira irregular que meus bisavós construíram na propriedade em favor de uma grande estrutura de madeira.

—Oh. — Meu pai coçou a cabeça e continuou olhando para a grande sala de dois andares, com sua enorme lareira de pedra e móveis de couro escuro de grandes dimensões, seus tapetes grossos e cobertores em tons de terra que imitavam a vista externa e as enormes janelas com vista para um gramado frontal profundo. —Bem, se eu tivesse um mapa, poderia encontrar o caminho de casa.

A tristeza apertou meu coração. Ele sempre falava de mapas, e sabia que era porque ele se sentia perdido, mas nenhum mapa o levaria aonde ele queria. —Você está pronto para entrar no chuveiro? — Perguntei, mudando de assunto.

—Eu já usei um.

— Não, você não fez. Vamos, termine o seu café da manhã e então te ajudo. Eu disse a Amy que você estaria todo vestido e pronto para ir para a cidade quando ela chegasse. — Eu sabia que isso o faria ir. Meu pai adorava sair de casa, na verdade, o que ele realmente amava era vagar sozinho, embora soubéssemos que era melhor não tirar os olhos dele agora. — Ela disse que vai levar você para cortar o cabelo.

Seu queixo se projetou. — Eu poderia cortar meu cabelo se você não tivesse roubado minha caminhonete.

— Eu não roubei sua caminhonete, pai. — Levantei da mesa e levei minha xícara de café e o prato vazio para a pia.

— Bem, então você roubou minhas chaves, — ele disse, me seguindo até a cozinha. — Faz uma semana que não consigo encontrá-las.

Na verdade, tirei as chaves do carro dele cerca de seis meses atrás, e sua caminhonete velha ainda estava na garagem. — Você não precisa de chaves. Amy vai dirigir.

— Amy! — Ele gritou. — Ela não sabe dirigir. Ela é apenas uma criança.

Lavei seu prato e xícara de café antes de pegá-lo pelos ombros e conduzi-lo para fora da cozinha. — Vamos. Banho.

Fomos para a suíte máster, que ficava do outro lado da sala grande. Quando a casa foi concluída, meu pai se ofereceu para me deixar ficar com a espaçosa cama e banheiro no primeiro andar, mas ele já estava lutando um pouco com os quadris, e eu sabia que não demoraria muito para que as escadas fossem muito difíceis. E realmente não precisava de todo aquele

espaço. Nem tinha certeza de por que deixei Enzo, cuja empresa fez o trabalho, me convencer a aprovar o grande closet ou na banheira de imersão.

Depois de ajudar meu pai a escolher as roupas do dia, coloquei-as na cama e o instruí a entrar no chuveiro. — Vou bater na porta em cinco minutos e então será hora de sair.

— Certo. — Ele acenou com a cabeça e caminhou lentamente para o banheiro.

Felizmente, não precisava ajudá-lo a tomar banho ou se vestir ainda, e ele ainda podia cuidar de sua própria higiene pessoal. Mas eu sabia que chegaria o dia em que seria responsável por essas coisas também.

Quando voltei para a cozinha, Amy estava entrando pela porta, as chaves em uma mão e uma caneca de viagem na outra. Como eu, ela tinha os olhos azul-ardósia do nosso pai e o cabelo castanho claro que se tornava louro a cada verão. O dela foi puxado para trás em um rabo de cavalo. — Bom dia, — disse ela.

— Bom dia. Você chegou cedo.

— Sim, acordei antes do meu alarme e decidi pegar a estrada. — Ela levantou os ombros. — É verão. As crianças podem tomar seu próprio café da manhã.

— Agradeço a ajuda, — disse, me recostando no balcão. — Ele se recusa a voltar ao programa do dia no centro de idosos, mas não posso continuar

correndo aqui para ver como ele está. E me preocupo com ele tentando usar o forno novamente.

Ela assentiu solenemente. — Acha que finalmente é hora de falarmos sobre vida assistida?

— Não. — Minha resposta ainda foi firme. — Ainda não. Só preciso de ajuda durante o dia, enquanto trabalho. E nem mesmo é uma coisa realmente difícil, apenas mantê-lo ocupado e alimentado. Certificando-se de que ele tire uma soneca. Levando-o para seus compromissos. Coloquei outro anúncio no Bellamy Creek Gazette, mas ninguém ligou ainda. Sinto que se espalhou que ele despede todo mundo.

Ela suspirou e tomou um gole de café. — Como está indo a manhã dele?

— Nada mal. — Balançando minha cabeça, sorri. — Ele está um pouco preocupado em encontrar sua mala para que possa fazer as malas e chegar a Chicago a tempo. Quero dizer, como os Tigers vão vencer o Sox sem ele?

Ela riu. — Eu não faço ideia.

— Ele acha que eu roubei o uniforme dele.

— Seu desgraçado.

— E sua caminhonete.

— Grosseiro. — Ela estava brincando, mas seus olhos estavam tristes.

Eu também senti isso, mas se às vezes não ríssemos um com o outro sobre o comportamento de nosso pai, teríamos nos afogado em tristeza.

— Ele se animou quando eu disse que você o levaria à cidade para cortar o cabelo, — disse a ela. — Ele provavelmente está pensando que pode escapar e chegar à estação de trem.

— Ele vai esquecer o trem quando estiver na cadeira do salão. Ele ama a garota que corta seu cabelo, ele continua para sempre, contando a ela tudo sobre sua carreira no beisebol. — Ela balançou a cabeça. — Você tem que se perguntar onde ele consegue essas coisas. Todas aquelas estatísticas que ele conta, as histórias malucas. De onde está vindo? Seus dias de colégio?

— Provavelmente parte disso, ele era um ótimo jogador, e poderia ter jogado beisebol na faculdade se pudesse ir para a escola. Ele tinha o talento, assim como o cérebro.

— Sim, — disse minha irmã, com os olhos enevoados.

Nosso pai era o único filho de sua família e, quando se formou no colégio, seu pai havia morrido e sua mãe e suas irmãs precisavam que ele ficasse em casa e administrasse a fazenda. Uma vez, quando criança, perguntei a ele se ele tinha ficado bravo com isso, eu certamente ficaria, mas ele deu de ombros e disse que não, ele sempre soube onde era mais necessário e o que importaria no fim. Nunca me esqueci disso.

— No entanto, — continuei, — ele também está confundindo sua carreira escolar com alguns dos melhores momentos da história da MLB. Você sabe quantas vezes eu o ouvi descrever a captura de Willie Mays por cima do ombro na World Series de 1954 como se ele tivesse conseguido?

Ela sorriu. —Jogo um? Topo da oitava? Bola voando fundo para o campo central?

Exalando, balancei minha cabeça. —Eu desisti de discutir com ele sobre isso.

—Por que você discute com ele? — Ela se virou para a pia, enxaguou a caneca e a colocou de cabeça para baixo sobre uma toalha de papel para secar. — Você sabe que é inútil.

—Porque na maioria das vezes, eu sinto que ele sabe que o que está dizendo é ridículo, e ele só está fazendo isso para me irritar.

—Por que ele faria isso, Beckett? — Ela perguntou, abrindo a máquina de lavar louça e carregando os pratos do café da manhã.

—Para se vingar de mim por roubar sua caminhonete ou suas chaves ou sua liberdade. Ou qualquer outra coisa que ele pense que eu o roubei. — Esfreguei meu rosto com as duas mãos. — Estou apenas tentando ajudá-lo a se agarrar à realidade. Mas é escorregadio.

—Entendo. — A voz da minha irmã era suave quando ela fechou a máquina de lavar louça e me encarou. —E sinto muito que você esteja lidando com isso sozinho todos os dias. Eu gostaria de poder ficar mais aqui.

—Tudo bem. Você e Mallory fizeram mais do que seu quinhão por aqui enquanto eu era jovem.

Minha mãe tinha ido embora quando eu ainda usava fraldas, e minhas irmãs praticamente me criaram enquanto nosso pai trabalhava até os ossos

para transformar a difícil fazenda de laticínios que seus avós haviam começado em uma pequena fazenda de gado. Ser fazendeiro nem sempre foi meu plano de carreira, mas depois de ganhar meu MBA em Yale, passei cinco anos trabalhando para um fundo de investimento em Wall Street, onde ganhei uma tonelada de dinheiro antes de perceber que odiava o que estava fazendo. Então, enquanto questionava tudo, meu pai desenvolveu problemas de saúde e pensou em vender a fazenda, foi como um soco do universo no estômago. Eu sabia onde era mais necessário e o que importaria no final.

— Bem, alguém tinha que mantê-lo longe de problemas, — Amy brincou. — Certifique-se de aprender o seu ABC e comer espinafre.

— Espinafre. — Eu fiz uma careta.

— Vamos, você precisava disso. Você era uma criança tão magricela, agora olhe para esses bíceps do Popeye! — Ela se aproximou e apertou meu braço. — Eles estão praticamente explodindo de suas mangas!

— Pare com isso. — Afastei a mão dela e verifiquei meu telefone. — Tenho que tirar papai do banho ou ele vai ficar lá para sempre.

— Ele gosta tanto do banho?

— Não, ele apenas esquece que já ensaboou e faz tudo de novo, — eu disse, saindo da cozinha. — Ele consegue se lembrar de todos os detalhes daquela maldita foto do Willie Mays de 1954, mas não consegue se lembrar se lavou as axilas cinco minutos atrás.

Ela riu. — Você é um bom homem, Beckett Weaver.

Depois de bater os nós dos dedos na porta do banheiro do meu pai algumas vezes e ouvir a água cair, voltei pela cozinha para o banheiro.

— Ele está se vestindo agora, — disse a minha irmã. — O corte de cabelo dele é às onze, ele vai precisar almoçar logo depois e tirar uma soneca por volta da uma.

Ela apertou o rabo de cavalo. — Provavelmente vamos almoçar na cidade. Posso trazer alguma coisa para você?

— Nah. — Sentei no banco do hall de entrada e calcei minhas botas.

— Estou bem aqui até cerca das duas. Isso te dá tempo suficiente?

— Sim. Maddie Blake deve chegar por volta das três, e eu vou precisar limpar primeiro.

— Oooh. — Seu tom assumiu uma cadência travessa. — Maddie Blake.

Eu olhei para cima depois de amarrar minhas botas. — O que isso deveria significar?

Ela encolheu os ombros, todos os olhos grandes e inocência. — Nada mesmo. Quero dizer, e daí se a garota por quem você teve uma queda gigante no colégio vai morar com você? Acontece o tempo todo.

— Jesus Cristo, Amy. Éramos apenas amigos. Ela morava do outro lado da rua. Fizemos o dever de casa juntos. Ela tinha namorado. — Enquanto

marcava a lista de razões pelas quais Maddie Blake e eu nunca tínhamos ficado juntos, meu tom ficou mais defensivo. — Agora ela é uma mãe solteira que acabou de se divorciar.

— Relaxe, — ela disse suavemente. — Eu não estou te acusando de nada. Só estou dizendo que era óbvio que você gostava dela.

— E ela não vai *morar comigo*. — Levantei, feliz por meu quase dois metros de altura e peito largo. — Ela e o filho ficarão aqui temporariamente enquanto ela conserta a velha casa da mãe e a coloca à venda.

Amy torceu o nariz. — Boa sorte em conseguir muito por aquele lugar. O telhado parece que está prestes a desabar.

— Exatamente por que eu disse a ela que ela deveria ficar aqui. Moretti vai nos encontrar lá mais tarde hoje e nos dar uma estimativa do que será necessário para renovar.

— Nós? — Seus olhos brilharam novamente.

— Ela.

— Você disse *nós*.

A encarei. — Eu quis dizer *ela*.

A boca da minha irmã se inclinou para um lado. — Você ainda tem uma queda, — ela cantou.

Revirando os olhos, peguei meu chapéu da prateleira e coloquei na minha cabeça.

—Se ela ainda for bonita, você deve levá-la para um encontro enquanto ela está aqui. — Minha irmã me seguiu quando eu saí.

—Por que?

—Porque é algo que os humanos adultos fazem para se divertir.

Continuei andando. — Não tenho tempo para me divertir.

—Sabe, só porque você trocou seu terno e gravata por jeans e botas não o torna menos workaholic! — Ela gritou enquanto me dirigia para o celeiro.

—Você precisa de uma vida pessoal, Beckett! Você precisa de alguma emoção!

—Eu tenho emoção. — Desviando do assunto da minha vida pessoal, me virei e dei alguns passos para trás, com os braços abertos. —Caramba, meu pai joga no meio do campo dos Tigres, e ontem ele me disse que se eu tiver uma boa temporada, ele provavelmente pode me colocar no time!

—Uma boa temporada em que, — ela brincou, —beisebol de velho?

Parei de me mover e apontei o dedo para ela. —Ei, você está falando com o maior rebatedor dos Bellamy Creek Bulldogs, *quatro vezes* campeões da Liga de Beisebol Masculino Sênior do Condado de Allegan. Um pouco de respeito, por favor!

Rindo, ela colocou a mão no peito e se curvou. *Como ela deveria, porra.* Sorrindo, me virei e retomei a caminhada em direção ao celeiro. Era meio engraçado que meus três melhores amigos e eu tivéssemos acabado jogando aqueles jogos de quinta à noite que costumávamos rir, completos com joelhos rígidos e ombros doloridos. Felizmente, estávamos todos em

boa forma, sem barrigas de cerveja ainda, embora não houvesse como negar que envelhecemos um pouco.

Mas Griffin ainda era uma força na primeira base, Cole continuava sendo nosso arremessador estrela, Moretti ainda era o corredor mais rápido e eu ainda era bom atrás da placa e acertava com segurança o maior número de home runs em cada temporada. Não tínhamos mais dezoito anos, mas sentimos vontade de novo quando estávamos em campo. E o melhor de tudo, nossa amizade ainda era sólida. No celeiro eu selei meu cavalo, Pudge, batizado em homenagem ao lendário apanhador do Detroit Tigers Ivan 'Pudge' Rodriguez e cavalguei para trazer o nosso rebanho de gado das Terras Altas de um piquete para outro, o que tinha que ser feito quase todos os dias desde tarde na primavera até dezembro.

Trabalhei sozinho a manhã toda, o que foi ótimo. A pecuária era um trabalho solitário na maior parte do tempo, pelo menos para um cara como eu com uma pequena operação. Era quieto por natureza, então nunca me importei com os longos períodos de tempo para mim, mas isso me deu muito tempo para pensar. Normalmente pensava em meu pai, me preocupando com seu declínio mental, imaginando quanto tempo levaria antes que sua saúde física também começasse a se deteriorar, repreendendo-me por ter sido duro com ele quando talvez minha irmã e os médicos estivessem certos e não havia nada que eu poderia fazer para retardar o progresso de sua demência.

Mas hoje não foi meu pai que ocupou meus pensamentos. Era uma linda garota de cabelos castanhos do meu passado. Uma garota de olhos

verdes e boca larga e carnuda que sempre cobria quando ria, porque achava que era grande demais para seu rosto. Uma garota que era mais rápida e melhor em matemática do que eu e adorava me provocar por causa disso, quando ela não estava me ajudando a entender um problema que eu não conseguia resolver. Uma garota que eu beijei uma vez sob o bordo, mas sonhei em beijar mil vezes.

Eu me perguntei se Maddie se lembrava daquele dia. Éramos veteranos e era primavera. Faltavam apenas algumas semanas para o baile de formatura e estávamos em minha casa estudando para o exame de cálculo avançado em uma tarde de domingo. Ela parecia estranhamente quieta e retraída, normalmente ela gorjeou como um pardal, preenchendo todo o silêncio que deixei. Mas hoje ela não estava falando, e toda vez que eu olhava para ela, ela estava mordendo o lábio inferior carnudo, concentrando-se fortemente na ponta do lápis no papel. Eventualmente, a ouvi fungando, e olhei, chocado ao ver as lágrimas escorrendo de seu rosto. Eu conhecia Maddie desde que estávamos na primeira série e nunca a tinha visto chorar.

— Vamos, — disse, colocando meu lápis para baixo. — Vamos fazer uma pausa.

Ela acenou com a cabeça e se levantou, seguindo-me pela porta dos fundos e para o sol do final da tarde. Sabia que ela gostava de nossos cavalos, então fui para o celeiro, pensando que poderia animá-la estar perto deles. Mas antes de chegarmos às portas do celeiro, ela se afastou de mim e correu para um bordo velho e grosso, apoiou os antebraços na casca

marrom áspera e soluçou. Atordoado, a observei por um momento, me sentindo inútil e estranho. Uma vez estendi a mão para dar um tapinha nas costas dela, mudei de ideia e enfiei a mão no bolso novamente.

—Sinto muito, — ela chorou. — Você deve pensar que sou louca.

Havia palavras na ponta da minha língua de dezoito anos, palavras como, na verdade, acho que estou apaixonado por você, mas estavam presas. Nem tinha certeza do que era amor, mas toda vez que ela estava perto, eu me sentia tonto e sem fôlego, meio enjoado, mas também como se pudesse levantar um trator de alguém ou talvez escalar uma parede de seis metros. Quer dizer, isso era amor? Ou foi um desequilíbrio químico? Eu me concentrei em tópicos mais seguros.

— Você está preocupada com o teste de cálculo?

— Não. Quer dizer, sim, estou, mas não é por isso que estou chateada agora. É minha m-mãe, — disse ela, com a respiração acelerada.

— Oh.

— Ela é tão dura comigo.

Era verdade. Padrões elevados eram uma coisa, mas as expectativas da Sra. Blake para Maddie eram insanas. Qualquer coisa menos que um A era lixo. Não existia segundo melhor. Erros não eram permitidos. Maddie tirou C no primeiro teste de cálculo do ano e não teve permissão para sair de casa por uma semana. Eu tirei um D, e quando meu pai viu como eu estava chateado comigo mesmo, ele deu de ombros e me disse para não me preocupar com isso, aprender com os erros fazia parte da vida.

—Ela não me ama. — Maddie se virou para mim, seus olhos verdes brilhando com lágrimas.

—Tenho certeza que sim. — Esfreguei minha nuca para me impedir de tocá-la. — Ela é sua mãe.

Maddie balançou a cabeça violentamente. —As mães nem sempre amam seus filhos.

Queria discutir, mas como poderia? Minha própria mãe abandonou o marido e três filhos e nunca olhou para trás. Você faria isso se os amasse? Ninguém nunca me explicou isso, minha mãe não era um assunto que discutíamos em casa, nem falávamos sobre nossos sentimentos. Mas pelo menos eu tinha minhas irmãs por perto. Maddie era filha única e nunca conheceu o pai.

Ela estava mais calma agora, falando baixinho. —Eu sei que é assim que ela é, e na maioria dos dias, eu aguento. Estou acostumada com isso. Mas às vezes me sinto tão sozinha.

—E quanto a Jason? — Perguntei, incapaz de disfarçar a amargura em minha voz. Seu namorado idiota era conhecido por três coisas, o dinheiro de sua família, sua bebida e a maneira como ele constantemente traiu as garotas com quem namorava.

—Jason também não me ama, — disse ela taciturnamente.

—Então por que você está com ele?

Ela me olhou bem nos olhos e ergueu os ombros. A brisa bagunçou seu cabelo. —Eu não sei.

Diga a ela para terminar com ele, pensei comigo mesmo. Diga a ela que ela pode fazer muito melhor. Diga a ela que ela é a primeira coisa em que você pensa todas as manhãs e a última coisa em que pensa à noite, e você seria bom para ela. Você seria tão bom para ela. Mas engasguei com o risco de rejeição. E o momento passou por mim.

Abaixando o queixo, ela olhou para o chão sob nossos pés. — Jason me disse ontem à noite que não quer nem ir ao baile. Ele só quer ir à pós-festa para se sentar e ficar bêbado. E eu sei que é estúpido, mas eu estava realmente ansiosa para dançar no meu baile, sabe?

— Eu vou dançar com você, — soltei. Foi o melhor que pude fazer.

— Huh? — Ela olhou para mim.

— Eu vou dançar com você. — Meu coração era como os cascos de mil cavalos trovejando em um campo. — No baile.

Ela sorriu, inclinando a cabeça. — E quanto ao *seu* encontro?

— Ainda não tenho um.

— Por que não? — Ela perguntou, seu tom ligeiramente repreensivo. — O que você está esperando?

O que você acha? Eu queria gritar com ela. Mas, em vez disso, fiz uma loucura, peguei seu rosto em minhas mãos e apertei minha boca na dela. Um pequeno grito de surpresa veio do fundo de sua garganta, mas ela não me afastou. Dois segundos depois, recuperei o juízo e recuei. Nós dois estávamos respirando com dificuldade. Seus olhos estavam enormes. Minhas mãos tremiam.

— Você deveria... você deveria convidar Katie Keaton para o baile, — disse Maddie em uma voz estranha e estridente. — Ela tem uma queda por você.

Engoli em seco. — Vou pensar sobre isso.

— Bom. — Ela se virou para a árvore e apoiou uma das mãos nela, colocando a outra sobre o estômago. Seus ombros subiam e desciam com respirações rápidas.

Porra, porra, porra, pensei, baixando a cabeça. Beije a namorada de outra pessoa. Eu não era melhor do que o maldito Jason. E provavelmente destruí minha amizade com Maddie também. Não a teria culpado por ir embora naquele segundo. Mas ela não fez isso.

Ela contornou a árvore e avistou o velho balanço pendurado em um galho acima. Abaixando-se no assento de madeira, ela envolveu os dedos nas cordas. Então ela se inclinou para trás e olhou para mim. — Me dê um empurrão?

A encarei, e tudo o que vi, o nariz levemente rosado, os olhos arregalados, a luz do sol manchada em seu cabelo castanho, me deixou com os joelhos fracos. Mas se ela queria fingir que nada tinha acontecido, estava bem com isso. Atrás dela, agarrei as cordas, dei alguns passos para trás e a soltei. Quando ela voltou para mim, coloquei minhas mãos em suas costas e empurrei suavemente, de novo, e de novo, e de novo. Por fim, voltamos para dentro de casa para terminar de estudar. Nunca mais falamos sobre o beijo.

Três semanas depois, bati em Jason na pós-festa do baile de formatura. Fiz isso porque ele ficou muito bêbado, brincou com outra garota e uma Maddie chorosa me pediu uma carona para casa. Quando estávamos saindo, ele veio atrás de mim, me chamando de idiota e me acusando de tentar roubar sua namorada. Até hoje, meus amigos afirmam que é a coisa mais louca que já me viram fazer. Pode ser o mais louco que já estive. Não porque ele me chamou um nome, mas porque ele tinha Maddie e não a merecia. E aos meus olhos, a única coisa pior do que um homem que maltrata um animal é um homem que maltrata uma mulher. Eu nunca me desculpei. Mas isso foi há quinze anos. Eu cresci muito desde então.

E eu havia trabalhado em Wall Street por tempo suficiente para saber que muitos mentirosos, trapaceiros e canalhas tinham riquezas que não mereciam e escapavam impunes de idiotas diariamente. Você não poderia bater em todo mundo.

Às uma e quinze, saí do celeiro de volta para a casa. No caminho, olhei para onde aquele bordo ainda estava. Até o balanço ainda estava lá, movendo-se ligeiramente com a brisa, suas cordas desgastadas pelo uso e pelo tempo. A visão disso me fez sorrir. Podia praticamente me ver adolescente indo para aquele beijo como se fosse fazer ou morrer, que era exatamente como me senti. Mas a vida nos levou em direções diferentes. Talvez sempre tivesse um fraquinho por Maddie Blake, mas o passado era passado. Tudo que eu queria fazer agora era ajudar uma amiga.

Capítulo Dois



Maddie

—Já estamos lá?

Olhei no espelho retrovisor para Elliott, afivelado no banco de trás. Como de costume, ele tinha uma presilha de unicórnio presa em um lado da cabeça, seus fios de cabelo falso da cor do arco-íris aninhados dentro de seus adoráveis cachos loiros. Seus grandes olhos castanhos encontraram os meus no espelho, e pude ver neles toda a impaciência e miséria de uma criança enérgica de seis anos em uma viagem de cinco horas.

— Ainda não, amigo. Mais uma hora.

— Mas estou com fome, — lamentou-se.

— Eu empacotei lanches para você.

— Eu comi todos eles.

— Até o cupcake?

— Eu comi isso primeiro.

Rindo, vi uma placa de um centro de viagens de posto de gasolina. — Você tem sorte de eu precisar usar o banheiro, garoto. Sairemos na próxima saída.

No espelho, peguei o pequeno sorriso em seus lábios antes que ele voltasse para o jogo que estava jogando em seu tablet.

—Quando chegarmos lá, ainda podemos ir para a lanchonete onde você trabalhava? — Ele perguntou. —O lugar onde você pode sentar no balcão?

—Claro que podemos, — disse, imaginando os banquinhos redondos de vinil cromado e vermelho que costumavam alinhar o balcão antiquado onde passei quatro verões servindo shakes, sundaes, hambúrgueres e batatas fritas para turistas e moradores locais. —Eles costumavam ter os melhores milkshakes de chocolate de todos os tempos.

—Eles têm milkshakes de morango? — Perguntou Elliott, que nunca escolheu algo marrom ou qualquer outra cor, por falar nisso, quando havia algo rosa para se ter.

—Eles faziam naquela época. Aposto que ainda fazem. — Saí da rodovia e localizei o centro de viagens à direita. —Eu sei que esta é uma longa viagem. Mas você vai gostar de para onde estamos indo. Vou te mostrar todos os lugares que costumava brincar quando era criança, vou te levar para a praia e vamos ficar em uma fazenda de verdade.

—Fazenda dos Beckett?

—Sim. — Disse a Elliott tudo sobre Beckett Weaver, como nós crescemos do outro lado da rua, que bons amigos nós fomos, como ele generosamente nos convidou para ficar com ele.

—Diga novamente os animais que ele tem.

—Bem, ele definitivamente tem vacas e cavalos. Mas acho que ele também tem galinhas. E talvez um cachorro.

—Algun porco? — Ele perguntou esperançoso, já que ele os imaginava como sua cor favorita, embora eu tivesse dito a ele que a maioria dos porcos da vida real não tem o tom de chiclete que parecem ser nos desenhos animados.

—Nós vamos descobrir.

—Posso acariciar os animais?

—Claro. Aposto que ele vai deixar você alimentá-los também. — Estacionei o carro e olhei para ele. —Há muitas tarefas na fazenda, e eu disse a ele que planejávamos ajudar.

Ele sorriu e chutou seus pés (rosa) com botas de cowboy. Ele pediu algumas botas de cowboy quando eu disse a ele que ficaríamos em uma fazenda por algumas semanas. Fomos fazer compras e ele se apaixonou pelo par rosa na seção feminina da loja, em vez dos pares pretos e marrons destinados aos meninos. O deixei escolher os que ele realmente queria, emocionada com o sorriso que colocaram em seu rosto.

Vendo isso novamente agora, dei um suspiro de alívio. Ele ficaria bem. Nós ficaríamos bem. Os últimos anos foram difíceis. Meu ex idiota, Sam,

um cirurgião ortopédico com uma prática próspera e um olho errante, havia me humilhado mais uma vez com outro caso público. Farta de tentar seguir o caminho certo e manter o casamento por causa de Elliott, eu criei coragem e finalmente pedi o divórcio.

Depois de uma tentativa mesquinha de me dissuadir, não porque ele me amava, mas porque o divórcio ‘parecia ruim’ Sam concordou em me deixar ficar com a casa e me dar a custódia primária de Elliott, que era tudo que eu queria. Em troca, peguei a quantia total que seus advogados tinham oferecido em vez do apoio mensal para esposas e coloquei até o último centavo em um fundo educacional para Elliott.

Não queria o dinheiro de Sam. E não precisava disso. Talvez eu não tivesse concluído a faculdade de medicina, mas era uma enfermeira pediatra com um emprego que adorava e um salário que era mais do que suficiente para sustentar a mim e a meu filho. O que queria era um novo começo... mas também precisava de um pequeno encerramento. Estava indo para minha cidade natal, Bellamy Creek, pela primeira vez em mais de uma década, a fim de vender a casa de minha infância. Minha mãe havia deixado para mim em seu testamento, sete anos atrás, mas o choque de sua morte me atingiu com força, e não estava preparada para lidar com isso imediatamente.

Para minha sorte, o turismo era um grande negócio na pitoresca cidade à beira do lago, e as propriedades para alugar sempre estavam em alta. Contratei o primeiro gerente de propriedade para responder ao meu anúncio, grata quando ele prometeu limpar todo o lugar e alugá-lo

rapidamente. Mas ele acabou se revelando preguiçoso e desonesto, roubando o aluguel e deixando a propriedade em ruínas. No ano passado, recebi um telefonema do condado sobre a condição dilapidada da casa e o quintal coberto de mato. Demiti o gerente imediatamente, mas estava bem no meio do meu divórcio e não tive tempo ou energia emocional para viajar até Michigan e lidar com isso.

Eu estava em um lugar muito melhor agora, e na verdade estava ansiosa para mostrar a Elliott onde cresci. Além disso, poderia passar um tempo com Beckett. Só de pensar em vê-lo novamente, meu estômago deu uma cambalhota e meus lábios se curvaram em um sorriso. Sam certamente não se importou que eu levasse Elliott embora por algumas semanas. Ele estava livre para ver o filho sempre que quisesse, mas cancelou as visitas planejadas na metade das vezes.

Não que eu tenha ficado surpresa, pensei, enquanto pegava a mão de Elliott e o levava para o centro de viagens. Sam estava ficando distante desde que era óbvio que Elliott não era um garoto 'típico' pelo menos na mente de Sam ou seja, aquele que queria usar jeans e brincar com caminhões o tempo todo. Ele gostava de jeans e caminhões, mas também gostava de vestidos e bonecas Barbie, e eu não ia dizer a ele que isso estava errado. Porque não estava. Somos quem somos e merecemos ser amados por isso.

— Use o banheiro, — instruí Elliott, que ainda estava parado perto das pias quando saí de uma cabine, admirando sua presilha de unicórnio cintilante no espelho.

— Eu não tenho que ir.

— Não vamos sair antes de você ir, então é melhor começar. — Esfreguei minhas mãos e dei-lhe uma olhada direta no espelho. Ele suspirou e revirou os olhos, mas entrou em uma baia.

Um momento depois, a mulher algumas pias abaixo falou. — Sabe, ele deveria usar o banheiro masculino, — disse ela friamente.

Olhei em sua direção. Ela era mais velha, talvez no final dos sessenta anos, com cabelos estranhamente amarelos e olhos redondos e críticos. — Ele tem apenas seis anos, — disse a ela.

— Ele é um menino. — Ela definiu sua boca em uma linha afetada. — Ele deveria usar o banheiro dos meninos.

— Entendo, — disse, secando as mãos com toalhas de papel marrom ásperas. Eu sabia qual era o problema dela com meu filho, e não era apenas sobre o banheiro.

— Se você não começar a tratá-lo como um menino agora, será tarde demais. Você o está confundindo. — Ela cruzou os braços sobre o peito e fungou. — É uma paternidade terrível.

Furiosa, joguei a toalha de papel no lixo, desejando não explodir para, em vez disso, dar um bom exemplo para meu filho, que tinha saído da baia e estava lavando as mãos ao meu lado. —Vamos, Elliott. Vamos fazer um lanche antes de pegar a estrada novamente.

—Onde está o pai dele? — A mulher exigiu. —Ele sabe que você veste o filho dele como uma menina?

Elliott olhou para sua camiseta rosa e franziu a testa, e minha fúria atingiu o ponto de ebulição.

Agarrei a mão de Elliott e me virei para ela. —Atualmente, seu pai está muito ocupado passando manteiga no biscoito de sua última namorada para se preocupar em criar seu filho, então cabe a mim ensinar as lições de vida importantes e uma delas é que é inútil se envolver com pessoas rudes e de mente estreita que nunca aprendeu a tratar os outros com decência e respeito. Então, obrigada por esta oportunidade educacional.

Enquanto sua boca enrugada estava aberta de surpresa, empurrei a porta e naveguei por ela, Elliott bem ao meu lado. Eu ainda estava furiosa enquanto esperávamos na fila para pagar nossos lanches.

Elliott olhou para mim. —Os meninos podem usar rosa, certo?

—Claro que podem. — Apertei sua mão. —Você se lembra do que Pinkalicious disse no livro, certo? Rosa é para todos.

—Por que aquela senhora disse essas coisas?

Meu coração ameaçou quebrar. —Porque algumas pessoas não aprenderam a apreciar todas as diferentes coisas que tornam os seres

humanos especiais e maravilhosos. Eles acham que só há uma maneira de ser.

— Mas por que?

Porque eles são idiotas, pensei. — Porque eles não aprenderam sobre amor e aceitação.

Elliott tocou sua presilha de unicórnio. — Aquela senhora deixou você brava?

— Pessoas indelicadas sempre me deixam brava. — Parei e respirei fundo. — Mas eu provavelmente não deveria ter dito essas coisas. Isso também não foi gentil.

— Por que você disse que papai estava passando manteiga em um biscoito?

— Uh, não importa. — Felizmente, era a nossa vez no caixa e o empurrei para frente. — Vamos, coloque seus lanches aí. Estou ansiosa para voltar à estrada.

— Para ver sua velha casa?

— Principalmente para ver meu velho amigo, — disse com um sorriso.
— Eu realmente senti falta dele.

Quando virei para a estrada de terra queimada pelo sol familiar em que cresci, percebi o quão pouco ela havia mudado. A mesma cerca de trilhos divididos na fronteira com o Weaver Ranch à direita, as mesmas casas pequenas e em ruínas à esquerda. Diminuí a velocidade do carro e baixei as janelas, respirando profundamente. O cheiro também era familiar, feno, estrume, campos de milho e beterraba sacarina. Até o som de pneus cuspidos cascalho me trouxe de volta. Foi como se o tempo tivesse parado. Com uma grande exceção.

— Uau. Quem mora ali? — Elliott perguntou.

— Essa deve ser a nova casa que Beckett construiu, — disse quando a casa ficou totalmente à vista. Era impressionante, uma estrutura robusta de madeira, pedra e vidro que teria parecido tão natural contra os picos escarpados de Montana quanto nas colinas suaves do oeste de Michigan. Diminuí até parar na frente da garagem. — É lindo, não é?

— É aí que vamos ficar?

— Com certeza é. — Sorri, orgulhosa de Beckett e feliz por ele.

Não que alguma vez tivesse duvidado que ele fosse bem-sucedido em qualquer coisa que fizesse em sua mente. Beckett era um dos caras mais inteligentes que já conheci e o melhor tipo de cara inteligente, o tipo que nunca teve que rebaixar ninguém para provar o quão bom ele era em alguma coisa. E ele era bom em muitas coisas. Escola, esportes, ser amigo. . . beijando.

O calor invadiu minhas bochechas. Me perguntei se Beckett já pensou sobre a única vez que as coisas ficaram românticas entre nós. Nunca tínhamos conversado sobre isso, nem mesmo quando fui vê-lo em Manhattan há sete anos, logo depois que descobri que Sam estava me traindo pela primeira vez. Eu estava magoada, com raiva, com medo e grávida de seis meses de Elliott. Desesperada por um amigo, recorri à única pessoa em quem sabia que podia confiar para não me julgar por me casar com alguém que mal conhecia. Beckett entendeu como a morte repentina de minha mãe no ano anterior havia me afetado, o quão, assustada e perdida me senti. Durante toda a minha vida, meu propósito foi corresponder às expectativas dela, então ela se foi e me senti completamente desamparada. Abandonei a faculdade de medicina na Northwestern e arrumei um emprego como barista, e foi assim que conheci Sam, que ia ao café onde eu trabalhava todas as manhãs.

Sam rapidamente me surpreendeu, oferecendo conforto e estabilidade em um momento em que estava sozinha e perdida. Ele disse que estava louco por mim e me prometeu uma boa vida se eu fosse para sua cidade natal, fora de Cincinnati, onde ele estava prestes a começar a trabalhar no consultório de seu pai. Ele disse que queria uma família, e imaginei estar cercada por filhos, primos, tias, tios, avós, todas as coisas pelas quais cresci desejando. Então, fugi para Las Vegas com ele e me mudei para Ohio, mas meus sonhos foram rapidamente destruídos. Quando apareci na porta de Beckett, grávida e miserável, ele me deixou chorar em seu ombro grande e largo e me garantiu que eu não precisava continuar casada com Sam para ter uma vida boa. Mas ele entendeu por que eu estava disposta a perdoar

meu marido e tentar de novo, queria que nosso filho crescesse com seus pais. Nem Beckett nem eu, tivemos tanta sorte.

Lembrei de como ele dormiu no chão enquanto eu estava lá, me dando o sofá-cama em seu minúsculo estúdio em Manhattan. Beckett sempre foi um cavalheiro. E depois que eu finalmente deixei Sam para sempre, ele foi minha primeira ligação.

— Ei estranho, — eu disse, sufocando as lágrimas.

— Maddie?

— Como você está, Beckett?

— Tudo bem. É muito bom ouvir você. Como você está?

— Estou bem, melhor do que há muito tempo. — Fiz uma pausa e respirei fundo. — Eu deixei Sam.

— Deixou ele? Tipo, divorciou-se dele?

— Sim.

Uma pausa. — Já estava na hora do caralho.

— Eu sei, — disse, rindo um pouco apesar de tudo.

— Você está realmente bem, Maddie?

— Sim, estou muito bem. E ouça, eu sinto muito que já faz tanto tempo que não conversamos.

— Você não me deve desculpas.

—Deixe-me dizer isso, certo? Me sinto mal por não manter contato melhor.

—Eu entendi porque você não podia, — disse ele calmamente.

—Eu sei que você fez. Mas eu deveria ter percebido antes que Sam não tinha o direito de me dizer com quem eu poderia ou não ser amigo. — Suspirei. —Perdi muito tempo tentando ganhar a aprovação de alguém que nunca ficaria satisfeito. História da minha vida, certo?

Ele não respondeu de imediato. —Onde você está agora?

—Eu ainda estou em Cincinnati, mas na verdade vou seguir seu caminho assim que Elliott, meu filho, sair da escola.

—Você está voltando para Bellamy Creek?

—Não, é apenas uma visita. Eu tenho duas semanas de férias no trabalho e achei que seria bom para Elliott ver onde eu cresci. Mas meu principal objetivo é consertar a casa da minha mãe para ser vendida.

—Isso pode ser um grande trabalho. A casa está em um estado bastante rústico.

Fiz uma careta. —Sim, o gerente de propriedade que contratei acabou por ser inútil. Já está vazio há quase um ano, então tenho certeza de que precisa de algum amor e cuidado.

—Uh, provavelmente precisa de mais do que isso.

Meu estômago embrulhou. —Isso é ruim?

— Não é minha intenção assustar você, — disse ele rapidamente. — Talvez seja apenas o exterior que precise de reforma. Com uma nova camada de tinta e um pouco de paisagismo, pode ficar perfeitamente bem. — Seu tom não foi convincente.

— Você conhece alguém que possa fazer o trabalho?

— Sim. Enzo Moretti, você se lembra do Enzo, ele se formou conosco é empreiteiro e faz muitas reformas residenciais. Tenho certeza de que ele estaria disposto a dar uma olhada e dar uma estimativa sobre o custo para deixá-la pronta para venda. Quer que eu pergunte a ele?

— Isso seria perfeito, — disse, aliviada. — Muito obrigada.

— Sem problemas.

— Mal posso esperar para te ver. Como está sua família?

— Muito boa. Eu sou o melhor tio de todos.

Eu ri. — Claro que você é. Como está seu pai?

— Fisicamente, ele está em boa forma. Mentalmente, ele tem alguns problemas.

— Oh não. Tipo Alzheimer?

— Isso ainda não foi confirmado, mas é bem provável.

— Eu sinto muito. Ele mora com você?

— Sim. — Ele exalou. — Alguns dias são melhores que outros. Construí uma casa maior para nós, então pelo menos temos mais espaço.

— Você tem ajuda?

— Cada uma das minhas irmãs tenta vir um dia por semana. Eu realmente preciso contratar alguém, mas por enquanto, sou só eu. — Ele deu uma risadinha. — Eu não saio muito.

— Bem, talvez possamos sentar na mesa da sua cozinha e resolver alguns problemas de matemática pelos velhos tempos.

Sua risada profunda e ressonante aqueceu minhas entranhas. — Ou poderíamos apenas tomar uma cerveja e conversar.

— Isso também parece bom. — Prometi entrar em contato em algumas semanas e desligamos. Naquela noite, dormi melhor do que há semanas.

Algo na voz de Beckett era tão reconfortante. Talvez tenha me levado de volta a um tempo mais simples. Talvez tenha me lembrado de que não importa o que acontecesse, sempre havia alguém do meu lado. Talvez fosse apenas um som profundo e masculino, e alguma parte primitiva do meu cérebro estava programada para se sentir segura e protegida quando eu o ouvi. Dois dias depois, ele me ligou de volta.

— Ei, espero que você não se importe, mas dei uma olhada mais de perto na casa. Não está em condições de você ficar aí, Maddie.

— Mesmo? — Meu coração despencou. — Merda. Acho que terei que alugar um quarto ou casa de campo em algum lugar.

— Você poderia tentar, mas já está tudo bem reservado por aqui. A temporada turística é ainda mais agitada do que quando éramos crianças.

Eu gemi e coloquei a palma da mão na minha testa. — Bem feito para mim por adiar isso por tanto tempo. Acho que vou ter que ficar fora da cidade.

— Ou você pode ficar aqui, — ele ofereceu.

— Beckett, isso é tão fofo. Mas não poderíamos fazer isso.

— Por que não? Temos muito espaço. Você e Elliott podem ter seus próprios quartos no andar de cima, e eles compartilham um banheiro completo.

— Tem certeza de que não seria uma imposição para você e seu pai?

— Meu pai adoraria ter alguém com quem conversar além de mim. Ele está com raiva de mim o tempo todo de qualquer maneira. — Então ele riu.

— Você seria um público totalmente novo para todas as suas histórias de beisebol. E você estaria do outro lado da rua da casa da sua mãe.

Mordi meu lábio. — Bem, estou tentado.

— Então faça.

— Só se você prometer nos colocar para trabalhar enquanto estivermos lá.

Ele riu. — Combinado. As tarefas não têm fim em um rancho.

Sorri. — Elliott vai ficar muito animado. Ele adora animais.

— Muitos desses por aqui. Mal posso esperar para conhecê-lo.

A voz de Elliott rompeu a memória. — Mamãe! — Ele gritou do banco de trás, como se ele tivesse dito isso uma centena de vezes e eu não tivesse respondido. — Você está ouvindo?

— Desculpa. — Culpada, olhei por cima do ombro para ele. — Eu estava sonhando acordada. O que você disse?

— Nós vamos entrar?

— Ainda não. — Concentrando-me na estrada novamente, tirei o pé do freio e continuei dirigindo. — Eu quero ver minha antiga casa primeiro. Chegamos cedo de qualquer maneira. Eu disse a Beckett que estaríamos aqui às três, e é logo depois da uma.

— Você disse que poderíamos pegar um milk-shake.

— Nós podemos, — disse a ele, virando à esquerda na minha antiga garagem. — Eu só quero...

Mas eu não consegui terminar minha frase. A casa da minha mãe, onde eu cresci, estava em ruínas. Na verdade, desordem pode ter sido uma palavra muito estranha. O telhado cedeu. A varanda caiu. A tinta branca havia descascado e caído tanto que a casa parecia cinza. No segundo andar, uma das janelas do meu antigo quarto foi substituída por papelão. A grama e os arbustos estavam tão crescidos que havia ervas daninhas subindo pelas tábuas do piso da varanda. Um corvo gritando voou para fora da chaminé. Toda a cena parecia saída de um filme de terror. Embora se o lugar fosse mal-assombrado, não seria por minha mãe, que fora governanta

e mantinha o lugar imaculado. Ela nem mesmo seria pega morta aqui, literalmente.

— Que lugar é esse, mamãe?

— Essa é... essa é a minha antiga casa.

— Você morou lá?

— Não era assim naquela época. — Parei o carro, desliguei o motor e desci.

Lágrimas brotaram dos meus olhos, o que me surpreendeu. Não era como se eu tivesse uma tonelada de memórias felizes aqui. Principalmente quando pensava nesta casa, ouvia a voz da minha mãe dizendo coisas como: — *Você sabe o quanto trabalhei duro para que você pudesse ir para a faculdade? Você tem alguma ideia das oportunidades que você tem que eu não tenho? Você acha que alguém vai te dar coisas na vida, Maddie? Você tem que trabalhar para eles. Você tem que ser melhor do que todo mundo. Você tem que estar focada no futuro o tempo todo, ou você vai acabar dependente de um homem e você nunca, nunca pode confiar em um homem para cuidar de você da maneira como você cuidará de si mesma. Os homens sempre quebram suas promessas.*

Parabéns, mamãe. Você estava certa sobre isso.

Endireitando meus ombros, fui deixar Elliott sair do carro. — Vamos, querido.

Ele saltou do carro e pegou minha mão, e juntos subimos a calçada de cimento, onde dentes-de-leão e ervas daninhas cresciam nas fendas. Eu estava um pouco nervosa por pisar na varanda, mas após uma inspeção

mais próxima, parecia que as tábuas nos segurariam. De minha bolsa, tirei a chave que o gerente da propriedade havia me enviado, amaldiçoando seu nome baixinho. Empurrando a porta da frente, entramos na casa.

— Aí credo. Está cheirando mal aqui. — Elliott segurou o nariz. — Posso esperar lá fora?

— Fique na varanda, — eu disse. — Eu sairei em um minuto.

Depois de verificar a cozinha, o que imediatamente me arrependi, subi para dar uma olhada no meu antigo quarto, além da janela que faltava, a porta do armário estava fora das dobradiças e havia um buraco do tamanho de um punho seriamente assustador em uma parede. O outro quarto estava um pouco melhor, mas o banheiro, com sua pia enferrujada e o vaso sanitário manchado, me fez pensar se eu deveria simplesmente queimar o lugar e ir embora.

Lá fora, peguei a mão de Elliott. — Vamos. Vamos ver se Beckett está em casa. E se ele não estiver, iremos para a cidade para almoçar.

Eu dirigi de volta para os Beckett, virando na calçada sob um enorme arco que dizia WEAVER RANCH acima. Depois de estacionar em frente à garagem para três carros, seguimos por um caminho de pedra que levava à entrada da frente da casa. Estava forrado de alegres narcisos amarelos e plantas verdes vibrantes, e de cada lado da larga porta de madeira da frente havia um coração sangrando em um vaso. Apontei para o tapete de boas-vindas. — Você pode ler isso?

Elliott olhou para ele. — O amor cresce aqui.

— Bom trabalho. — Sorrindo, bati três vezes. Quando ninguém respondeu, peguei meu telefone e mandei uma mensagem para Beckett.

Eu: Ei! Eu estou na sua porta. Estamos um pouco adiantados, desculpe. O trânsito não estava tão ruim quanto pensei que estaria em uma manhã de sexta-feira.

Quando ele não respondeu minha mensagem, bati novamente. Um cachorro começou a latir lá dentro.

Elliott olhou para mim e sussurrou: — Eu ouço um cachorro.

— Eu também. Mas talvez ninguém esteja...

Só então, a grossa porta da frente foi aberta, e o pai de Beckett apareceu, um Border Collie preto e branco em seus calcanhares. O Sr. Weaver envelhecera consideravelmente desde a última vez que o vi, tanto que me chocou. Seu cabelo estava completamente branco e um pouco espetado para um lado, como se ele estivesse deitado. Também parecia que ele havia murchado um pouco, eu me lembrava dele como grande e corpulento, mas reconheci seus olhos azuis.

— Sr. Weaver? — Eu disse sorrindo. — Oi. É Maddie Blake.

Ele parecia confuso. — Mallory?

Por um momento, também me senti confusa, então pensei que talvez ele estivesse me confundindo com a irmã de Beckett, Mallory, que também tinha cabelo escuro.

—Não, *Maddie*. — Eu olhei por cima do ombro. —Maddie Blake? Eu morava do outro lado da estrada. Eu era amiga do Beckett?

Algo cintilou e pensei que poderia ser reconhecimento. — Você está aqui para me levar para a estação de trem?

Eu pisquei. —Não, eu... uh, estou aqui com meu filho Elliott e...

—Ele pode me levar para a estação de trem? — O Sr. Weaver perguntou esperançoso.

Elliott começou a rir.

—O que? Não. — Perturbada, dei uma cotovelada em meu filho, tentando fazê-lo parar de rir. — Talvez voltemos mais tarde, quando...

—Pai! — Explodiu uma voz profunda de dentro. —O que você está fazendo na porta?

O Sr. Weaver se voltou para a voz, abrindo mais a porta. Foi quando vi Beckett descendo as escadas. Em nada além de uma toalha. Meu queixo caiu. Eu não pude evitar. Beckett sempre foi atraente, com a constituição de um atleta e um rosto infantilmente bonito, mas o tempo tinha sido incrivelmente bom para ele.

Sua mandíbula tinha ficado mais esculpida, suas maçãs do rosto mais definidas. Meus olhos vagaram famintos por sua pele nua. Seus ombros eram largos, seus bíceps salientes e seu peito e abdômen eram um estudo anatômico da definição muscular. Seu cabelo parecia mais escuro do que costumava ser, e a pele de seu rosto e antebraços estava um pouco mais dourada graças a todo o tempo que ele passou ao sol, mas seus olhos eram

do mesmo azul suave de que me lembrava. Quando eles pegaram o meu, achei um pouco difícil respirar. Mas então, sempre achei um pouco difícil respirar perto de Beckett. Eu simplesmente era boa em esconder isso.

Batendo no pé da escada, ele parou e olhou. — Maddie, — disse ele. — Você está aqui.

— Oi. — Minha pele estava suada sob meu jeans e camiseta. — Lamento apenas aparecer desta forma. Fomos para a casa e está uma bagunça, eu...

— Não, está tudo bem. Me dê um minuto. — Ele puxou a toalha um pouco mais apertada em torno de seus quadris. — Pai, você pode, por favor, mostrar a Maddie? Vou me vestir e já desço.

— Claro, — disse Sr. Weaver, parecendo feliz por ter companhia. O cachorro abanou o rabo com entusiasmo.

Beckett se virou para as escadas, que ele subiu dois degraus de cada vez. Não conseguia tirar meus olhos dele. Ele tinha costas lindas e musculosas, e aquela toalha não escondia sua bunda fantástica. No topo da escada, ele se virou e olhou para baixo e *cem por cento* me pegou olhando boquiaberta para sua bunda. Envergonhada, voltei minha atenção para Elliott, que caiu de joelhos para abraçar o Border Collie, e para o Sr. Weaver, que estava fechando a porta da frente.

— Qual é o seu nome novamente? — Ele perguntou.

Não é brincadeira, eu tinha que pensar sobre isso.

— Uh, Maddie. Maddie Blake.

Ele se iluminou. — Há uma família que mora do outro lado da rua chamada Blake. Uma senhora e sua filha. Eu disse ao meu filho que ele deveria se casar com aquela garota, mas ele afirma que ela não mora mais lá. Alguma ideia para onde ela foi?

Tive que sorrir. — Eu acho que ela se mudou.

— Mas ela é apenas uma menina, — disse ele, cada vez mais angustiado.
— Talvez ela esteja perdida.

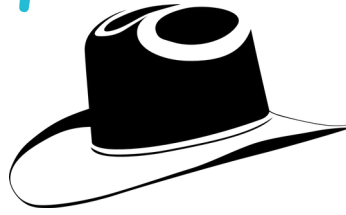
— Na verdade, acho que ela está bem, — disse suavemente. — Acho que ela está crescida agora e, embora tenha cometido alguns erros, ela está exatamente onde precisa estar.

O Sr. Weaver me estudou por um momento. — Você sabe o que? Você quase se parece com aquela garota.

Ri, olhando para as escadas novamente. — Às vezes ainda me sinto como ela.

Capítulo Tres

Tie Me
Down



Beckett

Porra. Ela estava *aqui*. Eu tinha acabado de sair do banho quando ouvi o cachorro latir. Raramente fechei a porta do meu quarto hoje em dia, no caso de meu pai precisar de algo e gritar, e assim que coloquei minha cabeça no corredor, vi meu pai abrir a porta da frente. Ouvi ele falando. Até agora, ele não tinha o hábito de conversar com pessoas que não estavam lá, então talvez seja por isso que desci as escadas correndo sem nada. Eu realmente não esperava ver ninguém. Principalmente, estava preocupado que ele pudesse escapar de casa. Em vez disso, havia Maddie e seu filho de pé na minha varanda.

Meu coração bateu forte e rápido. Ela estava tão bonita como sempre foi, talvez até mais. Dividido entre querer envolvê-la em meus braços e sentir que poderia morrer de vergonha, escolhi a dignidade e mantive distância. Se a cor carmesim em suas bochechas fosse qualquer indicação, ela se sentia tão estranha quanto eu sobre a situação da toalha. Rezando para que meu pai aguentasse bancar o anfitrião por alguns minutos, subi correndo as escadas para me vestir, mas logo antes de entrar no meu quarto, fui incapaz de resistir a olhar para ela de novo e percebi que ela

Melanie Harlow

estava olhando até mim. E havia algo em seu olhar que fez minha temperatura corporal subir.

Mas então ela se virou e fiquei me perguntando se tinha imaginado isso. Afinal, Maddie nunca olhou para mim como outra coisa senão um amigo em nossas vidas inteiras. Se ela sentisse atração por mim, ela não teria demonstrado isso agora? Dentro do meu quarto, coloquei jeans e uma camiseta azul marinho limpa, passei um pente no cabelo e coloquei meu relógio. Então corri para fora do meu quarto e desci as escadas, esperando que meu pai não tivesse tido tempo de dizer nada muito ultrajante ou ofensivo para Maddie e seu filho. Para meu alívio, eles estavam sentados na grande sala conversando amigavelmente. Meu pai estava no sofá em frente a Maddie, e Elliott estava brincando com DiMaggio, nosso Border Collie, no chão em frente à lareira.

— Sua casa é tão bonita, Sr. Weaver, — Maddie estava dizendo. — Você deve amá-la.

— Sim. — Meu pai concordou com a cabeça. — Se eu tivesse um mapa, poderia encontrá-la.

— Ei, — disse, entrando na sala. — Desculpe por isso.

Sorrindo, Maddie se levantou e se aproximou de mim. — Tudo bem. Agora que você não está todo molhado, posso te dar um abraço?

— Claro. — Peguei seu pequeno corpo em meus braços e a segurei contra meu peito, evitando descansar meus lábios em seu cabelo como eu queria. — É ótimo ver você.

— Você também. E você cheira bem, — ela disse, ficando na ponta dos pés para cheirar meu pescoço.

— Você me pegou na hora certa. Normalmente cheiro a suor e a celeiro.

Rindo, ela me soltou e deu um passo para trás. — Eu meio que gosto do cheiro de um celeiro. Isso é estranho?

— Com certeza. — Olhei para o filho dela. — Quer me apresentar?

Seus olhos se iluminaram e ela assentiu. — Elliott, venha aqui, por favor. Este é meu amigo Beckett.

O menino magro de cabelos dourados se levantou e se aproximou. Imediatamente notei as botas de cowboy rosa, a camiseta de princesa e a fivela em seu cabelo.

— Olá. — Estendi minha mão. — Eu gosto das suas botas.

— Obrigado, — Elliott disse, colocando sua mão pequena dentro da minha. Para uma criança, ele tinha um aperto de mão firme e agradável. — Eu acabei de pegá-las.

— Elas serão úteis por aqui, com certeza.

— Ele mal pode esperar para visitar o celeiro, — disse Maddie, passando a mão pelos cachos de seu filho. À primeira vista, ele não parecia muito parecido com sua mãe, mas quando ele sorriu, vi sua boca carnuda e a pequena fenda em seu queixo.

— Podemos visitar o celeiro a hora que você quiser, — disse a ele.

— Agora? — Elliott perguntou esperançoso.

— Claro, se estiver tudo bem com sua mãe.

— Está bem. Suponho que o almoço pode esperar um pouco, contanto que você não esteja morrendo de fome. — Maddie suspirou, fechando os olhos por um segundo. — E eu já vi a casa. Não estou tão ansiosa para vê-la novamente.

— Não se preocupe, — disse. — Moretti vai nos encontrar lá no final da tarde. Eu só preciso ligar para ele quando estivermos prontos.

— DiMaggio pode ir ao celeiro também? — Elliott perguntou.

— Claro, — disse, feliz em saber que Elliott entendeu o nome correto do cachorro. Metade do tempo, meu pai se referia a ele como Ruth, nossa cadela anterior, que já havia partido há doze anos. — Pai, você quer vir para o celeiro conosco por alguns minutos?

— É hora de fazer a ordenha?

— Não temos mais vacas leiteiras, pai.

— Claro que nós temos. Acabei de ordenhá-las esta manhã. — Ele se levantou. — Deixe-me calçar minhas botas.

— Eles estão na entrada, — disse a ele. — Vamos, vou te ajudar.

Maddie me deu um olhar simpático enquanto caminhávamos pela cozinha para a entrada. — Eu vejo o que você quer dizer.

— Apenas espere, — disse calmamente. — Ele já contou alguma história de beisebol?

—Não, mas ele me pediu para levá-lo à estação de trem. Isso está relacionado de alguma forma?

—É assim que ele vai entrar no jogo, — expliquei com uma paciência exagerada.

—Bellamy Creek ainda tem uma estação de trem?

—Não. Ele tinha um depósito antigo abandonado, que foi mudado em 1980 ou algo assim, e agora faz parte da Vila Histórica. Mas ele não acredita nisso. Então eu o levei lá uma vez, tentando provar isso, e ele ficou sentado naquela porra de depósito do museu por uma hora, perplexo porque nenhum trem apareceu.

—Ele acreditou em você então?

Balancei minha cabeça. —Não. Ele disse que devo tê-lo levado ao lugar errado.

Ela riu com simpatia. —Você é muito paciente.

—Eu tento, — falei. — Alguns dias é mais fácil do que outros.

Chegamos a entrada e me ajoelhei para ajudar meu pai a calçar as botas. Um momento depois, estávamos sob o sol, indo em direção ao celeiro vermelho. Elliott disparou na frente com DiMaggio, e meu pai se arrastou lenta, mas firmemente na frente de Maddie e eu.

—Vou me desculpar agora por qualquer coisa que ele possa dizer que seja desconcertante, — disse a ela. —Ele não quer ser rude, mas quando

fica com raiva ou frustrado, não tem filtro. E ele provavelmente vai esquecer seu nome todos os dias.

—Tudo bem. Conversei com Elliott sobre isso. Nós ficaremos bem. — Ela olhou para mim. — Eu quero ser útil para você enquanto estamos aqui, Beckett. Se isso significa ficar de olho no seu pai, ou mesmo apenas fazer companhia a ele, fico feliz em fazer isso.

—Ele provavelmente tentará se livrar de você. Ele demitiu três cuidadoras perfeitamente boas, — disse mal-humorado. —Ou as levou a desistir.

—Eu posso lidar com isso, — ela me assegurou.

—Você também vai estar muito ocupada com a casa.

Ela gemeu. —Não me lembre. Estou meio que esperando que Enzo me diga que será mais barato derrubá-la e vender o terreno.

—Ele pode, mas eu duvido. Ele gosta de desafios.

Observamos Elliott avistar algumas cabras em um curral do outro lado do celeiro. Ele parou e se voltou para nós. —Posso ir aí?

—Claro, — falei. — As cabras são amigáveis. Mas elas são artistas de fuga, então não abra o portão, tudo bem?

—Tudo bem! — Elliott correu até a cerca e, com certeza, algumas cabras foram até ele imediatamente. Ele olhou para nós com alegria e começou a acariciar suas cabeças, falando com elas.

—Ele parece tão feliz. — A voz de Maddie ficou emocionada. — Eu tentei mantê-lo protegido de tantas besteiras de divórcio quanto pude, mas todas as noites eu vou dormir esperando não ter fodido meu filho.

—Não é isso que é paternidade?

Ela riu com tristeza. — Às vezes é assim que parece. Mas eu quero fazer melhor do que apenas mantê-lo alimentado, vestido e respirando, sabe? Eu quero que ele cresça confiante e alegre e sem medo de ser quem ele é. Quero que ele conheça bondade e aceitação, e mostre isso aos outros. Eu quero que ele conheça o amor incondicional, — ela disse ferozmente, — o tipo que eu nunca tive.

Eu olhei para ela, lutando contra o desejo de pegar sua mão. Em vez disso, coloquei a minha nos bolsos.

—Oh, olhe para eles. — Maddie riu suavemente. — Que fofo.

Paramos de andar e vimos meu pai alcançar a cerca e ficar ao lado de Elliott, contando a ele fatos aleatórios sobre a fazenda e sobre cabras. Elliott ficou no degrau mais baixo da cerca de metal e ouviu com atenção extasiada, acariciando timidamente a cabeça e o pescoço das cabras, fazendo o possível para abraçá-las.

—Tudo bem? — Maddie perguntou. — Ele pode acariciá-las?

—Está bem. Ele parece uma criança doce.

—Ele é, obrigada.

—Acho que ele gosta de rosa.

— Ele adora rosa, — ela confirmou. — Definitivamente sua cor favorita. E ele nunca conheceu um unicórnio que não adorasse.

— Ele se daria muito bem com minha sobrinha Daisy. Ela tem sete anos.

Ela sorriu para mim. — Talvez possamos juntá-los enquanto estamos aqui.

— Certo. Você está aqui por duas semanas, certo?

— Esse é definitivamente o tempo mais longo que eu poderia ficar. Mas eu tenho duas semanas de folga do trabalho, sim.

Obriguei-me a parar de olhar para sua boca e estudei as pontas enlameadas de minhas botas. Ficar tão perto dela estava fazendo meu coração bater mais rápido e percebi que, embora quinze anos tivessem se passado, eu ainda sentia algo por ela. Era uma pena que as coisas não poderiam ser diferentes para nós. Mas isso era impossível. Eu tinha meu pai para cuidar pelo resto da vida, e ela tinha um filho para criar. Se alguma vez tivemos uma chance, a perdemos.

— Você gosta do seu trabalho?

— Eu realmente gosto. É uma clínica pediátrica menor, mas conheço todas as famílias tão bem. Na maioria dos dias, nem parece trabalho.

— Isso é ótimo.

Ela acenou com a cabeça. — Não tenho um escritório chique com Médica na minha placa de identificação, mas adoro o que faço. Levei um tempo para perceber que isso é o que importa, sabe?

— Eu sei exatamente.

— Ei, quer almoçar no restaurante? — Maddie me deu uma cotovelada.
— Por minha conta. Prometi a Elliott um milk-shake.

— Claro, parece bom. Deixe-me ligar para o Enzo bem rápido, — disse, puxando meu telefone do bolso. — Quanto mais cedo soubermos com o que estamos lidando, melhor.

— Perfeito.

Toquei o nome de Moretti em meus contatos, coloquei o telefone no ouvido e esperei que ele atendesse. Foi quando percebi que Maddie estava olhando para o bordo.

— O balanço ainda está lá, — disse ela.

Olhei para ele pela segunda vez hoje e me vi indo para aquele beijo novamente. — Sim.

Ela sorriu e riu suavemente. — Algumas coisas nunca mudam.

Enzo disse que nos encontraria às quatro, o que nos dava tempo suficiente para espiar no celeiro e apresentar Elliott aos cavalos antes de irmos para a cidade. Meu pai já havia almoçado, é claro, mas como não se lembrava de fazer isso, ficou mais do que feliz em vir e comer de novo. Ele

não tinha tirado muita soneca, mas não parecia irritado. Na verdade, ele parecia estar gostando muito da companhia de Elliott e Maddie. Com alguma sorte, ele se cansaria cedo esta noite, e eu teria algumas horas de paz antes de ir para a cama.

Elliott gostou de sentar nos banquinhos do balcão, e meu pai se divertia contando histórias sobre ir ao restaurante quando era jovem. Era onde eles ficavam depois dos jogos de beisebol, disse ele, e quando terminamos de comer, ele pegou Elliott pela mão e o levou até a parede perto da porta, onde fotos desbotadas em preto e branco do time do colégio estavam penduradas.

Apontando o dedo nodoso para um deles, ele disse: — Bem ali. Este sou eu.

Elliott olhou para trás e para frente entre o robusto rapaz de dezessete anos da foto, usando um uniforme de beisebol e boné, e o velho encurvado ao lado dele. — É você?

— Claro que é. — Meu pai ficou um pouco mais alto. — Não dá para perceber?

— Absolutamente, — disse Maddie, aproximando-se para estudar a foto. — Parece com você. — Então ela sorriu para mim por cima do ombro, fazendo meu sangue correr um pouco mais rápido. — E assim como você.

— A foto de Beckett está aqui. — Meu pai se virou para a parede oposta e apontou para uma foto colorida. — Está vendo? Ali está ele.

— Oh meu Deus, olhe isso! — Maddie gritou, correndo para ele. — Eu reconheço quase todo mundo. Tem Enzo Moretti, Griffin Dempsey e Cole Mitchell. — Ela olhou para mim. — Você ainda é amigo próximo deles?

Concordei. — E ainda jogamos beisebol juntos.

Seu sorriso se alargou. — Uau, algumas coisas realmente nunca mudam. — Então ela se voltou para a foto novamente. — Olha, Elliott. Foi quando Beckett e eu éramos tão bons amigos. Eu costumava ir a jogos de beisebol e vê-lo fazer muitos home runs.

— Você ainda consegue fazer home runs? — Elliott me perguntou.

— Ocasionalmente, — disse, rindo.

— Você pode me mostrar como fazer isso?

— Podemos praticar um pouco de rebatidas enquanto você está aqui, com certeza. Você gosta de beisebol?

— Sim, — disse ele enquanto saíamos para a calçada. — Eu jogo tee ball¹.

— É um bom lugar para começar, — disse. — Eu também jogava tee ball quando era criança.

— Mas eu quero fazer um home run sem o tee, — ele me disse, com o rosto preocupado. — Você pode me ensinar como?

— Eu definitivamente posso tentar.

1 Tee-ball é um esporte de equipe baseado em uma forma simplificada de beisebol ou softball. É uma introdução para que crianças de 4 a 6 anos desenvolvam habilidades de jogo com bola e se divirtam.

— Bom, porque eu acho que meu pai gostaria mais disso. E talvez se eu pudesse fazer um home run sem o tee, ele viria para os meus jogos.

Eu consegui dar um sorriso de boca fechada para Elliott, mas minhas mãos se fecharam em punhos ao meu lado. Maddie colocou a mão nas minhas costas.

Em casa novamente, mandei meu pai em seu quarto para descansar e ajudei Maddie e Elliott a levar suas malas para cima. Eu tinha dois quartos de hóspedes, um de cada lado de um banheiro completo. Meu quarto, que tinha seu próprio banheiro completo, ficava do outro lado do corredor.

Elliott correu à nossa frente e verificou os dois quartos. — Posso ficar com o dos beliches? — Ele perguntou esperançoso.

— Claro, — disse Maddie.

Ele pegou sua mochila rosa das mãos de Maddie e desapareceu no quarto que chamamos de ‘quarto de beliche’ por seus dois conjuntos de camas empilhadas. Minhas sobrinhas e sobrinhos dormiam lá às vezes, se ficavam aqui.

— Achei que você gostaria deste, — disse, levando Maddie para o outro quarto. Ele continha uma cama queen-size coberta com um edredom floral e travesseiros coloridos, todos escolhidos por minha irmã Amy. Coloquei

sua bolsa ao lado da cômoda. — Há toalhas limpas no banheiro, mas me avise se precisar de mais alguma coisa.

— Isso é perfeito, Beckett, — disse Maddie. Caminhando até a janela, ela empurrou as cortinas de lado e olhou para fora. — Deus, esqueci como é lindo aqui. Ou talvez eu nunca tenha apreciado isso.

— Sim, às vezes é assim que acontece. — Gostei da maneira como o sol entrando pela janela deu a seu cabelo escuro mechas quentes de ouro avermelhado.

— Mãe, adivinha! Eu posso ver as cabras da minha janela! — Elliott gritou do quarto ao lado.

Maddie riu. — Isso é ótimo, amigo.

Eu verifiquei meu telefone. — Temos cerca de quinze minutos antes de encontrar Enzo. Eu vou deixar você se acomodar.

— Beckett, espere.

Antes que pudesse sair do quarto, ela veio em minha direção com os braços estendidos. A próxima coisa que eu sabia, eles estavam enrolados em volta do meu pescoço, e seu corpo estava pressionado contra o meu, peito contra peito.

— Obrigada, — disse ela. — Isso significa muito para mim.

— Não é grande coisa. — Minha voz falhou quando disse isso, e engoli, rezando para não começar a ficar duro com seu corpo tão perto do meu. Eu sabia que ela sentiria.

— Isto é. — Ela se agarrou com mais força. — Gosto de pensar que sou uma pessoa forte, que minhas experiências me ensinaram resiliência. Mas agora, sinto que estou cuidando, e isso é bom também. Então, obrigada.

— De nada, — disse, tentando manter meus pensamentos limpos e minhas mãos em um lugar apropriado nas costas dela. Enquanto isso, meu cérebro de homem das cavernas se perguntava se eu teria tempo para me trancar no banheiro e me masturbar antes de atravessarmos a rua.

— Você sempre me apoiou muito. — Ela soltou meu pescoço, deslizando as palmas das mãos pelos meus braços e pegando minhas mãos nas dela. — E enquanto estiver aqui, prometo fazer tudo o que puder para tornar sua vida mais fácil.

— Maddie, você não me deve nada. Não é assim que a amizade funciona.

Ela balançou a cabeça. — Deus, Beckett, você não pode ser apenas um idiota sobre alguma coisa?

— Coloque-me em uma sala com seu ex, — eu disse a ela, — e você terá sua resposta.

Pouco antes das quatro horas, Maddie, Elliott, meu pai e eu dirigimos pela estrada para sua antiga casa na minha caminhonete. Elliott não estava

muito ansioso para entrar, então ele e meu pai sentaram nos degraus da varanda para esperar, mas não antes de eu verificar se as tábuas lascadas realmente os segurariam. Depois de andar pela casa, tentei parecer encorajador quando Maddie perguntou o que eu achava, mas no fundo não tinha certeza se valia a pena salvar o lugar, a menos que realmente significasse algo para Maddie.

De volta ao lado de fora, circulamos a casa, examinando as ervas daninhas e os arbustos emaranhados. —Eu posso te ajudar com o paisagismo, — disse. —Não acho que demoraria mais do que alguns dias para ficar sob controle. Mas vamos ouvir a opinião de Enzo sobre as questões estruturais.

Quando Enzo parou alguns minutos depois, havia alguém no banco do passageiro.

—Quem é aquela com ele? — Maddie perguntou, protegendo os olhos com uma das mãos.

Eu olhei para seu SUV. —Oh, é a Bianca. A esposa dele.

—Enzo se *casou*? — Ela parecia chocada, e não a culpei. Enzo tinha sido um notório mulherengo em nossos tempos de colégio. —Não acredito que você não disse nada!

—Foi há apenas alguns meses. Vamos, vou apresentá-la.

Enzo e Bianca desceram do carro, mas enquanto ele se afastava, estudando a casa com um olhar crítico da calçada de cascalho, ela veio correndo direto para nós. —Oi, pessoal!

Maddie estendeu a mão para a pequena ruiva. — Oi! Eu sou Maddie. É tão bom conhecê-la!

Bianca sorriu e apertou. — É um prazer conhecê-la também, ouvi muito sobre você.

Olhando para mim, Maddie riu nervosamente. — Coisas boas, espero.

— Todas as coisas boas. — Bianca sorriu e olhou para seu marido. — Querido, o que você está fazendo? Venha e diga oi.

— Estou chegando. — Ele caminhou até a calçada e sorriu para Maddie com seu charme fácil de sempre. — Ei, Maddie. Prazer em ver você de novo.

— Você também. Parabéns pelo seu casamento. — Ela olhou para um e para outro, de marido para mulher, cruzando as mãos sob o queixo. — Acabei de ouvir a notícia. Isso é maravilhoso.

Bianca riu e enganchou o braço no de Moretti. — É maravilhoso agora. Demorou um pouco.

Maddie parecia um pouco confusa e o resto de nós riu.

— Eu explicarei mais tarde, — disse. — Por enquanto, por que você não os leva pela casa?

— Certo. — Maddie exalou, franzindo o nariz. — Preparem-se. Não é bonito.

—Bonito pode vir mais tarde, — disse Bianca com confiança. —Na verdade, sou uma designer de interiores e ficaria feliz em ajudá-la a colocar o lugar em forma. Enzo e eu amamos esse tipo de coisa.

—Você não tem ideia de como estou feliz em ouvir isso, — disse Maddie. —Não tenho experiência, um orçamento limitado e estou meio sem tempo.

—Não se preocupe. — Bianca parecia segura de si mesma, mesmo enquanto olhava para a varanda inclinada. —Nós podemos ajudar.

Depois de ser apresentado a Elliott e dizer olá ao meu pai, Moretti e Bianca seguiram Maddie pela casa. Eu também acompanhei, curioso sobre suas opiniões.

Bianca tagarelou a mil por hora sobre o que poderia ser feito com o interior... —Estou totalmente vendo um refúgio vitoriano moderno — ...mas Moretti estava quieto em sua maior parte. Ele bateu em algumas paredes, arrancou alguns papéis de parede, olhou dentro de armários, abriu armários de cozinha, examinou tetos e examinou fios e canos. Do lado de fora novamente, ele caminhou ao redor da casa, estudando o telhado e a fundação. Então ele parou na entrada da garagem novamente, olhando para ela a quinze metros.

—Então? — Maddie disse ansiosamente. —Qual é o veredicto?

—Eu já vi coisas piores.

Bianca revirou os olhos. —Querido, seja um pouco mais específico, por favor.

—Pode ser reformado, — disse ele, caminhando em nossa direção novamente. —Mas não vai ser tão rápido. Posso lhe oferecer o melhor negócio possível em materiais, e Bianca é ótima em fazer o melhor uso do espaço e conseguir um visual sofisticado por menos, mas a mão de obra pode custar caro, e não tenho certeza de quando poderei dispensar a equipe. Você disse que está sem tempo?

—Eu tenho duas semanas. Tenho que voltar para o trabalho e Elliott tem acampamento de verão.

Moretti balançou a cabeça. —Definitivamente não será feito em duas semanas, mas não acho que você precise estar aqui diariamente enquanto o trabalho está sendo feito. Se você confiar em mim ou no Beckett para tomar decisões...

—Eu faria, — disse Maddie rapidamente.

—E Bianca para decorá-lo, — ele continuou.

—Cem por cento. — Maddie sorriu para Bianca. — Adorei todas as suas ideias.

—Então acho que seria um bom investimento, — concluiu Moretti. — Mas deixe-me voltar para você com um cronograma mais específico, alguns desenhos e uma estimativa. Vou apenas fazer algumas medições.

—Tudo bem, — disse Maddie. — Muito obrigada.

—Então, o que mais você fará enquanto estiver aqui? — Bianca perguntou enquanto Moretti entrava novamente, desta vez com sua fita métrica e um caderno.

—Mostrar a Elliott os meus antigos terrenos de diversão, levá-lo à praia, esse tipo de coisa. — Maddie sorriu para mim. —E espero ser uma ajuda para Beckett no rancho. Estamos muito gratos por estar lá.

—Não é uma bela casa? — Bianca jorrou. —Eu simplesmente amo isso. Às vezes a casa grande perde aquela sensação caseira, aconchegante, sabe? Mas não aquela.

—De jeito nenhum. É muito caloroso e convidativo. Duas coisas que este lugar não é. — Rindo, ela apontou com o polegar para sua antiga casa.

—Ainda. — Bianca sorriu de forma tranquilizadora. —Mas não se preocupe. Vamos transformá-la em um pequeno oásis campestre com o equilíbrio certo de charme vintage e conveniência moderna. E com uma localização como esta, a apenas dez minutos da cidade e da praia? Vai ser capturada em um piscar de olhos.

A expressão de Maddie era duvidosa. —Se você diz.

—Eu faço. — Bianca permaneceu confiante. —Você sabe o que? Vamos tomar uma bebida enquanto você está aqui. Você precisa conhecer Blair, que é casada com Griffin. Ah, e você conhece a irmã de Griffin, Cheyenne? Ela vai se casar no próximo fim de semana com o quarto mosqueteiro, Cole Mitchell, então ela pode estar um pouco ocupada, mas nós...

—Oh meu Deus! — O queixo de Maddie caiu. —Griffin é casado também? E sua irmã Cheyenne vai se casar com Cole? — Ela olhou para mim acusadoramente e deu um tapa no meu braço. —Beckett Weaver! Por que você não me disse nada disso antes?

— Eu não sei. — Dei de ombros. — Você acabou de chegar aqui.

— Estou aqui há *horas*. — Ela trocou um olhar com Bianca, que suspirou concordando.

— Os homens não entendem as coisas importantes. Aqui, pegue isso. — Bianca enfiou a mão na bolsa e tirou um cartão de visita, entregando-o a Maddie. — E me ligue. Acho que as meninas podem se reunir amanhã à noite.

— Excelente. Muito obrigada, — disse Maddie, colocando o cartão de Bianca no bolso.

Moretti saiu de casa e desceu a escada em nossa direção. — Tudo bem. Eu tenho o que preciso. — Ele semicerrou os olhos para os arbustos crescidos e o gramado coberto de ervas daninhas que cercavam o lugar. — Você provavelmente vai querer contratar alguns paisagistas.

— Beckett disse que poderia me ajudar com isso.

Moretti sorriu para mim. — Tenho certeza que sim. Entrarei em contato no fim de semana.

— Soa bem. Muito obrigada.

— Ei, o que vocês estão fazendo esta noite? — Ele perguntou. — Estamos indo para a cidade para uns drinques com Griffin e Blair mais tarde. Quer nos encontrar?

— Nah, eu não posso. — Olhei para meu pai, que estava vindo em nossa direção da escada da varanda.

— Beckett, vá em frente, — encorajou Maddie. — Eu estarei em casa com Elliott de qualquer maneira. Posso ficar de olho nas coisas.

— Talvez outra hora. — Eu estava realmente ansioso para tomar algumas cervejas com Maddie depois que meu pai fosse para a cama. Colocando-se em dia de verdade, sem distrações.

— Como quiser. Pronta para ir? — Moretti perguntou à esposa.

— Sim. — Bianca pegou sua mão e deu um sorriso para Maddie. — Não se esqueça de me ligar.

— Eu não vou.

— Tchau, Elliott! Muito prazer em conhece-lo! Tchau, Sr. Weaver, — Bianca chamou, acenando para eles. Moretti também acenou e eles começaram a descer a calçada de cascalho.

— Ei, espere um minuto! — Meu pai gritou quando chegaram ao SUV. — Vocês estão indo na estação de trem? Eu poderia usar uma carona.

Maddie e eu trocamos um olhar e ela sorriu tristemente, tocando suavemente seu coração, como se estivesse machucado. *O meu também, pensei. Meu também.*

Capítulo Quatro



Maddie

Quando chegamos em casa, Elliott foi para o celeiro com Beckett e eu subi para o meu quarto para desfazer as malas, já que não tive tempo de fazer isso antes. Coloquei roupas íntimas, meias, shorts, jeans, camisetas, um biquíni e meu pijama nas gavetas da cômoda e pendurei alguns itens mais bonitos no armário. Não que tivesse trazido algo muito chique, alguns vestidos de verão e uma blusa branca. Abaixo deles, coloquei um par de sapatilhas, alguns chinelos e um par de sandálias Anabela. Em Ohio, eu tinha um armário cheio de roupas de grife e sapatos que raramente usava, uma penteadeira de banheiro forrada com perfumes caros, uma caixa de joias que brilhava com presentes caros de Sam que nunca compensavam sua falta de afeto real e revelava como pouco se importava em me conhecer. Eu era uma garota de jeans e tênis. Não precisava dessa merda chique. O que queria era algo que valesse mais do que dinheiro.

Uma batida na porta fechada do quarto me assustou. —Entre, — chamei.

A porta se abriu e Beckett apareceu. — Oi. Desculpe incomodá-la.

— Você nunca me incomoda. — Coloquei minhas mãos nos bolsos de trás. — E aí?

— Só estou me perguntando se frango está bom para o jantar. Isso é o que eu estava planejando fazer.

— Claro. — Me movi em direção a ele. — Me deixe ajudar. Na verdade, por que você não me deixa fazer o jantar?

— Porque você é uma convidada.

— Eu não sou uma convidada. — Golpeei de brincadeira seu peito firme. — Sou uma velha amiga que está morando com você e adoraria fazer o jantar esta noite.

— Certo, — disse ele com um encolher de ombros. — Tenho certeza de que tudo o que você fizer será melhor do que o que eu faria de qualquer maneira.

— O que você ia fazer?

— Uh, algo com frango. E talvez um pouco de macarrão.

Eu ri. — Deixe-me dar uma olhada em sua despensa e ver o que posso descobrir.

Seus olhos caíram para minha boca. — Acho que pode haver mais espargos no jardim.

— Oooh! — Esfreguei as palmas das mãos, animado com a ideia de cozinhar com ingredientes recém-retirados do chão. — Venha, vamos sair

para o jardim e ver. E vamos trazer Elliott. Talvez ele coma aspargos se escolher!

Depois de vasculhar a geladeira e a despensa de Beckett, decidi fazer frango com páprica, um dos poucos pratos que aprendi a fazer com minha mãe, que era descendente de húngaros. Apesar da relação complicada que ela e eu tínhamos, sempre gostei de cozinhar com ela. E fazer uma receita que ela aprendeu a fazer quando menina de alguma forma me fez sentir conectada a uma família extensa, embora nunca tivesse conhecido nenhuma. No jardim, Elliott ajudou a colher aspargos e rabanetes. Ele ficou encantado com a cor dos rabanetes e deu uma chance honesta, mas não gostou muito do sabor. Os aspargos, juntamos um pouco de azeite, salpicamos com um pouco de sal e pimenta e colocamos no forno para assar. Uma vez que a comida estava na mesa, nos sentamos para comer, Beckett na frente de seu pai, eu bem ao lado de Beckett e Elliott na minha frente. Eu estava tão acostumada a comer apenas com nós dois que parecia uma ocasião especial.

— Isso parece incrível, Maddie, — disse Beckett. — Muito melhor do que qualquer coisa que eu possa fazer.

— Isso é verdade, — disse seu pai.

Eu ri. — Obrigada. Eu realmente amo cozinhar e raramente cozinho para mais de dois. Uma criança de seis anos não tem um paladar muito aventureiro, então faço muitos alimentos reconfortantes.

Enquanto comíamos, conversamos mais sobre a casa e o que poderia ser feito para consertá-la.

— Bianca é tão legal, — disse. — Estou feliz que ela veio com Enzo hoje.

— Ela é legal, — ele concordou, — e ela é perfeita para ele. Mas o engraçado é que eles não conseguiram se suportar por muito tempo.

Escutei com os olhos arregalados a história de como eles se apaixonaram apenas depois de já terem se casado. — Você está falando sério? Eles se odiavam e se casaram apenas para enganar sua família para que ele pudesse herdar o negócio da construção?

— Tenho certeza de que eles contariam a história de forma diferente, mas sim, era ridículo e todos nós pensávamos que eles eram loucos. — Beckett balançou a cabeça. — Mas de alguma forma funcionou.

— Parece que sim. — Dei uma mordida no meu frango. — E Griffin é casado também?

— Ele se casou em dezembro passado.

— Alguém que eu conheço?

— Não, ela é de Nashville. Ela tem uma padaria em Bellamy Creek, é muito boa. Ela faz uma torta de maçã incrível.

—É tão bom quanto o de Betty Frankel? — Brinquei. A alegação de fama de Bellamy Creek, pelo menos de acordo com um outdoor em uma rodovia fora da cidade, era que ele ostentava a melhor torta de maçã do meio-oeste desde 1957.

—Na verdade, é. Betty Frankel se foi agora, mas Blair Dempsey está mantendo o legado vivo. A casa dela fica bem na rua principal.

—Definitivamente vou dar uma olhada. — Tomei um gole da cerveja que Beckett me trouxe. —E Cole vai se casar também, hein? Próximo fim de semana?

—Sim, no próximo sábado à noite. — Ele fez uma careta. —Eu tenho que fazer o brinde.

—Você não quer? — Perguntei surpresa.

—Não é que eu não queira. Eu simplesmente não amo falar em público. E falar sobre coisas sentimentais não é meu forte.

—Bem, Cole deve confiar que você fará tudo certo ou então ele não teria pedido a você.

—Ele não teve escolha. De volta ao colégio, acredite ou não, sorteamos nomes de quem faria o brinde nos casamentos um do outro, — disse ele com ironia. —E eu tirei Cole.

Eu ri. — Vocês são tão engraçados. E tenho cem por cento de fé em você. Você encontrará as palavras certas.

— Espero que sim. No momento, tudo o que tenho são pedaços de papel amassados com terríveis metáforas de beisebol. E eles merecem melhor. Sua noiva é a irmã de Griffin, Cheyenne, ela é professora de jardim de infância na escola primária. — Ele fez uma pausa e falou mais baixo. — Não sei se você ouviu, mas Cole perdeu sua primeira esposa, Trisha, por causa de um coágulo de sangue quando ela teve sua filha, Mariah. Ela tem nove agora.

— Oh, que horrível. — Meu coração doeu pelos namorados adolescentes de que me lembrava do colégio. — Então Cole foi um pai solteiro todo esse tempo?

Beckett acenou com a cabeça. — Ele e Mariah moraram com sua mãe até recentemente. Eles acabaram de comprar uma grande casa velha perto do riacho no início deste ano. O casamento deles será no quintal.

Suspirei. — Eu amo isso. Estou feliz por ele.

— Eu também. — Ele tomou um gole e baixou a garrafa novamente. — Cheyenne sempre foi louca por ele. Finalmente, ele percebeu. O resto de nós viu isso há muito tempo.

— Às vezes, as pessoas demoram um pouco para ver o que está bem na frente delas, — eu disse.

Beckett olhou para mim por um momento e pegou sua cerveja.

Depois do jantar, Beckett foi ajudar seu pai a se preparar para dormir. Depois de enfiar Elliott no chuveiro, lavei a louça e limpei. No momento em que Beckett voltou para a cozinha, eu estava limpando os balcões de pedra.

— Você não precisava fazer tudo isso, — disse ele. — Você é um...

— Shh, cowboy. — Dei a ele um olhar fedorento. — Não me faça ficar mal-humorada com você.

Rindo, ele ergueu as mãos em sinal de rendição. — Onde está Elliott?

— Eu o coloquei no chuveiro e disse que ele poderia passar algum tempo com o iPad se fosse rápido.

— Quer outra cerveja? — Ele perguntou, indo até a geladeira e pegando uma para si.

Hesitei, enxugando as mãos em um pano de prato.

— Vamos, é sexta-feira à noite, — ele bajulou, tirando a tampa.

Enquanto ele tomava um gole de sua cerveja, me encontrei olhando para sua boca, pensando naquele beijo novamente, me perguntando como um momento tão distante poderia parecer tão vívido.

Perturbada, desviei os olhos. — Certo. Mas deixe-me colocar Elliott na cama e tomar um banho rápido.

— Sem pressa.

No andar de cima, verifiquei como estava Elliott, ele já estava de pijama de unicórnio, jogando um jogo em seu iPad em um dos beliches superiores e entrei no chuveiro. Depois de me secar com uma toalha grossa e fofa, coloquei um short jeans e uma regata branca lisa, jogando um casaco de lã azul macio sobre os ombros. Decidindo não secar meu cabelo, já que demoraria muito, o penteei e o deixei úmido e pendurado em meus ombros. Não é como se isso fosse um encontro. Mesmo tendo raspado minhas pernas. E esfreguei a loção na minha pele. E tomei minha pílula anticoncepcional três horas antes do previsto. Mas eu não pude evitar. Há quanto tempo eu não queria me sentir bonita por alguém? Estava pensando em colocar um pouco de maquiagem quando vi meu reflexo no espelho.

Pare com isso, eu me repreendi. Você vai descer para tomar uma cerveja e conversar um pouco. Só porque você sempre teve uma queda secreta por ele, não significa que você precisa lustrar seus lábios e cílios a essa altura. Essas borboletas no estômago são ridículas.

Ainda assim, me dei uma pequena borrifada de perfume antes de desligar a luz do banheiro e entrar no quarto de Elliott. — Ei você. Hora de dormir.

— Mais cinco minutos? — Ele implorou, como sempre.

— Não. Tem sido um longo dia. E as pessoas acordam cedo em uma fazenda. Eu ouvi você dizer a Beckett que iria ajudar nas tarefas matinais.

— De sua pequena mala, tirei seu abajur de unicórnio e liguei em uma tomada perto da cama.

—Ele disse que eu posso alimentar as cabras, — disse Elliott com entusiasmo.

—Bem, então é melhor você dormir. Se você perder a chamada de despertar, outra pessoa fará isso.

Elliott me entregou seu iPad sem maiores argumentos.

—Você já escovou os dentes?

—Sim.

—Você está mentindo para mim?

—Não. Sinta meu hálito. — Ele se inclinou sobre a grade do beliche e soprou ar em mim.

—Bom o bastante. — Peguei o carregador de sua mochila e conectei o iPad. —Eu te amo e te vejo de manhã.

—Eu também te amo. — Ele me soprou um beijo. — Boa noite.

—Boa noite. — Soprei um beijo de volta.

Deixando a porta de seu quarto aberta, me dirigi para as escadas descalça, mas a curiosidade levou a melhor sobre mim quando passei pela porta aberta do quarto de Beckett. Empurrando a porta totalmente aberta, entrei e olhei ao redor. Com a luz do corredor acesa atrás de mim, observei a cama king-size feita, mas com as cobertas amarrotadas, como se tivesse sido feita rapidamente, ou talvez no escuro, a cômoda e o espelho, a mesa de cabeceira e a luminária.

Na cômoda havia algumas fotos emolduradas, e não pude resistir a olhar mais de perto. Fui na ponta dos pés mais fundo no quarto e peguei uma. Era uma foto de família tirada na nossa formatura do ensino médio. Beckett ficou com seu pai de um lado e suas duas irmãs do outro. Todo mundo estava sorrindo amplamente, e o azul profundo de nossas vestes de formatura realçava a cor dos olhos de Beckett. De repente me lembrei de tirar a foto, usando uma câmera que pertencia a uma de suas irmãs. Eu também posara para uma foto com Beckett naquele dia. Mais tarde, ele me deu uma cópia, e eu a mantive em um quadro de avisos no meu dormitório de calouros. Ele tinha se perdido em um movimento ou outro, eu me perguntei se Beckett ainda tinha uma cópia.

Recolocando aquela moldura na cômoda, peguei outra. Esta foto era de Beckett e uma adorável garotinha de cabelos escuros de cerca de quatro anos que estava montando em suas costas, os braços em volta do pescoço em um aperto mortal. Ela tinha sua bochecha pressionada contra a dele, e os dois estavam sorrindo. Achei que deveria ser uma de suas sobrinhas, talvez até aquela que gostava de unicórnios. A última foto era de Beckett, Enzo, Griffin e Cole, usando sorrisos enormes, bonés e camisetas sujas de beisebol que diziam Bellamy Creek Bulldogs na frente. Parecia bastante recente. Sorrindo, eu o coloco no lugar. Havia algo tão reconfortante em saber que sua amizade havia durado. Isso falava muito sobre seu caráter. Com um último olhar para aquela cama grande, ele sempre dormia sozinho? Experimentei uma pontada aguda de ciúme por qualquer mulher que passou a noite com ele, escapei do quarto e desci correndo as escadas

descalça. Beckett estava sentado no meio de um sofá olhando para seu telefone, mas ele se levantou quando me viu.

—Sente-se, — disse ele, mantendo a voz baixa. O sol tinha se posto e apenas uma lâmpada estava acesa, tornando a sala aconchegante e íntima, apesar de seu tamanho. — Vou pegar uma cerveja para você.

—Eu posso pegar. — Fui para a cozinha, onde tirei uma cerveja da geladeira. Depois de jogar a tampa no lixo, voltei para a sala grande. Resumidamente, me perguntei se deveria escolher o sofá em frente a ele, mas como tínhamos que ficar um pouco quietos para não acordar ninguém, decidi me juntar a ele. Afundei no canto, colocando meus pés embaixo de mim.

—Saúde, — disse, segurando minha cerveja.

Beckett ergueu os olhos das minhas pernas e tocou sua garrafa na minha. —Saúde.

Nós dois tomamos um gole. As janelas estavam abertas, deixando entrar os sons de uma noite no campo, sem tráfego, sem sirenes, sem vizinhos tocando música em seus pátios, apenas o chilrear dos grilos e o zumbido dos insetos juninos. Uma brisa suave e quente trouxe o perfume dos campos. Respirei fundo e soltei o ar.

—Elliott está na cama? — Beckett perguntou calmamente.

—Sim, e ele quer se levantar a tempo de ajudar na alimentação das cabras pela manhã, então eu disse a ele para ir dormir direito.

Beckett riu. — Parece bom, mas isso vai ser cedo.

—Quão cedo?

—Normalmente, pouco depois das cinco.

Meus olhos se arregalaram. —Aqui eu pensei que as manhãs de escola eram ruins.

—Eh, você se acostuma. E eu vou te dizer uma coisa, eu prefiro acordar às cinco e ir para fora do que entrar em um carro e ir para um escritório.

Balancei a cabeça, tomando outro gole. —Conte-me sobre como você decidiu deixar Nova York.

Mantendo a voz baixa, ele me contou sobre como estava ganhando mais dinheiro do que jamais imaginou ser possível, mas nunca sentiu que se encaixava ali. Ele odiava a cultura corporativa e odiava a avareza da qual ela se alimentava. Enquanto os caras que ele trabalhou compraram apartamentos luxuosos, barcos e Porsches, ele apenas continuou investindo seu dinheiro, mandando para casa ou economizando.

—Fiquei naquele mesmo apartamento de merda que você viu quando veio para Nova York, — ele me disse.

—Não era uma merda, era apenas pequeno. Mas eu estava grata por ter um lugar para ficar e um ombro para chorar. E para que conste, você poderia ter compartilhado a cama comigo. Você não precisava dormir no chão.

Ele deu uma risadinha. —Sim eu precisava.

— Beckett, eu disse a você então e vou dizer de novo agora, eu confio em você. Eu sempre vou confiar em você.

Ele não disse nada por um momento, então ele virou sua cerveja, terminando. — Eu vou ter mais uma. Você?

Segurei minha garrafa, que ainda estava pela metade. — Eu estou bem.

Quando ele voltou, ele se sentou um pouco mais longe de mim no sofá, e tentei não ficar desapontada. — Então, o que fez você finalmente voltar para cá?

— Meu pai, na verdade.

Quando terminei minha cerveja, ouvi-o me contar sobre o declínio da saúde de seu pai e como ele percebeu que não era mais suficiente mandar cheques para casa.

— Minhas irmãs me disseram que ele estava pensando em vender o rancho porque simplesmente não conseguia administrá-lo sozinho, — disse ele. — Foi quando percebi, eu estava no lugar errado. Nova York nunca se pareceria com casa. Dei o aviso e voltei para cá dentro de um mês.

— Sem arrependimentos?

Ele parecia pensar nisso com cuidado. — Eu olho para trás às vezes. Mas não em Nova York ou naquela vida, com algum arrependimento.

— O que você olha para trás e se arrepende?

Ele olhou para minhas pernas novamente. — Nada. Posso pegar outra cerveja para você agora?

Olhei para a garrafa vazia em minha mão. — Claro, por que não? Mas me corte depois disso. Três é meu limite, mesmo em uma noite de sexta-feira.

Ele colocou a garrafa na mesa de centro e saiu da sala. Quando ele voltou, ele me entregou uma cerveja e sentou-se um pouco mais perto desta vez. Ele cheirava tão bem. Meu pulso disparou e tentei ignorar tomando um gole. O que diabos havia de errado com todas as mulheres solteiras por aqui? Por que elas não estavam batendo na porta, usando perfume e suas belas roupas de baixo por baixo das saias curtas, trazendo caçarolas e tortas de maçã? Seria estranho perguntar por que ele ainda estava solteiro? Depois de duas cervejas, me senti corajosa o suficiente para fazer isso.

— Estou curiosa, — disse, colocando uma mecha de cabelo úmido atrás da orelha. — Todos os seus amigos vão se casar. Você já pensou sobre isso?

Ele encolheu os ombros. — Na verdade não.

— Por quê?

— Neste ponto, eu tenho tudo que posso fazer para administrar o rancho e cuidar do meu pai. Namorar alguém seria difícil. — Ele pensou por um momento antes de continuar. — E eu tenho. . . lutado com relacionamentos sérios.

— Por quê?

Ele hesitou. — Eu simplesmente não acho que ter uma namorada é uma coisa fácil de equilibrar com meus objetivos. Outras coisas eram mais importantes para mim. E ela nunca gostou de ouvir isso.

— Então havia *alguém*. — Inclinei minha cabeça e sorri, embora o ciúme queimasse em meu intestino. — Quem era ela?

Ele exalou e tomou um gole. — O nome dela era Caroline.

— Como ela era?

— Inteligente. Impulsionada. Bem-sucedida.

A odiei um pouco. — O que ela fazia?

— Ela era produtora da NBC.

— Bonita?

Ele empurrou um ombro largo. — Sim. Ela era bonita.

— O que ela parecia?

— Ela era alta e loira.

Claro que ela era, caramba. Tomei um gole da minha cerveja para dissipar o ressentimento. Não que eu esperasse que ele namorasse um gremlin horrível, mas ele teve que descrever exatamente o oposto de mim? — Por que você terminou?

— Que vez?

Eu sorri. — A última vez.

— Eu anunciei que estava voltando para cá.

— Ela não queria vir com você?

— Eu não perguntei a ela.

— Oh. — Me sinto melhor. Mais malvada, mas melhor. — Por que não?

Ele não respondeu de imediato, apenas estudou a garrafa em suas mãos. — As coisas conosco sempre foram temporárias. Ela não teria ficado até o fim.

— Como você sabe?

— Porque ninguém nunca faz.

Meu instinto era discutir com ele, ficar do lado das almas gêmeas e do amor verdadeiro. Mas tudo em que conseguia pensar era no meu próprio casamento fracassado. E os avisos de minha mãe. E até mesmo a mãe de Beckett abandonando sua família. Eu queria acreditar no felizes para sempre, mas que evidência eu realmente tinha de que ele existia? Que não foi apenas uma sorte cega para uns poucos afortunados?

— Mas Caroline e eu brigamos muito antes disso, — continuou Beckett.

— Ela sempre me criticou por ser tão fechado. Ela alegou que nunca poderia dizer como eu me sentia. E ela disse que nunca priorizei a ela ou a nós em relação ao trabalho. — Ele encolheu os ombros. — O que era verdade. Eu não fiz.

— Beckett, — repreendi levemente.

— O que? Eu deveria ter mentido? Fingir sentir algo que não senti? — Ele perguntou, um pouco irritado. — É por isso que eu não faço

relacionamentos. Eu não quero ter que explicar meus sentimentos constantemente. E eu não quero mentir.

— Não. Eu não quis dizer isso. — Suspirei, balançando minha cabeça. — É bom que você seja honesto. Sam me contou um monte de besteiras sobre o quanto ele valorizava a família para me fazer casar com ele e me mudar para Ohio. Acontece que seu trabalho sempre foi mais importante. Além disso, sua academia, seu cabelo e sua vida amorosa extracurricular.

A mandíbula de Beckett cerrou e ele virou sua cerveja.

— Mas eu finalmente me liberei dele e fiz uma promessa solene para mim mesma, chega de idiotas. — Pausei. — Mesmo que pareça ser o único tipo de cara que eu atraio.

Beckett abriu sua boca, e então a fechou. Tomou outro gole.

— O que? Diga!

— Não é nada.

Eu dei a ele um olhar plano. — Beckett. Nós nos conhecemos há muito tempo para isso.

— Eu estava pensando que esse é o único tipo de cara que você escolheu.

Meus ombros caíram. — Você tem razão. Meu histórico é uma merda.

Beckett exalou, beliscando a ponte de seu nariz. — Porra, Maddie. Eu sinto muito. Eu não deveria ter dito isso.

— Está bem. É a verdade.

Ele fez uma pausa. — Posso te perguntar uma coisa?

— Vá em frente.

Ele me olhou atentamente. — Por que você sempre escolheu idiotas? Você poderia ter qualquer um.

O calor percorreu meu rosto e olhei para meu colo. — Eu não sei sobre isso.

— Eu faço.

Engolindo em seco, encontrei seus olhos novamente. Eles eram tão azuis, suaves e curiosos. Eu queria derramar minhas entranhas para ele, dizer a ele todas as coisas que não me permitia dizer naquela época. Mas não consegui. Mesmo depois de todo esse tempo, simplesmente não conseguia.

— Não sei por que escolhi idiotas, — menti. — Acho que eu era apenas jovem e estúpida.

— Você nunca foi estúpida, Maddie. Você foi a pessoa mais inteligente que conheci. É por isso que sempre me perguntei.

Sua voz profunda e baixa fez as borboletas no meu estômago girarem, girarem e baterem umas nas outras. *Vá para casa, borboletas, pensei. Você está bêbada.*

Peguei o rótulo da minha garrafa de cerveja. — Sabe, você me fez essa pergunta uma vez.

— Eu fiz?

—Sim. Foi antes do baile, e você me perguntou por que eu estava com Jason. Estávamos aqui estudando, mas eu estava chateada, então saímos. — Eu olhei para ele. — Você lembra?

Ele engoliu em seco. — Sim.

— Você me beijou naquele dia, — soltei.

Seus olhos seguraram os meus, mas ele não disse nada.

— Nós nunca conversamos sobre isso.

— O que havia para falar? Você tinha um namorado. Eu não deveria ter feito isso.

— Talvez não, mas eu estava feliz que você fez.

Ele me olhou como se não acreditasse. — Por que?

— Porque me fez sentir bem. — Consegui sorrir, embora minha garganta estivesse apertada. — Mesmo que você só tenha feito isso porque sente pena de mim.

— Você acha que eu fiz isso porque senti pena de você?

— Bem. . . sim. — Me senti confusa. — Não foi esse o motivo?

— Oh não. Não foi esse o motivo. — Ele riu um pouco e balançou a cabeça.

— Como eu deveria saber o motivo? Você nunca disse nada!

— Eu acho que estava esperando que aquele beijo tivesse um efeito diferente em você, — ele disse ironicamente.

— Como o quê?

— Como se talvez você percebesse que seu namorado era um idiota de merda e, em vez disso, iria ao baile comigo.

Eu o encarei. — Beckett. Você não me perguntou.

— Eu não poderia, você tinha um namorado. — Balançando a cabeça, ele tomou outro gole. — De qualquer forma, não importa agora.

— Eu acho que não. — Mas de alguma forma parecia que sim. Peguei o rótulo da garrafa novamente. — Quem você acabou convidando?

— Uh. . . — Ele precisava pensar. — Katie Keaton. Porque você me disse.

— Eu fiz?

Ele assentiu. — Tenho certeza de que foi ideia sua.

— Você se divertiu?

— Sim. Ela não ficou muito feliz quando eu disse que estava saindo para te levar para casa. Mas estava tudo bem.

Lembrei-me de como Beckett me acompanhou até a porta, eu estava uma bagunça aos soluços e me certifiquei de que entrei bem, nunca colocando um dedo em mim. Nem mesmo um abraço. — Bem, ótimo. Estou feliz que um de nós teve uma boa noite romântica.

— Eu não disse que era romântico.

— Quer dizer que você não teve sorte?

Ele fez um barulho no fundo da garganta. — Não tive esse tipo de sorte até a faculdade. Eu fui o único dos meus amigos que esperou tanto tempo.

— Eu amo isso. Isso mostra que realmente significava algo para você.

Isso o fez rir.

— Não foi significativo?

— Foi muito rápido para ser significativo. Ela era mais experiente e eu não tinha ideia do que estava fazendo.

— Vamos lá, não poderia ter sido tão ruim.

— Oh. Foi, — ele me assegurou. — Foi tão ruim que ela ficou com pena de mim e se ofereceu para me dar algumas dicas sobre o que as meninas gostam.

Meu queixo caiu. — Seriamente?

— Sim. Foi uma grande educação.

Tentei imaginar o que ele poderia ter aprendido e imediatamente imaginei sua cabeça entre minhas coxas, bem aqui no sofá. O calor varreu meu peito e costas, e o desejo vibrou em meu núcleo. Com calor e tonta, tive que pousar minha garrafa de cerveja e tirar meu cardigã.

Beckett me observou colocar meu suéter de lado. — E você?

— E quanto a mim? — Peguei minha cerveja novamente e tomei um gole, desesperada por algo para me refrescar.

— Quem foi o seu primeiro?

Estremeci, infeliz com a memória. —Jason. Ele estava sempre me pressionando, e um dia eu simplesmente desisti. Não foi romântico. Ou bom.

— Isso me faz querer chutar a bunda dele de novo.

Eu sorri para ele. —Se eu pudesse voltar, faria tudo diferente.

— Você iria?

—Sim. — Terminei minha cerveja e estudei a garrafa em minhas mãos.

—Eu dormi com Jason porque estava procurando por algo que me parecesse amor. Eu não tinha a coisa real.

— Você poderia, — ele disse calmamente.

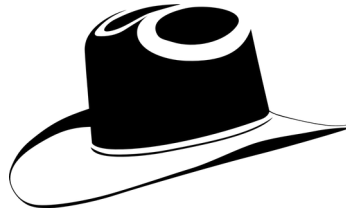
Minha respiração ficou presa e eu olhei para ele. —O que?

—Nada. — Suas bochechas coraram e ele se levantou. —Está tarde. Eu deveria...

Nesse momento, uma porta se abriu e o Sr. Weaver apareceu de pijama.

—Algun de vocês viu Cynthia Mae?

Capítulo Cinco



Beckett

—Ela não está aqui, pai, — disse com firmeza, surpreso com a forma como minha voz soou. Minhas entranhas pareciam como se estivesse em um cavalo em fuga.

—Mas eu estava com ela esta tarde. Agora eu não consigo encontrá-la.

Eu bebi o resto da minha cerveja e coloquei a garrafa na mesa de café. — Vamos, é tarde. Volte para a cama.

—Mas ela ligou? — Ele persistiu enquanto eu caminhava em sua direção.

—Hoje não, — disse verdadeiramente.

Na verdade, a porra da verdade era que ela não ligava há trinta e dois anos.

—Não deveríamos pelo menos verificar aquela coisa da secretária eletrônica? — Ele perguntou.

— Eu já verifiquei. — Colocando minhas mãos nos ombros do meu pai, o virei em direção ao seu quarto. — Sem mensagens.

Eu nem sequer olhei para Maddie enquanto conduzia meu pai pela porta do quarto. Mas senti seus olhos em mim.

DiMaggio, aninhado em sua cama de cachorro no canto do quarto, levantou a cabeça quando entramos. — Volte a dormir, garoto, — disse a ele.

Mandei meu pai ao banheiro para se proteger contra um acidente noturno e, enquanto esperava por ele, me repreendi por todas as merdas que acabei de dizer a Maddie. Qual era o objetivo de descobrir o que eu sentia por ela naquela época? Ou perguntando por que ela gostava de idiotas? Eu estava tentando puni-la? O que eu esperava que ela dissesse sobre isso agora?

Talvez fosse o álcool. Falar sobre meus sentimentos não era algo que eu normalmente fazia, era algo que evitava. Mas Maddie era tão fácil de conversar, e mesmo que eu nunca admitisse, a vida aqui poderia ser solitária. De qualquer forma, não tinha certeza do que diabos estava acontecendo comigo esta noite, mas assim que acomodar meu pai, eu precisava dizer boa noite e ir para o andar de cima antes que dissesse algo que me arrependeria seriamente pela manhã. Ou pior, colocar minhas mãos sobre ela.

Suprimi um gemido, pensando em suas pernas nuas, o cheiro de seu perfume, a maneira como ela tirou o suéter dos ombros. Um vislumbre de seu decote naquela pequena blusa branca e eu quase perdi minha cabeça e

disse para não parar por aí. Cristo, eu era um idiota. Tudo o que ela queria era que fosse um amigo para ela. Nenhum outro idiota que queria tirar suas roupas. Pelo amor de Deus, ela tinha acabado de se divorciar. Seu filho estava lá em cima. Ela estava aqui porque confiava em mim.

Meu pai saiu do banheiro e o coloquei de volta na cama, feliz quando ele não lutou comigo. —Vejo você de manhã, — disse, fechando a porta do quarto atrás de mim.

Maddie não estava mais no sofá, e pensei que talvez ela já tivesse subido. Mas a encontrei na cozinha, em pé na pia enxaguando nossas garrafas de cerveja vazias.

— Tem uma lixeira reciclável? — Ela perguntou.

— Na garagem. Eu cuidarei disso. Você pode ir para a cama. — Peguei as garrafas vazias dela e entrei na garagem, jogando cada garrafa na lixeira com um estrépito. Mas quando voltei para a cozinha, ela ainda estava lá, encostada na pia, as mãos apoiadas na borda do balcão.

— Seu pai está bem? — Ela perguntou.

— Ele está bem. Ele às vezes tem problemas para dormir.

— Quem é Cynthia Mae? — Sua voz estava baixa. — Aquela era sua mãe?

— Sim.

— Ele... ele faz isso frequentemente? Pergunta onde ela está?

— Ultimamente ele faz.

— E ela se foi há quanto tempo?

— Trinta e dois anos.

A boca dela baixou. — Isso é difícil.

Recostando-me no balcão, cruzei os braços sobre o peito. — O estranho é que ele nunca falou sobre ela quando eu estava crescendo. Então, ouvir o nome dela agora é meio chocante.

Ela se aproximou e ficou ao meu lado, então estávamos quadril com quadril. — Você lembra dela?

— Não. — Hesitei. — Às vezes acho que sim, mas eu era tão jovem que não é provável. Eu só vi fotos.

— Por que ela foi embora?

— Não sei ao certo. Nunca conversamos sobre isso. — Pausei. — Ela não era daqui, ela trabalhava para uma incorporadora de fora do estado que estava construindo condomínios na praia. Talvez ela pensasse que a vida em um rancho seria algo diferente do que era. Algo mais fácil.

— Isso pode ser verdade.

— Ou talvez ela simplesmente se levantou e mudou de ideia sobre ter uma família. Talvez ela se apaixonou por outra pessoa e fugiu com ele. — Dei de ombros. — Quem sabe?

Ela esfregou minhas costas. — Eu sinto muito.

— Está bem. Foi há muito tempo. E ela é apenas uma das coisas de sua memória de longo prazo se intrometendo em sua memória de curto prazo.

É como se ele estivesse tentando preencher as lacunas em sua mente, e o passado é o único material que ele possui.

— Às vezes o passado é tão real, não acha? Quer dizer, estar de volta aqui está me fazendo sentir com dezessete anos novamente. As memórias são tão vivas. As emoções tão próximas à superfície.

Porra, me diga sobre isso.

Ela olhou para mim, sua mão ainda na minha omoplata. — Ele tem sorte de ter você.

Já que eu estava prestes a enlouquecer e beijá-la, decidi que era hora de dizer boa noite. — Bem, é tarde. Eu vou me deitar.

— O mesmo, — disse ela, abafando um bocejo.

— Vá lá em cima. Vou desligar todas as luzes e garantir que a casa esteja trancada. — Mantive meus braços cruzados sobre o peito, os punhos cerrados sob meu bíceps, rezando para que ela não me abraçasse.

— Certo. Boa noite, Beckett.

— Boa noite. — Prendi a respiração até ouvir seus passos na escada e depois exalei.

Jesus. As próximas duas semanas seriam uma tortura. Como era possível que quinze anos se passaram e eu ainda lutava para respirar normalmente quando ela estava na sala?

Depois de me certificar de que todas as portas estavam trancadas, apaguei as luzes da cozinha e entrei na sala grande. A lâmpada ainda

estava acesa, e notei que o suéter azul claro de Maddie ainda estava no sofá. Eu peguei. Era leve e macio, e por um momento, apenas fiquei lá com ele em minhas mãos. Então levantei para o meu rosto, inalando profundamente. O cheiro de seu perfume enviou calor irradiando minha espinha. Um barulho vindo da direção da escada me fez virar, e minha adrenalina disparou. Foda-se, ela estava lá? Ela tinha me visto cheirando suas roupas como um idiota?

Meu coração batia forte enquanto meus olhos procuravam freneticamente no escuro, mas estava sozinho. Soltando um suspiro de alívio, coloquei o suéter sobre o braço do sofá, apaguei a lâmpada e subi as escadas no escuro. A porta de Maddie estava fechada e a luz apagada. *Graças a Deus.*

Dentro do meu quarto, me preparei para dormir e me enfiei entre os lençóis. Normalmente não tinha problemas para adormecer, mas esta noite, deitei de costas por um tempo, olhando para o teto. Se eu fosse outro tipo de cara, um cara como Moretti talvez, ou mesmo Griffin eu poderia ter ganhado confiança para beijá-la esta noite. Flertar com ela. Tocá-la. Talvez até a convidar para o meu quarto. Mas não era eu.

Eu nunca fui um jogador ou um mulherengo. Nunca persegui ninguém. Gostava de sexo tanto quanto qualquer pessoa, mas não tinha problema em dizer não, especialmente se suspeitava que o encontro viria com expectativas. Como Caroline gostava de apontar, eu era um namorado de merda. *Você nunca me colocou em primeiro lugar. Você está distante e desapegado. Você não dá nada emocionalmente.*

Mas eu não podia oferecer o que não sentia. Seria diferente com Maddie? Eu não tinha ideia, mas Deus, eu a queria. Pensei em sua pele macia e no cheiro de seu suéter e na forma como aqueles lábios carnudos se moviam em meu peito. Pensei em minhas mãos em seus cabelos, minha língua em sua boca, facilitando meu pau grosso e duro dentro de seu corpo. Eu imaginei a maneira como ela se moveria, o som de sua respiração, a maneira como aqueles olhos verdes estourariam se eu dissesse todas as coisas sujas que estava pensando. Ou apenas fazer.

Gemendo por dentro, me levantei e me certifiquei de que minha porta estava totalmente fechada. Então voltei para a cama, joguei as cobertas de lado e enfiei a mão na minha cueca boxer. Peguei meu pau. Acariciado uma vez. Duas vezes. Três vezes. Imaginei-a no sofá. Seus ombros. Suas mãos envolveram a garrafa de cerveja. Suas pernas nuas. Se estivéssemos sozinhos em casa esta noite, eu teria tirado aquele shortinho. Enterrei meu rosto entre suas coxas. Fodido ela com minha língua. Então a teria pegado e carregado para as escadas. Talvez nem mesmo tivéssemos chegado ao quarto. Talvez a tivesse levado ali mesmo nos degraus, suas costas contra a parede, suas pernas em volta de mim, meu pau dentro dela uma e outra vez.

E ela queria. Ela me queria. Enquanto eu movia minha mão para cima e para baixo em minha carne dura e quente, imaginei palavras escorrendo de seus lábios para a escuridão. *Sim. Agora. Mais duro. Foda-me. Não pare. Nunca soube que poderia ser assim. . . Seu pau está tão profundo, você me faz sentir tão bem. . . Você vai me fazer gozar... tão perto, tão perto, tão perto...*

O calor pulsante estourou dentro de mim, liberando a tensão em rajadas curtas e rítmicas de calor escorregadio por todo o meu punho e estômago. Lutando para ficar em silêncio, cerrei minha mandíbula e fodi minha mão, desejando que fosse ela, com raiva que não era e provavelmente nunca seria. Por que eu tenho que querê-la tanto? Depois, eu deitei, respirando com dificuldade, o coração batendo forte. Um momento depois, levantei e fui ao banheiro. Enquanto me limpava, a raiva desapareceu e não pude deixar de me sentir um pouco culpado pelo que fiz. Ela sempre foi minha fantasia favorita, mas parecia errado me entregar a ela enquanto ela estava na minha casa. Mas achei que era uma ideia melhor do que arriscar nossa amizade fazendo um movimento impulsivo do qual me arrependo.

Voltando ao quarto, abri parcialmente a porta, escutei por um momento e não ouvi nada. Do outro lado do corredor, a porta de Maddie estava fechada e fiquei lá por alguns segundos, olhando para ela. Ela alguma vez se tocou à noite? Em quem ela pensou? Já fui eu? Se eu tivesse batido suavemente na porta do quarto dela hoje à noite, em vez de resolver o problema com minhas próprias mãos, ela teria me recebido ou me dispensado? Talvez fosse melhor não saber.

Na manhã seguinte, eu estava um pouco grogue ao me vestir. Quando saí do meu quarto, a porta de Maddie ainda estava fechada, assim como a

de Elliott. Mal eram cinco e meia, e eu não queria acordá-los, então mantive meus passos quietos na escada. Era possível que Elliott tivesse decidido que acordar cedo era muito brutal e escolhido dormir até tarde, eu não o culpo. Na idade dele, eu também não gostava de levantar antes do nascer do sol. É por isso que fiquei chocada ao ver Maddie e Elliott já acordados e vestidos e esperando por mim na cozinha.

— Bom dia, — disse Maddie suavemente, dando-me um sorriso que fez meu peito apertar. Ela estava sentada na ilha da cozinha com uma xícara de café nas mãos e usava uma blusa verde que combinava com seus olhos. — Posso pegar uma xícara de café para você? Eu fiz um pote inteiro.

— Bom dia. Eu pego, obrigado. — Com a imagem de transar com ela na escada na minha cabeça, fui até o armário e peguei uma caneca. Depois de enchê-la, respirei fundo e me virei. — Vocês dois acordaram cedo.

— Elliott estava tão animado que não conseguia dormir. — Maddie riu, inclinando-se para bagunçar seus cachos. — Ele entrou no meu quarto antes das quatro e perguntou se já era hora de levantar. Tive que colocá-lo de volta na cama.

Elliott sorriu timidamente e tomou um gole de seu suco de laranja.

Eu ri também. — Nem eu saio lá tão cedo.

— A que horas seu pai acorda? — Maddie perguntou.

— Normalmente eu o levanto quando volto das tarefas matinais. Mas às vezes ele sai mais cedo, o que é bom, desde que ele não tente usar o fogão.

A última vez que ele fez isso, ele esqueceu que havia colocado ovos na frigideira. — Eu balancei minha cabeça. — Não foi bom.

— Você já pensou sobre aqueles assessórios de segurança? Embora ele seja útil, então ele provavelmente descobriria como removê-los. — Ela apertou os lábios. — É difícil, não é? Ele é um adulto, mas você precisa se preocupar com ele como faria com uma criança. No entanto, você não pode tratá-lo dessa forma, porque ele ainda tem funções cognitivas suficientes que provavelmente é incrivelmente frustrante e irritante para ele.

— Sim. — Tomei outro gole de café quente, não que a cafeína fosse ajudar a acalmar meu coração acelerado. — É exatamente isso.

Suas sobrancelhas se franziram. — Por que você não leva Elliott para ajudá-lo com as tarefas e eu vou ficar aqui e preparar o café da manhã? Assim, se ele acordar e sair andando, estarei aqui para me certificar de que ele está bem.

— Isso seria ótimo, mas eu não quero que você sinta que precisa ser babá dele. — Eu hesitei. — É provável que ele tenha esquecido seu nome e o que você está fazendo aqui. Ele pode ficar irritado com você.

Ela acenou com a mão no ar. — Escute, provavelmente sou uma inútil no trabalho agrícola, mas sei cozinhar e falar com as pessoas.

— Certo. Vamos tentar. Se ele lhe causar algum problema, basta servir-lhe um pouco de café e uma tigela de cereal.

— Cereal? — Sua cabeça caiu para trás enquanto ela ria.

—Sim. Ele ama isso. Eu não o deixo comer com frequência, porque é apenas uma tigela cheia de açúcar, mas o distrai em uma pitada.

—Entendi. Mas acho que ficaremos bem.

Poucos minutos depois, Elliott e eu saímos. Ele usou as botas rosa novamente hoje, com jeans e um moletom cinza. A presilha de unicórnio que eu notei ontem estava presa em seu cabelo novamente. Eu me perguntei se as crianças zombavam dele por gostar de coisas ‘femininas’ como unicórnios e a cor rosa. Ontem Maddie tinha mencionado que queria que ele crescesse sem medo de ser ele mesmo, isso significava que ele já havia sido submetido a comentários maldosos ou xingamentos? Olhei para o garotinho caminhando ao meu lado, tão animado para ajudar e passar um tempo cuidando dos animais, e senti uma onda de proteção.

—Vamos, — disse, cutucando seu ombro. —Podemos começar alimentando as cabras.

Terminadas as tarefas da manhã, voltamos para dentro de casa, onde o aroma de cebola refogada me deu água na boca. Na cozinha, Maddie estava puxando uma grande frigideira de ferro cheia de ovos do forno. Meu pai estava sentado à mesa de pijama e robe, o cabelo bagunçado. Mas ele parecia estar gostando de sua xícara de café e não vi nenhum sinal do cereal.

—Uau, — disse, enquanto Maddie colocava a frigideira em cima do fogão. —O que é isso?

— Nada extravagante, — disse Maddie. — Ovos assados com verduras e cebolas caramelizadas. Vocês foram rápidos lá fora.

— Foi rápido porque Elliott foi muito útil. — Sorri para o filho dela. — Ele é muito bom com os animais.

— As cabras são minhas favoritas, — disse Elliott, que havia deixado suas botas sujas no banheiro ao lado da minha e estava radiante em suas meias. Ele se abraçou. — Elas são tão fofinhas.

— Suba bem rápido e lave o rosto e as mãos, — disse Maddie enquanto polvilhava os ovos com queijo parmesão, — e você pode me contar tudo sobre isso.

Esfreguei minhas mãos na pia e servi outra xícara de café antes de me sentar em frente ao meu pai. A mesa estava posta para quatro, com guardanapos de verdade, não apenas toalhas de papel. Um prato cheio de torradas e uma tigela cheia de fatias de maçã verde estavam fora, assim como uma jarra de suco de laranja. — Bom dia pai.

— Bom dia. — Ele olhou para Maddie na cozinha e falou conspiratoriamente. — Aquela senhora estava aqui quando acordei.

— Essa é Maddie Blake, lembra? Ela chegou ontem. Ela vai ficar conosco algumas semanas.

— Ela parece legal, — disse ele. — E ela me lembra alguém.

— Oh sim? — Eu levantei minha xícara. — Quem?

—Não tenho certeza. Talvez chegue até mim. — Ele encolheu os ombros. — Ela disse que me levaria para a cidade hoje.

—O que você precisa na cidade?

—Para cortar o cabelo, — disse ele, enquanto Maddie colocava um descanso de panela na mesa e a frigideira de ferro em cima dela.

Em vez de lembrá-lo que ele tinha acabado de cortar o cabelo ontem, optei por seguir em frente, lembrando como seu médico me disse que tentar acertar as contas o tempo todo só levava à raiva e frustração para nós dois. — Isso parece incrível, Maddie. Obrigado por fazer o café da manhã. Normalmente não comemos tão bem pela manhã, não é, pai?

Mas meu pai estava estudando Elliott, que se sentou na cadeira ao lado dele. — Quem é você?

—Eu sou Elliott, — disse ele, pegando um pedaço de torrada.

Falei alto e claramente. — Elliott é filho de Maddie.

—Oh. — Ele estudou Elliott por um momento. — Você vai ficar aqui também?

—Sim, — respondeu Elliott.

—Bem, ótimo. Isso é bom. — Meu pai acenou com a cabeça satisfeito. — Você vai gostar daqui. Às vezes, eles não deixam você sair quando você pede, mas principalmente as pessoas são legais.

—Obrigado, — eu disse secamente, tomando outro gole de café. Maddie riu baixinho ao meu lado, colocando a mão no meu joelho. Ela só deixou lá

por um segundo, mas meu corpo reagiu como se ela tivesse aberto o zíper do meu jeans por baixo da mesa.

— Eu disse a seu pai que o levaria para a cidade mais tarde, — disse ela, servindo alguns ovos a Elliott.

— Viu? — Meu pai disse, apontando para ela como se eu o tivesse acusado de mentir sobre sua oferta.

— Tudo bem, contanto que não seja muito problema. — Me mexi na cadeira, tentando ajustar a virilha do meu jeans, que tinha ficado quente e apertado.

Ela sorriu ao entregar a espátula ao papai. — Não é.

— Beckett disse que me levaria para dar uma volta em um carro quatro por quatro, — disse Elliott com entusiasmo. — Ele tem que ir verificar as cercas e disse que eu posso ir e talvez até dirigir.

— Se estiver tudo bem com sua mãe, — disse rapidamente.

— Está bem. — Maddie colocou algumas maçãs no prato de Elliott. — Mas você tem que terminar todo o seu café da manhã.

— E ele disse que pode me ensinar a rebater home runs hoje!

Rindo, Maddie se sentou e pegou o garfo. — Isso é muito em um dia.

— Recebo ajuda esta tarde, então devo terminar o que preciso por volta das três, — expliquei, servindo-me alguns ovos. — E então pensei em levar Elliott para o campo para um pouco de treino de rebatidas.

— Isso parece ótimo. Ele vai adorar.

—Pai, você pode ir também, se quiser, — ofereci. —Nós podemos ir depois de sua soneca.

—Certo. — Então ele se inclinou na direção de Elliott. —Isso é outra coisa. Eles fazem você cochilar aqui.

—Eu odeio cochilos, — disse Elliott.

Maddie deu a seu filho um olhar penetrante. —É o bastante. Coma.

Durante a refeição, Elliott tagarelou sobre alimentar os animais e recolher ovos, meu pai interrompeu com histórias sobre beisebol e Maddie ouviu os dois com atenção. Ela também repetiu seu nome para meu pai pelo menos três vezes, mas nunca com um traço de impaciência.

Quanto a mim, fiquei em silêncio na maior parte do tempo. Muitas vezes ficava quieto no meio da multidão, não porque estava entediado ou desatento, mas porque nunca senti a necessidade de me ouvir falar e aprendi muito sobre as outras pessoas observando-as. Por exemplo, poderia dizer que Maddie era uma mãe amorosa e brincalhona que sempre manteve seu senso de humor enquanto ainda era firme sobre as regras. Eu poderia dizer que ela criou uma criança educada, sensível e curiosa. Poderia dizer que meu pai se sentia confortável com eles e queria impressioná-los também. Ele exibiu sua captura de Willie Mays, bem como a vez em que atingiu um grand slam para ganhar o torneio estadual em seu último ano do ensino médio. (Pelo menos aquele era verdade.)

—Isso me lembra, — papai continuou olhando para Maddie. —Você acha que pode me dar uma carona até a estação de trem hoje?

—Eu acho que talvez possamos encaixar isso, — ela disse amigavelmente. —Mas eu definitivamente preciso que você me mostre a cidade primeiro. Já se passou muito tempo desde que fiz compras em Bellamy Creek. Eu não saberei onde está alguma coisa.

Meu pai parecia satisfeito. —Eu posso fazer isso. Eu morei aqui toda a minha vida. Eu nem vou precisar de um mapa.

—Excelente! Depois que eu terminar os pratos do café da manhã, vamos sair.

—Vou me vestir, — disse ele, afastando-se da mesa.

—Você quer ajuda, pai? — Perguntei.

Ele me olhou como se eu fosse doido, embora eu colocasse suas roupas todos os dias. —Não! É melhor você se apressar ou perderá o ônibus.

O observei ir para o seu quarto e balancei minha cabeça. Em qualquer outro dia, eu poderia ter tentado dar a ele um teste de realidade. Exigiu saber se olhou para mim e viu um colegial ou um homem adulto. Hoje fui capaz de respirar e sorrir. —Ele provavelmente vai sair de pijama. Vou ver como ele está em um minuto.

—Posso ser dispensado? — Perguntou Elliott. —Terminei.

Maddie examinou seu prato. —Sim, você pode. Mas, por favor, leve seu prato com cuidado para a pia e coloque-o sobre o balcão. Em seguida, suba as escadas e escove os dentes.

Ele deu a ela um olhar exasperado, mas obedientemente escorregou da cadeira e foi até a pia, carregando o prato com as duas mãos.

—Obrigado por se oferecer para ficar com meu pai hoje, — disse quando estávamos sozinhos. —Eu não posso te dizer o quão útil é eu não ter que ficar preocupado com ele a tarde toda.

—Estou tão feliz, — disse ela, colocando o garfo e a faca no prato vazio e levantando-se. —Eu não me importo nem um pouco, e prefiro muito mais passar o dia olhando as vitrines no centro da cidade do que arrancando ervas daninhas na casa da minha mãe.

—Mas devemos resolver isso, — disse a ela, empilhando alguns pratos e seguindo-a até a cozinha. — Talvez amanhã.

Ela acenou com a cabeça, colocando o prato na pia e, em seguida, parou por um momento, olhando pela janela acima. Voltei para a mesa de jantar, pegando a frigideira, o prato de torradas e a tigela de frutas vazia. Quando voltei, ela ainda estava lá.

—Você está bem? — Perguntei, colocando tudo no balcão.

—Estou bem. — Ela limpou a garganta e se virou, com um sorriso envergonhado. —Isso vai soar tão idiota, mas eu realmente gostei desta manhã.

—O que tem isso?

—Tudo. Acordar cedo. Ver Elliott tão animado. Cozinhando o café da manhã. Sentada ao redor de uma mesa e conversando e ouvindo enquanto comíamos. Desfrutando da companhia um do outro sem correr para algum

lugar. Parecia. . . — Ela lutou pelas palavras e jogou as mãos para cima. — Como eu sempre imaginei que seria ter uma família.

—Oh.

—Enquanto eu crescia, éramos apenas eu e minha mãe na hora das refeições, — ela continuou, — e principalmente tudo o que ela fazia era me criticar ou me alertar sobre o que aconteceria se eu desistisse de mim mesma. Não sei dizer quantas vezes desejei um pai que fizesse piadas ruins ou um irmão que me chutasse por baixo da mesa.

—Ou uma irmã. Irmãs também chutam, — disse a ela.

Ela riu. —Uma irmã teria sido ótimo. Eu teria gostado de qualquer irmão. Eu queria mais filhos também, mas Sam não.

—Eu sinto muito.

Seus ombros se ergueram. —Talvez eu só deva ter Elliott, e estou bem com isso. Eu amo ser sua mãe e também posso cuidar das crianças no trabalho. Mas eu ainda queria, isso, — ela terminou, apontando para a sala ao nosso redor. —Sam raramente tomava café da manhã conosco. Ele saía de casa todas as manhãs antes de Elliott e eu acordarmos, porque ele gostava de se exercitar antes de ir para o escritório. E ele voltava para casa tarde demais todas as noites para jantar com Elliott e eu. Fiquei solitária.

Pensei nas refeições que meu pai, minhas irmãs e eu comíamos enquanto era criança, sentado ao redor da velha mesa da cozinha, cachorros sob os pés, minhas irmãs tagarelando ao mesmo tempo e meu pai tentando ouvir Ernie Harwell chamando o jogo dos Tigers no rádio Ele

se recusou a se livrar do rádio AM porque disse que trazia sorte ao seu time. Esses jantares eram barulhentos e não terrivelmente deliciosos e geralmente seguidos de uma discussão sobre quem era a vez de lavar a louça, mas eles nunca ficavam sozinhos. Como seu ex poderia não ter apreciado o que ele tinha?

— De qualquer forma. — Maddie ficou mais alta e se iluminou. — Meu objetivo não era ficar deprimida, era agradecer por me convidar para vir aqui. Estou tão feliz por ter vindo.

— Você sempre será bem-vinda.

Ela sorriu. — Obrigada.

No caminho para o celeiro, tentei pensar em uma coisa que seria melhor do que ver aquele sorriso na mesa do café todas as manhãs. Nada veio à sua mente. Nem porra nenhuma.

Capítulo Seis



Maddie

—Essa é a Bellamy Creek Garage, —disse-me o Sr. Weaver, apontando do outro lado da rua para o antigo quartel dos bombeiros que havia sido transformado em uma oficina mecânica décadas atrás pela família de Griffin Dempsey. —Frank Griffin é o dono.

Eu tinha quase certeza de que o pai de Griffin havia partido agora, mas assenti e sorri. —Eu deveria levar meu carro para um ajuste. Notei que fazia um barulho engraçado no caminho para cá.

—Você deveria, — disse ele. —Você não terá um serviço melhor em nenhum outro lugar.

—Obrigada pela dica.

O Sr. Weaver se moveu lentamente, mas era um dia lindo, e eu não tive nenhum problema com seu ritmo vagaroso enquanto caminhávamos para cima e para baixo na rua principal de Bellamy Creek, entrando e saindo das lojas. Alguns estavam lá desde sempre e alguns eram novos para mim, mas

todos os lojistas que vimos cumprimentaram o Sr. Weaver com carinho e se apresentaram a mim, alguns deles até se lembravam de mim ou mencionavam conhecer minha mãe. Embora o Sr. Weaver não parecesse reconhecer ninguém, ele sempre apertava suas mãos e acenava com a cabeça. Na rua, ele desempenhava o papel de guia turístico e parecia aproveitar cada minuto disso.

— Está vendo aquele prédio lá? — Ele apontou para o antigo Main Street Theatre. — Foi aí que eu tive meu primeiro encontro.

— Mesmo? — Liguei meu braço ao dele. — Conte-me sobre isso.

— O nome dela era Evie Clemson, e eu a levei para ver Vertigo. Ela se parecia com Kim Novak.

— Uma beleza, hein?

Ele assentiu. — A garota mais bonita da nossa classe.

— Você se divertiu?

— Sim, — ele disse, — embora depois do show, nós fomos para a lanchonete e eu acidentalmente derramei um malte de chocolate no colo dela.

— Oh, não, — disse rindo. — Você teve que levá-la para casa mais cedo?

Ele balançou sua cabeça. — Não que eu me lembre. Estávamos nos divertindo muito. Ela era uma boa esportista. — De repente, ele parou, coçando a cabeça. — Eu devo ter me virado. A loja de sapatos deveria estar bem ali. E ao lado dela a loja de variedades.

Olhei para a vitrine que ele estava olhando e vi um toldo listrado que dizia Bellamy Creek Boulangerie em letras elegantes. — Oh, que fofo, — eu disse. — Parece uma pequena pâtisserie parisiense.

— Oh, espere um minuto, — ele disse. — Acho que este é o lugar com a torta de maçã.

Eu me lembrei de Beckett me contando sobre a padaria de Blair Dempsey na noite passada e imaginei que este deveria ser o lugar. — Devemos entrar? Talvez possamos levar para casa uma torta de sobremesa.

O Sr. Weaver gostou da ideia e avançou para abrir a porta para mim. No interior, a decoração era clara e charmosa e inspirada na França, pequenas mesas redondas de café, minúsculos ladrilhos octogonais brancos, enormes vitrines exibindo dezenas de doces, quiches e pães. Eu nunca tinha estado em Paris, mas senti como se tivesse saído da Champs-Élysées em vez da Main Street. Respirei profundamente, o aroma fez minha boca encher de água e meu estômago roncar.

— Devíamos tomar café da manhã, — disse o Sr. Weaver, movendo-se em direção à vitrine cheia de croissants e scones.

— Bem, nós tomamos café da manhã, mas que tal o almoço? — Olhei ao redor, espiando uma mesa vazia perto da janela da frente. — Nós podemos sentar bem ali.

— Certo. — Ele começou a estudar as ofertas de perto, inclinando-se para a frente, o nariz praticamente contra o vidro.

—Oi, Sr. Weaver! — Chamou uma mulher de trás do balcão. Seu cabelo loiro mel estava puxado para trás em um rabo de cavalo, e ela usava uma bandana como uma faixa na cabeça, com o nó no topo da cabeça. Ela era incrivelmente bonita, com olhos grandes, cílios grossos e um sorriso amigável. — Como você está?

—Bem. — Ele olhou para cima e lutou para localizá-la.

—Blair Dempsey, — disse ela, colocando a mão no peito. —Esposa de Griffin. — Então ela olhou para mim, seu sorriso se alargando. —E você deve ser Maddie.

—Sim, — disse, surpreso que ela soubesse meu nome.

—Griff e eu vimos Bianca e Enzo na noite passada, — ela explicou. — Eles falaram sobre ver a casa com você.

—Oh. — Devolvi o sorriso dela. —É tão bom conhecê-la.

—Posso ter esses? — O Sr. Weaver perguntou.

—Você pode sim, — respondeu Blair. —Eu usei ovos de suas galinhas para fazer isso esta manhã. Maddie, gostaria de experimentar?

—Sim por favor. Parece delicioso.

—Vá em frente e sente-se. Eu vou levar isso para você.

—Devo pagar por isso agora ou depois?

Ela acenou com a mão. —É por minha conta. Eu nunca cobro os Weavers porque Beckett está sempre me dando ovos ou vegetais da fazenda de graça. Ou distribuindo bifes para seus amigos.

Eu ri. — Isso soa como um bom arranjo.

— Isto é.

O Sr. Weaver e eu nos sentamos à mesa perto da janela e, um momento depois, Blair apareceu com dois pratos de delícias e dois talheres embrulhados em guardanapos e amarrados com barbante. — Aqui está, — disse ela, colocando-os no chão. — Bom apetite.

— Obrigada, — disse, desamarrando o barbante.

Blair sorriu. — Ei, há alguma chance de você se encontrar mais tarde? Bianca, Cheyenne e eu vamos pegar uma taça de vinho depois do jantar. Apenas as meninas.

— Eu gostaria de poder. Mas meu filho está na cidade comigo, e eu não me sentiria bem em deixá-lo.

— Bem, pense um pouco. Aposto que Beckett e o Sr. Weaver adorariam ter uma noite de rapazes. Eles podem assistir ao jogo de beisebol. Nada que eles gostem mais do que beisebol. — Ela deu um tapinha em seu ombro. — Certo, Sr. Weaver?

Ele assentiu. — Eu já te contei sobre a captura que fiz por cima do ombro no campo central?

— Não tenho certeza, — disse ela, olhando para o balcão. — Mas eu tenho um cliente, então vou lembrá-lo de me contar sobre isso na próxima vez. — Ela piscou para mim. — Se você puder vir hoje à noite, pegue meu número com Beckett. Tenho certeza que ele tem.

—Na verdade, tenho o cartão de Bianca, — falei.

—Perfeito. — Ela sorriu. —Espero que você possa fazer isso. É bom ver você, Sr. Weaver.

Ele acenou um adeus, mal tirando os olhos do prato. Eu não o culpei, a refeição era deliciosa. Antes de sairmos, elogiei Blair pela refeição e perguntei se poderíamos pegar uma torta de maçã para levar para casa.

—Claro. — Ela o embrulhou, amarrou com barbante e balançou a cabeça quando tirei minha carteira. —Não. Por conta da casa.

Colocando uma nota de vinte dólares em seu frasco de gorjeta de funcionário, encontrei seu olhar assassino com um sorriso triunfante. — Obrigada novamente pelo almoço. Espero ver você em breve.

O Sr. Weaver e eu voltamos para o carro, que estava estacionado em uma rua lateral. Do lado do motorista, destranquei as portas e coloquei a torta no chão do banco de trás, enquanto ele estava ao lado do passageiro, olhando ao redor.

—Você gostaria de fazer mais alguma coisa no centro da cidade? — Perguntei.

—Acho que não, — disse ele. —Mas eu poderia jurar que a estação de trem estava bem aqui em algum lugar.

—Eu acho que mudou, — disse a ele honestamente.

— Eu acho que você está certa. — Ele parecia desanimado. — Talvez eu pudesse pegar um ônibus para o jogo. Ou você poderia me dar uma carona.

— Vou te dizer uma coisa, — disse, já que havia aprendido rapidamente que distraí-lo era a melhor maneira de lidar com essa situação. — Vamos voltar para a casa e ver o que Beckett pensa.

— Boa ideia. Beckett é inteligente sobre algumas coisas. — Ele fez uma pausa. — Não tudo. Mas algumas coisas.

Quando Beckett soube que Blair me convidou para tomar uma taça de vinho com as meninas, ele me encorajou a ir.

— Por que não? Seria divertido, — disse ele enquanto caminhávamos do carro para o campo de beisebol no final da tarde. Ele carregava uma mochila cheia de equipamentos, bolas, algumas luvas, um capacete de batedor.

— E quanto a Elliott? — Olhei para meu filho, que corria à frente, carregando um taco e usando um boné de Bellamy Creek Bulldogs. Ele estava sorrindo de orelha a orelha desde o momento em que Beckett o colocou em sua cabeça.

—Ele vai ficar bem. Teremos uma noite de rapazes. Vamos assistir ao jogo.

Eu ri. —Eu não quero que você pense que espero que você cuide do meu filho. Você o teve durante toda a tarde. Ele te atrapalhou?

—Nem um pouco. E foi um grande alívio saber que você estava com meu pai hoje. — Beckett falou baixinho para que seu pai, caminhando um pouco à nossa frente, não ouvisse. —Nunca me preocupei com ele e consegui fazer muito mais em meio dia do que normalmente em um dia inteiro, porque não precisava ficar entrando para ver como ele estava. Elliott é um excelente ouvinte e aprende rápido.

—Bem, estou contente. E seu pai não foi problema nenhum. Na verdade, nós nos divertimos.

—Ele tentou escapar?

—Não. Ele era meu guia turístico. Ele ganha pontos extras por saber o que estava onde estava cinquenta anos atrás e por todas as histórias históricas interessantes. Por exemplo, você sabia que o prédio onde o restaurante italiano DiFiore's agora costumava ser a parada da diligência para Bellamy Creek?

—Eu não sabia, — ele disse.

—Ou aquela padaria de Blair costumava ser uma loja de variedades?

—Também não sabia disso.

— Você sabia que ele levou seu primeiro encontro para ver Vertigo no Main Street Theatre, e ela se parecia com Kim Novak?

Ele bufou. — Claro que ela fez. E ele fez uma grande captura por cima do ombro em 1954.

— E depois, ele a levou para o restaurante para um malte de chocolate, e ele estava tão nervoso que derramou tudo sobre ela.

Isso o fez rir. — Pobre papai.

— Ele fez com que eu me apaixonasse um pouco por Bellamy Creek novamente. Há tanta história aqui, e todos foram tão doces e amigáveis. Fiquei triste por ter ficado longe por tanto tempo. — Dei uma cotovelada nele de brincadeira. — Você deveria perguntar a ele sobre suas histórias algum dia.

— Os únicos que ele me disse são sobre beisebol e metade deles nem mesmo é dele.

— Bem, talvez você pudesse fazer a ele perguntas mais específicas. Ou da próxima vez que você o levar ao centro da cidade, deixe-o brincar de guia turístico para você.

— Ele provavelmente prefere você, — disse ele, cutucando meu lado. Foi o tipo de toque afetuoso que poderia estar flertando, exceto que Beckett nunca flertou comigo.

Ou ele fez? Ele era tão difícil de ler. Cada vez que pensava que talvez ele estivesse olhando para mim um pouco diferente, um pouco faminto, o momento evaporava e eu ficava duvidando de que isso tivesse acontecido.

Como na noite passada. Percebi quando subi para o meu quarto que deixei meu suéter no sofá e silenciosamente desci os degraus na ponta dos pés para pegá-lo. Assim que cheguei ao fim da escada, eu o vi parado ao lado do sofá com o rosto enterrado em cashmere azul. Eu parei e olhei, piscando para ele na luz fraca. Ele segurou o suéter contra o rosto por um momento, e eu vi seus ombros se erguerem, como se ele estivesse inspirando profundamente.

Um barulho me escapou, um suspiro rápido e estridente. Desesperada para escapar sem ser vista, corri de volta escada acima de dois em dois, então entrei no meu quarto e fechei a porta com cuidado para que não fizesse nenhum som. Depois de apagar a luz, afundei na beira da cama e coloquei a mão sobre meu coração trovejante. Estava tão alto que pensei ter ouvido Beckett subir as escadas um momento depois, mas não tinha certeza.

Esse era o problema, eu não tinha certeza sobre nada disso. Passei a noite inteira me virando e me virando, e pela manhã estava convencida de que todo o episódio estava em minha mente. Afinal, eu definitivamente estava bêbada depois daquelas cervejas. E esta manhã, no café da manhã, ele tinha agido como de costume. Sem olhares demorados, sem comentários de flerte e, certamente, sem tocar. Beckett era um homem que sempre manteve suas mãos para si mesmo. Pela primeira vez na minha vida, eu meio que desejei que ele não fosse.

Passamos uma hora inteira no campo de futebol, e tirei fotos e fiz um vídeo de Beckett ensinando Elliott a segurar o taco, manter o olho na bola e dar um passo em sua rebatida. Ele também lhe ensinou algumas dicas de corrida básica, como dar alguns passos embaralhados antes de girar e correr do primeiro para o segundo o mais rápido possível. Claro, Elliott perdeu noventa e nove por cento das bolas que Beckett pacientemente ‘arremessou’ para ele, e ele não era um atleta terrivelmente rápido ou coordenado, mas estava tendo o melhor momento de sua vida no campo. O Sr. Weaver serviu como apanhador por um tempo, jogando bolas de volta para Beckett com um braço surpreendentemente bom, e então se juntou a mim em um dos bancos abrigados na sombra.

—O que você acha? — Eu perguntei a ele. —Ele está destinado a uma carreira nos Majors?

O pai de Beckett coçou a cabeça e respondeu diplomaticamente: —Não tenho certeza.

Rindo, tirei outra foto de Beckett ajudando Elliott a segurar no bastão e ampliar sua postura. Milagrosamente, ele acertou a próxima bola que Beckett arremessou contra ele a cerca de quinze pés de distância. Atordado, Elliott parou por um momento, observando a bola. Beckett, que poderia facilmente ter agarrado a bola no ar, ‘errou’ de forma dramática, pulando para ela e caindo no chão com uma luva vazia. Elliott começou a rir.

Ao meu lado, o Sr. Weaver se levantou. — Corre! — Ele gritou por entre as mãos.

Elliott disparou para a primeira base, ambas as mãos no capacete porque era grande demais para ele. Enquanto Beckett perseguia a bola, atrapalhando-se e largando-a várias vezes, Elliott deu a volta primeiro e cabeceou para o segundo.

—Continue! — Gritou o Sr. Weaver, arrastando os pés o mais rápido que podia para ficar ao longo da terceira linha de base.

Beckett fingiu que ia jogar a bola para o terceiro, inclinando o braço para trás, então parou. —O que? Sem terceira base! Então eu terei que marcar você, corredor!

Elliott, que estava na terceira, olhou para o Sr. Weaver, que o acenava para casa. O sorriso em seu rosto quase me cegou.

— Vai! Vai! Vai! — Eu gritei, batendo palmas.

Beckett estava fazendo um caminho mais curto para a base, mas de alguma forma conseguiu parecer que estava lutando muito para vencer Elliott lá.

—Slide!² — O Sr. Weaver gritou.

Estremeci quando Elliott, que nunca havia escorregado em uma base em sua vida, mergulhou de cabeça em direção a base, os braços estendidos, mais como uma cambalhota do que como um slide. O capacete quicou.

2 No beisebol, um slide é a ação de um jogador, agindo como corredor de basquete, que deixa seu corpo cair no chão quando está muito perto da base que está se aproximando e desliza pelo chão para chegar à base.

—Não! — Beckett alcançou a base e acertou as costas de Elliott com a bola um segundo tarde demais.

—Seguro! — O Sr. Weaver abriu os braços, palmas para baixo. —Para fora!

Eu tirei uma foto rápida. —Ótimo trabalho, Elliott!

Ele se levantou, suado e sujo, mas brilhando de orgulho. —Obrigado.

Fui correr para a base. — Você se machucou?

—Nah, — disse ele, mas esfregou um joelho e depois os dois cotovelos.

—Isso foi incrível. — Beckett deu um tapinha nas costas dele. — Você fez um ótimo trabalho administrando as bases e esperando o treinador pelo sinal para seguir em frente.

—Você gostou do slide? — Elliott perguntou, olhando para cima com esperança.

—Eu adorei, — respondeu Beckett, pegando o capacete do batedor. — Eu diria que você ganhou o jogo para o seu time e merece um sorvete de casquinha.

—Isso soa bem para mim também. — Eu sorri agradecida para Beckett.

Ele encolheu os ombros, como se não fosse grande coisa, embora a cor em suas bochechas se aprofundasse ligeiramente. Ele estava corado pelo esforço? O sol? Ou havia algo esquentando entre nós?

—Você tem certeza de que está tudo bem se eu for? — Perguntei, demorando-me na cozinha com minhas chaves em minhas mãos. Mais cedo, mandei uma mensagem para Bianca dizendo que eu poderia ir para a noite das meninas, e ela respondeu com um monte de emojis felizes e disse que elas se encontrariam às sete horas em um bar de vinhos chamado The Avignon.

—Eu tenho certeza. — Beckett cortou o barbante da caixa da padaria que continha a torta de maçã e abriu. —Quer dizer, acho que você é louca por escolher vinho e queijo francês chique em vez de cerveja e a boa e velha torta de maçã americana, mas isso sou só eu.

Eu ri, observando-o tirar a torta da caixa e colocá-la no balcão. —Parece bom. Talvez eu coma um pedaço quando chegar em casa.

—Se sobrar algum.

—Vocês três vão comer aquela torta inteira?

—Nós podemos. — Ele tirou os pratos do armário. —Eu provavelmente poderia comer metade sozinho. Eu sou um cara grande.

—Um cavalheiro pelo menos me pouparia um pequeno pedaço, — provoquei.

Ele olhou para mim por cima do ombro largo. — Então eu acho que você só terá que esperar e ver se estou com vontade de ser um cavalheiro esta noite.

Meu estômago embrulhou. Por um segundo, eu me senti nervosa e com a língua presa, o que era bobo. Pelo amor de Deus, ele estava apenas falando sobre guardar uma torta de maçã para mim. . . certo?

— Uh, eu disse a Elliott que ele poderia ficar acordado até eu chegar em casa, mas que ele deveria tomar um banho e colocar o pijama às oito, oito e meia no máximo.

— Entendi.

— E ele pode comer um pedaço de torta e talvez um lanche, mas sem refrigerante.

— Certo.

— Mas ele provavelmente não deveria beber muito depois das oito, ou então ele poderia ter um acidente.

— Entendido.

Olhei para minha calça jeans e camiseta branca lisa, que vesti com minhas sandálias de tira e algumas joias de ouro delicadas. — Estou bem vestida?

— Você parece bem.

— Você nem olhou para mim.

— Eu não precisava.

Eu sorri, sentindo o calor em minhas bochechas. — Obrigada. Tenho certeza de que estarei de volta às nove, mas fique à vontade para me ligar se precisar que eu volte para casa mais cedo.

Finalmente, ele se virou, sua expressão um pouco exasperada. — Maddie. Vá. Eu posso lidar com as coisas aqui. Elliott é uma brisa. Ele é prestativo, educado e, ao contrário de outras pessoas que vivem aqui, aposto que ele não discute quando você diz que Ronald Reagan não é o presidente dos Estados Unidos.

Eu ri de novo. — Certo, estou indo. Divirta-se.

A viagem para Avignon levou cerca de dez minutos, durante os quais fiquei obcecada com o que Beckett havia me dito. *Acho que você só vai ter que esperar e ver se estou com vontade de ser um cavaleiro esta noite.* Era difícil não se perguntar se a fronteira entre nós estava mudando. Ou o que aconteceria se um de nós o cruzasse.

No momento em que entrei pela porta de vidro do Avignon, ouvi meu nome.

— Maddie! Por aqui!

Olhei na direção da voz e vi Bianca acenando para mim. Ela estava sentada com Blair e outra mulher que tinha um rabo de cavalo louro

arenoso em uma mesa alta perto do bar. Quando eu as alcancei, imediatamente reconheci a mulher com cabelo ruivo como Cheyenne Dempsey, a irmã mais nova de Griffin.

— Ei, — eu disse, sorrindo para todas elas enquanto sentava no quarto banquinho da mesa. — É tão bom ver você. Muito obrigada por me convidar para sair esta noite.

— Claro, — disse Bianca, que estava sentada no banquinho à minha direita. — Estamos felizes por você ter vindo.

— Puxa, você não mudou nada. — Cheyenne sorriu para mim do outro lado da mesa, e me lembrei de como ela era uma garota alegre e amigável. — Você está exatamente igual à época do colégio.

— Bem, obrigada, mas eu tenho alguns pés de galinha e estrias que dizem o contrário, — disse, colocando meu telefone sobre a mesa e minha bolsa aos meus pés.

— Adoro suas tranças, — disse Blair, sentada à minha esquerda.

— Obrigada. — Eu ri nervosamente, tocando o final de um. — Estou ensinando Elliott, meu filho. Ele adora fazer meu cabelo.

— Isso é tão fofo, — disse Cheyenne. — Havia um menino na minha classe no ano passado, sou professora do jardim de infância, cuja coisa favorita para fazer nas horas vagas ou durante o recreio era pentear o cabelo das meninas. — Ela riu. — Ele estava administrando seu próprio pequeno salão no canto do playground!

Eu sorri. — Isso é adorável.

— Eu pensei que sim, o pai dele não. — Cheyenne torceu o nariz. — Ele é um daqueles caras super machos que acha que precisamos vestir meninos com calças e meninas com vestidos. Meninos brincam com caminhões e meninas brincam com bonecas. Os meninos são barulhentos e as meninas são quietas.

— Pobre criança, — disse Bianca com uma carranca. — Algumas pessoas não merecem ser pais.

— Meu ex era meio assim, — admiti. — Elliott também não é um menino estereotipado. Ele adora rosa e unicórnios e ocasionalmente gosta de usar vestidos. Ele gosta de bonecas, chás e princesas. Mas ele também gosta de esportes, dinossauros e jeans.

— Mas não há nada de errado com isso, — disse Bianca ferozmente.

— Não, não há, — concordei. — E Sam, o pai de Elliott, pode ter sido capaz de lidar com os unicórnios e as festas do chá, mas às vezes Elliott preenchia perfis de videogame em seu iPad como uma menina. Como se perguntasse por seu gênero, e ele colocasse menina.

— Por que eles estão perguntando isso? — Blair balançou a cabeça.

Dei de ombros. — Provavelmente para fins de marketing. Mas Sam enlouqueceu com isso. Ele disse a Elliott: ‘você sabe que é um menino. Não minta.’ Como se fosse uma questão de desonestidade.

— Que idiota, — disse Bianca, seus olhos azuis estreitando-se atrás dos óculos. — Desculpe se isso é ofensivo.

Balancei minha cabeça. — É a verdade.

—Então, Elliott *quer* ser uma menina? — Cheyenne perguntou curiosamente. — Ou ele sente que é uma?

—Não necessariamente, — eu disse. —Eu já perguntei isso a ele. Ele disse que gosta de ser menino, mas gosta de fazer algumas coisas que as meninas podem fazer, como usar rosa ou fazer festas no chá. Ele me disse que colocou uma garota naquele perfil de videogame apenas para se divertir. Quer dizer, o garoto tem seis anos. Acho que é muito cedo para encaixá-lo em qualquer coisa em termos de sua identidade. Só quero que ele se sinta livre para ser exatamente quem é.

—Esse é o tipo de mãe que eu também quero ser, — disse Bianca.

Então eu ri, um pouco envergonhada por ter ficado tão nervosa. Nós nem tínhamos pedido vinho ainda. —Desculpe, senhoras. Eu fico emocionada com isso, não apenas por causa de Elliott, mas porque fui criada por uma mãe autoritária que me pressionou para ser algo que ela queria que eu fosse.

—O que é que foi isso? — Blair se perguntou.

—Uma médica, porque eles ganham muito dinheiro, e ela nunca quis que eu dependesse de um homem, já que suas palavras aqui, os homens sempre quebram suas promessas. — Suspirei. — Eu nunca conheci meu pai, e ela se recusou até mesmo a nomeá-lo. Meu palpite é que ele era casado e mentiu sobre isso, mas isso é apenas um palpite.

—Isso definitivamente explicaria a opinião dela sobre os homens, — disse Cheyenne.

— Você não queria ser médico? — Perguntou Bianca.

— Nunca me senti livre para considerar o que queria ou não. Não até minha mãe morrer. — Eu pausei. — O que na verdade me levou a uma crise existencial completa que acabou comigo deixando a faculdade de medicina no meu segundo ano e fugindo para me casar com um cara que provou que minha mãe estava certa, mas isso é outra questão. — Acenei com a mão no ar. — E espero que não pareça que Elliott não seja uma criança feliz. Ele está realmente muito confortável com quem ele é e ama a si mesmo quase tanto quanto ama as cabras de Beckett.

— Oh meu Deus, essas cabras são tão fofas, não são? — Bianca sorriu. — Eu sou mais uma garota da cidade, mas até eu acho que elas são adoráveis.

O garçom veio e anotou nosso pedido, e alguns minutos depois, cada uma de nós teve uma taça de vinho e um prato de queijo e charcutaria para compartilhar.

— Então, eu quero ouvir sobre vocês, — disse, depois de um gole de um branco fresco do Michigan da Cloverleigh Farms. — Eu conheço seus homens praticamente toda a minha vida, então é muito divertido para mim ouvir suas histórias.

Durante a hora seguinte, ouvi tudo sobre como Blair conheceu Griffin quando seu carro quebrou na Main Street, e ela ficou presa em Bellamy Creek apenas o tempo suficiente para roubar o coração rude do mecânico. Todas os três falaram em vozes extasiadas sobre o lindo casamento de Blair e Griffin em dezembro, uma tempestade de neve impediu muitos

convidados de comparecer, incluindo a família de Blair no Tennessee, mas o caso menor acabou sendo mais íntimo e romântico do que o planejado.

—Foi perfeito, — suspirou Blair. —Eu gostaria de poder fazer tudo de novo.

—Depois foi meu casamento, — disse Bianca, fazendo todos rirem.

—Beck estava me contando um pouco sobre isso na noite passada, — eu disse. —Definitivamente não é uma história de amor convencional, mas ainda assim incrivelmente romântica.

—Era. — Cheyenne esticou o braço e deu um tapinha na mão de Bianca. —Eu não me importo com o que você diga, B, todos naquele tribunal poderiam ver que vocês dois foram feitos um para o outro.

—De qualquer forma, — disse Bianca, corando um pouco, —nós fizemos as coisas um pouco fora de ordem, mas funcionou para nós. Não tenho certeza se algum dia acabaríamos juntos de outra maneira.

—E Cheyenne é a próxima! — Blair bateu palmas.

Cheyenne fechou os olhos com força e gemeu. —Deus, por mais que eu queira casar com aquele homem, estou tão nervosa que estou esquecendo de algo. Planejar um casamento em três meses não é fácil.

—Já falamos sobre isso mil vezes. — Blair falou suavemente com a amiga. —Tudo está no lugar. Vai ser perfeito.

—Tudo está no lugar, — Cheyenne repetiu como um mantra, com os olhos ainda fechados. — Vai ser perfeito. — Então ela os abriu e olhou para mim. — Oh Maddie, você tem que vir!

Eu sorri para ela, imaginando que noiva linda ela seria. Também foi um prazer me sentir tão incluída em seu pequeno grupo. — É no próximo fim de semana?

—Duas semanas a partir desta noite. — Ela deu uma risadinha. — E Beckett precisa de um encontro.

Eu ri nervosamente. — Bem, eu adoraria ir, embora não tenha certeza se seria a primeira escolha de Beckett para um encontro.

—Por que não? — Blair perguntou, enquanto Bianca e Cheyenne trocavam um olhar de *oh irmã*. —Pelo que ouvi, Beckett sempre foi louco por você.

—Eu não acho que isso seja verdade. — Peguei minha taça de vinho, que já estava vazia, e a inclinei, esperando algumas gotas.

—Um sim. Isto é. — Bianca riu, prendendo o cabelo ruivo atrás das orelhas. —É do conhecimento comum entre os caras que Beckett tem ansiado por você desde o colégio. Todos nós já ouvimos a história do baile.

—Ele chutou a bunda daquele cara, — disse Cheyenne.

—Difícil, — acrescentou Blair.

Minhas bochechas estavam ficando quentes. — Isso porque Beckett é um cara bom. Ele fez isso para me defender.

— Beckett é um cara bom, — permitiu Bianca, — mas ele fez isso porque gostava de você.

— Alguém mais para a segunda rodada? — Eu perguntei, procurando por nosso servidor.

— Com certeza. — Blair acenou para ele. — E então vamos falar mais sobre essa coisa do Beckett.

— Não há nada, — insisti, mexendo na ponta de uma trança novamente.
— Nunca houve nada.

— Por que não? — Blair pressionou.

— Porque sempre fomos apenas amigos.

— Você nunca se sentiu atraída por ele?

Mordi meu lábio e decidi admitir a verdade. — Sempre fui atraída por ele.

— Então porquê...

— É difícil de explicar, — continuei. — Tudo o que posso dizer é que nunca me permiti admitir.

— Enzo disse que você namorou muitos idiotas naquela época. — Bianca parecia que se sentia mal por dizer isso. — Ele estava errado? Tipo, eles foram realmente incompreendidos por bad boys com corações de ouro?

— Hum, não. — Eu me encolhi, um sorriso torto em meus lábios. — Eles eram realmente idiotas. Eu tenho um talento especial para escolhê-los.

O garçom se aproximou e Blair ergueu as mãos. — Certo espere, vamos voltar direto a essa coisa do Beckett.

— Não há nada, — repeti fracamente.

Bianca empurrou os óculos no nariz. — Maddie, vi vocês juntos ontem, e a primeira coisa que disse a Enzo quando entramos no carro foi, ‘Beckett ainda é louco por ela.’ E ele disse: ‘Sim.’ — Ela riu. — É a maneira como ele olha para você, Maddie. Você pode apenas dizer.

Suas palavras fizeram meu coração tropeçar nas próximas batidas. Ela estava certa?

Capítulo Sete



Maddie

Cada uma de nós pediu outra rodada e, enquanto esperávamos, usei rapidamente o banheiro. De volta à mesa, peguei minha segunda taça de vinho e tomei um gole.

—Tudo bem, — disse Blair. —Vamos continuar conversando. Estou super curiosa por que você acha que Beckett nunca se interessou por você, mas seus três melhores amigos, que o conhecem desde a infância, todos pensam o contrário.

—Porque ele nunca disse nada sobre isso.

Bianca continuou empurrando. — Certo, mas os caras nem sempre usam as palavras. Você está dizendo que ele nunca lhe deu a menor indicação de que tinha sentimentos por você?

Hesitei, baixando os olhos para a mesa.

—Ele tem! — Os olhos de Cheyenne saltaram. — Nos diga!

— Isso é tão idiota, vocês, — eu disse, meu rosto ficando quente. — Foi há muito tempo. Não significou nada.

— Nós seremos os juízes disso, — disse Blair.

Bianca deu um tapinha na minha mão. — Somos muito boas em julgar as coisas.

— Certo. — Eu respirei fundo. — Um milhão de anos atrás, quando estávamos no último ano do ensino médio, Beckett me beijou. Tipo, do nada, me agarrou e me beijou.

Cheyenne engasgou. — Mesmo?

— Sim. — Por um momento, eu estava de pé debaixo daquela árvore de bordo novamente, chocada ao sentir os lábios quentes e firmes de Beckett nos meus. Calafrios percorreram meus braços.

— Que tipo de beijo? — Perguntou Blair. — Como um beijo doce e amigável?

— Não. — Eu estremeci de alegria. — Como um beijo áspero, duro, de tirar o fôlego de você.

— Isso foi antes ou depois do baile? — Perguntou Bianca.

— Foi algumas semanas antes. Estávamos estudando para um teste de matemática em sua casa, mas eu estava chateada e não conseguia me concentrar, então fizemos uma pausa nos estudos e saímos.

— Chateada com o quê? — Perguntou Cheyenne, inclinando-se para frente.

—O exame de cálculo, minha mãe arrogante, meu namorado idiota. . . tudo isso estava desabando sobre mim. Eu senti como se estivesse me afogando. Lembro que estávamos parados sob uma grande árvore e eu estava chorando, então de repente ele simplesmente me agarrou e me beijou. Mas acabou muito rápido e nunca mais falamos sobre isso.

—Por que não? — Blair perguntou com os olhos arregalados.

—Acho que ambos estávamos em estado de choque, não sabíamos como lidar com isso. Era tão estranho para ele, e eu tinha um namorado na época.

— Eu levantei meus ombros. —Sempre pensei que ele fez isso porque sentia pena de mim.

—Aposto que foi mais do que isso. — Cheyenne falou com confiança. — Aposto que ele estava segurando aquele beijo por um longo tempo.

—Pode ser. . . — Eu brinquei com a ponta de uma trança novamente, pensando em nossa conversa no sofá na noite passada. —Ele se segura muito. Mesmo agora. Tipo, ele vai dizer ou fazer algo que pode ser interpretado como sugestivo, mas no minuto seguinte, ele está de volta a ser amigo de novo. E eu me pergunto se *eu imaginei isso*.

—Que tipo de coisa você quer dizer? — Perguntou Bianca.

Hesitei, mas acabei cedendo à necessidade de confidentes. Era bom falar sobre meus sentimentos e, embora não conhecesse bem essas mulheres, de alguma forma elas inspiraram minha confiança. Talvez fosse porque elas conheciam e amavam Beckett.

—Ontem à noite, — eu disse. —Eu vi uma coisa. — Depois de outro gole de vinho, contei a elas sobre descer para ver Beckett segurando meu suéter contra o rosto.

—Oh. — Cheyenne tocou seu coração. —Isso é tão querido.

—O cara está seriamente interessado em você, Maddie. — Blair balançou a cabeça. —Você não sente o cheiro das roupas de alguém, a menos que queira estar perto dela.

—O que você fez? — Perguntou Bianca.

—Entrei em pânico e fugi. — Ri com a memória. —Você deveria ter me visto tentando subir as escadas o mais rápido que pude, sem fazer nenhum barulho. E quando voltei para o meu quarto, não tinha certeza se tinha visto nada.

—Acho que você sabe o que viu. — O tom de Bianca era confiante. — Você simplesmente não sabe o que fazer a respeito.

—Você pode me culpar? — Suspirando, peguei meu vinho e o encarei. —Quero dizer, é Beckett. Vocês sabem como ele é.

Bianca suspirou. —Ele é aquele tipo forte e silencioso. Como um cowboy da velha Hollywood.

—E eu gosto disso nele, é sexy, —admiti. —Eu gosto que ele projete força e masculinidade sem ser um idiota arrogante e tóxico. Mas é difícil saber o que ele está pensando.

—E eu sinto que ele está sempre pensando, — disse Blair. —Ele é definitivamente governado por seu cérebro, não por seu... seu... — De repente, ela parecia uma recatada beldade sulista, como se ela tivesse um leque de mão, ela poderia ter se escondido atrás dele.

—Hormônios? — Ofereceu Cheyenne.

—Meu Deus, gente. — A expressão de Bianca estava dolorida. — Não podemos dizer pau?

Eu ri. —Ele é governado por seu cérebro. Mas também seu código moral, esse senso realmente arraigado de certo e errado. Veja como ele desistiu de seu lucrativo emprego em Wall Street para voltar para casa e salvar a fazenda da família. Veja como ele cuida do pai, dia e noite. Veja como ele ofereceu a Elliott e a mim um lugar para ficarmos porque ele não queria que ficássemos na velha casa de merda da minha mãe.

—Até os mocinhos têm desejos, — ressaltou Cheyenne.

—Mas mesmo se ele tivesse um desejo por mim, — disse, ficando quente e incomodada com o pensamento, — eu tenho a sensação de que ele pensa que agir de acordo com isso seria errado.

—Por que ele pensaria isso? — Blair se perguntou.

Marquei as razões. —Porque eu sou amiga dele. Porque acabei de sair de um casamento terrível. Porque eu sou uma convidada em sua casa.

Todas nós ficamos em silêncio por um momento, e então Blair começou a rir. —Eu também fui uma convidada na casa de Griffin. E ele tentou ser cavalheiresco e bem-comportado sobre isso. Ele durou uma noite.

—Mas Griffin e Beckett são diferentes, — disse Cheyenne. —Griff sempre teve aquele lado impulsivo e foda-se. Beckett não.

—Não. Ele não tem nenhum lado foda-se, pelo menos não que ele me mostre. — Eu suspirei, balançando minha cabeça. —Mas talvez eu deva estar feliz com isso.

—Por que? — Perguntou Bianca. — Vocês são dois adultos consentidos. Você não pode apenas se divertir?

—E se cruzarmos a linha apenas por diversão e for um erro? — Me preocupei. —Nossa amizade, que acabamos de retomar, pode ser prejudicada. Pode até ser arruinada.

—Isso é definitivamente um risco, — Blair concordou, e as outras murmuraram em concordância relutante.

—Mas vocês, não consigo parar de pensar nele. — Fechei meus olhos, minha voz assumindo um tom desesperado. —E não apenas porque ele é lindo e tem aquele corpo insano. Ele é tão doce com seu pai, e nós temos uma história, e você deveria tê-lo visto com Elliott esta tarde. — Disse a elas sobre a prática de rebatidas. — Assistir a um homem, um homem de verdade, interagir com Elliott dessa forma, ensinando-lhe algo, sendo tão paciente e compreensivo e encorajador, simplesmente... — Estremeci. — Simplesmente fez algo para mim.

—Aposto que sei onde, — brincou Bianca.

Eu ri, mas se transformou em um gemido. —Estou com tanto medo de cometer um erro. Não tomo boas decisões no que diz respeito aos homens.

As meninas ficaram em silêncio enquanto ponderavam sobre a situação.

— Mas este não é um idiota do seu passado. — Blair se endireitou. — Este é Beckett. Nós o conhecemos. Eu voto para você beijá-lo e ver o que acontece.

— Eu vou apoiar isso. — Cheyenne rodou seu vinho tinto em sua taça. — E eu acho que você tem que tomar a iniciativa. Caras como Beckett às vezes precisam de um empurrão para agir de acordo com seus impulsos físicos, permissão para ir todo macho alfa para cima de você. Cole era do mesmo jeito.

— Ele era?

Ela acenou com a cabeça. — Eu praticamente tive que o seduzir.

— Como você fez isso?

— Com um texto sexy accidental.

Eu ri, mas o pensamento de tentar seduzir Beckett, por mensagem de texto ou pessoalmente, fez meu estômago embrulhar. E se ele me recusasse? — De jeito nenhum. Eu não poderia.

— Ofereça-se para casar com ele se ele te deixar grávida, — disse Bianca, com os olhos dançando.

Eu comecei a rir. — Não haverá texto de sexo e definitivamente não haverá casamento ou gravidez. Honestamente, eu ficaria feliz em passar uma noite com ele. Eu só não quero que o preço seja muito alto.

Bianca se aproximou e cobriu minha mão com a dela. — Estamos apenas brincando com você. Eu amo que você e Beckett valorizem tanto a amizade um do outro, que vocês têm essa história de estarem lá um pelo outro. Você está certa em não jogar isso fora só para coçar.

— Bem, ele sempre esteve lá para mim, — disse com culpa. — Parece que sempre fui a necessitada.

— Você não acabou de nos contar esta noite como você passou o dia com o pai dele? — Cheyenne perguntou. — Aposto um milhão de dólares que é a coisa mais legal que alguém poderia fazer por Beckett hoje em dia. Ainda melhor do que um boquete.

— Não tenho certeza sobre isso, — disse Bianca baixinho.

— Cero, talvez não um boquete, — admitiu Cheyenne. — Mas quase qualquer outra coisa.

— Obrigado, pessoal. — Eu sorri para todas elas. — Estou muito feliz por ter vindo esta noite. Eu precisava disso.

Poucos minutos depois das nove, mandei uma mensagem para Beckett.

***Eu:** Ei, vou chegar um pouco mais tarde do que pensei! Desculpa. Se divertindo muito. Estamos pagando a conta agora.*

Beckett: Sem pressa.

Eu: Como vão as coisas?

Beckett: Tudo bem.

—Veja? Isso. Isso é o que ele me dá. — Rindo, mostrei minha tela ao redor da mesa. —Respostas de duas palavras.

—Pelo menos você ganha duas, — suspirou Blair. —Griff tem tudo a ver com respostas grunhidas de uma palavra. Às vezes, tudo que recebo é uma figura.

Pagamos a conta, nos despedimos com um abraço e usei o banheiro mais uma vez antes de pegar a estrada de volta para casa. No caminho de volta, percebi que tive uma noite mais agradável com Bianca, Cheyenne e Blair do que com qualquer um dos meus amigos em casa recentemente. Desde o divórcio, muitos deles se afastaram de mim, não que eu fosse muito próxima de alguém para começar. Mas encontrar novos amigos era difícil quando adulto, embora Bianca, Blair e Cheyenne fizessem parecer fácil. E todas foram tão gentis na cidade hoje. O que fizera Bellamy Creek parecer tão pequeno e sufocante quando eu era mais jovem, a maneira como todo mundo conhecia todo mundo e se interessava por seus negócios, agora parecia legal. As pessoas realmente se importavam.

Às nove e meia, entrei na casa de Beckett pela porta da frente e fechei-a atrás de mim. Eu podia ouvir a televisão ligada na sala grande, parecia um jogo de beisebol e fui naquela direção. Quando cheguei lá, comecei a rir.

Beckett estava jogando o jogo favorito de Elliott, lançamento de anel de unicórnio. Isso envolvia usar uma bandana com um chifre de unicórnio e deixar Elliott jogar argolas de cetim rosa na sua cabeça, tentando marcar um gol.

Elliott, cujos cachos estavam úmidos, estava de pijama. — Oi mãe!

Beckett, parado em frente a ele cerca de três metros de distância, se virou e olhou para mim. — Ei. Como foi a noite com as meninas?

— Ótimo, — eu disse, cobrindo minha boca com uma mão e envolvendo o outro braço em volta do meu estômago. — Como foi tudo aqui?

— Excelente, — respondeu Beckett quando Elliott lançou um anel que atingiu a cabeça de Beckett, mas errou o chifre. — Eu sou muito bom no lançamento de anéis de unicórnio. Mas eu não sou tão bom em ser o unicórnio.

— Ele é muito alto, — reclamou Elliott.

— Que tal agora? — Beckett caiu de joelhos. — Agora tente.

Elliott estreitou os olhos como se estivesse se concentrando muito e jogou o anel desta vez pegou o chifre. Ele ergueu os punhos no ar. — Sim!

— Bom trabalho, — eu disse, me movendo mais para dentro da sala. O Sr. Weaver estava cochilando em um sofá, DiMaggio ao lado dele. Sentei-me no outro e coloquei um travesseiro no colo.

Beckett se levantou. — Tudo bem, eu acho que este unicórnio deveria se aposentar agora.

—Elliott, deixe o jogo de lado, certo? — Fiz contato visual com meu filho e certifiquei-me de que ele soubesse que não devia discutir. —E obrigada por se preparar para dormir como eu pedi.

—Beckett disse que só jogaria se eu colocasse meu pijama às oito horas, — disse Elliott com um encolher de ombros. — Então eu fiz.

Eu olhei para Beckett. — Inteligente.

Ele bateu na têmpora, pegou a cerveja da mesinha de centro e tomou um gole rápido. — Posso pegar alguma coisa para você?

—Não, obrigada. Vou colocar Elliott para dormir em um segundo. Como foi o jogo de bola?

—Bom. — Beckett olhou para a TV. — Os Tigers aumentaram em dois. Papai ficou um pouco irritado com uma ligação na terceira entrada e tinha quase certeza de que viu Cynthia Mae nas arquibancadas em um determinado momento, mas, no geral, ele teve uma boa noite.

—Estou feliz. — Mas em vez de olhar para a tela, observei Beckett ajudar Elliott a colocar o jogo de lado. Ele usava uma camiseta cinza escuro que envolvia seus braços e peito. Sua calça jeans estava desbotada e puída na bainha. Seu cabelo estava ligeiramente despenteado por causa da faixa, e eu queria alisá-lo com meus dedos.

Quando o jogo voltou para a caixa, ele pegou sua garrafa de cerveja novamente. Quando ele o inclinou para trás, observei os músculos de sua garganta se moverem e imaginei pressionar meus lábios na pele logo abaixo de sua mandíbula acentuadamente angulada. Meu estômago se

contraiu e cruzei as pernas com mais força, segurando o travesseiro com força. Havia tantos lugares em seu corpo que eu queria tocar. Lugares que vislumbrei ontem quando ele veio até a porta em uma toalha, abdômen, peito e ombros, mas também lugares que eu nunca tinha visto.

A parte de trás de suas coxas musculosas. Aquela bunda redonda e firme. Essas linhas V certamente ele tinha essas linhas V. Sem pensar, levei a ponta dos dedos à boca. Claro, esse foi o momento exato em que ele escolheu olhar para mim, e lá estava eu apalpando um travesseiro e acariciando meu lábio inferior.

Envergonhada, pulei do sofá, jogando o travesseiro de lado. —Vamos, Elliott. Hora de dormir.

—Mais cinco minutos? — Ele perguntou, cruzando as mãos sob o queixo.

Eu balancei minha cabeça. —Não. Já é tarde e você acordou muito cedo. Não consigo nem acreditar que você ainda está acordado.

—Vamos para a cama cedo por aqui, campeão, — disse Beckett. —Essas cabras estarão procurando por você às cinco e meia.

—Certo. — Fácil assim, ele correu para as escadas com sua caminhada peculiar.

Eu dei a Beckett um olhar agradecido. —Obrigada pela ajuda.

—Sem problemas. Eu preciso levar papai para a cama agora de qualquer maneira. Ele está dormindo há quase uma hora. — Ele olhou para

trás, em direção à cozinha, e falou um pouco mais baixo. — Eu salvei um pedaço de torta para você.

Eu ri, levantando minhas sobrancelhas. — Então você decidiu ser um cavalheiro.

Ele encolheu os ombros. — Os velhos hábitos são difíceis de morrer.

— Bem, obrigado. Acho que estou muito cheia para aproveitar esta noite, mas vou tentar um pouco amanhã.

— Certo. — Ele pegou o controle remoto e desligou a televisão. — Hora de dormir, pai.

Os olhos do Sr. Weaver se abriram. — Está acabado?

— Sim, — ele mentiu.

— Nós ganhamos?

— Sim.

— Bom.

Beckett ajudou seu pai a se levantar e conduziu ele e DiMaggio para o quarto. — Boa noite, — ele me chamou por cima do ombro.

— Boa noite, — disse baixinho, desapontada que a noite não poderia terminar de outra maneira.

O que era ridículo, na verdade, pensei enquanto subia as escadas. Apesar do que as garotas disseram esta noite, o que poderia acontecer com as coisas ficando quentes e pesadas com Beckett de qualquer maneira, além

de uma cena muito estranha na mesa do café da manhã amanhã? O orgasmo valeria a pena? Espere, eu disse a mim mesma enquanto meus músculos centrais apertavam com o pensamento de Beckett naquela toalha, e eu agarrei o corrimão. *Não responda a isso.*

—Você se divertiu esta noite? — Perguntei a Elliott, aconchegando-o com força.

—Sim. Podemos ligar para o papai amanhã? Quero contar a ele sobre meu home run.

—Certo. — Beijeí meus dedos e toquei sua bochecha. —Boa noite, amigo. Eu amo você.

—Boa noite, mãe. Eu também te amo.

Eu estava saindo do quarto dele quando decidi que queria experimentar a torta de maçã de Blair, afinal. Concedido, era um distante segundo lugar para traçar as linhas V de Beckett com minha língua, mas uma boa torta era uma boa torta. Depois de largar minhas sandálias no armário, desci as escadas na ponta dos pés e fui para a cozinha às escuras. Encontrando a torta na geladeira, tirei-a da caixa e cortei um pequeno pedaço para mim. Na despensa, procurei um chá, feliz por descobrir uma caixa de camomila-limão. Enchi a chaleira e liguei o queimador embaixo dela, em seguida,

selecionei uma caneca do armário que dizia Cloverleigh Farms. Enquanto esperava a água ferver, ouvi uma voz profunda atrás de mim.

— Mudou sua mente?

Me virei com a mão sobre o coração. — Oh! Você me assustou.

— Desculpa. — O sorriso de Beckett foi divertido.

— Decidi que não estava muito satisfeita para a torta.

— Boa decisão.

— Quer um pouco?

— Nah. — Ele entrou na garagem para jogar a garrafa de cerveja vazia no lixo. — Mas eu fico com você. Se você quiser companhia.

— Certo. — Atrás de mim, a chaleira começou a assobiar e eu rapidamente tirei-a do fogo. — Que tal um pouco de chá? — Perguntei, derramando água quente sobre o saquinho de chá.

— Não, obrigado. — Ele pegou outra cerveja na geladeira e se sentou no balcão, que tinha quatro bancos.

Levei minha caneca de chá e prato de torta para a ilha, sentando ao lado dele. — Elliott teve um dia tão bom. Obrigada por tudo.

— O prazer é meu. Meu pai também teve um ótimo dia. Ele perguntou se a senhora da torta estaria aqui novamente amanhã.

Eu ri. — A senhora da torta? Esse é o meu nome agora?

— A menos que ele esteja pensando em Blair. Mas tenho certeza de que é você.

— Tivemos um bom tempo. Eu ficaria feliz em levá-lo ao centro novamente. — Provei a torta e gemi baixinho. — Oh meu Deus, eu entendo o que você quer dizer. Isso é tão bom quanto o de Betty Frankel.

— Eu concordo. — Ele virou sua cerveja.

— Eu me diverti muito esta noite. A conversa de garotas é uma boa terapia.

Ele inclinou a cabeça. — Você precisava de terapia?

Eu ri. — Não é todo mundo?

— Eu não saberia. Eu nunca tive. — Ele virou sua cerveja. — Parece uma tortura para mim.

— Mesmo? Eu amo minha terapeuta. Ela me ajudou muito.

— Com o que? — Ele perguntou, então ele parecia arrependido. — Desculpe, isto é privado? Você não precisa me dizer.

— Não, está tudo bem. Eu não me importo de falar sobre isso. Na verdade, acho que dizer as coisas em voz alta me ajuda a superá-las. É manter as coisas reprimidas que é prejudicial.

Ele tomou outro gole. — Que coisas você mantinha engarrafadas?

Olhei para o meu prato e empurrei um pouco de recheio de maçã. — No que dizia respeito à minha mãe, muita raiva e ressentimento. Mas minha

terapeuta me ajudou a reformular alguns dos comportamentos de minha mãe.

— Como assim?

— Bem, por exemplo, aos olhos da minha mãe, forçar-me tanto para estar financeiramente segura era uma forma de mostrar que ela me amava. Ela queria que eu tivesse uma vida mais fácil do que ela. Ela não queria que eu lutasse. — Suspirei. — Mas não era isso que eu queria da minha mãe, queria ouvir que ela me amava e teria orgulho de mim, não importa o quê. Eu tive que perdoá-la por isso.

Beckett acenou com a cabeça. — E você fez?

— Sim, — disse com cuidado, — mas é uma espécie de coisa contínua. Espero que vender a casa me dê uma sensação de fechamento. Ainda estou trabalhando para me livrar de muita culpa e medo que ela instilou.

— Medo de que?

— Não corresponder às expectativas das pessoas. Deixando as pessoas na mão. Fazendo as escolhas erradas. Quer dizer, vamos encarar, eu fiz algumas besteiras.

Ele encolheu os ombros. — Todo mundo comete erros.

— Certo, mas. . . — Respirei e admiti algo que eu só disse na terapia. — Uma das coisas que minha mãe costumava me dizer sem parar é que eu não era capaz de tomar boas decisões. Que ela sabia melhor do que eu o que era melhor. Você ouve isso muitas vezes e começa a acreditar. Você

não confia em si mesmo. Quer dizer, quando olho para trás, às vezes fico chocada por ter tido a coragem de largar a faculdade de medicina.

—Mas você fez isso, — Beckett disse com firmeza. —E foi a decisão certa.

—Mas então eu casei com Sam.

—E agora você tem Elliott.

Sentei-me mais ereta e sorri. — Sim. Agora eu tenho Elliott. Ser mãe dele foi a melhor coisa que já me aconteceu. E estou muito orgulhosa de ter voltado e conseguido meu certificado de enfermagem e um emprego, embora Sam não quisesse que eu trabalhasse.

—Viu? Você sabe o que é melhor para você.

Meu ânimo melhorou e comi minha torta novamente. — Bem, estou em andamento. Mas estou bem com isso.

Beckett tomou outro gole. — Acha que vai ficar em Ohio?

— Sim. — Abaixando meu garfo, peguei meu chá. — Não porque eu ame tanto, mas é a única casa que Elliott já conheceu. Já houve interrupções suficientes em sua vida sem desenraizá-lo sem um bom motivo. E Sam não é o melhor pai do mundo, para dizer o mínimo, mas mesmo um pai bom é melhor do que nenhum pai. Eu não quero que Elliott cresça sem um.

— Família é importante. Eu senti muito a falta do meu quando fui embora. Meus amigos também. Até mesmo esta cidade.

Eu concordei. — Entendo. Quando eu era mais jovem, mal podia esperar para deixar Bellamy Creek, mas como adulta, especialmente mãe, posso ver todos os benefícios de crescer aqui. É um lugar tão seguro e coeso. Todo mundo é tão amigável. Pessoas que eu não via há quinze anos me abraçaram hoje e se lembraram do meu nome! Isso me fez sentir tão bem.

Ele sorriu. — Estou feliz.

— Falando em amigos, foi muito divertido esta noite ouvir as histórias de como todas se conheceram e se apaixonaram. Eu estava morrendo de rir da imagem de Blair saindo do carro com aquele vestido branco e depois desmaiando na calçada.

Beckett balançou a cabeça. — Eu não estava lá, mas sempre fui capaz de imaginar isso perfeitamente.

— Cheyenne me convidou para o casamento. — Girei o último gole de chá na minha caneca.

— Isso seria divertido.

— Você é um padrinho?

Ele assentiu.

— Acha que eu poderia ir junto? A menos que você tenha um encontro,
— continuei rapidamente.

— Só meu pai, se ele estiver tendo um bom dia. Ele é meu mais um nessas coisas.

— Bem, eu adoraria participar, embora tivesse que descobrir o que fazer com Elliott. — Terminei meu chá e coloquei a caneca sobre a mesa. — Talvez uma das garotas conheça uma babá.

— Eu poderia pedir a minha irmã Mallory para vir com minha sobrinha.

— Mesmo? — Me endireitei. — Oh meu Deus, isso seria perfeito!

— Ela estará aqui amanhã. Vou perguntar a ela então.

— Obrigada. — Sorrindo, me levantei e levei meu prato e minha caneca para a pia.

Beckett se levantou também, indo em direção à porta da garagem, e um momento depois eu ouvi o tilintar de sua garrafa quando ele a colocou na lixeira. Voltando para a cozinha, ele disse: — Podemos começar a limpar o quintal amanhã.

— Certo. — Lavei o prato e a caneca e coloquei na máquina de lavar. — Mas se você estiver muito ocupado, eu entendo.

— Eu não estou. Eu quero te ajudar.

Fechando a máquina de lavar louça, me virei para encará-lo. — Obrigada. E obrigada por ouvir esta noite.

— Para que servem os amigos?

Nossos olhos estavam presos, e a cozinha de repente ficou cheia de tensão. Pensei no conselho de Blair, *eu voto para você beijá-lo e ver o que acontece* e lambi meus lábios. A mandíbula de Beckett apertou. Seus olhos estavam na minha boca. Se eu desse um passo em sua direção, ele me

encontraria no meio do caminho? Mas eu permaneci imóvel, e Beckett ficou onde estava, seus braços cruzados sobre o peito.

Perturbada, olhei para o relógio e vi que eram dez e meia. — Bem, está ficando tarde. Acho que vou me deitar.

Beckett pigarreou. — Eu também. Vou apagar as luzes e trancar as portas.

— Eu vou esperar por você.

Ele olhou para mim por um momento e achei que ele fosse insistir para que eu fosse para a cama, mas não o fez. Assim que a porta dos fundos foi trancada, ele apagou todas as luzes da cozinha e eu o segui para a sala grande. Esperei na parte inferior da escada enquanto ele trancava a porta da frente e apagava a única lâmpada que havia deixado acesa. Enquanto ele se movia em minha direção, comecei a subir os degraus. Ele seguiu atrás de mim.

Meu pulso estava acelerado sem um bom motivo. Tudo que eu ia fazer era dizer boa noite no topo da escada. Talvez dar um abraço nele. Eu não iria beijá-lo. Eu não iria tocá-lo. Eu não ia sugerir que seria divertido jogar unicórnio pelado travesso na minha cama. Meus pés davam cada passo lentamente, mas juro por Deus que estava suando quando cheguei ao topo. O corredor do andar de cima estava escuro e silencioso. Parei do lado de fora da porta do meu quarto.

Quando Beckett alcançou o patamar, ele se dirigiu para seu quarto. — Boa noite.

Eu abri minha boca para dizer boa noite, eu juro que fiz. Mas não foi isso que saiu.

— Eu preciso te dizer uma coisa, — soltei.

Ele se virou e me encarou.

— Eu quero responder a sua pergunta. — Meu coração disparou e meus dedos se fecharam sobre meu estômago.

— Que pergunta?

— Você me perguntou, ontem à noite, por que eu sempre escolhi idiotas.

— Você disse que não sabia.

— Eu menti. Eu sei.

Ele ficou em silêncio por um momento. — Então me conte.

Dei um passo em direção a ele. — Eu escolhi idiotas porque eles não pediram nada de mim. Eles não esperavam nada de mim. Eles nem queriam muito de mim, apenas pele.

Beckett respirou fundo, seu peito expandindo.

— É por isso que não pude estar com você, — sussurrei.

— Porque você acha que eu esperava perfeição?

— Porque você teria merecido.

Ele exalou e balançou a cabeça. — Você está errada.

— Eu sinto muito. Isso é estúpido. — Fechei meus olhos com força por um momento. — Eu nem sei por que estou dizendo isso agora. Não é como se eu pudesse voltar e fazer as coisas de forma diferente. Acho que gostaria de ter sido corajosa o suficiente para lhe dizer a verdade naquela época.

— Qual é a verdade?

— Que eu gostaria de ter sido sua. Eu sei que você teria sido bom para mim.

Ele não disse nada por dez segundos inteiros, durante os quais meu coração bateu dolorosamente contra minhas costelas e me arrependi de *tudo*.

— Escute, esqueça que eu disse alguma coisa, — disse rapidamente. — Eu não sei o que Blair coloca naquela torta de maçã, mas...

— Eu tenho algo para te dizer também.

Engoli. — Você tem?

— Sim. Várias coisas, na verdade. — Ele se aproximou de mim, tão perto que pude sentir sua respiração em meus lábios. — Em primeiro lugar, estou feliz que você finalmente respondeu à minha pergunta. Isso está me incomodando há quinze anos. Em segundo lugar, você está certa. Eu teria sido bom para você. E terceiro, não, não podemos voltar e fazer as coisas de maneira diferente. O passado é passado.

— Sim. Bem, boa noite. — Lágrimas de mortificação queimando meus olhos, eu girei para longe dele, mas ele agarrou meu braço.

— Mas há mais uma coisa.

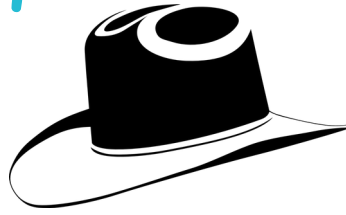
— O que? — Sussurrei.

— Eu durmo com a porta do meu quarto, aberta. Mas quero que você pense bastante antes de tirar vantagem disso. Porque não tenho mais dezoito anos e não estou mais com vontade de ser um cavalheiro.

Então ele soltou meu braço e desapareceu no corredor. Com as pernas tremendo, entrei no meu quarto, fechei a porta e me encostei nela, abanando o rosto. *Putá. Merda.* Ele deixou isso comigo. Mas seu convite foi claro. Eu não tinha imaginado isso.

E antes que eu pensasse muito sobre isso e estragasse minha chance de estar com ele, corri para o banheiro, puxei minhas tranças e escovei os dentes. De volta ao meu quarto, tirei minhas roupas e vesti a regata com estampa de abacaxi e shorts combinando que eu trouxe para dormir. Não exatamente minha lingerie mais sexy, mas em minha defesa, a sedução não estava na minha lista quando eu fiz minhas malas. Então respirei fundo, abri minha porta e caminhei pelo corredor.

Capítulo Oito



Beckett

Finalmente, eu fodidamente disse isso. E me senti muito bem. Se ela ficasse em seu próprio quarto esta noite, tudo bem, mas pelo menos eu não acordaria amanhã lamentando ter ficado em silêncio. Poderia levar a uma conversa estranha durante o café da manhã, mas foda-se, eu fui honesto. Eu disse a ela a verdade. Ela sabia como eu me sentia e o que eu queria. Depois de todo esse tempo, havia algum alívio nisso.

Era possível que eu tivesse ido longe demais? Claro que sim. Talvez ela estivesse do outro lado do corredor agora pensando que eu era apenas mais um idiota que queria pele. Talvez ela nunca mais confiasse em mim. Talvez ela até fizesse as malas amanhã e fosse embora. Mas pelo menos eu corri o risco em vez de engasgar com ele.

Indo para a cama, deitei de costas, as mãos atrás da cabeça. Meu coração parecia uma bola de boliche, batendo forte e pesado dentro do meu peito. Por alguns minutos tensos, não ouvi nada. E então. Passos no corredor. O fechamento silencioso da porta do meu quarto.

Um sussurro desejado no escuro. — Beckett?

Sentei. — Venha aqui.

Ela correu para a cama, nossas bocas colidindo. Minhas mãos em seus cabelos. Seus braços em volta do meu pescoço. Minha língua em sua boca. Suas costas contra o colchão. Eu me levantei dela apenas pela fração de segundo que levei para perder minha cueca boxer. Ela arrancou a blusa que usava. Eu puxei seu short para baixo de suas pernas e joguei-o de lado. Então me estiquei acima dela novamente, meu corpo em chamas, minha boca devastando a dela, minha mente explodindo com uma palavra, *finalmente, finalmente, finalmente*.

Nós nos movemos como uma bomba-relógio. Suas mãos já estavam em volta do meu pau, seu aperto forte enquanto ela as trabalhava para cima e para baixo. Meus quadris se moveram instintivamente, empurrando minha carne grossa e dura através de seus punhos, meu autocontrole empurrado perigosamente perto de seu limite.

— Eu quero você dentro de mim. — Sua respiração estava quente contra meus lábios. — Agora mesmo. É seguro, estou tomando pílula.

Mas não era apenas com a segurança que me preocupava. Eu queria levar meu tempo. Eu estive fantasiando sobre isso desde sempre. *Ainda não*, pensei, enquanto ela esfregava a ponta do meu pau entre as pernas. *Vá mais devagar*, disse a mim mesmo, enquanto empurrava para dentro dela. *Você está sendo um babaca do caralho*, eu gemia em minha cabeça, enquanto meu corpo começou a se mover sobre o dela. Mas eu não conseguia parar. Ela era tão linda, ela estava bem aqui, ela era tudo que eu sempre sonhei. E ela

me queria, eu podia sentir o gosto em sua língua, ouvir em sua respiração, sentir na maneira como ela balançava os quadris embaixo de mim e a forma como suas unhas arranharam minhas costas.

Desesperado para fazer isso bem para ela, mas muito empolgado para tirar meu pé do acelerador, me enterrei o mais fundo que pude e esfreguei a base do meu pau contra seu clitóris. Ela gemeu e moveu as mãos para baixo sobre a minha bunda, me segurando com força. Nossa pele ficou escorregadia de suor. Nossos beijos mais vorazes. Nossos sons estão mais altos e mais desesperados. Me movi mais rápido. Mais duro. Profundo. Minha cabeceira bateu contra a parede em batidas altas e rítmicas que pareciam abalar os alicerces da casa. Não me importei.

Tudo o que importava era meu nome em seus lábios e seus calcanhares em minhas coxas e suas unhas em minhas costas e meu pau dentro dela e ouvi-la dizer ali mesmo, *não pare* e seu corpo quente e úmido e apertado e pulsando ao meu redor. Assim que ela gritou em liberação, alcancei o ponto de ruptura e passei direto por ele, derramando-me nela com impulso após impulso poderoso. Ela era *minha, minha, minha* naquele momento, e nada poderia tirá-la de mim. Foi o orgasmo mais intenso e gratificante que já experimentei, e eu sabia que era porque estava esperando por ele há muito tempo.

Eu estava tentando recuperar o fôlego quando ouvi um barulho no andar de baixo. — Oh, foda-se.

— O que? — Ela disse, ainda ofegante.

— Fique aqui.

Relutantemente, me levantei dela, tateei o chão em busca da minha cueca e a coloquei. Então peguei uma calça de moletom de uma gaveta e enfiei uma perna dentro, pulando no escuro enquanto tentava colocá-las totalmente e abrir a porta ao mesmo tempo.

— Beckett, o que há de errado?

— Eu volto já. — Puxando as calças sobre meus quadris, amarrei o cordão enquanto corria para o corredor e desci as escadas de dois em dois degraus. Entrei na cozinha, onde as luzes estavam acesas e meu pai tirava panelas e frigideiras do armário. Eu olhei para ele. — Pai, o que você está fazendo?

— Estou fazendo café da manhã. — Ele colocou uma grande frigideira de ferro no balcão de granito com um barulho alto e apertou o cinto em seu manto. — Ouvi barulhos no andar de cima, mas você não desceu, então pensei em começar o café da manhã.

— Ainda não é de manhã.

— Nós temos ovos? — Ele coçou a cabeça. — Talvez a senhora da torta possa nos trazer alguns. Ela está voltando?

Eu belisquei a ponte do meu nariz e desejei ser paciente. — Podemos comer ovos amanhã no café da manhã, pai. Mas é apenas meia-noite. Ainda não é hora de acordar.

— Tudo certo? — Maddie entrou na cozinha de pijama, que eu não tinha notado antes tinha abacaxi por toda parte.

— Oh, que bom, você está aqui, — disse meu pai, parecendo satisfeito.

—Estou aqui. — Ela sorriu para ele, parecendo tão sexy e adorável com seu cabelo bagunçado e lábios inchados e pijama de abacaxi, eu queria jogá-la na ilha da cozinha e ter do meu jeito com ela tudo de novo. Jesus Cristo, eu nem tinha provado ela. Qual é o problema comigo?

—Está tudo bem, — disse a ela. —Papai ouviu um barulho e pensou que era de manhã.

—Parecia uma batida, — disse meu pai.

Maddie e eu trocamos um olhar e ela cobriu a boca com uma mão.

—Está tarde, pai. Venha, vamos voltar para a cama.

—Mas e os ovos? — Ele disse enquanto eu o levava para fora da sala.

—Vamos comer ovos amanhã. — Por cima do ombro, eu murmurei que voltarei logo para Maddie, e ela acenou com a cabeça. Depois de me certificar de que papai não precisava usar o banheiro, pendurei seu robe, coloquei-o de volta na cama e disse boa noite. —Eu estarei acordando você na hora do café da manhã, como sempre, tudo bem?

—Não vejo por que não consigo me levantar e fazer o café da manhã quando quero, — disse ele, parecendo uma criança teimosa e um velho rabugento ao mesmo tempo. —Se você não vai me deixar morar na minha casa de verdade, pode pelo menos me deixar comer quando eu estiver com fome.

—Esta é a sua casa real, pai. — Falei baixo, mas com firmeza.

— Besteira, — disse ele irritantemente. — Você acha que eu não sei o que você está tentando fazer?

Eu exalei. Contado até três. — E o que é isso?

Ele pensou por um momento. — Roubar meu dinheiro.

— O que você faria com dinheiro, pai? — Perguntei irritado. Eu deveria ter adormecido com a cabeça de Maddie no meu peito agora, ou tentando persuadi-la para a segunda rodada para que eu pudesse compensar por ser um idiota de duas bombeadas na primeira vez.

Outra pausa. — Gostaria de obter um novo uniforme.

— Um novo uniforme?

— Sim. É por isso que eles não me deixam jogar. Alguém tirou meu uniforme e não tenho dinheiro para comprar um novo. — Ele apontou para mim. — Você está tentando me impedir de jogar.

No fundo da minha mente, me perguntei se isso era algum tipo de retrocesso latente contra deixar de lado seus sonhos de beisebol da faculdade para ficar aqui. Por esse motivo, não tive coragem de discutir.

Suavizei meu tom. — No momento, só estou tentando fazer você dormir, certo? Discutiremos isso amanhã. Boa noite.

Ele pigarreou e eu saí de seu quarto, fechando a porta atrás de mim.

Na cozinha, Maddie tinha guardado as panelas e frigideiras. — Será que o acordamos? — Ela perguntou, fechando a gaveta embaixo do fogão.

— Provavelmente.

— Eu sabia que falava muito alto. — A culpa cintilou em seu rosto.

— Não foi só você. Tenho certeza de que fiz um barulho decente também. Sem mencionar a cama batendo contra a parede.

Ela assentiu com os olhos arregalados. — Estou surpresa por não termos acordado Elliott.

— Você tem certeza de que não?

— Sim. Eu o verifiquei antes de descer.

— Bom.

Ficamos ali por mais um momento, nossos olhos se encontraram, seus braços cruzados sobre o peito, os meus pendurados flácidos ao meu lado, quando tudo que eu realmente queria fazer era segurá-la. Mas ela queria isso?

Talvez o que aconteceu esta noite fosse como aquele beijo debaixo da árvore de bordo, onde iríamos fingir que não aconteceu e continuar com nossas vidas regularmente programadas. Ou talvez não tenha sido bom para ela. Pelo amor de Deus, eu fui até ela como um galgo fora do portão. Não é meu melhor desempenho.

— Você parece muito sério, — disse ela. — E eu não quero ser aquela garota que precisa perguntar o que um cara está pensando depois do sexo, mas eu realmente estou me perguntando o que você está pensando.

— Por um lado, estou pensando que deveria me desculpar.

Ela pareceu surpresa. — Por que?

—Pela minha, uh, velocidade e falta geral de sutileza. — Fiz uma careta.
—Não era para acabar tão rápido. Ou terminar comigo pulando da cama para evitar que meu pai incendeie a casa.

—Provavelmente foi bom ter acabado rapidamente, ou então ligaríamos para o corpo de bombeiros agora. — Sua exuberante boca se curvou em um sorriso tímido. —E não foi muito rápido. Na verdade, eu meio que gostei do ritmo. Eu não tive tempo para ficar nervosa.

—Nervosa? — Eu a encarei. —Sobre o que você ficaria nervosa?

—Vamos lá, você me conhece. — Ela se aproximou, cutucando meu peito nu. — Eu fico nervosa com as coisas.

Passei meus braços em volta de sua cintura. — Você não tinha nada para ficar nervosa. Fui eu quem me gabou ontem à noite que tinha aprendido a agradar uma mulher. E então, quando tive a chance de provar, esqueci tudo. Era o primeiro ano de novo.

Ela riu. —Não foi, eu prometo. Você me agradou lindamente. Na verdade, acho que nunca fiquei tão satisfeita antes em tão pouco tempo.

Eu gemi. —Esse não é exatamente o recorde que eu gostaria de manter com você. Continuei dizendo a mim mesmo para me acalmar, mas não consegui. Eu era um maldito touro em uma loja de porcelana, quebrando tudo.

—Ouça, há algo a ser dito sobre uma mulher ser tão irresistível para um homem que o torna incapaz de se controlar, desde que ela tenha convidado

o touro para a loja de porcelana, é claro. Que eu tinha. Fui eu que entrei furtivamente no seu quarto, lembra?

Ela estava brincando? Eu nunca esquecerei disso enquanto eu vivesse.
— Eu lembro.

— Bom. — Ela suspirou, concentrando-se nas pontas dos dedos, que roçaram suavemente no meu peito. — Beckett?

— Hm?

— Nós não arruinamos nossa amizade, não é?

— Não parece.

— Mas e se...

— Ei. — A sacudi suavemente. — Não vamos inventar coisas com que nos preocupar.

— Eu não os estou inventando, — ela insistiu, encontrando meus olhos.
— É uma coisa real que acontece. Duas pessoas são amigas e depois fazem sexo, e tudo fica estranho. Você não se lembra daquela cena de *Harry e Sally* - *Feitos Um para o Outro*?

— Não.

— Bem, eu faço. — Ela estremeceu. — É o pior pesadelo de uma mulher.

— Por que?

— Porque ela está se sentindo calorosa, aconchegante e feliz, e ele está tipo 'Tire-me daqui'. Mas ele não está dizendo isso. — Ela bateu os nós dos

dedos no meu esterno. — É você. Você está tão quieto e pensativo o tempo todo. Você não oferece o que está em sua mente.

Eu tive que rir. — Pensante?

— Sim! Mas eu preciso falar. Ou vou preencher os espaços em branco com coisas ruins. Eu tenho uma voz na minha cabeça que adora fazer isso.

Eu balancei minha cabeça e apertei meus braços ao redor dela. — Maddie. Eu pareço querer dar o fora daqui?

— Não, — ela admitiu.

— Ajudaria se eu dissesse que quero você assim desde que tínhamos dezessete anos?

— Mesmo?

— Ou que manter minhas mãos longe de você ontem à noite tirou cada grama do meu autocontrole?

Seus olhos se arregalaram, como se ela estivesse um pouco escandalizada. — Você escondeu bem.

— Obrigado. Mas você pode parar de se preocupar. — Eu beijei sua testa. — Não destruimos a nossa amizade.

Ela sorriu. — E amanhã não vai ser estranho?

— Não vai ser estranho amanhã.

Seu corpo relaxou e ela pressionou sua bochecha no meu peito. — Bom. Porque gosto de ter você na minha vida.

Eu a segurei por um momento, descansando meus lábios em seus cabelos, acariciando suavemente suas costas, sentindo-me quente e protetor e desejando que houvesse alguma maneira, qualquer maneira, de mantê-la em meus braços até o sol raiar. Mas eu sabia que isso era impossível.

Por fim, ela suspirou e disse: — Acho que devemos dormir um pouco, hein?

— Provavelmente.

Nenhum de nós se moveu por mais trinta segundos, e então ela começou a rir. — Vamos, ou vamos ficar parados aqui a noite toda.

Depois de apagar as luzes, subimos as escadas de mãos dadas e sussurramos boa noite no corredor entre as portas de nosso quarto. Parecia tudo errado enquanto eu a observava desaparecer na escuridão do quarto de hóspedes e fechar a porta atrás dela. Mas o que eu poderia fazer? A divisão que nos separava era maior do que apenas um corredor. De volta ao meu quarto, deixei a porta entreaberta e volvei para a cama sozinho.

Capítulo Nove

Tie Me
Down

Maddie

Fechei a porta o mais suavemente que pude e me arrastei de volta para a cama, puxando as cobertas até meus ombros e me enrolando em uma bola, como se a memória do corpo de Beckett no meu fosse algo que pudesse escapar se eu não o segurasse apertado o suficiente. Nunca quis esquecer esse sentimento. Nem por um momento. Fechando meus olhos, deixei a cena se repetir novamente com a trilha sonora do meu coração batendo. O tapete do corredor sob meus pés descalços. Empurrando sua porta. Sussurrando seu nome, uma pergunta. Sua silhueta no escuro. Sua voz profunda e tranquila me dando a resposta.

Venha aqui. Corri em direção à cama como um trem em fuga, batendo em seu corpo duro e quente com tanta violência que me deixou sem fôlego. Os músculos do meu estômago se contraíram quando me lembrei de nossas mãos impacientes puxando roupas, nossas línguas ansiosas desesperadas para provar, nosso desejo febril reprimido exigindo que corrêssemos para a linha de chegada sem parar, como se estivéssemos com medo de que a chance pudesse ser tirada de nós a qualquer segundo. Rolando de costas, coloquei minhas mãos sobre minha barriga, respirando profundamente. Quanto tempo se passou desde que um homem me tocou

Melanie Harlow

daquela maneira? Me beijou assim? Me devastou dessa forma, como se ele tivesse que me ter ou ele perderia a cabeça, mas também como se ele realmente se importasse com o que eu estava sentindo?

Pode ter acabado rápido, mas eu estava acostumada a jejuar. O que eu não estava acostumada era sentir que o que eu precisava era importante. Meu marido não tinha sido fiel. Mas por causa da maneira como eu estava programada, não conseguia parar de tentar agradá-lo. Isso significava desconectar meus sentimentos feridos, entorpecendo-me com a dor psicológica de sentir que não era o suficiente. Mas aquele distanciamento emocional transbordou, no final, eu não conseguia sentir porra nenhuma durante o sexo, e parei de fingir que podia. Quando Sam parou de se incomodar comigo, eu não o culpei. E eu não me importava mais. Nesse ponto, associei sexo à insegurança e quem precisa mais disso?

Mas Beckett, suspirando suavemente, eu me enrolei de lado novamente.

Não era só que ele tinha o corpo mais forte e gostoso de qualquer homem com quem eu já estive e sabia como usá-lo. Era saber que eu significava algo para ele. Estava cedendo a algo que estava lá o tempo todo. Era me compartilhar com ele de uma forma que eu apenas fantasiava, e descobrir a coisa real era ainda melhor. Estava me permitindo sentir. Eu não era um idiota. Eu sabia que Beckett não estava apaixonado por mim. Eu sabia que ele provavelmente estava sozinho aqui, tendo apenas seu pai como companhia. Eu sabia que o que quer que fosse essa coisa entre nós era uma diversão temporária. Mas de pé naquela cozinha com seus braços grandes e fortes em volta de mim, me sentindo quente e segura e protegida

e querida, como se tudo fosse ficar bem. . . foi uma sensação boa. Eu gostaria que não tivesse que acabar.

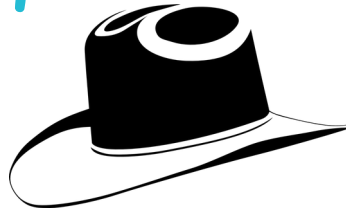
Do nada, uma voz indesejada do passado falou, manchando meu brilho. *Você não pode confiar em um homem, Madalena. Você não pode esperar que outra pessoa cuide de você.* Eu fiz uma careta no escuro. *Não estou esperando nada,* argumentei de volta. *Eu apenas tive um bom tempo com ele.* Mas a voz não desistia. *Apenas certifique-se de manter a cabeça apoiada nos ombros e não nas nuvens. Você tem um filho em quem pensar agora. Você não pode se dar ao luxo de cometer erros irresponsáveis.* Peguei meu travesseiro e coloquei sobre minha cabeça, tentando abafar o barulho.

Eu não estava sendo irresponsável, estava sendo humana. Eu só queria me sentir perto dele esta noite. Não é como se estivéssemos machucando ninguém.

Apenas tenha cuidado. Não fique tão presa a sentimentos confusos, você esquece o que é fantasia e o que é realidade. Você sempre se esforçou para saber a diferença. É por isso que você se machuca.

Rolei para o outro lado, puxando as cobertas sobre os ombros, irritada por minha mãe ainda reinar sobre alguma parte do meu subconsciente. Que seus avisos ainda deveriam ter influência. Eu não era mais uma criança ansiosa, eu era uma mulher adulta. Como Beckett disse, eu sabia o que era melhor para mim. Não que eu não fosse tomar cuidado, porque eu iria. Mas eu também iria gostar disso.

Capítulo Dez



Beckett

Dormi demais, estava sonhando com ela e eram quase seis horas quando abri os olhos e verifiquei a hora.

—Foda-se, — murmurei, jogando as cobertas de lado. Mas quando rolei para fora da cama, não pude deixar de sorrir. Me senti como um cara que comprou bilhetes de loteria por toda a vida e finalmente tirou a sorte grande.

Eu coloquei algumas roupas e corri escada abaixo, percebendo que a porta do quarto de Maddie estava entreaberta. Meu coração disparou mais rápido com o pensamento de vê-la. Ela estava na cozinha, servindo uma xícara de café. Parei ao ver suas costas, lembrando-me da maneira como ela as arqueava para mim. O cheiro de seu pescoço. A curva de seu quadril sob minha palma. A virilha da minha calça jeans ficou mais apertada.

Ela se virou e sorriu, fazendo meu coração disparar. — Bom dia, — disse ela.

— Bom dia. — Assim que consegui fazer minhas pernas funcionarem novamente, fui direto para a cafeteira. — Como você dormiu?

— Bem. — Ela segurou sua caneca com as duas mãos. — Você?

— Bem. Bem demais. — Servi-me de meia xícara, que foi tudo o que tive tempo para fazer. — Elliott já acordou?

— Sim. Ele está se vestindo.

— Certo. — Tomei um gole rápido. — Vou começar porque estou atrasado e temos igreja às nove, mas mande-o para o celeiro assim que ele estiver pronto.

— Você vai à igreja? — Ela perguntou, sua voz subindo abruptamente.

Eu levantei uma sobrancelha. — Você parece surpresa. Devo ficar ofendido?

— Não, — ela disse, rindo um pouco. — Só não me lembro de você ir à igreja no colégio.

— Eu acho que pulei muito naquela época. Meu pai e minhas irmãs sempre iam. — Tomei mais dois goles de café quente e coloquei a xícara sobre a mesa. — Não sou muito religioso, mas papai gosta de ir, e é um passeio com o qual posso lidar, gosto daqueles que têm um horário de início e fim definidos.

Ela acenou com a cabeça. — Entendo. Nós iremos com você.

— Você não precisa, — eu disse, indo para a entrada.

—Eu quero. — Ela me seguiu e ficou parada na porta enquanto eu calçava minhas botas. —Se estiver tudo bem.

—Claro que está tudo bem. Depois disso, tenho um trabalho a fazer por aqui, mas Mallory vem passar a tarde com o papai, para que possamos começar a limpar o quintal da sua mãe.

—Isso parece ótimo. Vou preparar o café da manhã e enviar Elliott para ajudá-lo assim que ele descer. Você gosta de aveia?

Recuando em direção à porta, eu sorri para ela. —Esta manhã, gosto de tudo.

O que Maddie chamava de aveia acabou sendo uma mistura de dar água na boca com maçãs, framboesas e nozes assadas no forno e regadas com xarope de bordo.

—Elliott, chega com a calda. — A voz de Maddie estava severa.

Seu filho riu e continuou a afogar seu café da manhã. —Mas eu gosto de xarope de bordo. É um dos quatro principais grupos de alimentos.

Eu sorri para ele por cima da minha caneca de café. —Minhas sobrinhas e sobrinhos amam Elf.

— Elliott também, — Maddie disse, balançando a cabeça enquanto seu filho lambia os dedos. — Eles tocaram em um teatro perto de nós por volta das férias, e eu o levei para ver. Durante semanas, ele implorou para colocar xarope na massa.

— Devíamos ir ao cinema, — anunciou meu pai.

Maddie sorriu para ele do outro lado da mesa. — Ontem enfiamos a cabeça no teatro da Main Street, lembra? Você me contou a história de ver Vertigo lá. Você disse que seu par se parecia com Kim Novak.

— Ela parecia. — Ele parecia presunçoso. — Ela era a garota mais bonita da escola. O nome dela era Evie Clemson e ela usava um suéter vermelho.

Eu o encarei. Era incrível para mim a maneira como sua memória funcionava. Ele poderia dizer a você o que seu par estava vestindo ao cinema em 1958, mas em uma hora, ele não seria capaz de dizer que ele comeu mingau de aveia no café da manhã.

— Eu me pergunto o que aconteceu com ela, — disse Maddie.

— Ela foi embora para a faculdade. — Meu pai parecia pensativo enquanto comia um pedaço de seu café da manhã. — Eu não sei o que aconteceu com ela depois disso. Ela nunca mais voltou. Mas ela costumava ir a todos os meus jogos de beisebol.

— Falando em jogos, quando é o próximo jogo de beisebol? — Maddie me perguntou. — Espero poder pegar um enquanto estou aqui.

— O primeiro é na próxima quinta à noite.

Seu rosto se iluminou. — Que bom, ainda estarei aqui!

— Podemos jogar beisebol de novo hoje? — Perguntou Elliott.

— Provavelmente não hoje amigo, — disse a ele. — Muito trabalho a fazer.

— Certo. — Elliott parecia triste, e me lembrei de como era ter a idade dele, esperando meu pai terminar o trabalho para que pudéssemos jogar bola.

— Talvez possamos praticar um pouco de treino de rebatidas antes do jantar, — disse. — Mas isso significa que definitivamente vou precisar da sua ajuda hoje com algumas tarefas.

Ele se sentou mais ereto em sua cadeira. — Eu posso ajudar nas tarefas domésticas.

Terminamos o café da manhã rapidamente e deixamos os pratos na pia, correndo para nossos quartos para nos trocarmos, para que saíssemos a tempo para o serviço das nove horas. Às oito e meia, eu estava esperando por todos na entrada quando Maddie apareceu.

— Ouça, se você não tem tempo para jogar beisebol hoje, está tudo bem, — disse ela, colocando um brinco pelo lóbulo da orelha. — Eu sei o quão ocupado você está.

— Eu adoraria jogar bola com Elliott novamente. — Estava tendo dificuldade em manter meus olhos onde eles pertenciam. Ela colocou um vestido de verão florido que exibia sua cintura estreita e decotado.

— Você está olhando para o meu decote. — Ela colocou a mão sobre o peito e sussurrou: — Este vestido é decotado demais para a igreja?

— Não. — Encontrei seus olhos. — Você está linda e é bom para a igreja. Eu sou apenas um idiota.

— Você não é. E se não fôssemos à igreja, adoraria seus olhos em mim dessa forma. Já se passou muito tempo desde que alguém olhou para mim assim... — Sua boca expressiva se curvou em um sorriso. — Como um touro em uma loja de porcelana que quer quebrar tudo.

Eu gemi. — Por favor, me diga que terei uma chance de compensar isso.

Mas antes que ela pudesse responder, Elliott entrou correndo na entrada, caindo no chão para puxar suas botas rosa. Ele trocou o short jeans e a camiseta que usava antes por um vestido rosa cor de chiclete com um coração de lantejoulas roxas na frente. A presilha de unicórnio estava presa em um lado de sua cabeça.

— Não, Elliott, essas botas estão sujas, — Maddie advertiu. — Você pode, por favor, voltar para o seu quarto e pegar seus tênis limpos?

— Não. — Ele se levantou e olhou para seus pés. — Estes são os meus sapatos favoritos.

Maddie apelou para mim. — Beckett, diga a ele que a igreja não é lugar para botas sujas.

Mas Elliott estava olhando para mim com tanta seriedade, e ele estava tão orgulhoso daquelas botas que não tive coragem. O pobre garoto provavelmente teria que lidar com um monte de gente olhando para ele

por usar um vestido, ele poderia pelo menos entrar lá com a confiança adicional que suas botas lhe davam.

— Vou te dizer uma coisa, — disse. — Deixe-me pegar um pano e limpar um pouco. Então, elas estarão em perfeita forma para a igreja. Vá para a garagem. — Abri a porta e Elliott passou por ela.

— Obrigada, — disse Maddie, atirando-me um sorriso agradecido. — Devo ir ver seu pai?

— Pode ser. Basta bater com força na porta do quarto. Ele provavelmente está escovando os dentes pela quinta vez. Mas precisamos ir ou acabaremos estacionados a um quilômetro de distância da igreja, e ele anda devagar.

— Eu irei pegar ele. — Mas quando ela se virou para ir embora, não pude resistir a agarrá-la pelo braço e puxá-la de volta para mim, beijando-a com força.

Ela riu. — Beckett, nós vamos nos atrasar.

— O ministro vai entender quando vir você nesse vestido. — Pressionei meus lábios em sua clavícula. — Mas minha mente está vagando em um território que não é apropriado para a igreja, então vou limpar algumas botas agora.

Rindo, ela me afastou de brincadeira. — Vai. Eu te vejo em um minuto.

Conseguimos sair na hora certa, mas ainda assim estacionamos a vários quarteirões de distância. Maddie e Elliott caminharam de mãos dadas rua acima à frente de meu pai e eu.

Enquanto caminhávamos em direção à igreja, meu pai puxou minha manga. — Ei.

— O que é?

— Eu acho que é a menina do outro lado da rua. Ela voltou para casa. — Ele apontou para Elliott.

— Não, pai, esse é o filho de Maddie, Elliott.

— Quero dizer aquele de vestido rosa.

— Sim eu conheço. Esse é o Elliott.

Ele parou de andar. — O garoto do beisebol?

— Sim.

— Por que ele está usando aquele vestido?

— Ele gosta.

— Para um disfarce?

— Não, ele só gosta de usar vestidos às vezes. Não é grande coisa. — Eu o empurrei para frente. — Vamos. Continue caminhando.

Ele começou a se mover novamente. — Nunca conheci nenhum menino que usasse vestido.

— Bem, as coisas mudaram.

— Mas quando? — Ele perguntou, genuinamente perplexo. — Quando todas essas coisas mudam? Não entendo.

Eu coloquei a mão em seu ombro, desejando poder explicar a ele. — Com o tempo, eu acho. Mas realmente não importa exatamente quando. O que importa é que ele é o mesmo garoto. Ele só gosta de jeans às vezes e vestidos rosa outras vezes.

Meu pai arrastou os pés pela calçada enquanto pensava nisso. Quando chegamos aos degraus da igreja, ele deu de ombros e disse: — Tudo bem.

— Maddie era a menina do outro lado da rua, — eu disse quando começamos a subir os degraus. — Ela está crescida agora.

Ele parou e olhou para mim. — Você a encontrou?

— Sim, — eu disse, para economizar tempo.

— Então você vai se casar com ela agora?

Eu olhei para cima para onde ela e Elliott estavam esperando por nós na frente das portas duplas abertas. — Não, pai. Não vamos nos casar. Nós somos apenas amigos.

Ele começou a rir enquanto subia os degraus novamente. — Esta é uma daquelas coisas que você não é tão inteligente.

Eu fiquei lá por um segundo olhando para ele, me perguntando se ele estava totalmente confuso ou eu. Enquanto caminhávamos pelo corredor central do santuário, notei muitas pessoas olhando para nós, mas com toda

a justiça, Maddie e Elliott eram rostos novos em uma pequena cidade, e meu pai e eu geralmente íamos à igreja sozinhos. Todos pareciam curiosos, mas a maioria das pessoas sorria e apenas algumas sussurravam por trás das mãos.

—Está tudo bem? — Maddie perguntou baixinho, apontando para um banco à direita no meio do caminho.

—Claro, — eu disse.

Elliott sentou primeiro, seguido por Maddie, e então eu e meu pai. Assim que estávamos acomodados, Maddie se inclinou em minha direção e sussurrou: — Existem como mil olhos em mim. Eu posso senti-los.

—Relaxe. É só porque eles estão tentando descobrir quem você é. E muitos deles provavelmente estão tentando localizá-la.

—E se for por causa deste vestido escandaloso? — Ela espalmou a mão sobre o esterno. — Eles estão segurando suas pérolas?

—Só meus olhos estão em você por causa do vestido escandaloso, — eu disse calmamente. — Então você poderia mover sua mão, por favor? Está bloqueando minha visão. E eu preciso de algo bom para ver se o sermão é entediante.

Sua boca se abriu. — Eu nunca vi esse lado seu, Beckett Weaver.

— Melhor se acostumar com isso.

Ela sufocou uma risadinha quando nos levantamos. — Sim senhor.

Por volta de uma hora daquela tarde, eu estava de pé no balcão da cozinha devorando um sanduíche de peru e me perguntando como poderia ficar sozinho com Maddie esta noite quando ouvi a porta da frente bater. Um momento depois, minha sobrinha Daisy entrou correndo na cozinha sem fôlego. — Tio Beckett! Perdi outro dente!

— Você fez? Deixe-me ver.

Ela me lançou um sorriso de abóbora.

— Você com certeza fez. A fada do dente veio?

— Não, porque eu apenas puxei para fora no caminho para cá. Veja? — Ela tirou o dente do bolso do short e o exibiu com orgulho.

— Não perca isso, Daisy, — disse Mallory, entrando na cozinha. — Ei, Beck.

— Ei. — Eu dei outra mordida no meu sanduíche. — Você quer uma bolsinha para esse dente, Daisy?

— Boa ideia. — Mallory colocou sua bolsa na ilha. — Eu vou pegar.

— Eu esperava que você viesse com sua mãe hoje, — disse à minha sobrinha. — Há alguém que eu quero que você conheça.

— Quem? — Seus grandes olhos azuis brilharam.

Devorei o resto do meu sanduíche. — O filho da minha amiga, Elliott.

Seus ombros caíram um pouco, seu nariz empinado enrugou-se. — Oh. Um menino.

Rindo, me aproximei e puxei uma de suas tranças. — Ouça, um dia você vai adorar meninos.

— Hoje não, — ela murmurou revirando os olhos.

— Quem é Elliott? — Minha irmã perguntou, puxando um pequeno saco plástico de sanduíche de uma gaveta. — Aqui, Daisy, me dê esse dente.

— Filho de Maddie Blake. Ela está na cidade lidando com a venda da antiga casa de sua mãe e o trouxe junto. — Tentei fazer com que soasse casual para que ela não tivesse ideias, mas seus olhos brilharam imediatamente. — Eles vão ficar aqui.

— Ooh. Maddie Blake, — disse ela dramaticamente, fechando o zíper do saquinho e apertando-o contra o peito. — Posso praticamente ouvir seu coração adolescente batendo do outro lado da sala.

Eu fiz uma careta. — Você é tão ruim quanto Amy.

— Nós tínhamos olhos, Beckett, — ela disse, sorrindo enquanto colocava o saco em sua bolsa. — Nós pudemos ver a maneira como você olhava para ela.

— Tipo, como? — Daisy perguntou.

— Assim. — Mallory adotou uma expressão exageradamente sonhadora e suspirou profundamente. — Ele estava *apaixonadooooo* por ela.

— Você vai parar de me perseguir? — Eu prendi minha irmã em uma chave de braço e esfreguei seu couro cabeludo com os nós dos dedos.

— Ai! Não, eu não posso. Sou sua irmã. — Ela se desvencilhou do meu aperto. — Onde está o papai?

— Tirando uma soneca. Quando ele acordar, lanche como de costume e depois os comprimidos da tarde. Depois disso, você pode fazer o que for.

— Entendi.

— Eu estarei com Maddie em sua antiga casa, trabalhando fora. Mas Elliott pode ficar aqui e brincar com Daisy. Eu acho que eles vão se dar muito bem. Ele tem seis anos.

— Parece bom, — disse Mallory. — Está um dia lindo, eles podem brincar lá fora.

— Mas eu trouxe minhas Barbies. — Daisy estava claramente irritada por ter que abrir mão das Barbies para brincar com um menino. — Eu ia montar a jacuzzi na varanda como da última vez.

— Na verdade, Daisy, acho que Elliott adoraria fazer isso, — disse a ela. — Ele também tem um jogo de unicórnio que pode mostrar a você e, se você permitir, ele provavelmente trançaria seu cabelo.

As sobrancelhas de Daisy subiram. — Mesmo?

— Mesmo? — Ecoou minha irmã, um olhar interrogativo em seu rosto.

— Sim. — Fiz um gesto para elas me seguirem. — Vamos. Vou apresentá-lo.

Como esperado, Elliott e Daisy se deram bem imediatamente. Poucos minutos depois de se conhecerem, eles estavam rindo na varanda, desempacotando a mala da Barbie de Daisy e enchendo a banheira de hidromassagem da Barbie com água da mangueira. Embora ele tivesse mudado de vestido e de volta para shorts e uma camiseta, ele ainda usava as botas rosa e a fivela de unicórnio em seu cabelo, e eu pude ver Daisy tentando decifrar como esse garoto podia ser tão diferente do irmão mais velho dela e todos os outros garotos que ela conhecia.

—Ele é adorável, —disse Mallory baixinho enquanto nós três os observávamos. —E eu amo as botas rosa.

—Obrigado. Daisy é tão doce, isso é perfeito. — Maddie sorriu para ela.
—Você tem certeza de que não há problema em deixá-lo aqui?

—Claro. — Minha irmã nos enxotou. —Vai. Leve o tempo que precisar. Caden, meu filho, joga beisebol o dia todo e meu marido está com ele. Não temos que voltar a qualquer momento. Também posso fazer o jantar.

—Obrigado, — eu disse. —Provavelmente demoraremos algumas horas, mas se você precisar de alguma coisa ou tiver alguma dúvida, é só ligar.

Lá fora, Maddie e eu carregamos minha caminhonete com equipamentos de paisagismo, ferramentas de jardinagem e sacos de lixo de jardim e saímos. Eu tentei e falhei em manter meus olhos longe de sua bunda no short jeans curto que ela usava, seus seios na minúscula camiseta amarela, suas pernas nuas, sua nuca, seu cabelo em um rabo de cavalo alto que eu queria enrolar em torno do meu punho. Cada centímetro dela me excitou. Mas eu não queria que ela soubesse o que eu estava pensando, seu comentário sobre os idiotas que só queriam pele dela ainda estava na minha cabeça, então mantive minhas mãos para mim mesmo.

Fomos até a casa da mãe dela e, nas horas seguintes, trabalhamos lado a lado sob o sol, capinando, aparando, arrumando e limpando anos de abandono. Derramamos suor. Esbofeteamos os insetos. Maddie reaplicou protetor solar em seu rosto e ombros três vezes. Tirei minha camisa.

—Eu deveria ter usado um chapéu, — disse ela. —Meu rosto vai ficar rosa.

—Eu posso ir buscar um para você.

—Não, tudo bem. Mas você deveria me deixar colocar um pouco de protetor solar nas suas costas, — ela disse, vindo até onde eu estava agachado, cavando alguns arbustos teimosos e crescidos na frente da varanda.

—Minha pele está acostumada.

—Beckett! Você deveria cuidar melhor de... oh, que coisa. — Ela colocou a mão em meu ombro. —Essas marcas são minhas?

—Que marcas?

—Esses arranhões. — As pontas dos dedos dela roçaram minha pele. — Parece que você foi agarrado por uma leoa.

Eu sorri para ela por cima do ombro. — Bom.

Um carro parou na garagem e eu me levantei. — Moretti está aqui. Ele me mandou uma mensagem antes que ele pudesse passar por aqui.

—Oh meu Deus! Coloque sua camiseta, — ela sussurrou freneticamente.

—Por que? — Eu ri. — Então ele não se sente mal consigo mesmo?

Perturbada, ela gesticulou para a parte superior do meu corpo. — Então ele não vê essas marcas! Oh Deus, elas estão no seu peito também.

—Ele não vai ver as marcas, — disse baixinho quando Moretti saiu de seu SUV. — Caras não percebem essas coisas.

—Mas Bianca está com ele, — disse ela quando Bianca saiu do lado do passageiro. — E as mulheres fazem.

Olhei em volta procurando minha camiseta suada, mas não a vi em lugar nenhum, e dez segundos depois eles estavam se aproximando de nós.

—Ei pessoal. Como está indo? — Moretti chamou. — Parece que você está fazendo algum progresso.

—Está indo, — disse. — Devagar mas seguro.

— Acho que já está muito melhor. — Bianca sorriu brilhantemente. — Vocês estão trabalhando duro aqui neste calor. Devíamos ter trazido bebidas geladas para você.

Nós nos mudamos para a sombra de uma bétula e conversamos um pouco por alguns minutos, e então Moretti falou sério. — Então ouça, vai demorar um pouco antes de eu conseguir trazer uma equipe aqui. Este é um momento muito agitado para nós.

— Eu entendo, — disse Maddie, parecendo um pouco cabisbaixa.

— Você sempre pode procurar outra empresa. — Ele encolheu os ombros. — Há alguns outros caras que fazem um bom trabalho por aqui.

— Ele realmente não acha isso, — disse Bianca, balançando a cabeça.

Maddie tentou sorrir. — Prefiro que sua empresa faça isso. Então você está pensando no final do verão?

— Provavelmente. Mas há outra opção. — Moretti trocou um olhar com a esposa. — Bianca e eu temos conversado sobre isso desde que saímos daqui.

— O que é? — Maddie perguntou.

— Nós vamos comprar de você, — disse Bianca ansiosamente. — Vamos dar a você um preço justo pela condição em que está agora e pagar em dinheiro adiantado. Estamos pensando em comprar mais propriedades para alugar, e ambos achamos que esta será popular, devido ao seu tamanho e localização. Não fica na água nem nada, mas não fica longe da praia pública.

—Mesmo? — Maddie se iluminou consideravelmente. —Você estaria interessado em comprá-lo?

—Claro, — disse Moretti. —Dessa forma, você obteria o dinheiro imediatamente e não teria que se preocupar com o cronograma ou com o trabalho que está sendo feito.

—Uau. Isso seria incrível. — Maddie sorriu para os dois. —Onde eu assino?

Moretti riu. —Eu nem mencionei um preço ainda. Você não quer negociar?

—Eu devo? — Maddie parecia preocupada. —Quer dizer, eu confio em você.

Ele olhou para mim. —Este não é um empresário.

Eu balancei minha cabeça. —Não.

—Bem, agora vocês estão me deixando nervosa. — Maddie torceu as mãos. —Haveria uma razão para não vender para você?

—Só se você estivesse pensando que conseguiria mais dinheiro com isso, uma vez que as reformas estivessem concluídas, — disse Moretti. —E você faria, é claro, mas isso iria economizar o custo e o trabalho de fazer o trabalho.

—Certo. — Ela acenou com a cabeça, a testa franzida.

Lembrando-me do que ela me disse ontem à noite sobre duvidar de sua capacidade de fazer as escolhas certas para si mesma, toquei seu ombro. — Estamos apenas brincando com você, — eu disse baixinho.

Nossos olhos se encontraram, e eu sabia que ela entendia.

— Certo, — disse ela com um aceno de cabeça. — Meu instinto é que este é o melhor caminho a seguir.

— Excelente. Deixe-me escrever a oferta e você pode dar uma olhada nela, — disse Moretti. — Ainda estou trabalhando nos números, mas acho que algo em torno de oitenta e cinco a noventa mil está certo, dada sua metragem quadrada, o tamanho do lote, a localização e sua condição.

— Parece bom para mim, — disse Maddie com mais confiança.

Moretti riu novamente. — Eu gostaria que todos os negócios pudessem cair tão facilmente.

Eu ri também, mas percebi que quando ela vendeu a casa, isso poderia significar um adeus para sempre. Que razão ela teria para voltar para Bellamy Creek? Ela viria só para me ver? *Não seja egoísta*, disse a mim mesmo enquanto os três continuavam a conversar sobre as reformas. *Isso não é sobre você*. Era bom que ela estivesse indo embora, na verdade. Eu não tinha espaço na minha vida para um relacionamento, à distância ou outro. Ela venderia a casa e iria para casa, e nós continuaríamos amigos. Isso é o que eu queria. É assim que seria. Fácil. Descomplicado. Melhor para todos. Mas meu peito começou a doer.

—Honestamente, isso é um alívio, — disse Maddie, olhando para a casa.
—Eu deveria ter lidado com este lugar anos atrás, mas não consegui me forçar a fazê-lo.

—Eu entendo, — Bianca disse. —Os lares da infância sempre vêm com alguma bagagem emocional pesada. Pode ser difícil deixar para lá.

—Terei o prazer de dizer adeus à pesada bagagem emocional que acompanha esta casa, — disse Maddie, fingindo limpar a sujeira de suas mãos. Então ela olhou para mim. —Minhas boas lembranças em Bellamy Creek estão sãs e salvas.

—Vou entregar a papelada para você esta semana. — Moretti olhou para mim. —Sinta-se à vontade para continuar trabalhando aqui, no entanto. Eu amo trabalho grátis. Você se importaria de tirar aquela árvore morta ali? Parece que vai ser um pé no saco.

—Foda-se, — disse a ele com um sorriso. —Se este lugar é seu agora, estou fora.

Ele riu. —Eu não te culpo. Vem praticar esta semana?

Bianca puxou a mão de Maddie. —Ei, entre comigo por um momento. Quero contar a vocês uma ideia que tive para a cozinha.

Eu a observei seguir Bianca escada acima, admirando seu corpo curvilíneo e me chutando novamente por ser tão rápido na noite passada. A risada de Moretti me arrancou dos meus pensamentos.

—Desculpe, o que você me perguntou? — Eu fiz uma careta. —Algo sobre prática?

—Cara. — Ele olhou por cima do ombro para a casa, na qual Maddie e Bianca tinham acabado de desaparecer. — Você ainda é uma bagunça por causa dela. É como o último ano de novo.

Eu engoli em seco, incapaz de negar.

— Aconteceu alguma coisa? — Ele perguntou.

Esfreguei a parte de trás do meu pescoço sujo e suado. — Uh, sim.

— Isso significa que essas marcas são dela? — Ele apontou para o meu peito. — Ou uma roseira te atacou?

— Essas são dela.

— Droga. — Moretti parecia divertido e impressionado, cruzando os braços sobre o peito. — Então finalmente aconteceu. Como foi?

Me encolhendo um pouco, eu balancei minha cabeça. — Não pergunte.

Seu queixo caiu. — Não foi bom? Depois de esperar tanto tempo?

— Foi fantástico. Foi justo. . . — Eu fiz uma careta. — Acabou muito rápido.

A cabeça de Moretti caiu para trás enquanto ele ria. — Então vá mais devagar da próxima vez.

— Não sei se haverá uma próxima vez.

— Por que não?

— Porque é muito difícil com seu filho e meu pai em casa. Ontem à noite conseguimos acordar meu pai, que começou a tirar panelas e frigideiras na

cozinha à meia-noite porque ouviu barulhos no andar de cima e pensou que era de manhã. — Eu balancei minha cabeça. — Nosso tempo é uma merda.

— Eu não sei. — Moretti encolheu os ombros. — Quem pode dizer que existe um momento perfeito?

— Eu continuo pensando que sou um idiota por esperar tanto tempo.

— Você acha que teria durado mais quando tinha dezoito anos? — Ele balançou sua cabeça. — Eu lhe asseguro que não seria esse o caso.

— Sim, talvez não. — Limpei o suor da testa com o braço. — É uma merda não podermos ficar sozinhos. E assim que a casa for vendida, duvido que ela volte.

— Deixe me perguntar algo. Quem está com seu pai e Elliott agora?

— Minha irmã Mallory.

— Então, que porra você está fazendo arrancando ervas daninhas, idiota? — Perguntou Moretti. — Você finalmente conseguiu a garota. Agarre-a e saia daqui.

Eu olhei para a casa novamente. — Sim. Talvez eu vá.

Capítulo Onze

Tie Me
Down



Maddie

No momento em que a porta foi fechada, Bianca se virou e disse sem fôlego: —Oh meu Deus, eu vi os arranhões nas costas dele, conte-me tudo agora.

Eu ri e balancei minha cabeça. —Eu disse a ele para colocar a camisa de volta.

—Estou feliz que ele não fez isso! Agora você tem que me contar como aconteceu. Você deu o primeiro passo?

Eu hesitei. —Sim e não.

—Continue. — Bianca gesticulou freneticamente com as duas mãos.

—Depois que cheguei em casa ontem à noite, sentamos à mesa da cozinha e conversamos um pouco.

—Sobre como você queria pular nos ossos dele?

Melanie Harlow

Eu ri. —Não. Principalmente, eram coisas sobre minha mãe, apenas bagagem que eu tive que resolver. Mas ele ouviu como se realmente se importasse.

—Porque ele faz, Maddie.

—Ele tem essa maneira de me fazer sentir tão bem comigo mesma, — eu jorrei. —Eu sempre me sinto tão segura com ele, segura o suficiente para admitir que sempre tive sentimentos por ele, e lamento nunca ter contado a ele.

Seu queixo caiu. —Então você o beijou?

—Não está certo então. — Senti o rubor subindo pelas minhas bochechas e o sorriso malicioso ultrapassando meus lábios. —Mas depois eu escapei pelo corredor em seu quarto.

Ela gritou e saltou para cima e para baixo. —Você não fez isso!

—Eu fiz. Porque um pouco antes de irmos para a cama, ele disse duas coisas que me empurraram para o limite.

—O que ele disse?

—Ele disse que dormia com a porta aberta, mas que eu deveria pensar bem antes de fazer qualquer coisa a respeito, porque ele não estava mais com vontade de ser um cavalheiro.

Bianca recostou-se na porta da frente e abanou o rosto. —Morta. *Morta*.

— Eu quase morri também. Então corri para o meu quarto e coloquei o pijama de abacaxi idiota que eu tinha embalado e atravessei o corredor na ponta dos pés.

Ela riu. — Pijama de abacaxi?

— Eles eram tudo que eu tinha, — disse com um encolher de ombros desamparado. — Eu não fiz exatamente as malas para um momento sexy.

— Aposto que estava sexy mesmo, pelo jeito daqueles arranhões.

Eu balancei a cabeça, meu estômago girando com a memória. — Estava sexy. Foi tudo. Mas . . .

— Mas o que?

— Não foi o suficiente, — admiti. — Eu quero mais.

— Então, pegue um pouco mais. — Ela riu. — Tenho certeza que ele está disposto.

— Mas é difícil para nós, seu pai e meu filho estão sempre por perto. — Eu disse a ela o que aconteceu com o Sr. Weaver noite passada.

— Oh, não, — disse ela, dissolvendo-se em risos. — Isso é tão horrível. Me desculpe, eu não queria rir.

— Vá em frente e ria, nós fizemos. Seu pobre pai não percebeu o que tinha ouvido. E pelo menos não acordamos Elliott. — Eu estremeci. — Isso teria sido pior. Eu me sinto culpada só de pensar nisso.

— Pare com isso. Então você tem que se esgueirar um pouco, grande coisa. — Ela girou o pulso. — Acho que isso aumenta a diversão. E você

merece um pouco de diversão, Maddie. Beckett também. Vocês dois passaram por muita coisa, realmente se importam um com o outro e não há mal nenhum no que estão fazendo. Você não tem do que se sentir culpada.

— Obrigada. Eu me sinto aliviada por não ter sido estranho entre nós esta manhã. Eu não acho que arruinamos nossa amizade.

— É realmente uma pena que você não more mais perto, — disse ela com um suspiro. — Eu pude ver vocês dois sendo realmente bons juntos.

— Eu não sei sobre isso. — Mordi meu lábio inferior. — Ele me disse que não tem relacionamentos sérios.

— Por que não?

— Ele diz que não é bom nisso.

Bianca franziu o rosto. — Ele já tentou? Enzo disse que não namorou ninguém a sério nos últimos anos.

— Ele tinha uma namorada em Nova York, — eu disse hesitantemente. — Mas ele disse que sempre colocava o trabalho em primeiro lugar, e ela não gostava disso. Quer dizer, quem iria?

— Mas isso era então, isto é agora.

— Ainda acho que o trabalho vem em primeiro lugar para ele, na verdade, acho que o pai dele vem primeiro agora, — eu disse. — Mas depois do pai dele, é o rancho.

—Sim. Um relacionamento à distância seria difícil para ele. — Ela pensou por um momento e sorriu diabolicamente. — Talvez você devesse voltar.

Uma batida forte na porta nos fez pular.

—O que está acontecendo aí? — A voz de Enzo cresceu.

—Não diga a Enzo que eu disse nada, — sussurrei.

—Eu não vou. Juro de dedo mindinho. — Ela estendeu o dedo mínimo para mim e eu enganchei o meu e apertei.

Quando ela abriu a porta, Enzo e Beckett ficaram na varanda olhando para nós com desconfiança. —Você está aqui há dez minutos, — disse Enzo. —Quanto tempo leva para contar a ela sobre um novo layout de cozinha?

—Dez minutos, — disse Bianca suavemente, indo para a varanda. — Mas terminamos. Venha, vamos ao supermercado. Preciso de algumas coisas para fazer o jantar. Ei, o que vocês vão fazer depois? Estou cozinhando esta noite. Quer vir?

—Obrigado, mas eu não posso. Não tenho certeza de quanto tempo minha irmã pode ficar, — disse Beckett enquanto descíamos os degraus da varanda. —Ela está com meu pai esta tarde.

—E eu tenho Elliott, — eu disse. —Mas agradeço o convite.

—Bem, ouça, se sua irmã pode ficar um pouco mais, Beckett, fique à vontade para vir por volta das seis. Não precisa ser tarde da noite. —

Bianca enganchou o braço no do marido. —Pêssegos grelhados com burrata, rúcula e pesto. Lasanha de abóbora de verão...

Beckett gemeu. — Você está me matando.

— Ela me mata todos os dias, — disse Enzo.

Eu ri e acenei um adeus quando ele abriu a porta do passageiro para sua esposa, em seguida, entrou pelo lado do motorista. — Eles parecem tão felizes juntos, — eu disse, vendo-os irem embora.

— Sim. — Mas os olhos de Beckett estavam em mim. — Você está pronta para sair daqui?

— Com certeza.

Nós limpamos e carregamos a caminhonete, então pulamos na cabine. Beckett ligou o motor e baixou as janelas para combater o calor abafado, mas não mudou as marchas.

— O que está errado? — Eu perguntei, olhando para ele.

— Eu não quero ir para casa.

— Onde você quer ir? — Baixei os olhos para minhas roupas sujas, minhas mãos sujas. — Preciso de um banho antes de ir a qualquer lugar em público. Ou um salto no lago.

Ele olhou para mim. — Quer ir nadar?

— Agora?

— Sim.

— Certo. — Eu verifiquei a hora no painel da caminhonete. — Mas já são quatro. Temos tempo para a praia?

— Não. — Ele deu marcha ré e recuou.

— Onde estamos indo? Beckett! — Eu ri, agarrando o painel enquanto ele cambaleava para fora da garagem e disparava pela estrada, pneus cuspidos cascalho. — Eu nem tenho maiô.

— Você não precisa de um.

Passamos pelo desvio para o lago e eu olhei para ele. — Você está me sequestrando?

Seus lábios se curvaram. — Sim.

Desisti de tentar descobrir nosso destino, fechando meus olhos por um momento e deixando o vento quente e raivoso soprar o cabelo desgrehado do meu rabo de cavalo do meu rosto. Era tão bom não ser o adulto no comando. Eu me rendi ao sentimento, meus pés no painel, um sorriso no rosto. Quando a caminhonete diminuiu, abri meus olhos e me sentei mais ereta.

— O que é isso? — Eu perguntei quando ele saiu da estrada em uma garagem bloqueada por um portão de metal e uma placa que dizia PROPRIEDADE PRIVADA.

Beckett não respondeu. Ele saltou, abriu o portão e, um minuto depois, ele se fechou novamente atrás de nós e estávamos indo por um caminho de terra que serpenteava por entre as árvores e serpenteava ao longo das colinas.

—Odeio quando você não responde às minhas perguntas! — Eu dei um tapa de brincadeira em seu braço.

Ele riu quando entramos em uma clareira. — Eu sei.

—Ó meu Deus. Isto é tão bonito! — Adiante, eu vi um lago enorme, a luz do sol brilhando em sua superfície. Uma doca de madeira se projetava na água em uma extremidade, um barco a remo amarrado a ela. Ao redor havia uma densa floresta de árvores com folhas verdes prateadas balançando com a brisa. — Esta propriedade é sua?

—Sim. Faz fronteira com o extremo norte da fazenda. Eu comprei quando me mudei quando vi o lago alguns anos atrás.

Gritando de excitação, bati palmas. —É tão bonito. Podemos nadar nele?

—Certo. Vamos, vou correr com você.

Antes que eu pudesse dizer outra palavra, ele saltou, bateu a porta da caminhonete e saiu correndo em direção à água. Eu pulei também, seguindo o mais rápido que pude, mas Beckett era muito mais rápido do que eu. No momento em que cobri a distância entre a caminhonete e a doca apenas cerca de cinquenta metros ou mais, ele já tinha se livrado de suas botas, meias e jeans. Eu ainda estava tentando tirar meus tênis e meias quando ele mergulhou na água apenas com sua cueca boxer, assustando uma família de patos que decolou no momento em que seu corpo atingiu a superfície.

— Não é justo! — Eu gritei quando ele apareceu novamente, sacudindo as gotas de água de seu cabelo.

Ele esfregou os olhos e riu. — Totalmente justo.

Enquanto ele assistia, eu tirei meu short e regata, puxei meu rabo de cavalo do meu cabelo e pulei vestindo meu sutiã e calcinha.

A água estava fria e deliciosa na minha pele quente e queimada de sol. Quando voltei à superfície, Beckett estava nadando na água ao meu lado. — São cerca de dois metros e meio aqui, — disse ele.

— Definitivamente sobre minha cabeça.

— É por isso que mencionei isso. — Ele parecia preocupado ao estender a mão. — Você está bem?

— Estou bem. Isso é tão bom. — Eu deixei meus dedos tocarem os dele enquanto flutuava nas minhas costas. O céu estava sem nuvens e azul, tão brilhante que fechei os olhos. — Você vem muito aqui?

— Na verdade. Às vezes, para pescar.

Eu levantei minha cabeça. — Espere. Tem peixe aqui?

Seus olhos azuis brilharam à luz do sol. — Sim. Você não gosta de peixe?

Eu fiz uma careta. — Eu gosto deles muito bem em aquários. Eu não gosto de *nadar com eles*.

Ele riu. — Eles não vão incomodar você. Acredite em mim, eles estão se movendo na outra direção agora.

— Bom. — Eu espirrei nele suavemente. — Mas se eu for atacada por algum tipo de monstro marinho, a culpa é sua.

— O único monstro que pode atacar você sou eu, — ele disse com um sorriso. — Mas se você preferir dar um passeio de barco a nadar, nós podemos fazer isso.

— Vou dar um passeio de barco. — Nadei até a escada e subi, Beckett me observando da água. De repente, percebi minha utilitária calcinha bege. — Sabe, se eu soubesse que essa visita envolveria você ver minha calcinha, eu teria embalado de forma diferente.

Ele veio por trás de mim, e meus olhos vagaram sobre seu físico impressionante. Sua cueca boxer azul escura pendurada baixa em seus quadris, expondo aquelas linhas em V que eu tinha imaginado na noite passada. Instintivamente, estendi a mão e tracei um lado com o dedo, de onde ele começou até onde desapareceu sob o cós. Por baixo do material, seu pau se moveu enquanto minha mão se aproximava. Eu puxei de volta.

— Por que parar aí? — Ele perguntou.

Eu encontrei seus olhos. — Você quer que eu continue?

— É uma questão séria?

— Sim. — Eu ri e olhei em volta. — Estamos parados aqui em uma doca no meio do dia.

— É a minha doca.

— Mas alguém pode nos ver?

—Ninguém pode nos ver. — Ele estendeu a mão para mim, puxando meu corpo contra o dele, pele molhada com pele molhada. Sua ereção cada vez mais espessa pressionada contra meu estômago. —Que tipo de cowboy sequestra uma garota e a leva a um lugar público?

—Você consegue se chamar de cowboy de verdade? — Eu provoquei, envolvendo meus braços em volta do pescoço. —Onde está o seu cavalo? Você não deveria estar tentando me levar ao pôr do sol ou algo assim?

Ele colocou os lábios no meu ouvido. — Vou levar você do jeito que você quiser.

Estremeci, embora estivesse com calor. —Aqui e agora? — Perguntei, movendo uma mão entre nós, deslizando-a dentro de sua cintura desta vez. Enrolando-o em torno de sua carne dura e grossa, me lembrei da maneira como me senti dentro de mim e minhas entranhas se aceleraram.

Em vez de responder, ele colocou a boca na minha garganta e desabotoou meu sutiã. Um segundo depois, suas mãos estavam na minha bunda, puxando nós dois de joelhos. Ele colocou minhas costas na doca de madeira quente e se esticou ao meu lado, seus dedos passando por baixo da minha calcinha. Usando o polegar contra meu clitóris, ele esfregou círculos suaves que me fizeram gemer e balançar meus quadris sob sua mão. Com sua língua provocando a minha, ele trabalhou dois dedos dentro de mim, gemendo enquanto os mergulhava profundamente. Movi minha mão para cima e para baixo em seu comprimento, ansiosa para senti-lo se movendo dentro de mim, desesperada para me sentir irresistível mais uma

vez, ansiando por aquela conexão sensual profunda que senti com ele na noite passada.

— Beckett, — disse, resistindo sob sua mão. — Agora.

Ele gemeu. — Mas desta vez eu queria...

— Não! — Agarrei sua cabeça, forçando-o a olhar para mim. — Eu só quero você dentro de mim de novo. Não me faça esperar.

Ele hesitou, e estava com medo de ter que implorar. Encarei seus olhos azuis e soube que não estava acima disso. Mas então ele estava puxando minha calcinha molhada e empurrando sua cueca de suas pernas. Ele se moveu sobre mim e eu abri minhas coxas para embalar seus quadris. Enquanto ele relaxava dentro de mim, ele prendeu meus pulsos na madeira acima da minha cabeça, e eu olhei para ele, cada centímetro de mim vivo e em chamas. Cada batida do meu coração me lembrava que eu ainda podia sentir. Cada suspiro e choramingo e rosnado e gemido uma afirmação que abafou todas as outras vozes na minha cabeça.

Nós nos movíamos em perfeita sincronia, como se sempre tivéssemos sido assim juntos, e talvez o tivéssemos em nossos sonhos. — Eu costumava imaginar isso, — disse sem fôlego, enquanto meu corpo se esticava para absorvê-lo, — como seria com você.

— E? — Ele administrou, movendo-se lento e profundo.

— É melhor, — sussurrei, meus olhos movendo-se sobre seu peito largo e ombros largos e boca linda e de volta para aqueles olhos azuis desbotados que me fizeram sentir tão segura. — É muito melhor.

E então ficamos perdidos, o sol batendo em nossa pele, a água batendo embaixo do cais, o cheiro de suor e protetor solar e sexo ao nosso redor. Ele entrou em mim com abandono e eu gritei quando o orgasmo se abriu dentro de mim, meus olhos se fechando, meu corpo se contraindo em torno do dele. Ele gozou logo atrás de mim, seu corpo ficando rígido enquanto seu pau latejava, seu aperto apertando meus pulsos. Em completo contraste com como eu aprendi a me desconectar do meu corpo durante o sexo, eu me deliciava com cada sensação, eu gostava de estar na minha pele, ficava parada para que pudesse sentir cada pulsação rítmica dele dentro de mim. Eu nunca quis que acabasse. *Meu Deus*, pensei, mal conseguindo respirar. *Era assim que sempre deveria ser?*

— Eu ia construir uma casa nesta propriedade. É por isso que comprei.

A voz de Beckett era baixa e grave enquanto ele roçava as pontas dos dedos nas minhas costas nuas. Eu estava deitada de bruços na doca, os braços cruzados sob a têmpora, os olhos nele. Ele estava deitado de lado ao meu lado, a cabeça apoiada na mão. A luz do sol estava quente na minha pele.

— Por que você não fez isso? — Eu perguntei.

— Não fazia muito sentido. Eu já sabia que meu pai não seria capaz de viver sozinho por muito mais tempo. Em vez disso, reconstruí a velha casa para nós.

— Bem, é realmente lindo.

— Obrigado.

— E grande.

— Sim.

Hesitei antes de fazer minha próxima pergunta, mas decidi ir em frente.

— Você se vê tendo uma família lá um dia?

A mão de Beckett parou na parte inferior das minhas costas. — Provavelmente não.

— Por quê?

— Simplesmente não parece que está nas cartas para mim, com meu pai e tudo. Mas eu gosto de ser um tio, — ele disse, movendo a mão para cima e para baixo na minha espinha novamente. — Toda a diversão, nenhuma das coisas difíceis. Posso mandá-los para casa quando terminar de brincar com eles.

Eu sorri. — É justo.

— Eu gostaria que eles vivessem mais perto. Gosto de ter crianças por perto. — Ele ficou em silêncio por um momento. — Tenho pensado em vender esta terra para Griffin.

— Mesmo?

—Sim, ele e Blair querem um lugar maior, eles estão morando em cima da garagem agora, no apartamento de Griffin. Mas eles querem mais espaço. Eles querem uma família.

—Ah.

—Eu acho que em um ponto, o pai de Griff iria comprar este terreno e construir aqui quando ele se aposentasse. Mas ele teve um ataque cardíaco e morreu antes que acontecesse.

—Isso é ruim.

—Sim. Griffin não quer que isso aconteça com ele, onde ele trabalha duro e salva toda a sua vida, e então seu corpo cede antes que ele possa desacelerar. Mas terrenos por aqui não são baratos e os bancos podem ser idiotas. Ele lutou para obter empréstimos comerciais no passado, e muitos imóveis vão para incorporadores.

—Então você vai ajudá-lo? — Eu perguntei, rolando para o meu lado. — Dar a ele um acordo?

—Sim. Ele é como um irmão para mim. E não é como se eu precisasse de todas essas propriedades. Gosto da ideia de Griffin e Blair construindo um lugar aqui, tendo um bando de monstros Dempsey correndo como antes.

Eu sorri. — Eu penso que é uma grande ideia. Você já disse a ele?

—Não. Isso ficou na minha mente por um tempo, mas eu não disse nada. Provavelmente vou esperar até depois do casamento de Cole. — Ele rolou de costas e colocou as mãos sob a cabeça, fechando os olhos para o

sol. —É difícil acreditar que todos os meus três melhores amigos vão se casar em breve.

—É estranho para você?

—Não. O que quer que os faça felizes.

Eu cheguei um pouco mais perto dele e coloquei minha cabeça em seu peito. Sua pele estava quente e seca. — Você também merece ser feliz, sabe.

Ele deu uma risadinha. — Eu sou.

— Você é?

— Sim. Não parece o mesmo para todos.

Suspirei. — Você tem razão. Deus sabe que nunca fui tão infeliz como quando era casada.

— O casamento é difícil, — disse ele. — Quer dizer, espero que dê certo para meus amigos e minhas irmãs, mas é pedir muito a alguém, sabe?

— O que é?

Ele não respondeu de imediato. — Para ficar para sempre.

Imediatamente pensei no que ele disse na outra noite, que ninguém ficou até o fim. — Você não acha que é possível amar alguém para sempre?

— Perguntei, desenhando pequenos círculos em seu peito com a ponta de um dedo.

Ele pensou por alguns segundos. — Acho que talvez seja possível, para algumas pessoas, mas acho que é esperar demais. É tudo tão imprevisível.

Você nunca sabe o que o futuro trará. E eu acho que é um erro fazer promessas que você não tem certeza se pode cumprir.

—Ou promessas que você sabe que não pode cumprir, — acrescentei, pensando em meu ex.

—Exatamente. Embora haja uma promessa que quero fazer a você.

Eu levantei minha cabeça e olhei para ele. —O que é isso?

—Da próxima vez que estivermos sozinhos, prometo levar meu tempo. Pelo amor de Deus, há tantas coisas que quero fazer com você e continuo explodindo como um foguete.

—Eu sinto que em parte isso é minha culpa, — disse, rindo um pouco.

—Eu também. — Ele rosnou ameaçadoramente, então me virou para que eu ficasse de costas e ele acima de mim. —Todas aquelas coisas que você diz para me apressar e a maneira como você usa suas mãos, da próxima vez que eu te sequestrar, terei que amarrá-la. — Ele enrolou meu cabelo em torno de seu punho, puxando suavemente. —Eu sou bom com uma corda, você sabe.

Meu estômago se contraiu. —Eu aposto que você é, cowboy.

Ele baixou seus lábios nos meus e me beijou com avidez. Quando deslizei minha palma para baixo em seu abdômen e esfreguei seu pau grosso, ele gemeu. —Você está fazendo isso de novo.

—Fazendo o que?

—Fazendo-me querer coisas que não posso ter. Nós temos que ir.

Eu sorri. — Você tem razão. Estamos fora há mais tempo do que dissemos. Sua irmã provavelmente está se perguntando o que aconteceu conosco.

— Ela provavelmente adivinhou o que aconteceu conosco, — disse ele, soltando meu cabelo e se levantando. Ele se abaixou para me ajudar a levantar. — Minhas irmãs têm sido implacáveis, me provocando sobre você.

Eu o deixei me colocar de pé e tentei fechar meu sutiã, que ainda estava pendurado em meus ombros. — Elas têm? Porque?

— Aqui. Deixe. — Ele me virou e o fechou para mim. — Porque elas afirmam que viram a maneira como eu olhava para você no colégio.

Eu ri, pegando meu short do cais e entrando nele. — Awww. Você era um perfeito cavalheiro naquela época.

— Você não sabia o que eu estava pensando, — disse ele, vestindo a calça jeans.

— Isso provavelmente é uma coisa boa. — Peguei minha camiseta e puxei pela cabeça. — Em minha mente, você sempre foi um lugar seguro.

— Eu ainda quero ser isso para você.

Ele parecia tão sério que me virei para encará-lo. — Você é, Beckett.

— Quero dizer. — Ele estendeu a mão e me puxou contra seu peito quente e nu. — Mesmo que não possamos ter o tipo de futuro que meus amigos têm, eu sempre serei seu lugar seguro. Essa é uma promessa que posso cumprir.

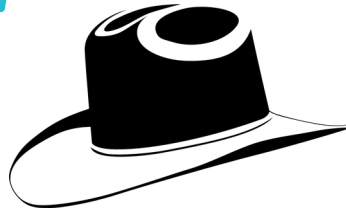
Pressionando minha bochecha contra sua pele, eu enrolei meus braços em volta de sua cintura esticada. — Obrigada.

Ficamos assim por um momento, abraçados ao sol do fim da tarde, e mesmo sabendo que não, eu meio que desejei que durasse para sempre. Não só isso, mas olhei para as árvores e imaginei uma casa na clareira, com uma ampla varanda frontal e uma rede em uma extremidade e um jardim do lado e flores desabrochando em floreiras de janela e Elliott descendo correndo para nadar na lagoa com amigos tão próximos que pareciam mais primos e Beckett e eu seguindo atrás, de mãos dadas.

Você é louca? Gritou a voz na minha cabeça. Você esteve aqui na porra de um fim de semana. Você acabou de ouvi-lo dizer que não quer esse tipo de futuro. Você já perseguiu uma fantasia uma vez e veja aonde ela o levou.

Fechei os olhos com força, bloqueando a visão e a voz de uma vez. Eu não precisava do passado se intrometendo neste presente quente e adorável. E daí se fosse temporário? Era o suficiente. Tinha que ser.

Capítulo Doze



Beckett

—Como foi? — Mallory estava polvilhando sal sobre uma assadeira cheia de batata-doce frita recém-cortada quando Maddie e eu entramos na cozinha.

—Bom. — Fui até a geladeira e peguei duas garrafas de água fria. — Trabalhamos por várias horas sufocantes antes de Moretti aparecer e se oferecer para comprar o lugar. Ele cronometrou tudo certo.

Minha irmã riu. —Seriamente?

—Sim. Tenho quase certeza de que ele estava em seu carro do outro lado da rua, observando com binóculos enquanto nós estouramos nossos traseiros no jardim da frente. — Entreguei uma garrafa para Maddie e destampeei a outra. —Onde está o papai?

—Na varanda com as crianças e o cachorro. Sentado na sombra com seu livro de quebra-cabeças enquanto eles brincam com as Barbies. — Ela trocou o sal por pimenta.

—Eles ainda estão nisso, hein? — Maddie perguntou.

—Sim. Eles estão brincando e conversando sem parar, — disse Mallory.
—Você nunca imaginaria que eles acabaram de se conhecer hoje.

Maddie riu. —Elliott está no céu, tenho certeza. Eles brincaram de Barbies o tempo todo?

—Principalmente, embora eles tenham feito uma breve pausa para brincar de salão de beleza, e ele trançasse o cabelo dela. Elliott é tão talentoso!

—Ele adora escovar e fazer tranças no cabelo, — disse Maddie. —E colocar maquiagem também.

—Eles se dão tão bem, — disse Mallory, colocando a bandeja no forno e ajustando um cronômetro. —Teremos que separá-los quando chegar a hora de partir.

—Ela é bem-vinda para ficar aqui, — disse eu, depois de beber metade da garrafa de água.

—Obrigado, mas ela tem acampamento pela manhã. — Mallory se virou e pareceu realmente nos ver pela primeira vez. Sua expressão estava confusa. — Vocês foram nadar ou algo assim?

Maddie tocou seu cabelo úmido e emaranhado. —Hum. . .

—Depois de nos limparmos, fomos até o lago para nos refrescar, — eu disse. —Estava quente.

—Aposto que sim. — Recostando-se no balcão, Mallory não se preocupou em disfarçar o sorriso. — Você nadou com suas roupas?

—Sim.

—Acho que elas secaram rápido.

Eu fiz uma careta para minha irmã, avisando-a para se comportar. —O que tem para o jantar? Acho que você vai ficar.

—Sim. Quer grelhar alguns hambúrgueres? Talvez alguns cachorros-quentes para as crianças?

—Certo. Deixe-me tomar um banho rápido.

—Posso te ajudar com alguma coisa, Mallory? — Maddie perguntou, prendendo um prendedor em torno de seu cabelo encharcado.

Ela balançou a cabeça. —Não, estou bem. Não é nada sofisticado. Só hambúrgueres e batatas fritas.

—Vou me limpar também e depois vou preparar uma salada. Também posso pôr a mesa. Podemos comer fora no pátio?

—Perfeito.

Maddie sorriu. —Eu já desço.

—Sem pressa. — Mallory olhou incisivamente para nós dois. —Tenha um bom banho.

Eu mostrei a ela o dedo quando saímos da cozinha.

—Ela sabe, — Maddie sussurrou enquanto subíamos as escadas.

—Ela sabe.

— Está tudo bem? — Chegamos ao topo e ela se virou para mim, um olhar preocupado em seu rosto.

— Claro que está tudo bem. Posso ser o irmão mais novo dela, mas sou um homem adulto e esta é a porra da minha casa. — Passei meus braços em volta de sua cintura e beijei seus lábios. — Eu faço o que eu quero nele. Então, sempre que você quiser se esgueirar por este corredor, minha porta estará aberta.

Ela sorriu para mim. — Bom saber.

Depois do jantar, joguei alguns arremessos fáceis para Elliott e Daisy, que se revezaram rebatendo e acertando as poucas rebatidas que conseguiram. Maddie jogou o apanhador enquanto minha irmã e meu pai sentaram nas cadeiras do gramado e aplaudiram a todos. Quando a luz desapareceu no crepúsculo, sentamos na varanda e assistimos ao pôr do sol enquanto Daisy e Elliott corriam com alguns fogos de artifício que eu encontrei na garagem. DiMaggio brincava em seus calcanhares, animado por ter duas jovens crianças e cheias de energia por perto. Eu bebi uma cerveja, mais feliz e mais relaxado do que há muito tempo. Olhei para Maddie, que estava sentada ao meu lado tomando um gole de vinho branco. Sua pele brilhava na luz âmbar quente. Quando ela sorriu, seus olhos enrugaram ligeiramente nos cantos. Quando ela ria, ela ainda cobria

a boca como costumava fazer quando era jovem. Mas seus lábios eram perfeitos, tão cheios, macios e tentadores.

Ela olhou e me pegou olhando. — Você está olhando para o meu rosto queimado de sol?

Eu sorri e esfreguei minha nuca. — Não.

— Seu pescoço ainda está te incomodando?

— Está só um pouco duro.

— Aqui, deixe-me. — Ela se levantou da cadeira, colocou a taça de vinho na mesa e ficou atrás de mim. — Você fez todo aquele trabalho para mim hoje. Eu te devo uma.

— Você não precisa, — disse, mas então gemi de prazer quando seus dedos começaram a massagear meus músculos doloridos. — Mas me sinto bem.

Minha irmã riu. — Em outras palavras, ele não quer que você se sinta obrigada, mas também não quer que você pare.

Maddie riu e trabalhou em uma torção com o polegar. — O que está acontecendo aqui? Você tem um nó gigante.

Eu não conseguia nem falar, suas mãos eram tão gostosas em mim.

— Então, o casamento de Cole está chegando, — disse Mallory. — Beck, você já escreveu seu discurso?

— Você não poderia chamar de um discurso? É apenas um brinde.

Ela riu. — Qual é a diferença?

— Um discurso dura uns dez minutos. Vou falar por dez segundos.

— Beckett Weaver, é melhor você fazer o certo pelo seu amigo, — Mallory repreendeu. — Você vai ao casamento de Cole, Maddie?

— Eu gostaria, — ela respondeu hesitantemente. — Isso depende.

— Você está ocupada no próximo sábado à noite, Mal? — Perguntei. — Eu queria te perguntar.

— Eu não estou, na verdade. E eu ficaria feliz em descer e ficar com papai e Elliott. Vou trazer Daisy e podemos ficar, já que é sábado à noite. Ela não tem acampamento aos domingos.

— Isso seria incrível, — disse Maddie. — Eu sei que Elliott adoraria isso também. Muito obrigada.

— O prazer é meu. Eu vou dormir com as crianças.

— Talvez eu precise pedir seu conselho sobre onde comprar um vestido, — disse Maddie. — Eu realmente não empacotei nada apropriado para um casamento.

— Tenho certeza de que tudo o que você embalou está bom, — eu disse a ela, estremecendo quando ela aumentou a pressão.

Maddie riu. — Falou como um verdadeiro homem.

— Ignore-o, — disse Mallory. — Se você quer algo chique, como um vestido de coquetel chique, sua melhor aposta é provavelmente a Main Street Bridal.

— Beck, você acha que o casamento é elegante para um coquetel? Ou mais como casual ágil?

— Eu não tenho ideia do que qualquer uma dessas coisas significa, — eu disse a ela. — Eu estou vestindo um terno. É azul.

Mallory riu. — Você é amiga de Cheyenne, Maddie? Talvez fale com ela.

— Sim, e eu irei. Eu preciso avisá-la que estou indo de qualquer maneira. Ah, e preciso comprar um presente de casamento para eles.

— Quem vai se casar de novo? — O Sr. Weaver perguntou.

— Cole e Cheyenne, — respondi. — O convite está na geladeira. Você também está convidada se quiser ir um pouco.

— Cole Mitchell?

— Sim.

— Ele tem idade suficiente para se casar?

Eu olhei para meu pai. — Ele tem trinta e três anos, pai. O mesmo que eu.

Ele inclinou a cabeça. — Isso pode estar certo?

Mallory se inclinou e deu um tapinha em seu braço. — Eu ainda imagino esses caras como crianças às vezes também. Parece que acabamos de vê-los se formando no ensino médio, não é?

— Ei, falando em formatura, — disse Maddie. — Você por acaso ainda tem aquela foto nossa que foi tirada depois da cerimônia? Eu costumava ter uma cópia dela, mas se perdi no meio do caminho.

— Acho que não, — disse rapidamente. Claro, eu sabia exatamente onde minha cópia daquela foto estava, enterrada em uma caixa de ferramentas entre o celeiro e o bordo onde eu a beijei pela primeira vez.

— Oh, eu me lembro de tirar aquela foto, — disse Mallory. — Foi tão fofo. Tem certeza de que não o tem em algum lugar, Beck?

— Tenho certeza.

Maddie suspirou. — Era uma foto fofa. Eu gostaria de ainda ter.

— Nenhum de vocês mudou nada desde então, — disse Mallory. — E eu acho ótimo que você tenha entrado em contato novamente. Vocês eram tão bons amigos.

Maddie riu, movendo suas mãos para meus ombros. — O mais louco é que quase parece que nunca perdemos o contato.

— Algumas amizades são assim, — disse Mallory. — Vocês podem passar muito tempo sem se verem e quando vocês estiverem juntos novamente, é como se o tempo não tivesse passado.

Enquanto Maddie continuava a esfregar um ombro e depois o outro, observei Daisy e Elliott rirem alegremente enquanto giravam na grama, acenando com seus brilhos no ar contra um céu rosa e laranja. O cheiro dos arbustos de lilases que cercavam a varanda se misturava ao cheiro de terra

do celeiro na brisa. Tudo foi banhado pela luz dourada perfeita e nebulosa da hora mágica enquanto o sol deslizava em direção ao horizonte.

Eu não costumava desejar o impossível, mas naquele momento eu me encontrei desejando puxar Maddie para o meu colo e parar o tempo para sempre. Eu não queria que Daisy envelhecesse. Eu não queria que a mente do meu pai se deteriorasse. Eu não queria que Maddie fosse embora de novo. Eu nem queria que o sol se pusesse. Eu só queria *agora*, para sempre.

Mais tarde, eu acompanhei minha irmã e sobrinha até o carro enquanto Maddie e Elliott tentavam fazer FaceTime com seu ex. Achei melhor não estar em casa quando isso aconteceu de qualquer maneira. Eu realmente não queria ouvir sua voz, ou pior, ver seu rosto.

—Obrigado por ajudar hoje, — disse a minha irmã.

—Sem problemas, — disse ela, abrindo a porta traseira do passageiro de sua minivan para Daisy. —Abrace o tio Beckett e dê adeus, — disse ela à filha.

Minha sobrinha agarrou minhas pernas por um momento e eu esfreguei suas costas. — Até mais, garota. Obrigado por ter vindo para sair.

Ela olhou para mim. — Posso brincar com Elliott de novo?

— Com certeza. Você se divertiu?

—Sim. — Ela inclinou a cabeça. —Você tem certeza que ele é um menino?

Eu ri e mexi em uma de suas tranças. —Tenho certeza.

Ela entrou no carro e Mallory fechou a porta. —Eu gostaria de poder ajudá-lo mais de uma vez por semana. Amy disse que você colocou outro anúncio no jornal?

—Sim. Espero receber algumas respostas em breve. — Olhei para a casa. —Eu preciso encontrar alguém como Maddie. Ela passou o dia todo com ele ontem. Eles fizeram o café da manhã juntos, ela o levou para almoçar na cidade, ele a levou para um tour. . . depois fomos todos para o campo e brincamos um pouco. Papai até saiu para o campo. Ele amou.

Mallory riu enquanto caminhava para o lado do motorista. —Eu perguntei a ele o que ele fez ontem, e ele disse, ‘não muito.’

Eu balancei minha cabeça, seguindo-a. —Imaginei. Sua memória de curto prazo está praticamente esgotada. Pergunte a ele o que a namorada dele usava no cinema em 1958, porém, e ele lhe dirá.

—Pobre papai. — Ela abriu a porta do carro. —E coitado de você. Pena que Maddie não está voltando para sempre, hein?

Eu dei uma olhada nela. —Pare.

—Vamos, Beck. Há algo entre vocês. — Ela deu um tapinha no meu peito. —Relaxe, eu acho que é bom. É saudável. O que não é saudável é ficar enfiado aqui com o papai todos os dias.

— É bom tê-la aqui, — admiti baixinho. — E conhecer o filho dela.

Ela sorriu. — Um garoto tão legal.

— Mas ela mora em Ohio, Mal. Fim da história.

— Vaia. Esse final fede.

— Talvez por volta das três no próximo sábado, se funcionar? — Perguntei, ansioso para passar do tópico de Maddie e eu. — Eu acho que tenho que estar no Cole por volta das três e meia.

— Claro. Não se preocupe com nada. — Ela ficou na ponta dos pés e bagunçou meu cabelo. — Basta se vestir e mostrar a Maddie um bom tempo. Faça disso a noite do baile que você nunca teve.

Eu fiz uma careta. — Como você sabia que eu queria levar Maddie ao baile?

— Por favor. — Ela revirou os olhos. — Todos na casa sabiam. Até papai.

— Ele sabia?

— Sim. Depois que você saiu para buscar o seu par, ele se perguntou em voz alta por que você não convidou a Maddie. E então, eu nunca vou esquecer isso, ele disse, 'aposto que ele se casa com aquela garota.'

Rindo, eu balancei minha cabeça. — Ele precisa superar isso. Não vamos nos casar.

Ela me deu um abraço. — Mantenha-se firme. Te vejo em uma semana. E não hesite em me ligar se precisar de uma pausa mais cedo. Você não tem que ser o super-homem, fazendo todas as coisas.

Flexionei meus bíceps. — Mas eu sou um super-homem tão bom. Não é, Daisy?

Ela riu do banco de trás. — Sim!

Mallory riu também ao sentar-se ao volante. — Até o super-homem tinha uma Lois Lane. Não se esqueça disso.

Lá dentro, deixei o cachorro sair uma última vez, coloquei meu pai na cama e terminei de encher a máquina de lavar louça. Eu estava quase terminando quando Maddie entrou na cozinha.

— Ei, — falei. — Você fez sua ligação?

— Sim. — Ela franziu a testa, apoiando-se na ilha e cruzando os braços. — Sam deu a Elliott cerca de cinco minutos antes de dizer que ele tinha que ir porque tinha planos. E ele estava totalmente distraído o tempo todo. Acho que a namorada dele estava lá.

— Eu sinto muito.

— Tudo bem. — Ela fechou os olhos e respirou fundo. — Eu nem me preocupo mais em ter esperanças com ele.

— Como está o Elliott?

—Ele está bem. Ele está no banho agora, e então eu disse que ele poderia ter algum tempo extra com o iPad antes de dormir.

—Soa bem. — Coloquei os últimos talheres de prata e coloquei o sabão.
—Daisy está muito animada para voltar e brincar com ele.

Ela riu suavemente. —Ele também não para de falar sobre ela. Estou tão feliz por ela estar aqui hoje, mesmo que ela não estivesse tão animada com a história de seu home run quanto ele gostaria.

—E o pai dele? — Fechei a máquina de lavar louça e liguei.

—Ele disse algo como, ‘isso é ótimo, amigo, mas você tem que aprender a fazer isso quando é importante.’

Eu me virei para vê-la carrancuda e não a culpei. —Eu sinto muito.

—Eu também sinto, por Elliott. — Ela se desvencilhou. —De qualquer forma, eu só queria descer e dizer boa noite.

—Oh. Certo.

Ela caminhou em minha direção, torcendo as mãos. —Não é que eu não queira ir ao seu quarto esta noite. Eu apenas não acho que deveria. Elliott está triste com o telefonema e se ele entrasse no meu quarto e eu não estivesse lá, ele ficaria com medo.

—Você não me deve uma explicação, Maddie. Tudo bem. — Mas meu coração afundou em meus pés.

Ela colocou os braços em volta da minha cintura e sorriu para mim. — Eu estarei pensando em você. E eu vou te ver bem cedo.

— Eu estarei pensando em você também. — Passei um braço em volta da cintura dela e a beijei rapidamente, antes que meu corpo ficasse muito animado. — Boa noite.

— Boa noite.

Eu a observei sair da cozinha com meia ereção e o coração pesado, mas disse a mim mesmo que provavelmente era o melhor.

Como se viu, no entanto, eu a vi muito antes, bem cedo. Mas primeiro, ouvi o clique da porta quando ela se fechou. Senti a mudança do colchão ao subir nele. Senti o cheiro de seu perfume. Rolando para o meu lado, eu a encarei no escuro, me perguntando se isso era um sonho.

Ela tirou a camisa e a jogou de lado. — Eu não conseguia ficar longe.

Estendi a mão para ela, virando seu corpo sob o meu, prendendo seus pulsos no colchão e beijando-a selvagem e possessivamente, como se ela pudesse tentar escapar. — Bom.

— Você acha que podemos ficar mais quietos dessa vez? — Ela sussurrou.

— Eu não sei, — disse a ela, mantendo minha voz baixa enquanto movia minha boca em sua garganta e peito, inalando seu perfume. — Nós podemos tentar.

Ela riu baixinho, mas se transformou em um pequeno gemido doce quando acariciei seu mamilo com minha língua. Mudei minha mão para o outro seio, amassando-o suavemente antes de provocar seu pico duro voltado para cima com meus dedos. Ela embalou minha cabeça em suas mãos e arqueou as costas enquanto eu lambia, chupava e traçava círculos.

— Você não está ajudando, — ela choramingou. — Isso é tão bom.

— Estou apenas começando. — Movendo-me para baixo, beijei meu caminho para baixo em sua barriga antes de tirar sua calcinha de suas pernas. Eu afastei seus joelhos e pressionei meus lábios em uma coxa macia, depois na outra. — E eu pretendo ficar aqui por um tempo.

— Não, não, — ela sussurrou freneticamente, tentando sem sucesso me agarrar pelos braços e me puxar para cima. — O que você está fazendo?

— Estou cumprindo uma promessa. — Coloquei minha língua entre suas pernas e a acariciei, suave e lentamente, de novo e de novo, para cima, para baixo, de um lado para o outro.

— Nós não. . . não temos tempo. . . para aquela promessa em particular.

— Mas seu aperto em meu bíceps afrouxou.

— Esta é a minha cama, no meu quarto, na minha casa, — a lembrei, lambendo-a como sorvete em uma colher. — O que eu digo vai.

— Mas... mas nós temos que nos apressar... — Sua voz sumiu quando deslizei um dedo dentro dela, depois outro. Ela estava quente, macia e molhada, e meu pau inchou de necessidade. Mas eu não seria apressado desta vez.

— Não haverá pressa esta noite, — sussurrei quando ela caiu de costas no colchão. Eu afastei meus dedos mais profundamente. — Grite em um travesseiro se precisar, mas estou prestes a foder você com minha língua e não vou parar até que você goze.

— Oh Deus, — ela gemeu baixinho. — Estou com muitos problemas.

Mas ela se entregou a isso com uma rendição deliciosa, suas mãos agarrando os lençóis, seus quadris flexionando, sua respiração rápida e desesperada enquanto eu a devorava como um homem faminto. Não me cansava do gosto dela, da maneira como ela se movia, daqueles pequenos sons indefesos que ela estava fazendo. Debaixo da minha língua, seu clitóris ficou inchado e firme. Seu corpo começou a apertar em torno dos meus dedos. Um momento depois, ela agarrou um travesseiro e o apertou no rosto, tentando abafar seus gritos enquanto o orgasmo a percorria.

Os tremores mal tinham diminuído quando ela jogou o travesseiro de lado e colocou a mão sob meus braços novamente. Eu fui ansiosamente desta vez, esmagando minha boca na dela, colocando seu gosto em sua língua. Ela alcançou entre nós e embainhou meu pau com a mão, trabalhando sua palma para cima e para baixo em meu comprimento duro e espesso. Gemi, empurrando em seu punho até que não aguentava mais. Posicionando-me entre suas coxas, empurrei para dentro dela, sufocando o profundo e alto gemido que ameaçava explodir em meu peito.

Ela envolveu as pernas em volta de mim, enfiando os dedos no meu cabelo. — Deus, esse sentimento. Não consigo descrever. — Ela puxou

minha cabeça para baixo para que seus lábios tocassem os meus, sussurrando suavemente. — Mas eu preciso disso. Eu preciso de você.

Ouvi-la dizer que precisava de mim enquanto meu pau estava enterrado dentro dela foi quase o suficiente para me fazer perder o controle, mas eu o segurei, por pouco, entrando em seu corpo com golpes longos e lentos, um pouco mais fundo a cada vez. Suas mãos desceram pelas minhas costas e minha bunda, me puxando para mais perto, me incentivando a ir mais rápido. Senti as pontas da minha força se desgastando como uma corda.

— Eu amo você dentro de mim, — ela sussurrou em meu ouvido. — Eu tinha que ter hoje à noite.

Gemendo em voz alta, cheguei embaixo dela e a arrastei de lado na cama para que a cabeceira da cama não batesse contra a parede, sabendo que estava quase no ponto de ruptura. Quantas vezes fantasiei com ela dessa maneira, seu cabelo escuro derramando no meu travesseiro, suas pernas abertas para mim, sua respiração pesada de desejo, sua voz suave e desesperada enquanto ela falava meu nome no escuro, me disse que precisava de mim, sussurrou que me amava dentro dela?

— Goze de novo para mim, — rosnei, me movendo mais e mais rápido, mantendo meu corpo apertado contra o dela.

— Eu vou, — ela ofegou, movendo seus quadris em sincronia com os meus. — Para você. Para você.

Não sei o que significava ouvi-la repetir essas duas palavras, mas de repente eu estava explodindo dentro dela, derramando-me nela a cada pulsação, e não parei até que meu corpo cedeu e meu mundo ficou escuro. Desabando, rolei para o meu lado para não a esmagar, segurando-a perto. Descansando meus lábios em sua testa quente, levei um segundo para recuperar o fôlego.

— Ficamos quietos? — Ela sussurrou.

— Mais quieto do que na noite passada, pelo menos.

— Isso não quer dizer muito. — Ela riu baixinho. — Eu quase morri quando seu pai disse, 'parecia uma batida.'

Uma risada retumbou baixo em meu peito. — Eu também.

Ficamos assim por alguns minutos, nossa respiração em sincronia, a casa silenciosa, a perna dela pendurada no meu quadril. Sonolento e relaxado, quase adormeci quando ela se desvencilhou dos meus braços. — Eu já volto, certo?

— Certo. — Eu a soltei, virando-me de costas enquanto ela escorregava da cama para o meu banheiro. Colocando minhas mãos atrás da minha cabeça, fechei meus olhos e respirei, o cheiro dela permaneceu nos lençóis. Eu esperava que ela ficasse um pouco mais. Nunca gostei de abraços, outra reclamação de Caroline.

Você nunca quer apenas me abraçar. Você se afasta quando tento abraçá-lo. Você só quer estar perto de mim durante o sexo.

Normalmente, quando ela lançava essas acusações contra mim, eu dizia a ela que eu simplesmente não era uma pessoa fisicamente afetuosa, não tinha nada a ver com ela. Eu não cresci em um ambiente onde a afeição física era abundante, então nunca internalizei a necessidade dela. Meu pai não era demonstrativo dessa maneira, e minhas irmãs eram mais propensas a me cutucar e dar um tapa em mim do que a me abraçar. Eu sabia que elas se importavam, mas sem uma mãe por perto para se comunicar em uma linguagem de abraços e beijos quando eu era criança, nunca aprendi a me expressar dessa maneira. Eu nunca desejei isso. Até agora.

A porta do banheiro se abriu e Maddie apareceu, sua pele nua brilhando fracamente no escuro. Ela se moveu silenciosamente em direção à cama e ficou aos pés. — Ei.

Eu me apoiei nos cotovelos. — Ei.

— Eu provavelmente deveria voltar para minha própria cama... mas eu não quero.

— Então não faça isso.

— E se Elliott acordar?

— Você não tem que dormir aqui a noite toda. Apenas fique um pouco mais. — Eu estendi a mão para ela.

Ela pegou minha mão e me permitiu puxá-la de volta para a cama. — Certo, mas não me deixe adormecer.

—Eu não vou. — Puxei as cobertas até a cintura e a envolvi em meus braços. — Tudo certo?

—Sim. — Ela hesitou. — Tomei meu comprimido mais cedo, caso você esteja preocupado. Eu nunca esqueço.

—Eu confio em você.

—Só continuei porque ajuda a regular o meu ciclo.

Eu não tinha certeza de como responder. — Certo.

—Eu não queria que você pensasse que eu ando por aí dormindo com as pessoas. Eu não.

—Eu não pensei isso.

—Você é o primeiro desde o meu divórcio.

—Você também é a primeira em muito tempo.

Ela me abraçou com mais força e suspirou. — Minha queimadura de sol é terrível. Vou parecer ridícula de manhã. Como uma lagosta. Você não vai me achar mais bonita.

Eu ri. — Eu sempre acharei você bonita. Isso dói?

—No momento, nada dói.

Sorrindo, pressionei meus lábios em seu cabelo. Poucos minutos depois, eu poderia dizer que ela tinha adormecido. Sua respiração era profunda e regular, seu corpo estava macio e relaxado. Eu me permiti um pouco de tempo para apenas desfrutar da sensação dela dormindo em meus braços,

sabendo que ela confiava em mim em todas as coisas. Mas quando me peguei cochilando, apertei-a suavemente. — Ei.

— Hm?

— Não que eu não fosse mantê-la aqui a noite toda, mas estou tão confortável, estou preocupado em adormecer também.

— Mmm. — Ela se aninhou ainda mais perto. — Eu também estou confortável. Por mais duro que seu corpo seja, é surpreendentemente quente e aconchegante. Eu poderia me acostumar com isso.

Meu coração tropeçou um pouco.

— Mas eu devo ir. — Ela suspirou, deu um beijo no meu peito e se sentou. — Vejo você pela manhã.

— Certo. — Eu a observei tatear no escuro, puxando a calcinha e puxando a camisa pela cabeça. Então ela se ajoelhou na cama novamente e me beijou rapidamente.

— Boa noite, — ela sussurrou.

— Boa noite.

Um momento depois, eu estava sozinho novamente. Mas o cheiro dela permaneceu, junto com a memória de seu corpo ao lado do meu. E suas palavras. *Eu poderia me acostumar com isso.* Ela quis dizer isso?

Por alguns minutos, me permiti imaginar como poderia ser, Maddie e Elliott morando aqui com meu pai e eu. Café da manhã juntos todas as manhãs. Jantaremos juntos todas as noites. Elliott poderia frequentar a

Bellamy Creek Elementary, assim como nós. Maddie poderia encontrar um emprego de enfermagem com prática de pediatria na cidade. Seríamos como uma família. Tão rapidamente quanto a fantasia entrou em minha mente, a realidade veio para destruí-la. Eu estava louco? Fazia dois malditos dias.

Nós nos conhecíamos há muito tempo, com certeza. Nós fizemos um bom sexo. E ser franco sobre a minha atração por ela foi como respirar fundo o ar da primavera depois de ficar preso durante todo o inverno. Mas Maddie não ia deixar sua casa e trabalho em Ohio por mim, ela queria que Elliott tivesse estabilidade e familiaridade. Ela queria que seu pai desempenhasse um papel em sua vida. E ela amava o que fazia e onde trabalhava. Ela não desistiria de tudo isso para voltar para Bellamy Creek, mesmo que seu ex idiota permitisse. Para que?

Deixando de lado o charme da vida em uma cidade pequena, eu cuidaria do meu pai em um futuro próximo. Eu não poderia pedir a ela para carregar esse fardo comigo. Não seria justo. Ela seria bem-vinda para me visitar sempre que quisesse, e a porta do meu quarto estaria sempre aberta. Qualquer coisa além disso era impossível.

Capítulo Treze

Tie Me
Down



Maddie

Na terça-feira à tarde, encontrei Bianca e Blair na Main Street Bridal, onde Cheyenne estava tendo sua prova final. Sentamos em um sofá de veludo rosa e suspiramos enquanto observávamos Cheyenne sair do camarim e se dirigir ao espelho de três painéis. Seu vestido era de renda branca sobre cetim champanhe e caía no chão em uma forma simples de linha A. O decote tinha um V profundo, assim como as costas, e as mangas curtas esvoaçantes exibiam seus braços graciosos. Era um vestido formal, mas também tinha um toque ligeiramente boêmio.

Ela subiu ao pódio e sorriu para nós no espelho. —Então? O que você acha?

—Oh, Chey, — sussurrou Blair, colocando a mão no coração. —Eu vou chorar.

—Sem choro. — O sorriso de Cheyenne cresceu ainda mais. —Esta é uma ocasião feliz. Esperei minha vida inteira por isso.

Melanie Harlow

—Estas são lágrimas de felicidade, certo? — Blair tirou um lenço de papel da bolsa. — Apenas me deixe.

—É realmente lindo, Cheyenne. — Bianca se levantou e foi admirar mais de perto as mangas. — A renda é requintada.

—Eu concordo, — disse, pegando seu olhar no espelho e lhe dando um sorriso. — Esplêndido. A cor champanhe embaixo é perfeita com seu cabelo.

—Você não acha que é muito chique para um casamento no quintal?

—Nem um pouco, — assegurei a ela. — É apenas certo.

—Cole vai perder a cabeça. — Blair enxugou os olhos.

—Você deveria ver o vestido de Mariah. É tão bonito. — Cheyenne riu. — É difícil dizer quem está mais animada com este casamento, ela ou eu.

—Bem, já faz muito tempo, — disse Bianca, colocando as mãos sob o queixo. — E eu não posso esperar para ver vocês dois dizerem seus votos.

A costureira se aproximou, trabalhando com Cheyenne por um momento e declarou que o vestido se ajustava perfeitamente.

—Obrigada, — disse a noiva, descendo do pódio. — Agora vamos procurar para você, — ela me disse, com um brilho nos olhos. — Precisamos encontrar algo que coloque Beckett de joelhos.

Rindo, me levantei. — Eu sou totalmente a favor disso.

As meninas me ajudaram a encontrar alguns vestidos para experimentar, e acabei me apaixonando por um maxi vestido esvoaçante

em um tom bonito de azul poeirento que me lembrava os olhos de Beckett, com um profundo V na frente e dramático nas costas com alças cruzadas. A saia caiu no chão em dobras suaves e onduladas, e imaginei como elas poderiam balançar e girar. Beckett me convidaria para dançar?

—É esse mesmo, — disse Bianca.

—Eu concordo. — Blair acenou com a cabeça. —É perfeito.

Mesmo sendo um pouco longo demais, a costureira me garantiu que conseguiria fazer a bainha a tempo. Ela me trouxe um par de sandálias de cetim nude de tiras do meu tamanho, e tirei minhas sapatilhas e coloquei os saltos nos meus pés descalços.

—Muito melhor, — disse ela, ajoelhando-se para prender a bainha.

—Você acha que está tudo bem? — Perguntei às meninas, que estavam atrás de mim.

—Eu acho que é lindo, — disse Blair com confiança. —E você ficará divina ao lado de Beckett. Os caras estão usando ternos azul-marinho, certo?

—Sim, — respondeu Cheyenne com um sorriso. —Minhas cores são marinho, pêssego e champanhe. Você vai se encaixar perfeitamente.

—Eu estarei no fundo, — disse a ela com uma risada. —Mas essas cores soam tão bonitas.

—Mal posso esperar, — ela suspirou.

—Quantas pessoas vão vir? — Perguntei.

—Convidamos cerca de cem, e temos oitenta e três que responderam sim. — Ela cruzou os dedos. —Esperançosamente o clima coopera. A recepção é sob uma tenda, mas a cerimônia será ao ar livre e não quero que ninguém derreta com o calor. Ou chuva.

— Vai ser perfeito, — disse.

—Pelo menos você não terá uma nevasca, — acrescentou Blair. —Não sei o que estava pensando ao escolher dezembro para um casamento no norte de Michigan.

—Você estava pensando que não queria esperar para se casar com o amor da sua vida. — Bianca cutucou o ombro de sua amiga.

—Você está certa, — concordou Blair. —Eu não queria.

Eu sorri, mas por dentro me perguntei como seria, estar animada para se casar com alguém porque você o amava tanto. Sam e eu fugimos para Las Vegas, mas passei metade da minha noite de núpcias vendo-o jogar vinte-e-um. Eu não conseguia pensar em nada romântico sobre isso. Até mesmo sua proposta tinha sido sem brilho. *Ei. Tenho que ir a Las Vegas para uma conferência. O que você acha de vir e nós nos casarmos?*

—Como Cole fez o pedido? — Perguntei a Cheyenne.

Ela sorriu sonhadora. —No Dia dos Namorados. Em nosso quarto no Inn at Cloverleigh Farms, aquele em que ficamos para o casamento de Blair e Griff. É onde nos encontramos pela primeira vez.

Eu balancei a cabeça e olhei para Blair. —E quanto a Griffin?

—Acredite ou não, com um outdoor na rodovia, — disse ela, balançando a cabeça. —Ele não gosta de grandes gestos, mas tenho que reconhecer, foi incrível. E eu fiquei totalmente chocada.

—Uau. Isso é tão romântico.

—Oh, eu posso superar isso, — disse Bianca. —Me deixe dizer a você, nada diz: passe para sempre comigo como um anel de noivado usado que diz ‘Amor sempre, Ricky’ quando o nome do seu futuro noivo é Enzo.

Eu ri. —Aposto que ele te compensou.

Ela sorriu. —Ele fez, demorou um pouco, mas ele fez.

—Certo. Tudo pronto, — disse a costureira, levantando-se. —Basta deixá-lo no provador e eu pego. Ao finalizar a compra, marque uma hora para retirá-lo na próxima semana e traga os sapatos para experimentá-los.

—Obrigada, eu vou. — Quando desci do pódio, olhei para as minhas unhas dos pés descalços aparecendo pela alça de cima. —Queria ter tempo para uma pedicure.

—Ooh, você deveria vir conosco na próxima sexta-feira de manhã, — disse Cheyenne. —Eu poderia ligar e tentar adicioná-la aos nossos compromissos.

Sorri pra ela. —Obrigada, mas eu vou administrar. Eu não quero deixar Elliott e ir para o salão. E estou tentando manter o Sr. Weaver longe de problemas durante o dia para que Beckett possa trabalhar sem se preocupar.

Cheyenne acenou com a cabeça. — Eu entendo.

—Falando no Beckett, preciso chegar em casa antes que ele saia para o treino de beisebol.

A caminho dos provadores, passei por uma noiva que se dirigia aos espelhos. Ela usava um grande vestido branco e um largo sorriso feliz, suas bochechas coradas de excitação. Atrás dela, uma mulher que poderia ser sua mãe carregava a longa cauda do vestido. Ela estava sorrindo também, seus olhos nublados.

Eu me afastei para que elas pudessem passar por mim. — Vestido lindo, — eu disse.

—Obrigado. É minha prova final. — A noiva deu uma risadinha nervosa. — Eu não posso acreditar.

— Você está linda, — eu disse a ela. — Parabéns.

Ela me agradeceu novamente e elas desapareceram no salão. Afastando a cortina de veludo do meu provador, tirei o vestido azul e pendurei-o. Enquanto colocava meu vestido de verão floral de volta na cabeça, me perguntei se algum dia experimentaria esse tipo de empolgação, o tipo que emana do seu coração e ilumina você de dentro para fora e faz você se sentir a garota mais bonita e sortuda no mundo porque alguém o ama o suficiente, assim como você é, para prometer para sempre e ser sincero. Eu já tinha perdido minha chance? Ou ainda havia esperança?

—Alguém tem tempo para uma bebida rápida no pub? — Blair perguntou quando saímos do salão e pisamos na calçada. —Poderíamos sentar em uma das mesas ao ar livre.

—Eu, — disse Bianca, batendo palmas. —É a vez de Enzo fazer o jantar. Eu tenho uma hora.

—Eu gostaria de poder, mas tenho que ir para casa, — disse Cheyenne, pendurando a pesada bolsa de roupas segurando seu vestido sobre um braço.

—Eu devo voltar também, — eu disse. —Beckett estava tentando trabalhar, manter seu pai ocupado e ficar de olho em Elliott, tudo ao mesmo tempo quando eu saí.

—Como vai tudo com vocês? — Perguntou Bianca.

—Bom. — Eu podia sentir o calor subindo em minhas bochechas. — Muito bom.

—Espere, o que eu perdi? — Blair agarrou meu braço. —Aconteceu alguma coisa desde que te vi no sábado à noite?

—Hum, sim. — Troquei um sorriso com Bianca.

—Isso significa que agora existe oficialmente uma coisa? — Cheyenne gritou.

—Eu suponho, — eu disse, rindo. —Há *algo*, pelo menos. Não tenho certeza de quão oficial é.

Bianca soltou um grande suspiro, como se tivesse prendido a respiração por uma hora. —Deus, tem sido tão difícil manter isso por dois dias!

—Sei que você só tem um minuto, mas dê-nos a versão rápida, — implorou Blair. —Você acabou tendo que dar o primeiro passo?

—Tipo isso. — Conteí a elas sobre a noite de sábado, nossa conversa no corredor, esgueirando-se para o quarto dele, a cena na cozinha depois.

—Oh não, — disse Cheyenne, rindo um pouco. —Pobre Sr. Weaver. E coitada de você. Deve ser difícil ficar um tempo sozinho.

—É difícil, — disse. —Conseguimos roubar uma hora ou mais na tarde de domingo neste lago em sua propriedade...

—Oh, eu amo aquele lugar, — disse Blair melancolicamente. —É um lugar tão bonito.

Eu sorri, lembrando-me do que Beckett me disse sobre a oferta de vender a terra para Griffin. —Eu entrei furtivamente em seu quarto nas últimas noites, mas sempre tenho que sair de fininho. Elliott às vezes me procura no meio da noite. Eu não quero que ele encontre uma cama vazia e fique com medo.

—Você disse que a irmã dele está cuidando de Elliott na noite do casamento, certo? — Perguntou Bianca. —Talvez vocês dois pudessem passar a noite fora em algum lugar. Como em um hotel ou algo assim.

— Não sei se me sentiria bem sobre isso, — disse hesitante. — Por mais que eu gostaria de passar uma noite inteira com Beckett, seria meio irresponsável abandonar Elliott para fazer isso. E não tenho certeza se Beckett deixaria seu pai durante a noite também. Ele tem que ajudá-lo a se preparar para dormir e se vestir de manhã e tudo mais.

— Uau. — Blair balançou a cabeça e suspirou. — Não consigo imaginar como deve ser ter que cuidar de seus pais dessa maneira. Se Griff e eu tivermos filhos, espero que sejam tão bons para nós quanto Beckett é para o pai.

— Mas vocês vão, pelo menos, ter um ao outro, — eu disse. — Sr. Weaver não tem mais ninguém.

— Ele já te contou o que aconteceu com a mãe dele? — Cheyenne perguntou curiosamente. — Por que ela foi embora?

Eu balancei minha cabeça. — Não. E ele afirma que foi há muito tempo que não importa, mas acho que, no fundo, deve.

— Eu concordo, — disse Bianca. — Quer dizer, talvez seja por isso que Beckett nunca teve um relacionamento sério. Algo assim pode realmente mexer com você.

— Pode ser. — Dei de ombros. — Mas você sabe como é Beckett. Ele nunca vai dizer isso. Que cara faria?

Todas elas murmuraram em concordância e Cheyenne verificou seu telefone. — São quase cinco, meninas. É melhor eu ir.

Nos despedimos, e Blair e Bianca caminharam pela calçada em direção ao pub, enquanto Cheyenne e eu viramos em direção ao estacionamento público no final do quarteirão.

— Isso é tão bom sobre você e Beckett, — disse ela. — Há alguma chance de você tentar fazer funcionar à distância?

— Não tenho certeza, — disse honestamente.

— Elliott costuma passar fins de semana com o pai?

— Ele deveria, mas Sam cancela muito.

Ela olhou para mim. — Isso deve ser difícil.

— Infelizmente, Elliott está aprendendo que não pode depender de seu pai para cumprir sua palavra. Mas ele vê um terapeuta a cada duas semanas, então espero que isso o ajude a reconhecer que não é culpa dele.

— Ri um pouco. — Nós dois vemos um terapeuta, na verdade.

— Mariah também vai a um terapeuta, — confidenciou Cheyenne. — Na verdade, Cole também.

— Mesmo? — Chegamos ao estacionamento e me virei para encará-la.

— Sim. Não acho que ele fale muito sobre isso, então Beckett pode nem saber, mas ele começou a ir no ano passado, quando nos conhecemos.

Eu balancei a cabeça, lembrando o que Beckett me disse sobre Cole perder sua primeira esposa. — Ele sentiu que precisava de permissão para namorar de novo ou algo assim?

—Não tanto quanto ele precisava lidar com seu medo de perder, de perder alguém que amava. As coisas conosco ficaram sérias rapidamente e isso o assustou.

—Uau. A terapia ajudou?

—Com certeza. — Ela sorriu. — Duvido que nos casássemos no próximo sábado se ele não tivesse lidado com aqueles demônios. Então, acho que você está fazendo a coisa certa ao buscar terapia. E no envio de Elliott.

—Eu disse a Beckett outra noite que achava que todo mundo precisava de terapia, — eu disse, rindo. — Ele disse que parecia horrível para ele.

Ela suspirou. —Sim, Beckett provavelmente é como Cole era. Ele pensava que os homens apenas tinham que resistir. E talvez Beckett esteja dizendo a verdade quando diz que não importa sobre a partida de sua mãe. Ele era apenas um bebê, certo? Ele ao menos se lembra dela?

—Não. Ele só viu fotos. — Eu pausei. —Mas ele disse uma coisa outro dia, e não consigo parar de pensar nisso.

—O que ele disse?

—Ele estava falando sobre casamento e disse que acha que é pedir demais a alguém, ficar para sempre.

Suas sobrancelhas se ergueram. —Mesmo?

—Sim. — Mordi meu lábio. —Fiquei triste, mas não consegui nem discutir com ele.

—Por que não?

— Por que e se for verdade? E se ele estiver certo e eu quiser ficar com você para sempre é apenas algo que as pessoas dizem quando o que elas realmente querem dizer é que eu quero ficar com você agora?

Cheyenne respirou fundo. — Eu gostaria de ter a resposta. Eu acho que é algo que você sente em seu instinto. Em seus ossos. Em seu coração.

Bati minhas mãos no rosto e gemi. — Deus, eu sou uma pessoa terrível. Aqui você vai se casar no próximo fim de semana e eu estou falando monotonamente sobre a dúvida e o medo. Sinto muito, Cheyenne.

— Ei, está tudo bem. — Ela estendeu a mão e esfregou meu ombro. — A experiência fez você questionar se o amor verdadeiro existe, mas dê um tempo. Se eu aprendi alguma coisa, é que o amor não pode ser apressado. Você pode desejar para cada estrela e vela de aniversário e cabeça de dente-de-leão fofa por vinte anos, mas você não pode querer que isso aconteça. Acontece quando acontece.

Eu sorri. — Estou muito feliz por você. E por Cole.

— Obrigado. — Ela retribuiu o sorriso. — Estou tão feliz que você estará no casamento. E sabe de uma coisa?

— O que?

— Não se preocupe com o que está por vir. Se eu pudesse fazer algo diferente, voltaria e diria a mim mesma para não sofrer tanto. Foi preciso muita paciência e força para segurar o que eu realmente queria, mas valeu a pena esperar. E eu realmente acredito que o que deveria ser será.

— Você está certa, — disse, levantando meu queixo. — Vou parar de me preocupar.

— Bom. O amor é sorrateiro, você sabe. Tende a te atingir quando você menos espera. — Acima de nós, o trovão rolou suavemente à distância. Cheyenne ergueu os olhos e riu. — Assim como um raio.

Eu ri também, dando-lhe um abraço rápido. — É melhor nós irmos. Eu te vejo em breve.

Quando cheguei em casa, encontrei o Sr. Weaver e Elliott sentados à mesa da cozinha comendo tigelas gigantes de cereal.

— O que é isso? — Perguntei, colocando a sacola com meus novos saltos dentro.

— Ficamos com fome, — disse Elliott, levando uma colher cheia de cereal à boca. — Eugene disse que poderíamos fazer um lanche.

— Eugene? — Eu levantei minhas sobrancelhas.

— Ele disse para chamá-lo assim, — Elliott respondeu defensivamente.

— Eu fiz. — O Sr. Weaver deu uma mordida no cereal. — Sr. Weaver me fez parecer um velho. Eu não quero ser um homem velho.

Eu ri e ele piscou para mim. Parecia que ele estava tendo um dia muito bom hoje. Foi definitivamente o mais afiado que ele esteve desde que eu cheguei.

— Está tudo bem? — Elliott perguntou, pingando leite na mesa.

— Está tudo bem, — disse, cruzando os braços. — Mas o que vamos fazer com o seu jantar?

— Podemos ter isso mais tarde. Depois do nosso lanche, Eugene vai me ensinar a jogar cartas.

— Parece divertido, — disse. — Enquanto você joga, vou preparar o jantar e podemos comer um pouco mais tarde esta noite. Onde está Beckett?

— No celeiro. — Elliott tentou desequilibrar a mandíbula para caber na enorme pilha de cereal em sua colher em sua boca.

— Certo. Vou sair e avisá-lo que o jantar será um pouco mais tarde, — falei, dirigindo-me para o vestiário. — Eu volto já.

Saí pela porta dos fundos e atravessei o quintal em direção ao celeiro. Nuvens mais escuras vinham do oeste, e uma brisa fresca soprava no ar quente e úmido, agitando meu vestido em volta das minhas pernas. O trovão continuou a ribombar a cada dois minutos e o ar cheirava a tempestade. Atravessando as portas duplas abertas, espantei uma mosca que zumbia em volta da minha cabeça e deixei meus olhos se ajustarem à luz fraca. Poeira e palha flutuavam no ar como peixes em um aquário. Pudge, o cavalo de Beckett, enfiou o nariz para fora de sua baia, como se

esperasse por alguma atenção. Esfreguei seu nariz aveludado antes de continuar, minhas sapatilhas arrastando-se sobre o concreto coberto de feno. Cheguei ao final do celeiro sem ver Beckett e percebi que devo ter perdido ele quando passei pela sala de arreios. Mas quando voltei atrás e coloquei minha cabeça para dentro, ele também não estava lá. O trovão rosnou novamente no alto, um pouco mais alto agora.

Quando ouvi tábuas rangendo acima de mim, olhei para cima. — Beckett? — Chamei.

Ele não respondeu. Olhei em volta e vi uma escada de madeira que levava ao palheiro. Aproximei-me e subi, localizando-o assim que minha cabeça passou pela abertura retangular. Era um grande espaço retangular com fardos de feno empilhados ao longo do perímetro e jogados ao acaso no chão. Estava um pouco mais escuro aqui, embora a luz acinzentada se inclinasse pelas janelas nas duas extremidades.

— Ei, — eu disse, chegando ao topo.

— Ei. — Ele olhou para mim, fazendo minha respiração engatar. Sua testa estava brilhante, seu jeans estava uma bagunça e sua camiseta estava manchada de suor. Suas botas estavam cobertas de lama, seu cabelo parecia que ele tinha jogado o chapéu em algum lugar e passado os dedos por ele, e se eu chegasse perto o suficiente, sabia que ele provavelmente cheiraria a um dia duro de trabalho. Ainda assim, ele era o homem mais gostoso que eu já vi.

Eu me aproximei. — O que você está fazendo aqui sozinho?

—Vendo como o telhado precisa de reparos. Não usamos muito este espaço para armazenamento de feno desde que eu coloquei os novos galpões, então... — Ele riu enquanto eu deslizava meus braços em volta de sua cintura, pressionando meu peito contra o dele. — Você não vai querer chegar tão perto, Mad. Eu estou imundo. E eu nem quero pensar sobre como devo cheirar.

—Você cheira como um homem. Como um cowboy. — Eu inclinei minha cabeça para trás e pisquei para ele. — E cowboys acontecem para me excitar.

Ele gemeu, e contra o meu estômago, senti seu pau começar a inchar através de sua calça jeans. — Você veio aqui para me torturar?

—Pode ser. — Mudei uma mão para sua virilha e esfreguei a protuberância espessa, minhas entranhas pegando fogo.

—O que eu disse a você sobre me provocar dessa maneira? — Ele rosnou, me empurrando em direção aos fardos de feno que revestiam um dos lados do celeiro.

—Eu esqueci, — disse sem fôlego, movendo minha mão para cima e para baixo sobre o jeans grosso. — Talvez você deva me lembrar.

—Talvez eu deva fazer mais do que isso. — Ele me deu um empurrão suave e eu tombei para trás em uma pilha de feno dourado áspero. O trovão explodiu novamente. As sombras no loft ficaram mais profundas. — Não se mexa, — disse ele.

Fiquei onde estava, ofegante e ansiosa, enquanto ele olhava em volta. Então ele caminhou até a parede oposta e agarrou um pedaço de corda pendurado em um prego. Enquanto ele passeava em minha direção novamente, ele o enrolou em suas mãos grandes e fortes.

—Para que é isso? — Perguntei, minha voz um pouco trêmula, mais de excitação do que medo. Meu coração disparou quando olhei para ele.

—Isso é para ter certeza de que você não me torture enquanto eu faço do meu jeito com você. — Caindo de joelhos, ele trabalhou rápido, não apenas amarrando meus pulsos cruzados, mas prendendo-os a um poste logo atrás da minha cabeça.

—O que você vai fazer comigo? — Puxei contra as restrições, mas elas estavam fortemente amarradas.

Ele parecia divertido. —Eu disse que era bom com uma corda. — Ele empurrou meu vestido até minha cintura e puxou minha calcinha para baixo. Então ele jogou as duas pernas sobre os ombros e abaixou a cabeça entre as minhas coxas.

—Beckett! — Gemi quando sua língua varreu meu centro. A chuva começou a bater no telhado. —Não temos tempo!

—Você não é o chefe aqui. — Ele desenhou círculos ao redor do meu clitóris, fazendo todo o meu corpo formigar. —Eu sou.

Eu gemia, aliviada que pela primeira vez eu poderia ser barulhenta enquanto ele fazia isso comigo ele era tão bom nisso. —Mas e...

—Eles estão bem.

— Mas está chovendo...

— Para que não saiam de casa.

— Mas eu disse que iria...

— Mulher, eu preciso amarrar sua mandíbula também? — Alcançando abaixo de mim, ele beliscou minha bunda, forte, antes de me acariciar novamente com sua língua. — Agora fique quieta para que eu possa fazer você gozar com minha língua antes que eu faça isso com meu pau.

— Como eu deveria ficar quieta durante tudo isso? — Engasguei para respirar quando ele colocou todo o meu corpo em chamas, cada músculo do meu corpo puxando com força. — Você me dá vontade de gritar.

— Então grite, — ele disse calmamente. — Eu vou gostar.

Em menos de dois minutos, a chuva estava batendo contra o telhado do celeiro e eu estava gritando com toda a força dos meus pulmões, puxando as cordas em volta dos meus pulsos, resistindo sob ele, minhas pernas travadas firmemente em torno de sua cabeça, seus dedos cavando em minhas coxas.

No momento em que os tremores diminuíram, ele tirou o cinto, arrancou a camisa e abriu o zíper da calça jeans, empurrando-a para baixo em torno dos quadris. Então ele acariciou seu pau enorme enquanto eu observava com olhos arregalados e gananciosos. — Isso é exatamente o que você queria. Admite. É por isso que você veio aqui com aquele vestido que você sabe que eu gosto. Você fez isso de propósito.

—Sim, — disse, desesperada por ele, puxando contra as cordas, embora eu soubesse que não poderia escapar e meus pulsos estivessem em carne viva. Seus olhos percorreram meu corpo, vestido preso à minha cintura, seios lutando contra o corpete, coxas nuas abertas para ele. Ele era tão lindo e sexy, seu peito enorme e escorregadio de suor, os músculos de seus braços salientes, seu pau grande e duro, me contorci no feno na frente dele, sem vergonha de deixá-lo ver o quanto eu o queria. Sem medo de dizer as palavras. — Beckett, eu nunca quis ninguém do jeito que eu quero você.

—Você não tem ideia do que faz comigo. — Sua voz estava rouca de desejo, seus olhos azuis escuros como nuvens de tempestade. —O que você sempre fez comigo.

—Mostre-me, — implorei. —Deixe-me sentir. Você pode me punir por isso, você pode me amarrar, me repreender, me machucar. Mas deixe-me sentir do jeito que você me quer. Deixe-me sentir como se fosse sua.

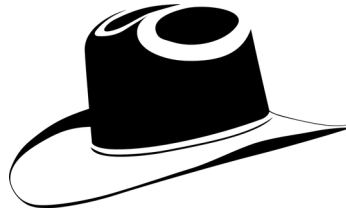
Com um gemido profundo retumbando no fundo de sua garganta, ele empurrou dentro de mim e começou a se mover. Ao contrário das últimas duas noites em sua cama, não foi doce ou gentil, foi áspero, suado e sujo. Ele me fodeu como eu pedi, como se ele quisesse me punir. Como se ele quisesse deixar marcas no meu corpo. Como se ele não tivesse certeza se me odiava ou me amava todos esses anos. Mas era profundo o que ele sentia. Corria fundo, quente e forte, incontrolável como um raio, imparável como a chuva. O feno embaixo de mim era firme, o chão do sótão, sólido, mas eu me sentia como se estivesse pendurada na beira de um penhasco.

Eu puxei minhas mãos nas cordas que os prendiam, desesperada para me agarrar a ele para que ele pudesse me puxar de volta para a segurança.

Meus gritos indefesos de dor e prazer se misturaram com as respirações difíceis de Beckett e maldições angustiadas através de uma mandíbula cerrada. Suas mãos agarraram minhas coxas e me puxaram em direção a ele enquanto seus quadris dirigiam seu pau em mim em um ritmo incessante e selvagem até que ambos gememos de alívio agonizante quando a tensão entre nós explodiu. Tudo ao meu redor se transformou em ouro e nada importava, exceto seu corpo pulsando dentro de mim e meu coração selvagem e louco e este fogo queimando entre nós que se recusava a morrer. Quando ele desamarrou as cordas e beijou ternamente o interior de cada pulso, percebi que nem queria. Mas eu não tinha certeza se tinha escolha.

Capítulo Quatorze

Tie Me
Down



Beckett

Abaixei seu vestido antes de ficar de pé e puxar minha calça jeans. —
Você está bem?

Ela se apoiou nos cotovelos. —Eu não sei. Posso não conseguir voltar
para casa.

—Bom. — Sorrindo, ofereci-lhe a mão e ajudei-a a se levantar.

Passando as mãos pelo meu abdômen e peito, ela balançou a cabeça. —
Seu corpo é insano.

—Meu corpo precisa de um banho. — Procurei minha camisa, vi sua
calcinha e a peguei. — Eu acho que isso pertence a você.

—Obrigada. — Ela entrou nela enquanto eu agarrei minha camisa,
puxei pela minha cabeça e deslizei meu cinto pelas alças. A chuva batia
forte no telhado acima de nós.

—Parece ruim lá fora, — eu disse. —Você quer que eu pegue um
guarda-chuva para você?

Melanie Harlow

— Não. Eu ficarei bem.

— E quanto ao seu vestido?

Ela inclinou a cabeça e colocou as mãos nos quadris. — Agora você está preocupado com meu vestido? Depois que você me jogou no feno e quase o arrancou de mim?

— Uh, sim? — Eu ri. — Desculpe, não sei qual é a resposta certa para essa pergunta.

— Você sente muito por ter sido tão rude comigo?

— Outra pergunta difícil. Este é um teste difícil.

Suspirando, ela foi até a escada e começou a descer. — Esquece. Mas se alguém me perguntar por que tenho queimaduras de corda em meus pulsos, estou dizendo a eles que você me amarrou no celeiro e teve seu caminho comigo. Você apenas finge ser um cavalheiro.

Desci atrás dela, saltando do terceiro degrau para o chão. — Você está insinuando que eu não tenho boas maneiras?

Ela cruzou os braços sobre o peito. — Temo que sim.

— Huh. — Peguei meu chapéu do cabide em que estava perto da porta da sala de arreios e coloquei na cabeça. — Então eu acho que terei que provar que você está errada.

— O que você quer dizer?

Eu caminhei em direção a ela, e ela recuou.

— Beckett Weaver, você está com uma expressão perversa. O que você está...

Movendo-se rápido demais para ela sair do meu caminho, agarrei-a pela cintura e a joguei por cima do ombro.

Ela gritou e bateu nas minhas costas. — Beckett! Ponha-me no chão!

Saí do celeiro e entrei na chuva torrencial. — Estou salvando você da lama como um cavaleiro. Está uma bagunça aqui.

— Você nem mesmo fechou as portas do celeiro! — Ela gritou.

— Eu vou voltar.

Rindo, ela continuou a se contorcer e lutar, mas eu tinha um braço travado firmemente em torno de suas coxas. Não havia como ela fugir de mim. Com a chuva encharcando nós dois, atravessei o quintal e subi os degraus até a varanda lateral, onde a coloquei no chão.

— Oh meu Deus, estou encharcada, — disse ela, olhando para cima e deixando a chuva cair em seu rosto.

— Mas seus pés estão limpos.

Ela olhou para suas sapatilhas. — Eu acho que eles estão. Então, obrigada.

Eu tirei meu chapéu pingando para ela. — Senhora.

Ela riu e passou os braços em volta do meu pescoço. — Retiro o que disse. Suas maneiras estão bem.

Abaixando minha voz, inclinei-me mais perto dela, pressionando suas costas contra a casa. — Isso significa que eu posso ter o meu caminho com você novamente mais tarde?

Seus olhos brilharam, mas sua expressão era tímida. — Veremos sobre isso.

A chuva continuou a golpear nossa pele, mas não me importei. Incapaz de resistir àqueles lábios que sempre me tentaram tanto, abaixei minha boca na dela e a beijei profundamente, minha língua acariciando a dela, minhas mãos passando pelas costas de seu vestido molhado. Ela se agarrou a mim, seu corpo pressionado contra o meu, sua boca aberta. Na minha cabeça, ouvi sua voz suave implorando, *deixe-me sentir como se eu fosse sua*. Não havia nada que eu quisesse mais. Nada que eu já quis mais.

Relutantemente, arranquei minha boca da dela, e nós ficamos parados por um momento, olhos travados, respirando com dificuldade. — Maddie, — disse, minha voz rouca. Peguei seu rosto em minhas mãos. Por um momento, tínhamos dezoito anos de novo, parados sob aquele bordo, e havia algo que eu precisava contar a ela. Algo que precisava ser dito.

— O que? — Ela sussurrou.

Mas as palavras se recusaram a vir.

— Nada. — Eu beijei sua testa. — Entre em casa e se enxugue.

Então me virei e saí da varanda, voltando pelo pátio lamacento em direção ao celeiro com passadas largas e raivosas.

A tempestade passou rapidamente, mas nosso treino de beisebol das sete foi cancelado porque o campo ficara muito encharcado. Griffin, que atuou como gerente não oficial da equipe, mandou uma mensagem para nós três com a notícia às seis e meia.

Cole: Em vez disso, poderíamos ir à academia. Fazer um treino.

Moretti: Ou podemos pular o treino e ir para o pub. Beber algumas cervejas.

Griffin: Eu voto cervejas. O Weaver pode desfazer o empate.

Eu estava no meu quarto, tirando minhas roupas molhadas e sujas. Minhas costas doíam um pouco, então não tive vontade de malhar. No andar de baixo, Maddie estava fazendo espaguete e pão de alho, e toda a casa tinha um cheiro incrível. Só queria ficar em casa. Mas eu não saía com meus três amigos há algum tempo, e Maddie estaria aqui quando eu voltasse. Talvez eu pudesse jantar aqui e depois encontrar os caras.

***Eu:** Cervejas. Encontro vocês às sete e meia.*

Depois de um banho rápido, vesti jeans e uma camiseta e descii as escadas. Meu pai e Elliott estavam jogando cartas na mesa da cozinha, e Maddie estava mexendo o macarrão com molho de tomate no fogão. Com papai e Elliott distraídos, eu me apertei bem atrás dela e passei meus braços em volta de sua cintura. Ela trocou o vestido molhado por um short,

uma blusa e aquele suéter azul macio. Beijei o lado de seu pescoço e inalei o cheiro de sua pele.

— Beckett, — ela repreendeu em um sussurro. — Eles vão nos ver.

— Eu não me importo, — disse a ela, mas a deixei ir. — A propósito, o treino foi cancelado. Mas se estiver tudo bem para você, vou encontrar os caras para uma cerveja depois do jantar.

— Claro que está tudo bem. — Ela lambeu o molho do dedo e levou a tigela de macarrão para a mesa. — Temos grandes planos aqui. Seu pai e eu vamos desenterrar alguns álbuns de fotos antigos, ele quer me mostrar algumas de suas fotos de beisebol e Elliott afirma que vai gritar no meu traseiro com o jogo de cartas.

— Ops, — Elliott esclareceu.

Ela deu a ele um olhar severo enquanto colocava a tigela na mesa. — Nós não dizemos traseiro na mesa.

— Talvez você não, — ele murmurou, fazendo meu pai rir.

Maddie suspirou. — Guarde as cartas e vá lavar as mãos. — Ela voltou para a cozinha quando o cronômetro do forno disparou. — Beck, você pode tirar o pão enquanto eu pego alguns pratos?

— Certo. Obrigado por fazer o jantar. — Enquanto não havia ninguém na cozinha, eu a puxei em meus braços e a beijei. — Você me mima.

Ela sorriu, suas bochechas ficando rosadas. — O prazer é meu.

— Você realmente não precisa voltar para Ohio, não é?

Ela riu. — Acho que meu chefe apreciaria se eu aparecesse para trabalhar quando deveria.

— E se eu te amarrasse e me recusasse a deixá-la ir?

Seus olhos se arregalaram, seu sorriso divertido. — Onde você me manteria?

— Hmm. — Enterrei meu rosto em seu pescoço. — O quarto. Não, a cozinha. Eu adoro quando você cozinha. Mas o celeiro também era divertido. Eu não consigo decidir.

— Amarrada em um celeiro. — Ela riu e me afastou de brincadeira. — Você realmente sabe como fazer a uma garota uma oferta que ela não pode recusar.

O cronômetro do forno apitou novamente, e o desliguei antes de pegar uma luva de forno. — Um cowboy não se oferece para amarrar uma garota, Maddie. Ele simplesmente faz isso.

— Bem, nesse caso, — disse ela, dando um tapa na minha bunda, — suponho que terei que cuidar de mim mesma perto de você.

Olhei para ela por cima do ombro e senti as rachaduras em meu coração aumentarem. — Malditamente certo.

Às oito horas, os rapazes e eu estávamos sentados em nossa mesa favorita na parte de trás do Bulldog Pub, trabalhando em nossas segundas cervejas. Já havíamos discutido a escalação para o jogo da próxima quinta-feira, falado merda sobre o Mason City Mavericks, nosso primeiro oponente da temporada e principal rival na Allegan County Senior Men's League e discutimos se as estrelas da MLB valiam seus salários astronômicos.

Quando as conversas sobre beisebol se esgotaram, Moretti se voltou para Cole. — Então você está pronto para se casar?

— Espero que sim, — disse ele com uma risada, — já que cem pessoas estão vindo para ver isso acontecer.

— Tem certeza de que não quer nenhum tipo de despedida de solteiro?
— Griffin perguntou.

— Eu tenho certeza. — Cole balançou a cabeça. — Estive lá, fiz isso. Estou feliz com isso aqui.

— E devemos estar em sua casa por volta das três e meia daquele dia, certo? — Perguntei.

— Sim. A cerimônia é às cinco, mas há fotos antes. — Cole deu um longo gole em sua cerveja. — Há fotos cerca de cinquenta vezes naquele dia.

Griffin gemeu. — Eu lembro disso. E então nós os recebemos de volta e Blair disse, 'droga, por que você não está sorrindo em nenhuma dessas?'

— Não me importei com as fotos, — disse Moretti.

Eu ri. — Claro que não.

— Cheyenne disse que você vai trazer Maddie Blake com você, — disse Cole para mim. — Isso é legal.

Apenas ouvir o nome dela fez o calor subir em mim. Eu balancei a cabeça e virei minha cerveja.

— Oh sim, ouvi dizer que ela estava ficando com você. — Griffin olhou de lado para mim da minha direita. — Como vai isso?

— Bom. — Tentei parecer casual. — Ela veio para a cidade para vender a casa da mãe dela. Na verdade, Moretti vai comprá-la.

— Oh sim? — Cole olhou para Moretti.

Ele encolheu os ombros. — Precisa de algum trabalho, mas acho que é uma boa compra para o local. Será uma boa propriedade de aluguel.

— Ela está realmente aliviada que você se ofereceu, — disse a ele. — Isso torna as coisas muito mais fáceis para ela.

— Ela tem um filho, certo? — Cole perguntou.

Concordei. — Elliott. Ele tem seis anos. Uma criança tão boa.

— Aposto que ele adora estar no rancho. — Cole virou sua cerveja. — Mariah está sempre pedindo para voltar e montar a cavalo novamente.

— A qualquer hora, — eu disse a ele. — Ela é sempre bem-vinda.

— Então, há alguma coisa acontecendo entre você e Maddie? — Griffin perguntou.

—Na verdade. — Fingi me interessar pelo jogo que passava na TV em cima do bar.

Cole riu. — Isso é um sim ou um não?

—Eu acho que é um ‘sim, mas não quero falar sobre isso.’ — Griffin inclinou sua cadeira para trás. — Estou certo?

Dei de ombros. — É complicado.

Ele enrolou um guardanapo encharcado de coquetel e o jogou em mim.

—Foda-se. — Rindo, eu joguei de volta. — Olha, estamos nos divertindo juntos. Isso é tudo o que posso dizer.

—Diversão é bom. Quanto tempo ela vai ficar na cidade? — Cole perguntou.

—Ela tem que voltar no próximo fim de semana. Logo após o casamento. — Eu ignorei a pontada no meu estômago quando disse isso.

—E depois disso?

—Nós realmente não conversamos sobre isso.

Moretti falou. —Pelo que ela disse a Bianca, ela gosta de você.

Do outro lado da mesa, fiz minha melhor impressão do Moretti fumegante. —Quero dizer, quem não gostaria?

Ele riu. — Idiota.

—Você não colocou a foto dela em nossa cápsula do tempo? — Cole perguntou.

—Oh sim, — Griffin disse lentamente. — Eu esqueci disso.

—Não me lembro, — menti. — Talvez eu tenha.

—Eu me lembro, — disse Moretti. — Você fez. É há quanto tempo você está com ela. Então, tudo o que estou dizendo é, agora que vocês finalmente conseguiram ficar juntos e isso é uma coisa boa, por que jogá-lo fora?

—Eu não vou jogar nada fora, — disse irritado. —Mas eu não gosto muito da ideia de um relacionamento à distância. Não consigo ver como funcionaria. Fim de discussão.

Mas, no caminho para casa, pensei no que Moretti disse. Não é como se ele estivesse totalmente errado. Eu sempre gostei de Maddie, e isso era uma coisa boa entre nós. Mas eu não estava jogando fora, estava sendo realista. Eu estava sendo honesto. Meus amigos não conseguiam entender. Suas escolhas eram diferentes das minhas porque suas opções eram diferentes. Nenhum deles teve que dirigir um negócio e cuidar de um pai idoso sozinho. Claro, Cole tinha Mariah, mas ela estava ficando mais independente a cada dia, ao contrário de meu pai, que estava ficando menos independente.

Talvez algum dia as circunstâncias fossem diferentes, mas você não poderia fazer uma promessa a alguém sobre algum dia. Ninguém queria ouvir isso. Não era justo. Especialmente para alguém como Maddie, que deu muito de si tentando agradar as outras pessoas. Mas quando entrei na garagem, saber que ela estava dentro de casa me deixou animado para entrar pela porta. Voltar para casa para ela era bom.

—Ei. Você se divertiu? — Maddie olhou para mim de onde estava sentada com meu pai em um sofá, um velho álbum de fotos em seu colo. Elliott estava brincando com DiMaggio no chão perto das janelas.

—Estava tudo bem. Estou cansado. — Eu rolei meus ombros novamente. —E eu acho que fiz algo no meu pescoço hoje.

—Quer que eu tente resolver os nós?

—Não. Vou apenas tomar um pouco de ibuprofeno antes de ir para a cama.

—Venha aqui. — Ela se levantou e estendeu o álbum para mim. — Você se senta e vira as páginas, e eu vou esfregar seu pescoço e ombros enquanto olhamos as fotos.

Fiz o que ela pediu, tomando seu lugar ao lado do meu pai e abrindo o álbum no meu colo. Era provavelmente o mais antigo que tínhamos, as primeiras páginas cheias de fotos granuladas em preto e branco com bordas brancas de antes da época do meu pai.

—Essa é a casa velha, — disse meu pai enquanto eu estudava uma foto de meus avós em frente à velha casa da fazenda. — Eu não sei exatamente o que aconteceu com ela. Mas é onde eu cresci.

Fiquei impressionado com o quanto meu pai se parecia com o pai dele na velhice, e eu sabia que provavelmente estava olhando para o meu próprio futuro também. Alguém se sentaria e olharia minhas fotos algum dia e se perguntaria quem eu era e como era minha vida? Virei as páginas enquanto os dedos de Maddie trabalhavam em meus músculos doloridos. Foi calmante e doloroso ao mesmo tempo.

—Esse foi meu primeiro cachorro, Cobb, — disse meu pai, apontando um dedo grosso e nodoso para uma foto sua com um pastor alemão por volta dos oito anos. —Todos os meus cachorros foram nomeados em homenagem a jogadores de beisebol.

A próxima página tinha muitas fotos do meu pai no beisebol, e ele apontou para cada uniforme e nos disse qual time jogou naquele ano e às vezes incluía um destaque daquela temporada. Conforme eu virava as páginas, as fotos iam de preto e branco para cores desbotadas, aniversários, feriados, jogos de beisebol e tardes de verão na fazenda. Alguns deles eu nunca tinha visto antes, mas quando perguntei sobre as pessoas neles, meu pai poderia me dizer o nome de todos e algo sobre a ocasião em que a foto foi tirada. Tentei guardar alguns detalhes na memória, para que eu pudesse nomear os membros da família e contar as histórias um dia, embora eu não tivesse certeza de quem iria querer ouvi-los. Eu só sabia que não queria que eles se perdessem no tempo. De repente, eu estava feliz por estarmos fazendo isso agora, antes que a memória do meu pai falhasse completamente. Então virei outra página e lá estava ela.

—Oh, aí está Cynthia Mae, — disse meu pai, como se tivesse perdido a esposa outro dia. Ele bateu na fotografia de uma mulher bonita com um lenço amarrado sobre os cachos ruivos, um bebê nos braços. Ela se sentou em um sofá, meu pai ao lado dela, o braço em volta de seus ombros. O sorriso em seu rosto era de amor e orgulho. Em seus olhos não havia nada além de alegria. —Ela está segurando Amy naquela foto. Tínhamos acabado de trazê-la do hospital para casa.

—Essa é sua mãe, Beckett? — Maddie perguntou baixinho, inclinándose mais perto do álbum, tão perto que eu podia sentir o cheiro de seu perfume.

Mas minha garganta estava tão apertada que não consegui responder de imediato. E eu não conseguia tirar meus olhos da imagem do meu pai. Era como se olhar em um espelho, os mesmos olhos, a mesma cor, os mesmos ombros largos e braços musculosos. Até suas mãos pareciam minhas. As palmas largas, que eu sabia que deviam estar cheias de calosidades. As veias visíveis. Os dedos longos.

Ele deve ter pensado que tinha tudo de bom pela frente. Ele deve ter olhado para sua esposa e filha bebê e sentiu como se não houvesse nada que ele não faria por elas. Ele deve ter pensado que eles estavam apenas no início do que construiriam, uma família, um lar, uma vida juntos. Até ela parecia feliz por estar naquele momento, um bebê novinho em folha em seus braços, um marido ao seu lado. Como as coisas deram tão errado?

Eu limpei minha garganta. —Sim.

—Ela é linda, — disse Maddie. —Ela se parece com Mallory.

Virei a página. Havia mais fotos de minha mãe com minhas irmãs pequenas, e uma dela segurando um bebê que presumi ser eu. Mas a luz havia sumido de seus olhos. O sorriso sumiu de seu rosto. Ela já tinha decidido partir? Essa foi a última vez que ela me segurou? Ela sabia disso então? Como você poderia se afastar de alguém que amava como uma mãe deveria amar seu filho? Ela tinha mesmo dito adeus? Meu pai não disse mais nada sobre ela, e fiquei feliz. As próximas páginas do álbum tinham fotos patetas de minhas irmãs vestidas com polainas fluorescentes e patins, com o cabelo bagunçado e o delineador pesado. Maddie riu de fotos minhas como uma criança magricela e desdentada em calças de beisebol que eram curtas demais para mim, e engasgou quando viu uma foto do que eu imaginei ser a oitava série minha, Griffin, Cole e Moretti sentados em um trator nos fundos.

— Oh, olhem para vocês, — ela disse, quase como se ela estivesse triste com isso. — Apenas bebês.

Havia mais fotos de beisebol e alguns recortes de jornais também, dos meus anos de colégio. — Eu nem percebi que você salvou tudo isso, pai.

— Claro que sim, — disse ele. — Você vai querer mostrar aos seus próprios filhos algum dia.

Engoli em seco e virei a página, e lá estava a foto dos meus três melhores amigos e eu depois da formatura, a cópia que eu coloquei na cápsula do tempo.

Maddie suspirou. — Tão bonito.

—Tão jovem, — eu disse, pensando em tudo o que havia acontecido desde então.

—Sempre achei que tinha quatro filhos, — disse meu pai, apontando para eles. —Eles estavam sempre correndo por aqui. E você. — De repente, ele olhou para Maddie e sorriu. — Você estava sempre na mesa da cozinha.

Ela riu. —Eu estava muito aqui, não estava? Mas você sabe o que? Eu adorei aqui. Sempre foi tão caseiro e confortável. Minha casa sempre foi tão silenciosa e vazia em comparação.

—Eu sempre disse ao Beckett que ele deveria...

—Tudo bem, hora de dormir, — interrompi, porque tive a sensação de que sabia como ele iria terminar aquela frase. Fechei o álbum e me levantei.

—Pronto, pai?

—Eu acho. — Ele coçou a cabeça e se levantou. — Com certeza o tempo voa, não é?

—Sim.

—Mas você sabe, — disse ele, olhando para Maddie e depois de volta para mim. — Algumas coisas nunca mudam.

Mais tarde, quando a casa estava escura e silenciosa, Maddie rastejou pelo corredor até o meu quarto.

— Ei, — ela sussurrou, deslizando na cama ao meu lado.

— Ei. — Envolvi seu corpo quente em meus braços e puxei-a para o meu lado.

— Você estava dormindo?

— Não.

— Eu não tinha certeza se deveria vir aqui esta noite.

— Por que?

— Eu não sei. — Ela brincou com os pelos do meu peito. — Você parecia um pouco tenso antes. Não apenas muscular.

Fiquei em silêncio por um momento. — Sim. Suponho que estou.

— Gostaria de falar sobre isso?

— Nada para falar, realmente.

Ela beijou meu peito. — Mentiroso. Mas se você não quiser falar, está tudo bem.

— Você realmente vai me deixar parar de falar?

— Sim. Eu vou. — Ela se aconchegou mais perto, envolvendo o braço em volta do meu torso. — Estou ficando mais confortável com seus silêncios.

— Bom.

Ela durou exatamente dez segundos. — Mas eu sou uma boa ouvinte, só para você saber.

— Eu sei.

— Foram as fotos antigas?

— Eu pensei que você estava confortável com meus silêncios.

— Posso ter superestimado meu nível de conforto.

Exalando, me perguntei se poderia articular isso. — Eu acho que eles me deixaram um pouco triste.

— Eu poderia dizer. Por causa de sua mãe?

— Na verdade, foi principalmente por causa do meu pai. Acho que me atingiu com força esta noite o quão diferente sua vida tem sido do que ele imaginava para si mesmo como marido e pai. E ver aquelas fotos dele, ele se parece tanto comigo, foi uma sensação meio estranha.

— Entendi. — Ela levantou a cabeça e olhou para mim. — Você se parece com ele nessas fotos. Isso também me surpreendeu.

Coloquei seu cabelo escuro atrás da orelha e ela pressionou seu rosto na minha palma. — Sinto que vou piscar e ter oitenta e um anos, sentado no sofá com cabelos brancos e mãos artríticas, olhando fotos e me perguntando para onde minha vida foi, — confessei.

— Você saberá, Beckett. Tudo vai estar bem na sua frente. — Ela ficou de joelhos, sentando-se sobre os pés e espalhando os braços. — Você terá este lugar incrível que construiu. Você terá este rancho que manteve vivo. Você

terá uma família incrível. Você terá três melhores amigos, os mesmos três melhores amigos que você teve desde criança, que provavelmente levariam um tiro por você. E você levaria um para eles.

— Eu gostaria, — disse sério.

— E você me terá. — Ela montou em mim e alcançou minhas mãos, entrelaçando nossos dedos. — Você sempre me terá.

Engoli em seco. — Maddie, eu...

— Shh, — disse ela, inclinando-se para beijar meus lábios. — Não estou pedindo nenhuma promessa. Eu sei que você não pode fazê-las.

— Eu gostaria de poder, — disse a ela honestamente.

— Eu só gosto de estar com você, Beckett. — Ela moveu os lábios pelo meu queixo, pelo meu pescoço, pelo meu peito. — Você me faz sentir bem. E esta noite, tudo que eu quero é fazer você se sentir bem.

— Você já faz.

Ela levantou a cabeça e olhou para mim. — Você está dizendo que não quer o boquete que eu estava prestes a lhe dar?

Meu pau saltou. — Oh não. Não estou dizendo isso.

— Bom. Então relaxe. Deixe-me tornar tudo melhor. — Ela abaixou a cabeça novamente, mas coloquei minha mão sob seu queixo.

— Espere. — Estendi a mão e acendi a lâmpada da minha mesa de cabeceira. — Eu quero observar você.

Ela me deu um sorriso sedutor que enviou meu sangue correndo quente e duro direto para o meu pau antes que ela puxasse sua camisa com abacaxi sobre sua cabeça. Ela a jogou de lado e continuou a beijar seu caminho pelo meu corpo, aqueles lábios macios e cheios como o paraíso na minha pele. Puxando o cós da minha cueca para baixo um pouco, ela passou a língua ao longo do meu abdômen, fazendo os músculos do meu estômago tremerem e flexionarem. Depois de puxá-los completamente, ela traçou o V dos meus quadris até a ponta do meu pau com os dedos indicadores. Então ela se inclinou e refez o caminho com a língua, primeiro de um lado, depois do outro. Prendi a respiração, esperando o primeiro golpe na coroa. Ela riu suavemente.

—É algo engraçado? — Perguntei, apoiando-me nos cotovelos.

—Eu estava pensando em quando éramos adolescentes. — Ela olhou para mim com malícia em seus olhos. —Tipo, e se eu tivesse feito isso naquela época? Cair de joelhos embaixo da mesa da cozinha? Colocar minha boca em você assim.

E lá estava a varredura suave e aveludada de sua língua circulando a ponta do meu pau.

Eu gemi enquanto a observava, meu corpo inteiro tremendo. —Você não quer saber o que teria acontecido.

—Diga. — Ela lambeu o comprimento do meu eixo, de baixo para cima.

—Você teria um gole quente em cerca de três segundos.

Seus olhos se voltaram para os meus. — Eu costumava ter uma fantasia sobre você. — Ela me lambeu novamente da raiz às pontas.

— Você tinha?

— Sim. — Ela envolveu seu punho em volta de mim e rodou sua língua através da coroa.

— O que eu fiz?

Ela não respondeu de imediato. Em vez disso, ela pegou a ponta do meu pau entre os lábios e chupou suavemente, fazendo com que toda a parte inferior do meu corpo se contraísse, abdômen, coxas, núcleo.

— Em vez de estudar, você me levou para o seu quarto. — Ela fez isso de novo, levando um pouco mais de mim em sua boca desta vez. — Você me beijou como eu queria ser beijada. Você me despiu.

— Sim, — sussurrei com os dentes cerrados enquanto ela me levava um pouco mais fundo, chupava um pouco mais forte.

— E você me segurou como eu queria ser abraçada.

— Sim. — Ela me levou para o fundo de sua garganta, e não pude deixar de balançar meus quadris, lenta e suavemente, para que não perdesse o controle, minhas mãos apertando os lençóis.

Depois de um momento, ela me puxou de sua boca e deslizou minha carne inchada por ambos os punhos. — Você colocou suas mãos em todo o meu corpo. Você me tocou em todos os lugares. Você me deixou tocar em você. Você disse que queria que eu fosse a sua primeira.

—Porra. — Estava tão duro, tão desesperado por ela, me senti como o adolescente que ela estava descrevendo. — Eu queria isso.

—E eu queria que você fosse meu, mas eu estava com medo, — ela sussurrou, abaixando sua boca para mim novamente, me lambendo como um doce. —Porque você era tão grande. Achei que você pudesse me machucar.

Ela chupou novamente, levando-me profundamente, usando as mãos ao longo da extensão quente e escorregadia da minha ereção. Coloquei uma mão em seu cabelo e rolei meus quadris embaixo dela.

—Mas não podíamos nos parar. E doeu, — ela disse, parando para respirar. —Mas só por um minuto. Você foi tão gentil comigo. Você disse que queria me fazer gozar.

—E eu fiz?

—Sim. Eu não conseguia o suficiente. Eu ainda não consigo. — Ela me absorveu novamente e, desta vez, não consegui me conter. Com minha mão cerrada com força em seu cabelo, eu fodi sua boca forte e rápido, quase fora da minha mente com a necessidade de liberar toda a tensão do meu corpo. Mas antes de acontecer, puxei e a virei de costas.

—Você não quer que eu termine? — Ela perguntou sem fôlego, enxugando a boca com o pulso.

—Eu preciso estar dentro de você. — Lambi meus dedos e os coloquei entre suas pernas, mas ela já estava molhada e inchada de desejo, o que me empurrou para mais perto da borda. —Como eu queria então.

Ela não discutiu, e segundos depois eu estava mergulhando nela, e ela estava abafando seus gritos no meu ombro. Não durou muito mais do que duraria aos dezoito anos, mas quando o orgasmo me rasgou, senti seu corpo pulsar ao redor do meu e me senti mais perto dela do que jamais me senti de ninguém.

—Não volte para o seu quarto esta noite, — sussurrei, afastando o cabelo do rosto dela. —Fique aqui comigo.

Sua expressão estava dividida. —Eu quero.

—Só desta vez, — disse. —Fique até o sol nascer. Vou garantir que você volte para o seu quarto mais cedo. — Eu a beijei suavemente. —Eu prometo.

—Tudo bem, — ela sussurrou. —Eu vou ficar.

Poucos minutos depois, ela estava aninhada ao meu lado no escuro, minhas mãos acariciando suavemente suas costas.

—Então era verdade? — Perguntei. —Aquela história que você contou, você realmente tinha fantasias assim sobre mim?

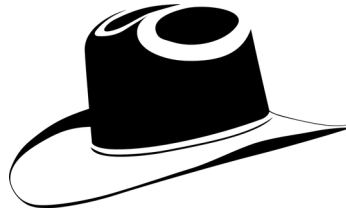
—Sim, — disse ela, rindo baixinho. —O tempo todo. Você nunca teve uma fantasia sobre mim?

Beijei o topo de sua cabeça. —Elas eram todas sobre você.

Ela se aconchegou mais perto e adormecemos. De manhã, eu pude vê-la na primeira luz rosa pálido do dia, e ela nunca esteve mais bonita. Parecia tão certo tê-la ali comigo, para dar um beijo de boa noite e segurá-la em

meus braços enquanto adormecemos e acordamos para beijá-la pela manhã. Eu gostaria de não ter que deixá-la ir. Mas eu a acordei como prometido, e depois de vestir o pijama, ela voltou correndo pelo corredor para seu próprio quarto. Fizemos isso todas as noites durante a semana seguinte, e a cada manhã ela ficou um pouco mais na minha cama, a luz ficando mais dourada em sua pele. Cada vez, era mais difícil deixá-la ir.

Capítulo Quinze



Beckett

Na terça-feira seguinte, estava saindo do celeiro para jantar quando um movimento chamou minha atenção perto do bordo. Olhei e vi Maddie no balanço. Ela torceu as cordas sobre a cabeça e as deixou se desemaranhar e girá-la.

Divertido, fui em sua direção. — Isso não te deixa tonta?

Ela riu e se endireitou. — Um pouco.

Quando cheguei perto dela, o déjà vu me atingiu com força, a luz do sol manchada em seu cabelo escuro, a brisa farfalhando as folhas de bordo acima de nossas cabeças, a aceleração do meu coração. — Sabe o que isso me lembra?

Seus olhos verdes brilharam. — O dia em que você me beijou?

Eu concordei. — Achei que fosse morrer.

Isso a fez rir. — Se você me beijasse?

— Se eu não fizesse.

Sorrindo suavemente, ela inclinou a cabeça contra uma corda. — Lamento não ter visto as coisas com mais clareza naquela época.

Dei de ombros. — Nós somos jovens. Também não tenho certeza se vi as coisas com clareza. Eu apenas agi por impulso.

— Mas talvez se eu não estivesse tão assustada, nós poderíamos... eu não sei. Ter mais tempo juntos. Ter mais uma chance.

Suas palavras me deixaram triste, mas não estavam erradas. Não importa o quão bom isso fosse com ela, não era como se realmente tivéssemos uma chance. Era tarde demais.

— Quer me dar um empurrão? — Ela perguntou.

— Certo. — Movendo-me atrás dela, agarrei as cordas, puxei-a de volta para mim e a deixei ir. Cada vez que ela voltava, eu colocava minhas mãos em suas costas e dava um leve empurrão. Até que uma vez, em vez de empurrá-la, eu a peguei pela cintura e segurei.

Ela deu uma risadinha. — Ei! O passeio parou. O que aconteceu?

— Eu não sei. Foi outro impulso, eu acho. — Com cuidado, abaixei o balanço até que seus tênis estivessem no chão.

Ficando de pé, ela se virou para mim e colocou os braços em volta do meu pescoço. — Um impulso de me beijar de novo?

— Um impulso de agarrar você, — disse a ela, — e não soltar.

— Não faça isso. — Um sussurro, suave mas feroz. — Não faça isso.

Naquela noite, após o treino, os caras e eu fomos ao bar para tomar algumas cervejas. Depois disso, Moretti e eu caminhamos juntos para o estacionamento.

—Eu tenho um cheque para Maddie, — disse ele. —Só precisamos acertar um horário para assinar a papelada.

—Soa bem.

—Talvez ela pudesse passar no escritório amanhã?

—Provavelmente. Peça para Bianca mandar uma mensagem para ela. — Eu ri. —Ela provavelmente terá meu pai com ela. Ele é como a sombra dela atualmente.

—Oh sim? Isso deve ser útil.

—É além de útil. Não sei o que vou fazer quando ela for embora.

—Então peça a ela para ficar, — ele disse facilmente.

Eu fiz uma careta. —Eu não posso fazer isso.

—Certamente você pode.

—Ela tem um emprego em Ohio, — disse a ele. —Ela tem uma casa. O pai de Elliott está lá. Ela não vai mudar para cá apenas para manter meu pai longe de problemas.

Moretti riu. — Você está certo, ela não vai. Ela vai fazer isso por você, idiota.

— Eu não quero que ela faça isso por mim, — disse eu, carrancudo para os meus pés enquanto caminhávamos.

— Por que não?

— Porque então estou sob pressão.

— Pressão para... — ele perguntou.

— Para valer a pena a reviravolta em sua vida. Para a vida de Elliott.

— Você não acha que é?

Não respondi de imediato. — E se ela voltar para cá e as coisas desmoronarem?

Moretti encolheu os ombros. — Acho que vocês teriam que decidir se vale a pena correr esse risco.

— Não é. Já posso dizer que não.

— Então você prefere que ela more a cinco, seis horas de distância? Reunir-se uma vez por mês ou algo assim? Provavelmente menos? Deixar morrer dessa maneira? Porque você sabe que isso é o que aconteceria, — argumentou ele, — especialmente com o quanto você trabalha e o tempo que passa cuidando de seu pai.

— Pelo menos ela não iria acabar me odiando.

— Cara, essa é uma desculpa idiota pra caralho para nem mesmo tentar.

Lutei para me recuperar, porque sabia que ele estava certo. Em vez disso, inventei uma desculpa esfarrapada diferente. — Ela pode nem querer tentar. Eu odiaria colocá-la nisso.

Moretti parou de andar e me encarou. — Ouça. Eu te conheço há muito tempo, eu vi vocês dois juntos e acho que você está errado sobre isso. Se você a quer em sua vida, diga a ela. Se ela disser não, foda-se. — Ele encolheu os ombros. — Pelo menos tentou. Mas você passou muitos anos esperando por isso. E direi a você o que disse a Cole quando ele entrou pela primeira vez em Cheyenne, não minta, não diga merda que você não quisesse, apenas diga a ela a verdade.

— A verdade, hein?

— Sim. As mulheres adoram quando você fica todo honesto e vulnerável e essas merdas.

Eu fiz uma careta. — Vulnerabilidade não parece minha praia.

Ele revirou os olhos. — Não soa como coisa de homem. Mas você tem que fazer isso. — Ele apontou o dedo para mim. — E não estrague tudo, ou você vai fazer noventa anos desejando não ter se acovardado aos trinta e três, e estarei lá para dizer que avisei.

Engolindo em seco, eu balancei a cabeça. — Vou pensar um pouco.

Naquela noite, tive dificuldade para dormir, mesmo com ela bem ao meu lado. Depois de acordá-la suavemente para que ela pudesse voltar na ponta dos pés para seu quarto, desisti. Vestindo algumas roupas, saí sozinho para fazer as tarefas um pouco mais cedo do que de costume. Enquanto eu trabalhava, não pensava em nada além dela. Como ela era linda, por dentro e por fora. Como ela se encaixava perfeitamente na minha vida. Quanta alegria ela trouxe. Não apenas para mim, mas para meu pai também.

Durante a semana passada, ela foi infinitamente paciente com ele, e além de generosa com seu tempo. Ela e Elliott o levaram a qualquer lugar que ele quisesse, centro, o farol, a biblioteca, a lanchonete. Ela comprou para ele um mapa antigo da área, e ele passou horas estudando-o, apontando coisas de que se lembrava. Eles até foram ao Bellamy Creek Historic Village, visitaram o museu, compraram doces na antiquada General Store e se sentaram na estação de trem com ele, comendo palitos de hortelã e esperando por um trem que nunca chegaria.

Pensei em Elliott também, sobre a sorte de seu pai por ter um filho tão inteligente, engraçado e carinhoso. Tão rápido para ajudar. Rápido para rir. Rápido para aprender. Ele tratava os animais com sensibilidade e gentileza, e era responsável e diligente em tudo o que fazia. Eu nunca tive que pedir a ele duas vezes para completar uma tarefa, e ele nunca parou de trabalhar até que tivesse feito o trabalho completa e corretamente. Quando você disse a ele que ele fez um bom trabalho, seus olhos castanhos brilharam e seu sorriso tinha uma milha de largura.

Fiquei furioso que o ex de Maddie fosse um idiota que ele não conseguia apreciar todas as coisas que Elliott era porque ele estava muito ocupado se concentrando no que ele não era. Ou muito envolvido em si mesmo. Como Elliott deveria aprender que um homem de verdade não negligencia seus filhos? Não colocou suas próprias necessidades em primeiro lugar? Não mentiu, trapaceou ou escolheu o caminho mais fácil? Pensei nas lições que aprendi com meu pai. Um verdadeiro homem tinha honra e respeito. Ele protegeu sua família. Ele trabalhou duro para sustentá-los. Ele sabia quem ele era e o que ele representava, e ele não tinha medo de nada... exceto, talvez, expressando seus sentimentos. Mas foi só isso.

Eu sabia quem eu era. Sabia o que representava. Mas o que sentia por Maddie fodidamente me apavorava. Eu era um cara de números. Ganhei muito dinheiro realizando análises financeiras complexas e avaliando riscos. E eu era bom nisso, os números me diziam quando valia a pena correr um risco alto e quando provavelmente não compensaria. Portanto, era difícil, olhando para as probabilidades de algo como para sempre, acreditar que eles estavam a meu favor. Quero dizer, o que diabos era amor, afinal?

Era aquela sensação de joelhos bambos que tive quando ela entrou em uma sala? Era aquela coisa de tirar o fôlego que aconteceu quando ela me beijou? Era aquela necessidade dolorosa de estar dentro dela que experimentei quando sua pele estava perto da minha? Foi o calor possessivo em minhas veias quando eu a segurei à noite? Foram as milhões de coisas que eu queria fazer por ela, grandes e pequenas? Foram todas as

promessas que eu gostaria de fazer para o futuro? Todas as coisas que eu gostaria de ter dito no passado? Ou era apenas uma forma única de tortura que diminuiria quando ela se fosse? Como você pode saber com certeza?

Quando voltei para casa, Maddie estava fazendo o café da manhã na cozinha. No momento em que a vi, meus joelhos tremeram.

— Bom dia, — ela disse enquanto mexia algo em uma tigela grande. — Você acordou cedo hoje.

— Sim. — Tentei ir até a cafeteira sem tocar nela e não consegui. Pegando-a pela cintura, pressionei meus lábios em sua bochecha. — Fiquei mal-humorado depois que você me deixou. Não conseguia dormir.

Ela colocou seu batedor de lado e abraçou meus braços. — Eu também não.

Eu a beijei mais uma vez e fui para a cafeteira. — Elliott ainda está dormindo?

— Não. Ele está se vestindo. Ele não perderia a hora da manhã com as cabras por nada. Ele vai sentir muita falta delas quando partirmos.

— Sempre que ele quiser vir visitá-las, ele é bem-vindo, — disse, tentando não pensar na cozinha sem ela todas as manhãs.

— Certo. — Ela sorriu para mim e meu coração gaguejou. — Tenho que passar pelo escritório de Moretti para assinar algumas coisas esta manhã. E tenho que ir à cidade buscar meu vestido para o casamento esta tarde. Vou levar seu pai comigo.

— Ele vai adorar. — Tomei um gole de café. — Na verdade, recebi algumas respostas ao meu anúncio de uma cuidadora esta semana. Vou fazer algumas ligações hoje.

— Oh, bom. — Seu sorriso foi aliviado. — Vou me sentir muito melhor quando sair, se souber que você tem ajuda.

Tomei outro gole rápido e coloquei a xícara na mesa. — Vou acordar papai e voltar para fora. Meus rapazes chegarão a qualquer minuto e preciso checá-los antes de sair e fazer a rotação do rebanho.

— Você não quer café da manhã? — Sua expressão estava consternada. — Estou fazendo waffles.

— Tentador, mas não tenho tempo esta manhã. Estive um pouco relaxado com o trabalho na semana passada e tenho que parar um pouco mais cedo hoje para poder pegar meu terno na lavanderia.

— Deixe-me fazer isso por você, — disse ela. — Eu estou indo para a cidade de qualquer maneira.

— Você não tem que fazer minhas tarefas. Você faz o suficiente.

— Basta me enviar uma lista, eu farei isso. Eu também vou lavar alguma roupa. Se você colocar suas roupas sujas na lavanderia, vou lavar elas também.

Balancei minha cabeça. — Maddie, você não tem que lavar a porra da minha roupa.

— É egoísta, eu prometo. — Ela se aproximou e colocou os braços em volta da minha cintura, inclinando a cabeça para trás para olhar para mim. — Me faz bem fazer coisas por você. E eu estou saindo em breve.

Eu a beijei, um pouco mais longo e profundo do que deveria, já que Elliott poderia ter entrado na cozinha a qualquer momento, mas meu coração estava batendo forte, e era bom demais para parar. Quando ouvimos passos rápidos descendo as escadas, nos separamos.

— Acho que vou acordar papai, — disse, ajustando a virilha do meu jeans. — Espero que ele não esteja mal-humorado esta manhã. Eu não tenho tempo para brincar.

— Diga a ele que a senhora da torta está preparando o café da manhã, — disse ela, rindo enquanto pegava o batedor novamente. — Isso vai animá-lo imediatamente.

Foi um longo dia sob o sol quente. Por volta das três, fiz uma pausa para uma bebida gelada, mas fiquei desapontado ao encontrar a casa vazia e silenciosa, exceto pelo som da secadora. A caminho da geladeira, vi um bilhete no balcão.

Belo dia, rumo ao centro e depois à praia. Gostaria que você pudesse estar conosco. M.

A caligrafia de Maddie era estranhamente familiar. Olhando para ela, me lembrei da pequena foto do último ano que ela me deu. Eu li o verso tantas vezes, que memorizei. *Beckett, muito obrigada por todas as vezes que você esteve lá para mim. Você é um grande amigo e tem os melhores olhos azuis de todos os tempos. Sentirei muito a sua falta, por favor, mantenha contato! Amor Maddie.* Eu também dei a ela uma foto, parada ao lado de seu armário depois da escola um dia, e ela ansiosamente a virou para ver o que eu havia escrito no verso. Isso me fez rir agora, pensando em como sua boca caiu aberta em indignação.

—O que? Não é justo! Você não pode me dar uma foto sem escrever no verso!

—O que eu devo escrever?

—Eu não sei. Como você se sente.

Como me sinto? A parte de trás dessa foto não era grande o suficiente. Mas peguei uma caneta da minha mochila e puxei um fichário para escrever. Ela me entregou a foto novamente e eu a virei, anotando algumas palavras.

Ansiosamente, ela o pegou e leu em voz alta. —Tenha um bom verão. Beckett. — Seu nariz enrugou quando ela olhou para mim. —Mesmo? É isso?

Eu ri. —É mais do que escrevi em qualquer outra pessoa.

— Mas não há nada que você, tipo, se lembre sobre mim?

Ela estava brincando? Não havia nada que eu esquecesse. — Certo.

— Como o quê? Escreva. — Ela entregou a foto novamente e eu adicionei algo na parte inferior.

Segurando-o novamente por um canto, ela leu: — P.S. Você sempre cheira bem. — Então ela riu enquanto o enfiava no bolso da mochila. — Eu vou levar. Obrigada.

Colocando a nota de volta no balcão, saí novamente, sorrindo com a memória. Imaginando-a na praia, brincando na areia com Elliott, conversando com meu pai sob um grande guarda-chuva, mergulhando nas ondas. Desejando estar com eles. Saudades dela, como sempre.

Mais tarde naquela noite, depois que Elliott e meu pai estavam na cama, peguei sua mão e a puxei em direção à porta da frente. — Venha comigo.

— Onde estamos indo? — Ela perguntou enquanto eu a levava para fora.

— Não longe.

— Eu nem estou de sapatos.

— Você está bem.

Enquanto ela estava lá em cima com Elliott, eu puxei a velha picape do meu pai para fora da garagem, estendi alguns cobertores grossos sobre a cama vazia e joguei alguns travesseiros.

—O que é isso? — Ela riu baixinho quando nos aproximamos da velha caminhonete enferrujada na garagem.

—É um encontro. — Abaixei a porta traseira e ofereci a mão a ela. — Entre.

Sorrindo, Maddie pegou minha mão e subiu na caçamba.

Eu entrei atrás dela e deitei nos travesseiros, uma mão atrás da minha cabeça. — Agora venha aqui.

Seu sorriso cresceu ainda mais quando ela se aconchegou ao meu lado, colocando-se debaixo do meu braço. — Vamos acampar hoje à noite?

—Não a noite inteira. Só pensei que seria bom sair de casa por um tempo. Eu me sinto mal por não poder te levar a lugar nenhum.

—Não faça isso. Não há nenhum lugar para onde ir. Só quero estar com você.

Beijei o topo de sua cabeça. — Notei como o céu estava claro o dia todo e imaginei que seria uma bela noite para olhar as estrelas.

Ela se mexeu ligeiramente para que pudesse olhar para cima e murmurou em agradecimento. — Oh, é uma noite clara. Eu esqueci o quão melhor você pode ver as estrelas do país. Eu estou na cidade há muito tempo.

Meus olhos examinaram a tela em branco cheia de tinta cravejada de pontos de luz brilhantes. — Eu concordo.

Ficamos ali deitados por alguns minutos, olhando para o céu noturno, ouvindo os grilos e o ocasional piar de uma coruja. Uma brisa suave assobiava por entre as árvores, embora o ar estivesse quente.

Depois de alguns minutos, ela se aninhou ao meu lado novamente, colocando uma mão no meu peito. — Então esse é o tipo de encontro que você teria me levado no colégio?

— Hmm. Boa pergunta. — Pensei por um momento. — Eu provavelmente teria levado você para um passeio em uma caminhonete, talvez até mesmo esta, já que é mais velha do que sujeira, mas não tenho certeza sobre como olhar para as estrelas. Eu provavelmente teria ficado mais interessado em olhar para você sem suas roupas.

— Que tal agora? — Sua mão desceu, passando sobre meu estômago e na minha virilha. Abaixo da minha calça jeans, meu pau começou a inchar.

— Algumas coisas nunca mudam.

Rindo suavemente, ela começou a beijar meu pescoço e continuou a mover a mão sobre a protuberância crescente em minhas calças até que gemi.

— Devemos levar isso para dentro? — Perguntei.

Ela desabotoou e abriu o zíper da minha calça jeans. — Acha que alguém pode nos ver aqui?

— Não. Não que eu me importe.

Ela se sentou e pegou outro cobertor, cobrindo a metade inferior de nossos corpos. Então ela tirou o short e passou uma perna por cima de mim, montando em meus quadris. — Eu também não me importo.

Enfiei a mão entre suas pernas, encontrando-a quente e úmida. O desejo surgiu dentro de mim. — Isso pode não durar tempo suficiente para que alguém veja. — Sorrindo no escuro, ela puxou para baixo minha calça jeans apenas o suficiente para libertar meu pau dolorido. Me posicionei entre suas coxas e sufoquei um gemido alto enquanto ela se abaixava lentamente sobre mim, centímetro a centímetro. — Porra, isso é tão bom.

— Sim, — ela sussurrou, seus olhos nos meus. Ela apoiou as mãos no meu peito e começou a se mover, balançando os quadris em um movimento lento e sinuoso.

Minhas mãos levantaram sua blusa, agarrando sua cintura. A tensão em meu corpo já estava subindo, o calor aumentando como uma tempestade. Ela não se apressou, e eu amei a maneira como seus olhos se fecharam e sua boca se abriu enquanto ela pegava o que queria, usando meu comprimento grosso e duro para seu próprio prazer. Desejei que meu corpo fosse paciente, empurrando de volta contra o desejo de agarrá-la pelos quadris e puxá-la para cima e para baixo no meu pau, forte e rápido.

Mas vê-la me cavalgar lenta e sedutoramente não era menos excitante, e em minutos eu estava perigosamente perto do clímax. Amaldiçoando, agarrei suas coxas e a segurei. — Não se mexa.

Ela riu preguiçosamente. — O que está errado?

— Você é gostosa pra caralho. Estou prestes a perder o controle. — Meu pau pulsou uma vez dentro dela, fazendo-a ofegar.

— Eu senti isso, — ela sussurrou, começando a se mover novamente.

— Você vai sentir muito mais se não diminuir o ritmo, — avisei.

Caindo para frente, ela apoiou as mãos no meu peito e balançou os quadris mais rápido e mais áspero, sua respiração vindo em rajadas rápidas e quentes. — Faça. Eu quero mais. Deixe-me ficar com isso.

Desisti de tentar lutar contra isso e a deixei me foder até que gozei, minhas mãos em sua bunda, um rosnado baixo e irregular escapando da minha garganta. Ela gritou uma vez quando seu corpo convulsionou sobre o meu, e eu senti os espasmos ondulando por ela.

Ela desabou em cima de mim, respirando com dificuldade. — Oh Deus, — ela ofegou. — Não acredito que fiz isso.

— Fez o que? — Também lutei para recuperar o fôlego.

— Fiz sexo em uma caminhonete. E um celeiro.

— Não se esqueça da doca.

— Oh meu Deus, a doca. O que está acontecendo comigo? Eu sou a mãe de alguém.

— Você não é minha mãe.

—Eu sei mas... — Ela ergueu o peito de cima de mim e olhou para baixo. — Nunca fiz nada assim antes.

—Eu também não.

—E nem consigo imaginar com mais ninguém. Você traz isso para fora em mim.

—Bom. — Não pude deixar de me sentir possessivo enquanto apertava sua bunda. —Eu gosto que você só seja assim comigo. Vamos manter assim.

Ela baixou os lábios nos meus e a senti sorrir.

No andar de cima, persuadei ela a entrar no meu quarto. — Venha deitar comigo um pouco.

—Deixe-me me preparar para dormir, então eu voltarei. — Poucos minutos depois, ela silenciosamente na ponta dos pés entrou no meu quarto, tirou o pijama e se aninhou ao meu lado na cama. Eu estava quase dormindo quando ela tirou a cabeça do meu peito e olhou para mim. — Beckett.

—Hm.

—Eu tenho que te dizer uma coisa, e não quero que você fique bravo.

Abrindo meus olhos, eu dei a ela um olhar engraçado. — Certo.

— Você promete?

— Não consigo imaginar que você possa me dizer algo que me deixe louco. A menos que você esteja fingindo seus orgasmos.

— Eu não tenho fingido meus orgasmos, — ela disse obedientemente.

— Então atire.

Ela ficou de joelhos e sentou-se sobre os calcanhares. — Certo. Em primeiro lugar, deixe-me dizer que não estou orgulhosa de mim mesma.

— Maddie. Desembucha.

— Certo. — Apertando os olhos fechados, ela exalou. — Eu pesquisei Caroline no Google.

— Oh.

— E então eu meio que a persegui ciberneticamente.

— Por que?

Ela encolheu os ombros. — Não sei, porque estava curiosa. Porque eu estava com ciúme. Porque é algo que as mulheres fazem para se torturar, procuramos a ex de um cara e depois ficamos obcecadas por ela ser melhor do que nós.

Coloquei a mão atrás da minha cabeça. — Isso é confuso.

— Eu sei. Mas eu fiz isso hoje enquanto seu pai estava tirando uma soneca. E eu me odeio por isso.

—Maddie, ela não é melhor do que você de forma alguma.

Seu queixo caiu. —Beckett, eu a vi. Ela é perfeita. Ela parece que Nicole Kidman e Blake Lively tiveram um bebê.

Eu ri. — Isso nem faz sentido.

— Você sabe o que eu quero dizer. Ela é tão alta e de pernas compridas. Ela fica incrível em tudo. Seu cabelo tem aquele tom perfeito de loiro Daenerys Targaryen. Seu cabelo volumoso é sempre perfeito. Suas sobrancelhas são matadoras.

— As sobrancelhas dela?

—Sim. — Ela cobriu a testa com as duas mãos. —Eu odeio minhas sobrancelhas. Nunca as odiei antes, mas as odeio agora.

—Maddie, você está sendo ridícula. — Puxei seus braços para baixo. — Você não tem nada para ter ciúmes ou se torturar. E se você estiver curiosa sobre algo, pode me perguntar.

—Eu posso?

—Sim.

Ela mordeu o lábio. — Quanto tempo vocês ficaram juntos?

—Dois anos, de vez em quando.

—A Wikipédia disse que uma vez houve rumores de que ela estava noiva de um analista de fundos de investimento. Aquele era você?

—Sim. Mas nunca estivemos realmente noivos. — Pausei. —Uma vez, entramos em uma joalheria e alguém nos viu e transformou isso em uma história.

Seu queixo caiu. — Você foi comprar anel?

—Na verdade, um dia estávamos passando pelas janelas da Tiffany e ela viu algo de que gostou. Ela me arrastou até lá para que ela pudesse experimentar. Foi isso.

—Oh.

—Nunca pensei em comprar um anel para ela. Nunca pensei em propor. Nunca pensei em morar com ela.

Maddie balançou a cabeça lentamente. — Você a amou?

Eu exalei, colocando a segunda mão atrás da minha cabeça. — Honestamente, eu não sei. O amor nunca foi uma coisa fácil de entender. Certamente nunca disse a ela que a amava.

—Não?

—Eu nunca disse essas palavras a ninguém.

Ela pensou sobre isso por um momento, então se aninhou ao meu lado novamente. —Eu vi um monte de fotos de vocês juntos em várias festas de gala e bailes em Manhattan.

Gemi. —Eu odiava essas coisas.

—Tenho que admitir, você não parecia muito feliz nas fotos.

Passei meus braços em volta dela. —Estou muito mais feliz aqui e agora.

—Bom. — Ela beijou meu peito. —Desculpe por ser boba. Eu sei que não deveria importar para mim com quem você passou seu tempo em Nova York, ou mesmo se você estava perdidamente apaixonado por ela.

—Eu não estava. Assim, você pode parar a perseguição cibernética.

Sua risada foi tímida. —Certo. Obrigada por falar sobre isso comigo.

—De nada.

Ela se deitou novamente. Roçou as pontas dos dedos no meu peito. — Eu só tenho mais três noites aqui.

Engoli em seco, ouvindo a voz de Moretti na minha cabeça. —Acho que você vai voltar, não é?

—Para visitas, você quer dizer?

—Ou você pode voltar.

Ela ficou completamente imóvel. —Suponho que sim. Se eu tivesse um motivo realmente bom.

Meu coração batia forte. Senti como se tivesse corrido rápido demais em direção à beira de um penhasco e tive que recuperar o equilíbrio e voltar. —E quanto aos batidos de chocolate na lanchonete?

—Esses são definitivamente bons, mas não tenho certeza se valem uma mudança interestadual.

—Torta de maçã de Blair?

—Também é incrível, — disse ela com um suspiro, —mas provavelmente não é um motivo bom o suficiente para largar meu emprego e desarraigar meu filho.

Eu pensei por um momento, desesperado por outra piada para evitar a verdade. —Eu entendi! Beisebol dos adultos.

—Hum. . .

—Você quer dizer que não vai ficar acordada a noite toda porque está muito animada para ver seu primeiro jogo do Bellamy Creek Bulldogs amanhã à noite?

Ela deu um tapinha no meu peito. —Definitivamente vou lutar para dormir. Mal posso esperar.

—Mas não é motivo para voltar, hein?

—Na verdade. — Ela riu suavemente. —Mas aposto que você poderia pensar em algo que me tentaria. Uma oferta que não pude recusar.

Exalei. —Você é uma pessoa durona, Maddie Blake. Mas eu tentarei.

No fundo da minha mente, ouvi Moretti cacarejar como uma maldita galinha.

Capítulo Dezesseis

Tie Me
Down



Maddie

Quinta-feira à noite, todos nós fomos ao primeiro jogo do Bellamy Creek Bulldogs da temporada. Era uma linda noite de verão, cerca de vinte e um graus com uma brisa fresca, e entramos na caminhonete de Beckett logo após um jantar cedo.

—Nervoso? — Inclinei-me para esfregar seu ombro no caminho para o campo do colégio. Sempre que seu pai estava no carro, eu ia no banco de trás.

—Caramba não, — disse ele. — Nós vamos esmagar aqueles perus, certo Elliott?

—Certo. — Ao meu lado, Elliott sorriu feliz. Ele estava vestindo sua camiseta rosa favorita com seus jeans e botas, mas em vez da presilha de unicórnio esta noite, ele estava usando um boné dos Bulldogs que Beckett tinha lhe dado. Estava um pouco solto, mas ele não se importou.

Melanie Harlow

Foi uma alegria ver a amizade crescer entre eles. Beckett era tão doce com Elliott, tão gentil e generoso. Quer o estivesse ensinando a montar a cavalo, a limpar o estábulo ou a balançar um taco de beisebol, ele nunca criticava nem ficava impaciente. Ele nunca disse não quando Elliott lhe pediu para jogar bola ou dirigir o quadriciclo. Ele nunca perguntou por que Elliott insistiu em usar um vestido rosa em um dia e jeans rasgados no outro. Ele fez Elliott se sentir confiante, aceito e valioso. E Elliott o idolatrava. Quando chegamos ao campo, desejamos sorte a Beckett e ele partiu para o abrigo. Vê-lo ir embora com o uniforme dos Bulldogs, a camisa do time apertada nas costas e nos bíceps, mexeu comigo por dentro.

O Sr. Weaver, Elliott e eu nos dirigimos para as arquibancadas onde Blair, Cheyenne e Bianca, a Sra. Dempsey, a Sra. Mitchell e os dois Morettis já estavam sentados. Cheyenne desceu e apresentou Elliott à filha de Cole, Mariah. Ela era alguns anos mais velha do que ele, mas perguntou se ele gostaria de sair com ela e algumas outras crianças no estande.

— Está tudo bem? — Ele perguntou-me.

— Certo. — Tirei algum dinheiro da carteira e entreguei a ele. — Aqui. Caso vocês queiram um lanche. Mas enfie no bolso para não perdê-lo, certo?

— Certo. — Ele fez o que pedi, e eles se viraram e caminharam em direção à barraca de concessão lado a lado.

— Eu amo suas botas, — ouvi Mariah dizer, o que me fez sorrir.

—Ela é doce, — eu disse. —E tão bonita. Ela tem aqueles olhos azuis de Cole, não tem?

—Ela com certeza é. — Cheyenne cuidou deles. —E você não precisa se preocupar com eles. Mariah é muito responsável, e ela tem vindo a esses velhos jogos de beisebol toda a sua vida, então ela sabe o que fazer. — Ela me pegou pelo braço. — Venha sentar-se conosco.

—Puxa, há anos não vou a um jogo de beisebol, — falei enquanto nos acomodávamos na arquibancada. Olhei em volta para o colégio, a pista e o campo de futebol, a grande extensão de gramado onde os jogos de futebol eram disputados e o palco da formatura havia sido montado. —Eu me sinto uma adolescente de novo.

Cheyenne riu. —Cidades natais farão isso com você. Você gostou de estar de volta?

—Oh meu Deus, muito. — Toquei meu peito. —Muito mais do que eu esperava. Eu não acho que apreciei Bellamy Creek quando era mais jovem. Eu simplesmente não podia esperar para escapar.

—Eu também era assim, — disse Cheyenne. —Só estava desesperada para sair daqui. Mas no momento em que tive que escolher um lugar para me estabelecer e encontrar um emprego, não conseguia superar a sensação de que este era o meu lugar. Qualquer outro lugar em que morei sempre pareceu uma parada ao longo do caminho.

—Sim. Eu sei o que você quer dizer, — disse, observando os Bulldogs entrarem em campo. O equipamento de apanhador de Beckett o fez parecer ainda maior e mais musculoso por trás da placa.

O jogo foi árduo, com os Bulldogs chegando à frente por duas corridas quase imediatamente, mas o Mason City Mavericks empatou na terceira entrada e avançou na quarta. Eles permaneceram empatados até o sétimo, quando o maior rebatedor do Mavericks mandou uma bola voando por cima da cerca direita do campo. Felizmente, ninguém estava na base, então apenas uma corrida foi marcada. Minha garganta estava rouca de tanto gritar.

Cheyenne estava roendo as unhas. —Droga. Eu posso dizer que o ombro de Cole o está incomodando. Ele deve sair e deixar o outro lançador assumir.

Atrás de nós, Blair se inclinou e deu um tapinha no ombro de Cheyenne. —Ele é bom, Chey. Tenha fé.

Ela estava certa. Cole conseguiu rebater o próximo rebatedor, e os Bulldogs avançaram do campo para rebater.

—Eu gostaria de poder jogar, — disse o Sr. Weaver à minha esquerda. Ele estava mal-humorado hoje, insistindo que teria seu próprio jogo esta noite e discutindo com Beckett, que o estava ‘mantendo como refém’ em sua própria casa. —Eu poderia acertar este arremessador.

Eu dei um tapinha em seu braço. —Eles teriam sorte de ter você.

A oitava entrada passou sem mais corridas marcadas, mas durante a última tentativa do Mavericks, eles conseguiram marcar mais duas corridas, ficando com três pontos. Os Bulldogs só tiveram mais uma chance de vencer seu primeiro jogo. Griffin foi o primeiro a subir e, depois de duas bolas e um ataque, um corredor disparou entre o homem da terceira base e o defensor, bem no meio do campo esquerdo, um duplo.

O próximo foi Enzo, que conseguiu um simples e mandou Griffin para a terceira base. Então Cole se levantou e Cheyenne agarrou minhas mãos. — Por que ele tem que bater? — Ela choramingou. — Ele vai se machucar.

— Porque todos eles acham que ainda têm dezoito anos, — disse Bianca atrás de mim.

Sorri, apertando as mãos de Cheyenne. — Ele vai ficar bem.

Mas ele tinha uma contagem completa com ele antes que um arremesso selvagem o fizesse pular para fora do caminho, permitindo que Enzo corresse para a segunda.

— Droga, ele é rápido. — Eu o observei levantando poeira enquanto ele deslizava para dentro da base.

— Ele é, mas ele vai ser o glacê hoje à noite, — disse Bianca, mas ouvi o orgulho em sua voz.

— Eu não posso assistir, — disse Cheyenne, colocando o rosto no meu ombro.

Prendi a respiração, observando o próximo arremesso, bola quatro. — Ele acertou, — eu disse a ela enquanto Cole jogava o taco de lado e corria para a primeira base.

— Oh, bom. — Ela bateu palmas e bateu os pés. — Isso significa que as bases estão tomadas e Beckett está pronto.

Agora foi a minha vez de ficar nervosa. Mas Beckett exalava confiança enquanto caminhava para a posição. Meu coração bateu mais rápido quando meus olhos varreram seu corpo alto e musculoso, suas mãos fortes, a expressão determinada em seu rosto. Ele parecia seguro de si, mas sabia claramente que estava sob pressão. Prendi a respiração quando o arremessador jogou a bola um. Mastiguei a ponta do meu polegar quando o segundo arremesso cruzou o espaço, e Beckett não acertou a bola.

Ele errou no terceiro arremesso e deu alguns golpes de prática enquanto o arremessador se afastava do monte por um segundo. Rolou o pescoço e os ombros. Os próximos dois arremessos foram altos e externos. Contagem completa. Nesse ponto, Cheyenne e eu estávamos nos agarrando pela vida, e Bianca e Blair cada uma tinha uma mão nos meus ombros. Ao meu lado, o Sr. Weaver estava inquieto. Griffin parecia tenso na terceira base. Enzo pareceu impaciente na segunda. Cole deu alguns passos para fora da primeira base, pronto para correr. Na frente das arquibancadas, Elliott e Mariah estavam com os narizes na cerca.

— Vamos Beckett, — sussurrei.

O arremessador deu corda, ergueu o braço e lançou a bola, uma bala que achei que parecia um pouco baixa e interna, mas o taco de Beckett a

acertou com um estalo alto! A bola subiu tão alto que a perdi com a luz do sol poente. O meio-campista correu muito, mas ultrapassou a cerca em pelo menos três metros, um grand slam, trazendo uma vitória para o time.

Os fãs dos Bulldogs se levantaram e aplaudiram. Mariah e Elliott gritaram e pularam. Cheyenne enfiou os dedos na boca e assobiou alto, e o Sr. Weaver bateu palmas lentamente. —Muito bem, — disse ele. — Bem feito.

Sorrindo, observei Griffin, Enzo e Cole cruzarem o campo e esperar Beckett dar a volta nas bases. Ele correu em um ritmo fácil, sua expressão satisfeita, mas não presunçosa. Quando ele marcou, o árbitro chamou o jogo e seus companheiros gritaram, deram tapinhas nas costas e ofereceram cumprimentos.

—Uau, — disse, batendo palmas calorosamente, — eu não tinha ideia de como o beisebol deles poderia ser emocionante.

Cheyenne riu e assobiou novamente. —Alguns jogos mais do que outros, mas é sempre divertido assistir esses caras vencerem.

—Sim, — concordei, vendo-os sorrirem e se parabenizarem, feliz por eles. — A amizade deles é realmente incrível, você não acha?

—Totalmente.

—Maddie, você pode vir ao pub? — Perguntou Blair. —Sempre vamos depois dos jogos.

—Eu gostaria, mas tenho Elliott.

— Traga ele! — Cheyenne disse. — Mariah pode ir também.

Me virei para o Sr. Weaver. — Gostaria de ir ao pub um pouco, Sr. Weaver? Você se sente bem para isso?

— É claro que estou disposto a isso, — respondeu ele. — Eu não sou nenhum velho, lembra?

Rindo, peguei seu braço e saímos das arquibancadas e descemos até o banco de reservas, onde nos encontramos com os caras, que se pavonearam como pavões até o estacionamento. O pub, que patrocinava a equipe, reservou várias mesas ao ar livre para nós, e nos aglomeramos ao redor delas. Ao meu lado, Beckett colocou seu braço sobre as costas da minha cadeira e me senti como uma adolescente apaixonada. Pedimos cervejas, asas quentes e batatas fritas para as crianças e sentamos para relembrar o jogo. Todos parabenizaram Cole pela vitória, Griffin e Moretti por seus rebatidas e corrida de base, mas o maior elogio foi reservado para o grand slam vencedor do jogo de Beckett.

— Você deveria ter visto o rosto do arremessador quando acertou a bola, — disse Blair. — Eu acho que sua mandíbula bateu no monte.

— Tenho certeza de que é o mais longe que já vi uma bola ir naquele campo, — disse Cole, balançando a cabeça.

— Isso porque você não estava lá em 1958, quando acertei um Grand Slam para ganhar o torneio estadual, — disse o Sr. Weaver, esticando um pouco o peito.

— Eu gostaria de ter visto isso, — Cole disse a ele.

— Eu também era um grande rebatedor, — disse o veterano. — Sei que foi há um tempo, mas não parece. Eu gostaria de ainda poder jogar. — Ele se animou. — Sempre que vocês precisarem de um rebatedor, me avisem.

— Nós vamos, papai, — disse Beckett.

Mais tarde, enquanto ele esperava seu pai se aprontar para dormir e eu estava ouvindo o chuveiro de Elliott ir lá em cima, Beckett foi para a cozinha e abriu a geladeira. O segui, colocando meus braços em volta dele por trás.

— Estou tão orgulhosa de você, — disse a ele. — Isso foi incrível. E tão divertido de assistir.

Ele riu enquanto acariciava meu pulso e puxava uma garrafa de água.
— Obrigado. Você está com sede?

— Apenas por você.

Ele olhou para mim por cima do ombro enquanto fechava a geladeira.
— Bom. Mas você tem que me deixar tomar banho primeiro. Eu nem quero saber como estou cheirando agora.

— Como um homem, — disse, fungando dramaticamente. — Como trabalho duro. Como vitória.

Ele sorriu, recostando-se no balcão enquanto tirava a tampa. — Eu vou levar.

Pulei no balcão em frente a ele. — Sabe, eu estava pensando. Você deveria deixar seu pai jogar em um desses jogos.

Ele me olhou como se eu fosse maluca e deu um longo gole. — Ele se machucaria.

— Não, ele não faria. Não seria para valer, apenas uma vez no bastão ou jogando em qualquer posição que ele goste de jogar. Isso o faria se sentir tão bem.

Ele me estudou, seus lábios se erguendo. — Você é tão boa para ele.

Dei de ombros. — Nós somos amigos.

— Você vai partir o coração dele quando for embora, sabe.

Meu batimento cardíaco acelerou, mas eu ri disso. — Ele vai esquecer tudo sobre mim quando eu for embora.

Beckett balançou a cabeça. — Nunca. Acredite em mim, Maddie Blake. Não há como se esquecer de você.

Eu não conseguia respirar. Nossos olhos estavam travados e mil palavras presas na minha garganta. *Venha aqui. Pegue-me em seus braços. Eu não quero ir embora. Diga-me para não ir. Mesmo que pareça impossível, apenas diga que você me quer em sua vida. Digamos que eu faça você acreditar na possibilidade do para sempre.* Mas ele não disse nada, apenas levou a garrafa de água à boca novamente.

Pulei do balcão. — Eu deveria verificar Elliott. Me certificar de que ele esteja fora do chuveiro para que você tenha pelo menos um pouco de água quente.

—Sim, eu deveria verificar o papai também. — Ele terminou a água e abriu a porta da garagem para jogar a garrafa no lixo. —Eu vou te ver lá em cima?

Sorri para ele, mas parecia estranhamente forçado. — Claro.

Naquela noite, fui para o quarto dele como de costume, cruzando o corredor na ponta dos pés no escuro, fechando a porta atrás de mim, vestindo seus lençóis quentes e macios. Ele me envolveu em seus braços e me fez sentir bonita e desejada, até necessária. Ele colocou a boca em todo o meu corpo. Ele se agarrou a mim como se nunca fosse me deixar ir. Ele moveu seu corpo sobre o meu de maneiras que eram ao mesmo tempo ternas e selvagens, fluidas e irregulares, generosas e gananciosas. E quando ficamos juntos, tive tanto prazer em seu orgasmo quanto no meu. Mas enquanto deitamos lá depois, nossa respiração ainda rápida, nossos membros ainda emaranhados, eu senti algo novo sob a alegria não adulterada. A borda fria do medo.

O que você esperava? Isso é o que acontece quando você brinca de casinha como uma garotinha. Você esquece que é imaginário. Você começa a acreditar que é real. Eu tentei me livrar disso ficando no momento e me concentrando no que estava bem aqui, a batida do coração de Beckett, o cheiro de sua pele, o calor de seu corpo no meu. Mas a inquietação continuou a ondular dentro

de mim, como uma pedra que foi jogada em águas *paradas*. *Vá em frente e viva o momento. Não importa, porque mesmo neste momento, você está se apaixonando por ele. Cada vez que você vem até ele desta forma, você está dando a ele outro pedacinho de seu coração para quebrar, e logo não haverá mais nada para salvar.* Fechei os olhos com força, como se a escuridão total pudesse bloquear a voz da minha cabeça. *Você pode fingir que tudo isso é divertido. Você pode agir como se estivesse bem quando sair. Você pode até mentir, para ele e para você mesma, sobre não querer nenhuma promessa. Mas guarde minhas palavras. . . isso é tudo que eles são. Mentiras.*

Alguns minutos depois, eu me contorci um pouco e Beckett se afastou de mim. — Você está bem?

— Sim.

Mentira.

— Tem certeza?

— Eu só não quero dormir.

Mentira.

Ele rolou de costas e abriu os braços. — Fique comigo um pouco mais, — ele persuadiu. — Não vamos adormecer.

Deus, eu queria. Mas algo em meu instinto estava me dizendo para ir. — É melhor não. Estou muito cansada esta noite.

Mentira.

— Oh. — Ele fez uma pausa. — Certo.

Inclinei-me rapidamente e beijei seus lábios. — Boa noite.

— Boa noite.

Ignorando o aperto na minha garganta, desci para fora de sua cama, coloquei meu pijama de volta e escapei, deixando sua porta entreaberta. De volta ao meu quarto, me permiti ceder e chorar, abafando meus soluços no travesseiro. Disse a mim mesma que estava agindo como uma criança, chorando sem motivo, mas depois de alguns minutos, me senti melhor. Enxugando os olhos, me enrolei e olhei para o escuro, inquieta demais para dormir. Pelo que pareceu metade da noite, me revirei e me virei, preocupada que a voz estivesse certa, que eu só estava me enganando sobre ser capaz de sair dessa coisa com Beckett ilesa.

E não foi culpa dele de forma alguma. Fui eu quem permitiu que meus sentimentos se desviassem para um território perigoso. Permitir-me sentir de novo foi tão emocionante que não resisti ao ímpeto da maré. Eu agora iria me afogar? Não, espere um minuto. Virei de costas. Isso não era realmente justo para Beckett. Eu nem estava dando a ele a chance de admitir que havia esperança para nós, porque não estava sendo honesta sobre meus sentimentos. Estava fazendo exatamente o que fazia fingindo que não me importava tanto quanto me sentia porque não me sentia digna dele.

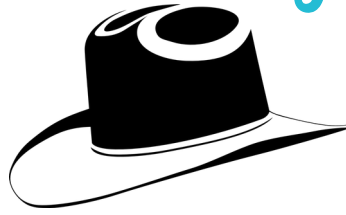
Mas eu não era mais aquela garota. Não é que eu não estivesse com medo, porque eu estava. Ele me disse que não acreditava na eternidade. E posso não ser o suficiente para fazê-lo mudar de ideia. Esse era um risco que eu teria que correr. Mas não poderia sair daqui sem nos dar uma

chance de respirar. Crescer. Para ser ainda melhor do que poderíamos ter sido. Respirando fundo, instável, me decidi. Diria a ele como me sinto. Que não queria que isso acabasse. Que sabia que não seria fácil, mas estava disposta a tentar.

Então saberia com certeza se isso era apenas fantasia de uma menina, ou se sempre fomos feitos para ser.

Capítulo Dezesete

Tie Me
Down



Beckett

Sexta à tarde, eu tive que assistir a um ensaio de cerimônia na casa de Cole. O quintal deles era profundo, estendendo-se até o riacho, que margeava os fundos da propriedade. O amplo gramado verde mantinha uma enorme tenda branca de um lado, sob a qual as mesas estavam sendo armadas. Do outro lado, fileiras de cadeiras foram colocadas em cada lado de um corredor.

Enquanto eu examinava tudo, Moretti se aproximou e me deu um tapinha nas costas. — Você está pronto para isso?

— Tenho algumas linhas sobre amor e compromisso, etc., etc., que encontrei na Internet impressas em um cartão de nota. Isso está bem?

Ele riu. — Parece bom para mim.

O ensaio foi muito rápido e fácil. Eu estava acompanhando a filha de Cole, Mariah, de volta ao altar após a cerimônia. Ela ria incessantemente enquanto praticávamos andar de braços dados a partir do arco floral entre as fileiras de cadeiras de cada lado do caminho de grama que servia de

Melanie Harlow

corredor. Quando chegamos ao pátio, me virei para ela e levantei as palmas das mãos. Ela sorriu e me deu dois cumprimentos.

— Nós acertamos em cheio, — disse a ela.

— Nós fizemos, — ela concordou.

Todos me disseram para ir buscar Maddie e encontrá-los no centro para jantar e bebidas, mas recusei. Não podíamos deixar meu pai e Elliott e, além disso, só tínhamos mais duas noites juntos. Amanhã à noite seria gasto em uma multidão. Esta noite, eu a queria para mim.

Depois do jantar, meu pai e eu ligamos o jogo dos Tigres e nos acomodamos no sofá. Elliott estava no chão com DiMaggio, como de costume, e uma brisa quente soprou através das telas. Maddie entrou na sala grande com uma sacola plástica da drogaria. — Beck, coloquei as coisas que você me pediu para vestir na sua cômoda.

— Obrigado, — disse, observando-a cair no chão e começar a tirar as coisas da bolsa. Ela tinha acabado de sair do banho e usava shorts jeans e uma camiseta branca limpa. Seu cabelo estava penteado e úmido, seus pés descalços. Quando o saco estava vazio, ela o abriu e colocou os pés sobre ele.

—Tudo bem, Elliott. Você quer tentar pintar meus dedos dos pés? — Ela pegou um frasco de esmalte e o sacudiu, fazendo um clique. O som me levou de volta à infância, quando observei minhas irmãs fazendo as unhas umas das outras na mesa da cozinha.

—Sim! — Elliott deu um pulo e veio sentar-se aos pés de Maddie.

—Tenha cuidado, lembra? Você tem que segurar sua mão com firmeza e ir devagar.

—Eu vou. — Curvando-se de joelhos, ele se concentrou fortemente na tarefa, aplicando lentamente a cor rosa brilhante com Maddie olhando.

—Nada mal, — disse ela quando um pé estava completo. —Agora o outro.

Elliott começou a trabalhar em seu segundo pé. —Oops. — Ele olhou-a. —Eu errei e peguei um pouco no seu pé.

—Tudo bem. — Ela sorriu e pegou um pacotinho que quase me lembrou um preservativo. Rasgando-o, ela tirou um pequeno lenço e retocou o pé. —Tudo melhor. Tente novamente. Então vamos deixar secar um pouco e você pode fazer uma segunda camada.

—Então eu posso fazer seus dedos das mãos? — Ele perguntou animadamente.

—Bem, eu não estava realmente planejando usar esmalte nas mãos, — disse ela se desculpando, —mas você poderia fazer isso apenas para praticar.

Ele parecia feliz com isso. — Tudo bem.

— Mas talvez devêssemos ir para a mesa da cozinha para isso. — Ela cuidadosamente se levantou.

— Você pode fazer isso aqui, — disse, apontando para a mesa de centro entre os sofás.

Maddie pensou por um segundo. — Elliott, vá buscar algumas toalhas de papel. Não quero sujar a mesa.

Ele foi para a cozinha e voltou um momento depois, e juntos espalharam algumas toalhas de papel. Maddie sentou-se perto dos meus pés, com as costas apoiadas na minha perna direita, as mãos espalmadas sobre a mesa. Elliott se ajoelhou ao lado dela e pintou as unhas em ambas as mãos. Demorou um pouco, meu pai estava roncando quando terminou.

— Bom trabalho, amigo, — Maddie disse suavemente. Ela ergueu as duas mãos para que eu pudesse ver suas unhas. — Olha, Beckett. Ele não fez um bom trabalho?

Na verdade, estava bem bagunçado, mas sorri. — Melhor do que eu poderia fazer, com certeza.

Elliott sorriu. — Eu poderia fazer o seu também, se você quiser.

Maddie riu. — Isso é gentil da sua parte, Elliott, mas eu não acho que Beckett quer suas unhas pintadas.

— Bem, espere, — eu disse, odiando desapontá-lo. Claro que não queria minhas unhas pintadas de rosa por uma criança de seis anos. Mas eu poderia tirar, certo?

Maddie olhou para mim por cima do ombro. — Você não precisa. Elliott sabe que a maioria dos homens não pinta as unhas.

— Meu pai diz que é apenas para meninas, — disse Elliott com uma expressão desamparada. — E ele fica bravo quando eu pinto a minha. Mas eu já vi alguns meninos com isso antes.

Eu me decidi. — Você pode pintar o meu.

Maddie me deu um sorriso agradecido. — Acho que é preciso um homem muito forte para se sentir confiante o suficiente para deixar suas unhas pintadas de rosa.

— Eu concordo, — disse, movendo-me para a beira do sofá e espalhando minha mão em uma toalha de papel. Maddie se moveu para ficar sentada entre meus pés. — Embora eu deva dizer que nunca tive minhas unhas pintadas antes.

Elliott se ajoelhou novamente e tirou o pincel da garrafa. — Isso vai ser mais fácil. Seus dedos são mais grossos do que os da minha mãe.

Dei a ele um olhar ameaçador. — Eu vou te devolver na próxima vez que tivermos treino de rebatidas.

Elliott deu uma risadinha e começou a trabalhar. Entre as minhas pernas, Maddie olhou para mim e murmurou obrigada, colocando a mão sobre o coração. Eu queria pegar aquela mão e colocá-la sobre meu coração,

para que ela pudesse sentir o que fazia comigo, para que cada batida rápida e forte pudesse dizer a ela o que não conseguia com palavras. Que precisava dela. Que a queria em minha vida. Que deveria tê-la feito minha quando tive a chance.

Que eu queria suas roupas ao lado das minhas no armário, sua escova de dentes no copo ao lado da pia e as botas rosa de Elliott no vestiário ao lado das minhas marrons. Que queria compartilhar coisas com ela que nunca compartilhei com ninguém, não apenas minha cama, meu corpo ou minha casa, mas meus medos e meus sonhos e talvez até meu nome. Uma família. Poderíamos ser uma família.

Quando Elliott terminou, ele sentou-se sobre os pés. — O que você acha?

Eu levantei minha mão, parecia ridículo pra caralho. — Eu amo isso, — disse a ele.

— Posso fazer a outra? — Ele perguntou alegremente.

— Certo. — Eu coloquei a segunda mão para baixo.

Maddie enganchou a mão em volta da minha perna do lado oposto de Elliott e esfregou suavemente, inclinando a cabeça no meu joelho por apenas um segundo, deixando-me saber o que significava para ela. Meu coração respondeu de volta.

Depois que meu pai e Elliott estavam na cama, Maddie sentou ao meu lado no sofá. — Aqui. Dê-me sua mão para que eu possa tirar o rosa.

— Elliott vai ficar chateado? — Perguntei.

— Não, — ela disse. — Ele vai ficar bem, especialmente depois que pinte suas unhas. Foi muito gentil da sua parte deixá-lo fazer isso em primeiro lugar.

— Eu não me importei.

Ela encontrou meus olhos. — Eu sei. Isso é o que me incomoda.

Eu ri. — Leva você para onde?

Suas sobrancelhas se ergueram enquanto ela se concentrava em meus dedos novamente. — O que você disser. Você me atinge em quase todos os lugares.

— Mesmo aqui.

Ela riu, esfregando com força a cor teimosa da minha unha do polegar. — Falou como um verdadeiro homem de poucas palavras.

— Desculpa. — Procurei algo melhor. — Eu não sou bom nisso.

Seus olhos se voltaram para os meus. — Em quê?

— Em, você sabe, dizendo o que precisa ser dito.

Ela acenou com a cabeça, movendo-se para a próxima unha. — Que tal apenas dizer o que você sente?

— Isso é ainda mais difícil para mim. — Meu coração estava disparado. Por baixo da minha camisa, eu estava com calor e suado. — Mas, na verdade, há algo que eu quero dizer.

— Há?

— Sim. — Respirei fundo. — Uma oferta que eu quero fazer. Ou talvez seja uma sugestão.

Maddie olhou para mim, rindo suavemente. — Estou ouvindo.

Engoli. Minha garganta estava seca. A sala estava girando. — Eu estava pensando, você sabe, sobre, sobre o trabalho de cuidadora. Para o meu pai.

Suas mãos pararam sobre as minhas. — Oh?

— Sim, — disse, buscando uma maneira mais segura de obter o que eu queria perguntar a ela, uma maneira que não seria exatamente mentir, mas não envolvia o nível de honestidade e vulnerabilidade que Moretti mencionou. — Nenhuma das candidatas que responderam ao meu anúncio era realmente adequada para o trabalho, então eu queria saber se talvez você quisesse. Eu poderia conseguir uma posição de tempo integral com uma boa remuneração por hora.

Ela manteve os olhos em nossas mãos e começou a esfregar o esmalte de uma das minhas unhas novamente.

— Tenho pensado nisso desde que tivemos aquela conversa sobre você se mudar de volta para Bellamy Creek. Eu deveria pensar em um motivo, lembra?

— E. . . foi isso que você inventou? É por isso que devo mudar para cá?

Meu pulso disparou para o lado. — Sim.

Ela ficou em silêncio por um momento. — Isso seria o único motivo para eu me mudar para cá? O emprego?

— Você precisaria de outro motivo?

Ela olhou para mim. — Sim. Eu já tenho um emprego. E eu gosto.

— Eu sei.

Ela não disse nada, e quanto mais ela ficava em silêncio, mais eu entrava em pânico.

— Sem pressão, obviamente. — Tentei soar casual, como se não importasse para mim se ela voltou ou não. — Eu só estava pensando que o trabalho iria oferecer a você alguma, você sabe, segurança se você decidisse fazer a mudança.

— Dê-me sua outra mão.

Eu fiz o que ela pediu.

Ela esfregou o esmalte da minha outra unha sem dizer uma palavra por um minuto. — Acho que só esperava que você me desse um motivo que tivesse mais a ver com você, ou conosco, do que a segurança no emprego.

— O que você quer dizer? — Perguntei, embora soubesse exatamente o que ela queria dizer.

— Eu não sei, eu só, talvez eu tenha interpretado mal a situação. — Ela largou minha mão e encontrou meus olhos. A alegria e a esperança haviam desaparecido dela. — Você vê esse relacionamento indo para algum lugar, Beckett? Ou você está apenas me garantindo um emprego remunerado se eu quiser me mudar para Bellamy Creek?

— Essa é... essa é a única garantia que posso oferecer a você.

Ela assentiu lentamente. — Eu vejo.

— Você poderia morar em algum lugar próximo, talvez em um bairro que tenha algumas crianças para Elliott brincar. — Cada palavra que saiu da minha boca estúpida ficou pior. — Ele poderia estudar em nossas antigas escolas.

— Certo. Então. . . — Ela olhou para a cozinha, uma lágrima escorrendo por sua bochecha. — Você certamente me deu algo em que pensar.

— Maddie, eu... — Tentei engolir a bola de golfe na minha garganta e não consegui. — Eu nunca fiz promessas que não pudesse cumprir. E eu não quero começar agora.

— Eu não pediria a você. — Outra lágrima caiu. — Eu nunca pedi para você.

— Você está chateada, — eu disse. — Eu avisei que sou ruim nisso.

— Estou bem. Mesmo. — Ela afastou a lágrima e tentou sorrir. — Eu aprecio sua honestidade. Prefiro saber agora como você se sente.

Nenhuma das merdas que eu estava dizendo refletia como eu realmente me sentia, mas eu não sabia como virar o navio e permanecer flutuando. — Olha, você sabe que eu me importo com você. Mas não posso pedir que mude sua vida só por mim.

— Por que não?

Aagitado, me levantei. — Porque eu não tenho o direito. Não seria justo pedir a você que desse um salto tão grande quando as chances não estão a nosso favor. Eu pensei sobre isso.

Ela balançou a cabeça como se não entendesse. — Quais são as probabilidades?

— A probabilidade de que duas pessoas podem fazer a outra feliz para sempre. Os números simplesmente não estão lá. É um mau investimento.

— Um mau investimento, — ela repetiu.

— Sim. — Corri a mão pelo meu cabelo e continuei a desviar. — Se um cliente tivesse vindo até mim e dito que iria afundar suas economias em um investimento com tanto risco, eu diria que não faça isso.

Ela apoiou a testa nas pontas dos dedos.

— Se... se eu soubesse que um rebanho de gado precisa de um certo tipo de grama para se manter vivo, eu não os colocaria em um pasto onde a grama não crescesse. — Até eu sabia o quão ridículo parecia.

Ela se levantou, deixando cair os braços. — Eu entendo as estatísticas, Beckett. Eu sou boa em matemática. Mas e os sentimentos? Eles não importam?

— Sentimentos mudam. — Me levantei mais alto, estufando meu peito.
— Pessoas mudam. E as pessoas se machucam. Não vale a pena.

Ela acenou com a cabeça, olhando para mim por um longo momento, seu rosto registrando uma nova compreensão. — Eu vejo seu ponto. E sou grata por sua honestidade. Durante toda a minha vida, tive a tendência de procurar o amor nos lugares errados e posso ver que tenho feito isso aqui.

— Maddie... — Comecei a ir em sua direção.

— Não, não. — Ela estendeu a mão e se afastou de mim. — Isso não é sua culpa. Não fui totalmente honesta com você, talvez nem comigo mesma. A verdade é que pensei que só poderia estar com você para me divertir e não querer mais do que você poderia dar. Mas eu estava me iludindo.

Suas palavras foram como facas no meu coração, mas eu as deixei lá.

— Vou subir para a cama agora, porque acho que nos últimos dois anos desenvolvi um bom instinto, saber quando cortar minhas perdas e ir embora.

— Espere. — Rapidamente me movi em direção às escadas, bloqueando-as. — Não vá.

— Me diga a verdade, aqui e agora, — ela exigiu, as lágrimas derramando. — Você não está me fazendo nenhum favor fingindo. Eu

coloquei minhas esperanças no impossível? Eu confundi seus sentimentos com algo que eles não são?

Com o pânico envolvendo minha garganta como uma cobra, olhei nos olhos dela e menti. — Sim.

Ela fechou os olhos. — Então me deixe ir.

Sentindo como se não tivesse escolha, me afastei e a deixei subir as escadas correndo e desaparecer em seu quarto, fechando a porta atrás dela. Então afundei nos degraus e coloquei minha cabeça em minhas mãos, me perguntando como eu tinha fodido tudo tão espetacularmente. Tão rápido. Tão dolorosamente. Por que eu nunca conseguia acertar com ela?

Um segundo depois, ouvi a porta do quarto do meu pai abrir. — Beckett? — Ele gritou.

Me levantei e entrei na grande sala onde ele poderia me ver. — Estou aqui.

Ele estava de pijama, o cabelo espetado como sempre. — Eu pensei ter ouvido a voz de Maddie.

— Ela simplesmente foi para a cama.

— Oh. Ela estava chateada com alguma coisa?

Exalando, belisquei a ponte do meu nariz. Claro que ele teve que escolher esta noite para ser afiado. — Eu não sei, pai.

— Você está chateado com alguma coisa?

— Sim, — rebati.

—O que?

—É uma longa história.

Ele estendeu os braços. — Eu não estou indo a lugar nenhum.

—É complicado.

—Aposto que não é tão complicado quanto você está tornando.

Deixei cair minha mão. — O que você faz quando consegue estragar algo muito mal e não tem certeza se terá a chance de mudar as coisas ou mesmo como fazer isso?

Ele acenou com a cabeça como se entendesse. — Bem, você não pode decepcionar sua equipe. Você tem que voltar lá.

Beisebol. Claro.

—Eu não sei, pai. Eu sinto que estou na frente da bola e já tenho duas rebatidas e nenhuma ideia do que fazer com a bola rápida que está vindo para mim.

—Você acerta, idiota! Você já tem dois strikes em você, seu idiota!

Olhei para ele. — Obrigado.

—De nada. — Ele falou. — Agora mantenha isto aqui.

Ele entrou em seu quarto e fechou a porta. Apaguei as luzes no andar de baixo, tranquei as portas e subi as escadas com passos lentos e pesados. No corredor do segundo andar, olhei para a porta fechada de Maddie. Então fui até ela, levantei minha mão para bater. Foi quando eu a ouvi

chorar. Soltando meu braço, inclinei para frente, pressionando silenciosamente minha testa contra a porta. *Deixe-a em paz*, disse uma voz dentro de mim. *Você não pode dar a ela o que ela quer e só vai causar mais danos.*

Sentindo que iria decepcionar minha equipe, fui para o meu próprio quarto e fui para a cama sozinho.

Capítulo Dezoito

Tie Me
Down



Maddie

Quando me olhei no espelho do banheiro na manhã seguinte, estremeci. Olhos inchados e vermelhos. Rosto pálido e manchado. Boca voltada para baixo. Nariz rosado. Cabelo emaranhado de sacudir e virar a noite toda. Normalmente me vestia e descia imediatamente para a cozinha para preparar o café, mas hoje liguei o chuveiro. Talvez isso devolvesse um pouco de vida ao meu rosto e um pouco de energia aos meus ossos. Talvez pudesse tirar aquele homem do meu cabelo. Mas não funcionou.

Mesmo quando meu cabelo estava liso, minha pele tinha um pouco de cor e meu colírio tinha tirado a maior parte do vermelho, eu ainda parecia triste e sem esperança. Respirando fundo, entrei no quarto de Elliott para acordá-lo, apenas para descobrir que sua cama estava vazia. Como eram quase sete, presumi que ele tinha saído para ajudar Beckett com as tarefas sozinho, provavelmente sem comer nada. No andar de baixo, encontrei o Sr. Weaver servindo cereal na mesa da cozinha.

Melanie Harlow

— Aí está você, — disse ele. — Eu estava começando a me perguntar se você saiu sem se despedir.

Consegui sorrir. — Ainda estou aqui. Desculpe, estou atrasada hoje.

— Tudo bem. Eu fiz um café da manhã sozinho.

Percebi que Beckett fez café e me servi de uma xícara. — Elliott já está lá fora?

— Sim. Ele saiu com Beckett.

— Ele comeu alguma coisa? — Olhei pela janela da cozinha, mas não vi ninguém.

— Eu acho que Beckett fez uma torrada para ele.

Eu trouxe minha xícara de café para a mesa e me sentei em frente ao Sr. Weaver. Tentei ser alegre. — Parece um lindo dia, não é? Perfeito para um casamento.

Ele inclinou a cabeça. — Você vai se casar hoje?

— Não. Eu não. — Sorrindo suavemente, balancei minha cabeça. — Cole e Cheyenne vão se casar hoje.

— Oh, isso mesmo. — Ele pegou sua xícara de café. — Por um segundo, pensei ter perdido a parte em que Beckett voltou a si.

— Você não perdeu nada, — disse amargamente, um caroço se formando na minha garganta.

Fui eu que perdi algo, a placa gigante ao lado da estrada que dizia CAMINHO ERRADO, me enviando para o coração partido e decepção. Eu tornei possível para Beckett me machucar. Cedi à atração atemporal dele, a atração irresistível de nós, sem parar para considerar que poderia realmente acabar em pedaços. Enquanto estava sentada lá, recebi uma mensagem de Bianca.

***Bianca:** Ei! Estamos no salão esta manhã a partir das dez! Você pode fugir e se juntar a nós para uma mimosa?*

***Eu:** Eu quero. Me deixe verificar com Beckett.*

Um momento depois, ele entrou na cozinha. Do outro lado da sala, nossos olhos se encontraram e ele parou de se mover. Elliott esbarrou nele por trás.

—Desculpe, — Beckett murmurou, dando um passo para o lado enquanto Elliott corria ao seu redor.

—Mamãe! Daisy está chegando hoje!

—Sim. — Me concentrei em seu rosto feliz. — Você está animado?

Ele bateu palmas. — Mal posso esperar! Quantas horas até as três horas? É quando Beckett diz que está vindo.

—Quase sete.

Seu rosto caiu. — Oh. Isso é muito.

—Podemos jogar um pouco de cartas para passar o tempo, — ofereceu o Sr. Weaver.

—Tudo bem. — Elliott olhou de volta para Beckett. —Mas vamos verificar as cercas agora? No quadriciclo?

—Esse é o plano. — Beckett respondeu sem tirar os olhos de mim. — Mas eu pensei que você tinha que ir ao banheiro.

—Eu tenho, — disse Elliott, correndo para fora da sala. — Volto logo.

—Eu vou sair com você também, — disse o Sr. Weaver, empurrando sua cadeira para trás. —Eu poderia usar um pouco de ar fresco.

—Eu concordo. Vá se vestir, — disse Beckett a seu pai.

Quando ficamos sozinhos, Beckett veio até a mesa e pegou a tigela de cereal vazia de seu pai. Baixei meus olhos para o meu telefone. —Bom dia, — disse ele calmamente.

—Bom dia.

—Como você dormiu?

—Tudo bem, — menti. — Você?

—Tudo bem. — Ele ficou lá com a tigela nas mãos. —Escute, eu quero me desculpar por...

—Não há necessidade de desculpas. — Me levantei e me forcei a olhar para ele, falar brilhantemente. —Mesmo. Tudo está bem.

Sua expressão me disse que ele viu através do meu ato. —Não me sinto assim.

— Bem, está. Ei, você se importa se eu correr para o centro e tomar uma mimosa rápida com as garotas no salão? Elas estão todas se preparando para o casamento juntas.

— De jeito nenhum.

— Excelente. Eu estarei de volta em breve. — Levei minha xícara para a pia, lavei e coloquei na lava-louças, então dei um passo para o lado, passando por ele no meu caminho para fora da cozinha, mantendo uma distância cuidadosa.

— Você conseguiu! — De sua cadeira de salão, Cheyenne encontrou meus olhos no espelho e ergueu sua mimosa. — Saúde!

Uma recepcionista me entregou um coquetel de uma bandeja de prata na recepção. — Aqui está.

Agradei a ela e fui até Cheyenne, batendo meu copo no dela com um tilintar delicado. — Saúde!

Bianca e Blair, sentadas à sua esquerda, seguravam mimosas também, e Mariah, à sua direita, tinha o que parecia ser água com gás em uma taça de champanhe. Toquei meu copo nos três e bebemos.

Mariah deu uma risadinha. — A efervescência faz meus olhos lacrimejarem.

Sorri para ela. — Você está animada?

— Sim. Meu vestido é tão bonito. E meus sapatos têm salto alto, — disse ela, sonhadora.

— Mal posso esperar para vê-los. O que você está fazendo com o seu cabelo?

Ela olhou para Cheyenne. — Algum tipo de trança no topo, certo?

Cheyenne acenou com a cabeça. — O que você quiser. Este é o seu dia também.

O sorriso no rosto de Mariah iluminou a sala.

Cheyenne fechou os olhos. — Deus, vocês. Não acredito que vou me casar hoje.

— Acredite, — disse a estilista, prendendo o topo de seu lindo cabelo ondulado em um nó frouxo na parte de trás de sua cabeça.

— Como você está se sentindo? — Perguntei.

Seus olhos se abriram e seu sorriso era radiante. — Fantástica. Como a garota mais sortuda do mundo. Uma princesa de conto de fadas.

Blair riu. — Bom. É assim que uma noiva deve se sentir.

— Até o tempo está perfeito! — Bianca ficou entusiasmada.

— Está, — concordei.

Nós conversamos sobre o casamento enquanto os estilistas arrumavam seus cabelos, e eu terminei minha bebida. — Bem, suponho que devo voltar. Quero fazer o almoço para Elliott antes de me arrumar.

— Tudo bem. Venha para a casa mais cedo com Beckett, e vamos roubar outro copo rápido de espumante enquanto os caras bebem uísque e se batem nas costas. — Cheyenne balançou as sobrancelhas sugestivamente. — Como vão as coisas, por falar nisso?

— Hum. Bem, — disse, baixando meus olhos para meus tênis.

— Uh oh. O que aconteceu? — Perguntou Bianca.

— Nada realmente. — Respirei fundo. — Acabamos de ter uma conversa que não saiu do jeito que eu esperava.

Cheyenne franziu a testa para mim no espelho. — O que você quer dizer?

— Uma conversa sobre o quê? — Perguntou Blair.

— Sobre o que acontece depois que eu sair. Na outra noite, ele mencionou minha mudança de volta para Bellamy Creek, e eu disse a ele que precisava de um bom motivo para dar esse salto. Ele meio que fez uma piada com isso, mas honestamente pensei que ele acabaria me dando o motivo que eu esperava. Em vez disso, ele me deu uma oferta de emprego.

Bianca fez uma careta. — Uma oferta de trabalho!

— Sim. Ele me ofereceu o cargo de cuidadora de seu pai se eu quisesse voltar para Bellamy Creek.

— *Esse* foi o motivo dele? — O queixo de Cheyenne caiu.

— Sim. E quando perguntei se ele viu esse relacionamento indo para algum lugar ou se ele estava apenas me garantindo um emprego remunerado se eu quisesse voltar, sua resposta foi: ‘Essa é a única garantia que posso oferecer a você.’

— O que? — Bianca gritou, balançando a cabeça. — Por que ele diria isso?

— Porque ele não acredita que duas pessoas podem ficar juntas para sempre, e ele não quer fazer nenhuma promessa que não pode cumprir.

A sobrancelha de Blair franziu. — Como você não acredita no para sempre?

— Ele não acredita que o amor dura, — esclareci. — Ele não acredita que as pessoas ficam até o fim.

Bianca acenou com a cabeça, seus olhos tristes. — Sua infância lhe ensinou isso. Você tem que se sentir mal por ele, mesmo que ele seja teimoso.

— Sinto muito, Maddie, — disse Cheyenne. — Essa deve ser uma conversa muito difícil.

— Foi muito ruim, — admiti, meus olhos lacrimejando. — Lá estava eu, basicamente preparada para dizer a ele que estou me apaixonando por ele e pronta para entregar meu coração, e lá estava ele, dizendo que não queria isso.

— Não. Eu não acredito nisso. — Bianca balançou a cabeça. — Acho que ele quer, mas está com medo.

— Perguntei a ele se eu havia confundido seus sentimentos com algo que eles não são, e ele me olhou bem nos olhos e disse que sim. — A memória disso foi como um soco no estômago.

— Você acredita nele? — Blair perguntou suavemente.

— Que escolha eu tenho? — Lutei para falar porque minha garganta estava muito apertada. — Acabou. Não posso estar com ele sabendo que ele não acha que há esperança para nós. Depois de todo esse tempo, se não sou o suficiente para fazê-lo acreditar para sempre, não há nada que eu possa fazer. Eu tenho que deixá-lo ir. Mas ouça. — Obriguei-me a sorrir em meio às lágrimas. — Eu sou forte. Eu passei por algumas coisas ruins e me saí bem. E eu olho para vocês e vejo que o conto de fadas é possível. O amor verdadeiro existe.

— Sim, — Cheyenne disse com os olhos enevoados. — Não desista.

De volta a casa, preparei o almoço para o Sr. Weaver e Elliott e me retirei para o meu quarto para tirar uma soneca. Presumi que Beckett ainda estava trabalhando do lado de fora desde que a porta de seu quarto estava aberta. Não conseguia nem olhar para dentro, já que a visão de sua cama

me deixaria triste. No meu quarto, deitei na cama e fechei os olhos, mas não conseguia dormir. Finalmente, desisti e decidi começar a fazer as malas. Meu plano era sair logo de manhã. Se Elliott não tivesse decidido passar uma noite com Daisy, eu poderia até ter ido embora esta noite, embora eu quisesse ver Cole e Cheyenne se casando. Seria bom ver duas pessoas se prometerem para sempre e serem sinceras.

Eventualmente, abri o armário e tirei meu novo vestido azul. Segurando-o pelo cabide, olhei para ele por um momento e me lembrei de experimentá-lo, do jeito que eu imaginei dançar nos braços de Beckett. Agora não conseguia nem imaginar a conversa no carro a caminho do casamento, muito menos dançar com ele. Deus, como havíamos conseguido estragar tanto nossa amizade em tão pouco tempo? Era a única coisa que eu temia, cruzar a linha e perceber tarde demais que era um erro. E agora tínhamos que passar a noite inteira juntos. Beckett ficaria em silêncio e estoico como de costume, eu estaria lutando contra as lágrimas a noite toda... por um momento, considerei fingir doença e recuar. Talvez pudesse apenas ficar em casa com Elliott e Daisy. Eles poderiam brincar com minha maquiagem e...

Alguém bateu na minha porta. Colocando o vestido na cama, respirei fundo e abri. Era Mallory.

— Oh, oi, — disse, surpreso em vê-la. — Você já está aqui.

— Daisy estava ansiosa para vir aqui e ver Elliott, então chegamos mais cedo. — Sua expressão estava preocupada. — Está tudo bem, Maddie?

— Sim, — menti. — Por que você pergunta?

— Porque Beckett está lá embaixo, pisoteando como um urso zangado, e quando perguntei a que horas vocês iriam embora, ele disse que não tinha certeza de que vocês ainda estavam indo.

— Oh. — Meus olhos caíram para os pés descalços no tapete. A tentativa de Elliott de fazer pedicure quase me fez sorrir, boa coisa que meu vestido era longo. — Sim, ainda estou indo.

— Posso perguntar o que aconteceu? Vocês dois discutiram ou algo assim? — Ela cruzou os braços sobre o peito. — Quando saí no domingo à noite, as coisas pareciam bem aconchegantes entre vocês.

— Elas estavam. — Outra respiração profunda.

— Então o que está acontecendo? Conheço meu irmão, e ele pode ser um grande rabugento às vezes, mas isso é outra coisa.

— Nós, hum. . . — Lutei com o que dizer. — Nós conversamos ontem à noite sobre o que acontecerá quando eu partir. Vamos apenas dizer que não correu bem.

Ela inspirou e expirou, balançando a cabeça como se esperasse aquela resposta. — Posso entrar?

— Claro. — Afastei e ela entrou no quarto, virando-se para me encarar, com as mãos na cintura.

— Me deixe adivinhar. Beckett disse que não tem tempo para um relacionamento à distância.

— Não foi tanto isso, — disse, fechando a porta. — Embora eu possa ver claramente que tal coisa seria muito difícil para ele. Ele realmente não pode sair daqui.

— Verdade, — ela admitiu. — Seria difícil.

— Nossa conversa foi mais sobre a possibilidade de eu voltar para Bellamy Creek.

Sua boca se abriu de surpresa. — Mesmo? Você está considerando isso?

— Eu estava certamente disposta a considerar isso. Seria complicado, eu teria que obter permissão do pai de Elliott, largar meu emprego, encontrar um novo... mas mesmo essas coisas não teriam me detido se Beckett tivesse me pedido para mudar para cá para ficar com ele. Se ele visse um futuro para nós. Mas não foi isso que ele sugeriu.

— Não entendo. O que ele sugeriu?

— Que eu mudasse para cá para assumir o cargo de cuidadora do seu pai.

Ela olhou para mim, completamente ansiosa. — Isso foi o que ele disse? Se mudar para poder ser a enfermeira e babá em tempo integral do meu pai?

— Sim. — Limpei uma lágrima que escapou do canto de um olho.

— Aquele idiota! — Ela balançou a cabeça e bateu com a palma da mão na testa. — Eu não entendo. O cara é louco por você. Ele sempre foi louco por você. E agora aqui estão vocês dois, finalmente no ponto de suas vidas

em que vocês poderiam estar juntos, e ele lhe oferece um emprego? Isso é confuso.

—Escute, eu não quero culpar Beckett por ser incapaz de dizer o que eu precisava ouvir. Eu tinha expectativas irreais, sabe? Eu vi algo que não estava lá.

—Não, você não fez, — ela insistiu. —Eu vi. Até Daisy viu. Ela perguntou se vocês iam se casar. Ela está esperando que Elliott possa ser seu primo.

Sorri em meio às lágrimas. —O que você viu pode ter sido apenas proximidade. Sempre tivemos uma ótima conexão. Mas isso não significa que ele queira ficar comigo para sempre. Ele nem mesmo acredita que isso seja possível. Ele acha que as pessoas não ficam.

—Ele disse isso?

—Sim. Várias vezes, várias maneiras.

Ela fechou os olhos e suspirou. —Posso te dizer uma coisa?

—Certo. — Fui para a cama e me sentei.

Mallory caminhou em direção a uma janela, virou-se e encostou-se no parapeito com as duas mãos. —Você sabe que minha mãe foi embora quando Beck era bem pequeno.

—Sim.

—Ele não se lembra dela de jeito nenhum.

— Isso foi o que ele disse. Ele só viu fotos. Ele disse que ninguém nunca falava realmente sobre seu crescimento.

Ela acenou com a cabeça. — Essa é a verdade. Nós não falamos. Meu pai lidou com sua dor trabalhando, e Beckett foi testemunha disso. Sempre pensei que é por isso que ele era tão obcecado com o trabalho. Quando ficou mais velho, viu como nosso pai costumava trabalhar para lidar com os sentimentos de perda e abandono. Amy e eu também ficamos arrasadas, tínhamos apenas seis e nove anos na época, mas pelo menos tínhamos a outra com a qual conversar. E choramos muito. Beckett cresceu pensando que os homens deveriam ser fortes e sofrer silenciosamente. Eles trabalham. Eles providenciam. Eles protegem.

— Ele faz todas essas coisas, — disse suavemente.

— Acho que ele acabou aprendendo que era melhor apenas trabalhar fora dos seus sentimentos do que falar sobre eles. Ou mantê-los engarrafados. Quando ele ficou mais velho, às vezes ele fazia perguntas, mas Amy e eu realmente não tínhamos respostas. E provavelmente pioramos as coisas apenas tentando distraí-lo ou mudar de assunto. Eu gostaria que nós soubéssemos melhor naquela época. Todos nós poderíamos ter usado alguma terapia.

Eu sorri tristemente.

— Eu fui desde então e isso me ajudou muito.

— Eu também.

—Nosso pai se esforçou muito, — continuou Mallory, com os olhos marejados. —Ele era o melhor pai que sabia ser e garantiu que tivéssemos comida, abrigo e roupas e nunca perderíamos nada por causa do dinheiro. E ele nunca gritou ou nos bateu ou mesmo ficou bravo com muita frequência, ele era como Beckett. Equilibrado e obstinado. Manteve esses sentimentos trancados.

Concordei. —Eles são muito parecidos.

—De qualquer forma, quando olho para trás, posso ver como as tendências de superação de Beckett faziam sentido. Ele queria aprovação e validação e aprendeu a não buscar isso emocionalmente. Suas recompensas eram coisas como boas notas, home runs, bolsas de estudo, um MBA, um emprego bem remunerado. Mas nada disso preencheu o buraco que sobrou no coração dele, sabe?

Balancei a cabeça, enxugando uma lágrima. —Não acho que ele queira preencher. Acho que ele o protege com uma cobertura de ferro.

Ela se aproximou e se sentou ao meu lado. Pegou minha mão. —Não desista. Pode levar algum tempo, mas não posso acreditar que ele vai ver você ir embora.

—Eu não sei, Mallory. Ele é muito teimoso. E sei pela aula de psicologia que o medo de perder é mais poderoso do que o prazer de ganhar. As perdas sempre são maiores. — Respirei fundo. —E quem sabe? Talvez ele tenha percebido que estava esperando por nada todo esse tempo. Talvez eu não valesse a pena. Às vezes, a realidade é um substituto de merda para a fantasia, talvez eu fosse melhor como a garota dos sonhos.

— Eu não acredito nisso por um segundo, — disse ela com firmeza.

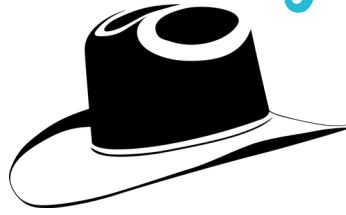
— Mas é difícil não pensar assim, — admiti. — Eu fiz algumas escolhas realmente ruins na minha vida porque me apeguei à fantasia, o que poderia ser ao invés do que estava bem na minha frente. Talvez Beckett esteja me fazendo um favor ao me dizer agora que ele não pode me dar o que eu quero.

— Mas ele está desperdiçando a chance de ser feliz, — disse ela com raiva.

— Essa é a escolha dele. E se ele escolher ficar sozinho, não há nada que alguém possa fazer a respeito.

Ela assentiu com tristeza e minha última esperança se reduziu a nada.

Capítulo Dezenove



Beckett

Parado na frente do espelho acima da minha cômoda, fiz uma careta, desfiz minha gravata e dei o nó novamente pela quinta vez. Apertei. Suavizei. Ajustei mais uma vez. Mas não foi a minha gravata que fez uma carranca para o meu reflexo. Não era o terno também. Ou a camisa branca impecável ou o lenço de bolso combinando ou meu corte de cabelo ou minhas abotoaduras ou meu relógio. Nem mesmo era o cartão de nota no meu bolso com palavras que parecia uma besteira completa.

Era eu. Era o que eu fiz. Eu menti. Eu machuquei alguém de quem gosto. Eu a fiz sentir como se ela não importasse o suficiente para mim. Eu não fui capaz de fazê-la entender a verdade. Mas era minha culpa? Eu precisava me punir por isso? É por isso que era melhor se concentrar em coisas que você pode controlar, como o trabalho. Os relacionamentos pessoais eram muito instáveis, muito voláteis. Os sentimentos eram irracionais e imprevisíveis. Os limites eram melhores. Manter as pessoas à distância. Manter as coisas em que você era bom, para não acabar se sentindo um fracasso.

Uma batida na porta do meu quarto me fez pular. — Sim?

— Sou eu. — Minha irmã enfiou a cabeça na sala. — Posso entrar?

— Vá em frente.

Ela fechou a porta e sentou-se atrás de mim ao pé da cama. — Você está bonito.

— Eu não consigo dar um nó na minha gravata direito.

— Quero ajuda?

— Não. — Com raiva, puxei a gravata novamente e comecei de novo.

— Lindo dia para um casamento.

— Eu acho.

— Você não parece muito animado com isso.

— Por que eu deveria estar animado?

— Não sei, seu velho rabugento, talvez porque um dos seus melhores amigos de longa data esteja se casando com o amor da vida dele?

Eu não respondi.

Ela cruzou os braços sobre o peito. — Eu sei que você teve uma discussão com Maddie.

— Não foi uma discussão, — rebati.

— Oh? O que foi isso?

—Foi uma discussão durante a qual eu salvei nós dois de muitos desgostos no futuro.

—Como você sabe que teria havido um coração partido? Talvez as coisas tivessem funcionado.

—Fui honesto sobre meus sentimentos. — O nó ainda estava torto. Eu o soltei.

—Não, você não estava. Você é teimoso.

Me virei para encará-la. — Você não sabe nada sobre isso.

Suspirando, ela se levantou e veio em minha direção e desfez o nó todo, pacientemente recomeçando. — Posso dizer algo?

Mesmo que eu quisesse afastá-la, chutá-la para fora do meu quarto e bater a porta atrás dela, respirei fundo e a deixei falar.

—Eu sei como foi crescer nesta casa. Saber que sua mãe o abandonou. Pensar que você não era bom o suficiente para fazê-la ficar. Querendo saber o que você fez de errado. Acreditar que seus sentimentos não devem importar. Ter medo de amar alguém porque essa pessoa também pode escolher deixar você.

—Isso não é o que...

Seus olhos piscaram bruscamente. — Eu não acabei.

Pressionei meus lábios e exalei pelo nariz.

—Nem todo mundo vai embora, Beckett. Não estou dizendo que seja fácil, mas algumas pessoas fazem uma escolha diferente.

—O amor não é uma escolha, — disse com raiva. —Eu fodidamente gostaria que fosse.

—Isso é verdade. O amor não é uma escolha. Mas ficar com alguém que você ama é. Ficar até o fim. É preciso coragem e graça e muita paciência e compromisso, mas vale a pena. Pronto. — Ela ajustou o nó uma última vez e alisou a frente da minha gravata. —Perfeito.

Me virei e olhei no espelho. —Nada mal.

—Obrigada. Agora você promete pensar no que eu disse?

—Não adianta, Mallory, — disse teimosamente. —Ela tem que sair. Eu não posso impedi-la.

Minha irmã suspirou. —Então eu acho que você vai merecer a sensação de vê-la partir.

Quando não disse nada, ela saiu do quarto e fechou a porta atrás de si. Sozinho novamente, me encarei no espelho, sabendo que minha irmã estava certa. Eu mereceria a sensação de vê-la ir embora. Mas eu não tive escolha. Minha mandíbula ficou ainda mais rígida, o sulco entre minhas sobrancelhas ainda mais profundo enquanto eu puxava minha gravata e comecei de novo.

Quinze minutos depois, bati na porta do quarto do meu pai. — Pai, você está pronto? Eu preciso ir. Estou um pouco atrasado.

— Estou pronto. — Ele abriu a porta, parecendo elegante em uma calça social e um paletó esporte, seu cabelo branco bem penteado.

Eu funguei, o interior de minhas narinas queimando. — Uau. Você colocou um pouco de colônia, hein?

— Esta é uma ocasião chique, — disse ele, ajeitando o casaco pela lapela. — E pode haver algumas mulheres solteiras lá. Eu preciso estar no meu melhor.

Qualquer outro dia, eu teria sorrido. — Você parece bem. Vou tirar o carro da garagem, certo? Maddie deve descer em um minuto.

— Estou pronta, — disse uma voz atrás de mim.

Me virei e senti o vento batendo fora de mim. Ela estava na grande sala, iluminada pelo sol que entrava pelas enormes janelas. Ela usava um longo vestido azul que deixava seus ombros à mostra, e seu cabelo escuro estava preso no topo de sua cabeça com apenas alguns fios escapando para emoldurar seu rosto. Do outro lado da sala, seus olhos verdes jade pareciam grandes e luminosos, seus cílios grossos e pretos. Sua boca sensual estava pintada em um tom suave de rosa, e tive um desejo louco de pular sobre o encosto do sofá entre nós e cair de joelhos a seus pés. Dizer a ela que eu fui um idiota. Implorar a ela que me perdoe. Para me amar. Ficar. Mas não conseguia me mover. Não conseguia falar. Francamente, nem tinha certeza se conseguia respirar.

Ela tirou os olhos dos meus e olhou para meu pai, dando a ele o sorriso que ela não tinha me oferecido. — Bem, olhe para você. Você não é bonito?

— Obrigado, — disse ele, pavoneando-se na grande sala. — Comprei este casaco em noventa e um e ainda serve.

Maddie riu. — Algumas coisas foram feitas para durar.

— Eu estava prestes a dar ré no carro, — eu disse estupidamente.

Ela olhou para mim novamente. — Tudo bem. Você está bonito também.

— Obrigado. Você também. — Não era nem de perto o elogio que ela merecia, mas minha cabeça estava uma bagunça do caralho. — Eu vou te encontrar na frente.

Ela acenou com a cabeça. — Vou dizer adeus a Elliott. Ele está na varanda dos fundos com Daisy e sua irmã.

Quando ela se virou em direção às portas deslizantes do pátio, vi a parte de trás de seu vestido, o que havia nele. Duas alças cruzadas entre suas omoplatas, revelando pele o suficiente para fazer minha boca salivar. Incapaz de parar de olhar, tropecei na ponta do tapete no meu caminho para a cozinha. Esta seria uma longa noite.

Quando chegamos a casa de Coles, um manobrista pegou minhas chaves e subimos pela calçada da frente. Meu pai pegou o braço de Maddie antes que eu pudesse, e andei atrás deles como uma criança castigada ou uma terceira pessoa irritada. Quente e irritado, limpei minha testa, que parecia pegajosa.

A mãe de Cole abriu a porta da frente e nos deu as boas-vindas dentro de casa, que estava abençoadamente fria por causa do ar-condicionado. — As senhoras estão lá em cima, — ela disse a Maddie, — e eu tenho instruções para mandar você imediatamente. Os cavalheiros estão tomando um drinque no pátio.

— Parece bom, — disse meu pai, oferecendo o braço à Sra. Mitchell. — Nós devemos?

Rindo, ela colocou a mão em seu cotovelo. — Nós devemos.

Irritado que meu velho rabugento fosse mais charmoso do que eu, observei Maddie subir as escadas sem olhar para mim e segui meu pai e a Sra. Mitchell até o pátio. O quintal parecia incrível, as mesas eram cobertas com linho branco, jogos de mesa sofisticados e peças de centro, uma pista de dança de madeira e mesa de DJ foram montadas em uma extremidade da tenda, flores decoravam as fileiras de cadeiras de cada lado do corredor. No pátio de lajes, um bar havia sido montado e meus amigos estavam em torno de uma das várias mesas altas próximas. Griffin estava servindo doses de uma garrafa de uísque.

Moretti ergueu os olhos quando me aproximei. — Ótimo, estamos todos aqui.

—Desculpe pelo atraso, — disse. —Não consegui acertar a porra da minha gravata.

—Tudo certo? — Cole perguntou.

—Tudo bem, — disse brevemente.

—Certo então, vamos lá. — Griffin empurrou um copo cheio para cada um de nós.

Moretti agarrou o seu e ergueu-o. —Para Cole e Cheyenne. Que eles tenham uma vida longa e feliz juntos.

Cole riu. —O quê, nada de italiano para mim?

—Vocês me disseram que era egoísta da última vez, — disse Moretti na defensiva. —Procurava mostrar o meu crescimento como ser humano.

—Eu gosto da torrada italiana, —disse Cole. —Vamos ouvir isso.

Moretti ergueu o copo novamente. —*Beviamo alla nostra*³. Para nós.

—Para nós, — Griffin repetiu. —E foda-se os Mavs.

Todos nós levantamos nossos copos e bebemos o uísque. Eu fiz uma careta enquanto ele queimava minha garganta, então empurrei meu copo para Griffin. —Eu acho que preciso de outro.

Ele serviu sem perguntar por quê.

—O que está acontecendo? — Moretti estava me olhando astutamente.

—Nada.

3 Vamos beber ao nosso

— É a coisa da torrada?

— Não.

— Então, o que há com a cara de louco?

Tentei substituir minha carranca por uma expressão vazia. — Melhor?

— Na verdade, não, — disse ele. — Seu pai está bem?

Todos olharam para onde meu pai e a mãe de Cole estavam conversando. — Ele parece bem, — disse Cole.

— Meu pai está bem, eu estou bem, está tudo bem, — disse em um tom que comunicava claramente que nada estava bem. Tomei a segunda dose. Meus olhos lacrimejaram.

Meus amigos me observaram colocar o copo de volta na mesa.

— Uh, Beckett? — Cole esfregou a nuca. — Eu não estou julgando você, e para mim é totalmente legal se esta é a sua escolha por hoje, mas você percebeu que uma de suas unhas está pintada de rosa?

— O que? — Estendi minha mão direita, e com certeza, esmalte rosa choque ainda cobria minha unha mindinho. — Porra. Maddie deve ter perdido essa.

— Maddie pintou suas unhas? — Griffin perguntou, inclinando a cabeça em confusão.

— Não. Elliott fez. Maddie tirou o esmalte ontem à noite depois que Elliott foi para a cama, mas acho que ela esqueceu um. Nós meio que nos distraímos enquanto ela fazia isso.

Griffin riu. — Aposto que sim.

— Não gosto disso. — Respirei fundo e soltei o ar. — Tivemos uma briga. Ou não foi uma briga. Nem sei como chamar, mas não acabou bem.

— Oh, merda, — disse Moretti.

Griffin serviu a todos um pouco mais de uísque, e eles tomaram suas segundas doses. Mas não toquei no meu copo.

— Está tudo bem, — disse novamente, tentando ignorar. — Iria acabar mais cedo ou mais tarde. Poderia muito bem ser agora, antes que ela fizesse algo precipitado como voltar para Bellamy Creek.

Os olhos de Cole se arregalaram. — Ela ia voltar para cá?

— Ela estava pensando sobre isso. — Baixei meus olhos para o meu copo vazio. — Nós... discutimos.

— Então qual é o problema? Pai de Elliott? — Cole perguntou.

Balancei minha cabeça. — Nós nem chegamos tão longe. Eu estraguei tudo muito rápido.

— Por que? — Griffin perguntou. — Você não quer que ela volte?

— Eu não sei.

— Besteira, — murmurou Moretti.

— Certo, tudo bem, — eu disse defensivamente. — Talvez eu queira que ela volte, mas não quero que ela faça isso por mim.

— Por que não? — Cole perguntou.

— Eu não entendo por que tenho que explicar isso para todos, porra, — eu disse acaloradamente. — Especialmente para vocês. Por que você não pode simplesmente respeitar minha decisão sem me pedir para defendê-la?

— Uh, talvez porque somos seus melhores amigos e podemos ver que você está fodendo uma coisa ótima? — Moretti disse com um encolher de ombros.

— Se ela quer ficar com você, e você quer ficar com ela, por que não incentivá-la a voltar? — Cole perguntou. — Não seria muito mais fácil para você do que namorar à distância?

— Sim. Mas esse não é o ponto, — argumentei.

— Então, qual é o ponto? — Griffin perguntou. — Achei que era bastante óbvio na noite de quinta-feira, quando vi vocês juntos, que ela se mudaria para cá. Por que adiar?

— A menos que você não tenha certeza de seus sentimentos por ela, — disse Cole. — Se você tem dúvidas, posso ver por que você não gostaria que ela desse esse tipo de salto.

— Não tenho dúvidas sobre o que sinto por ela, — falei. — Tenho outros tipos de dúvidas.

— Tal como? — Griffin perguntou.

Fechei os olhos por um segundo, depois os abri e tomei minha terceira dose. — Eu não quero falar sobre isso.

Meus amigos ficaram em silêncio e me senti como o maior idiota do mundo por estragar o momento.

—Olha, — disse Cole, —eu não sei exatamente quais são as suas dúvidas, mas se elas forem parecidas com as minhas quando Cheyenne e eu começamos a namorar, pode ajudar dizê-las em voz alta.

—Foda-se, — disse irritado. Então eu suspirei, beliscando a ponta do meu nariz. —Desculpe, rapazes. Quase não dormi noite passada. Eu sei que estou sendo um idiota total.

—Você está, — concordou Griffin, —mas acho que todos nós estávamos quando estávamos no lugar em que você está agora. Na verdade, lembro-me claramente de Cole me chamando de idiota quando terminei com Blair e disse a ela para sair da cidade.

—Isso mesmo, eu fiz. — Cole parecia feliz com isso.

—Outra coisa que ele disse foi que, dado há quanto tempo éramos amigos, ele esperava que eu lhe dissesse se ele estivesse fodendo alguma coisa em grande estilo. — Griffin fez uma pausa. —Então eu fiz.

—Ele fez, — Cole confirmou. —Mas eu precisava ouvir.

—Acho que foi Blair quem me chamou de idiota quando baguncei as coisas com Bianca, — Moretti se intrometeu.

—Ela definitivamente disse isso para mim, — Griffin o informou com uma risada. —Mesmo que ela não tenha falado na sua cara.

— A questão é, Beck, todos nós já passamos por isso, — disse Cole. — Todos nós fomos com uma coisa boa porque parecia o caminho mais seguro a seguir.

Encarei o copo vazio. — Por quinze anos, toda vez que tive a chance de dizer a ela o que sinto por ela, não consigo pronunciar as palavras. Ou eu não digo absolutamente nada ou digo a coisa errada.

— Já estive lá, — disse Moretti.

— Fiz isso. — Griffin acenou com a cabeça.

— Então, como você supera a sensação de que pode realmente ter um ataque cardíaco e morrer se disser as palavras que está pensando? — Perguntei pra eles. — Como você se força a sair da sua cabeça?

— Você finalmente percebe que a alternativa é pior, — disse Cole. — Viver sem ela e a culpa é sua.

Fiz uma careta. — Eu só queria ter mais tempo.

— Você não acabou de dizer que esperou quinze malditos anos? — Griffin perguntou.

— Cara. — Moretti me deu um tapinha nas costas. — Admita, estamos certos.

Abri minha boca para discutir, então fechei novamente. — Não consigo pensar nisso agora. Preciso tirar esse esmalte rosa do meu dedo.

— Cheyenne provavelmente poderia ajudar, — Cole sugeriu. — Eu não posso vê-la, mas você pode subir.

— Eu já volto, — eu disse, deixando-os na mesa.

Os convidados estavam começando a chegar e tive que nadar rio acima, passando por dezenas deles, abrindo caminho pela casa até o quintal. Depois de subir duas escadas de cada vez, bati na única porta do quarto que estava fechada, atrás da qual ouvi risadas femininas.

Mariah o abriu. — Tio Beckett! Você não deveria estar aqui.

— Eu sei, desculpe.

Ela se abaixou e espiou ao meu lado. — Papai está com você?

— Não, estou sozinho. — Tive que sorrir. — Você está linda.

— Obrigada. — Ela se levantou novamente, seu sorriso alegre e orgulhoso. Seu vestido era longo, esvoaçante e cor de pêssego, e seu cabelo escuro estava preso em uma trança na parte superior, o resto solto sobre os ombros. Ela usava brilho labial, um pequeno colar de diamantes e algum tipo de loção brilhante que fazia sua pele brilhar um pouco. — Ainda não é hora de descermos, não é?

— Acho que não. — Por cima do ombro, ouvi a voz de Maddie e olhei para o quarto. Ela se sentou em um banco ao pé da cama king-size, olhando para Cheyenne, que estava na frente de um espelho de corpo inteiro atrás da porta do armário. Bianca e Blair estavam uma de cada lado dela, bagunçando como as mulheres faziam com as noivas, afofando seu vestido, ajustando o véu, arrumando o cabelo do jeito certo.

Cheyenne pegou meus olhos no espelho. — Beckett! O que você está fazendo aqui? Está na hora?

Balancei minha cabeça. — Ainda não.

Ela parecia ligeiramente aliviada. — Bom. Ainda sinto que preciso recuperar o fôlego por um minuto. Você pode entrar se quiser.

Hesitante, entrei no quarto, mal movendo meus olhos em direção a Maddie. Eu tinha medo de que se realmente olhasse para ela como fiz em casa, cairia de joelhos e imploraria a ela para me deixar tentar novamente. E eu não poderia ser fraco. Tive que ficar forte.

—O que posso fazer para você? — Cheyenne perguntou, virando-se para me encarar. — Você está muito bonito, a propósito.

—Obrigado. Você está linda. Entre você e Mariah, vamos ter que limpar Cole do chão.

Ela sorriu. — Obrigada. Então, como vai?

—Uh, eu tenho um probleminha. — Levantei minha mão.

Seus olhos se arregalaram e ela riu. —Oh meu Deus. Isso é uma manicure e tanto.

Maddie saltou do banco e veio olhar. — Oh não! Eu perdi uma?

—Só uma, — eu disse. — Tudo bem. Eu nem percebi até que os caras me disseram um minuto atrás.

Mariah, Blair e Bianca também se aproximaram para espiar minha mão e todas começaram a rir.

—Eu meio que gosto disso, — disse Bianca. — Acho legal quando um homem está tão seguro que consegue pintar as unhas de rosa.

— Eu também, — concordou Blair.

— Há um garoto na minha escola que pinta as unhas, — ofereceu Mariah. — Normalmente são cores como preto ou azul, mas ninguém zomba dele por isso.

— Bem, isso é bom, e normalmente eu posso não me importar, mas acho que por hoje é melhor tirar isso.

— Cheyenne, você tem algum removedor? — Maddie perguntou.

— No banheiro. — Cheyenne gesticulou em direção ao banheiro principal. — Sob a pia. Eu tenho uma caixa inteira de coisas de unhas.

— Eu vou pegá-la, — disse Maddie.

— Eu posso pegar. — A seguiu até o banheiro, mas ela chegou lá primeiro e se abaixou na frente da pia. Puxando a caixa, ela a colocou na penteadeira e tirou uma garrafa de plástico com um líquido amarelo. Abrindo a tampa preta, ela a colocou de lado e pegou uma bola de algodão de um pote cheio delas.

Ela molhou e disse: — Dê-me sua mão.

Eu a levante e ela começou a remover o rosa. O cheiro químico de acetona picou minhas narinas. — Obrigado.

— Sem problemas. — Ela manteve os olhos em seu trabalho e quando ela terminou, ela balançou a cabeça. — Pronto. Chega de rosa.

Olhei para minha unha nua e balancei a cabeça, então deixei minha mão cair. — Eu agradeço.

Ela se ocupou jogando fora o algodão sujo, fechando a tampa da garrafa de volta, enfiando a caixa de volta debaixo da pia. Mas ela nunca me olhou nos olhos.

Meu coração se partiu em dois que fomos reduzidos a este silêncio doloroso e constrangedor quando tudo que eu queria fazer era abraçá-la. — Você está realmente linda, — disse calmamente. — Lamento não ter dito isso antes.

— Obrigada. — Ela ergueu a cabeça, mas sua expressão estava cuidadosamente em branco. Seus olhos verdes estavam opacos como o riacho em um dia nublado.

— Maddie, eu odeio isso.

— Odeia o quê?

— Este silêncio entre nós.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Você tem algo novo a dizer?

Lutei pelas palavras presas dentro de mim. — Eu... eu senti sua falta ontem à noite.

Seu lábio inferior tremeu, mas ela não disse nada.

— Você não sentiu minha falta?

— Isso importa?

— Sim, é importante.

— Pelo que vale a pena, sim. Senti sua falta. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Provavelmente sentirei sua falta pelo resto da minha vida.

Incapaz de me conter, segurei seu rosto em minhas mãos como fiz aos dezoito anos, esfreguei meu polegar sobre seus lábios trêmulos. — Eu não quero perder você.

Ela empurrou minhas mãos para baixo e deu um passo para trás. — Eu não posso fazer isso, Beckett. Preciso ter mais cuidado com meu coração. Eu dou muito facilmente, eu dou tudo muito facilmente.

Com isso, ela passou por mim, deixando-me agonizando com o cheiro persistente de seu perfume e as memórias que evocava de sua pele ao lado da minha. Essa memória era tudo que me restava?

Um momento depois, Bianca enfiou a cabeça para dentro. — As meninas estão descendo as escadas agora. Eu acho que você provavelmente deveria ir encontrar os caras.

— Certo. — Exalei pesadamente. — Eu deveria checar meu pai primeiro.

— Maddie disse para lhe dizer que encontraria seu pai e se sentaria com ele.

Claro que ela fez. Meu peito cedeu um pouco mais.

— Ei. — Bianca veio até o banheiro e me encarou, alisando minhas lapelas, endireitando minha gravata, tirando a poeira de um ombro. — Você está bem, amigo?

— Não. — Pareceu a primeira palavra honesta que eu disse durante todo o dia, e isso soltou algo dentro de mim.

— Eu posso dizer. — Ela encontrou meus olhos. — Estou aqui se quiser conversar. Eu sou uma boa ouvinte. E não é fácil descobrir como estar com alguém. Entendeu.

— Obrigado.

Ela colocou a mão no meu cotovelo. — Vamos descer?

— Certo. — Atravessamos o quarto para o corredor. No meio da escada, parei. — Não é que eu não queira ficar com ela.

— Eu sei.

— Porque eu quero.

— Eu acredito em você. Mas *ela* precisa ouvir isso.

— Eu acho que estou apaixonado por ela, — soltei. Meu coração estava batendo forte o suficiente para me fazer pensar se eu poderia estar com uma parada cardíaca. — Acho que sempre fui apaixonado por ela.

Ela apertou meu braço.

— Mas eu penso no futuro, sabe? E se eu acabar como meu pai, com oitenta e um anos e vagando por aí tentando pegar um trem que nunca vai chegar? Ela ainda vai me querer então? Ela vai me olhar da mesma maneira? Ela vai pensar que é para isso que ela se inscreveu? — Foi como se a barragem tivesse estourado e todos os meus pensamentos estivessem jorrando sobre o vertedouro.

—Oh, Beckett, — ela disse. — Claro que ela vai. Isso é o que o amor é.

—Mas como você sabe que dura? — Perguntei. —O amor nem sempre é suficiente para fazer alguém ficar. Onde está a prova de que as pessoas permanecem por perto? Que elas estarão lá para sempre?

—Ei! Aí está você! — Ao pé da escada, Moretti ficou olhando para nós um tanto freneticamente. — Vamos, Weaver, temos que nos mover.

—Estou chegando. — Terminei de acompanhar Bianca escada abaixo e, quando chegamos ao fundo, beijei sua bochecha. —Obrigado por ouvir. Desculpe, acabei de descarregar tudo isso em você.

—Eu não me importei. Ajudou? — Ela perguntou esperançosa.

—Pode ser. — Eu queria dizer sim, mas algo em mim se recusava a ceder. Talvez funcionasse para outras pessoas porque eram conectadas de maneira diferente ou tinham experiências diferentes. Talvez eu estivesse com defeito.

Ou talvez eu fosse mais inteligente do que todos eles.

—Vamos. — Moretti agarrou minha manga e me puxou para fora da porta da frente. Eu o segui para um lado da casa onde Cole e Griffin estavam parados na sombra.

—Oh bom, você o encontrou. — Cole parecia aliviado.

—Desculpa. — Sentindo-me culpado por chafurdar em minhas próprias besteiras no dia do casamento de Cole, dei um tapinha nas costas dele.

Depois do que ele passou, ninguém merecia este dia mais do que ele. — Vou parar de ser um idiota agora. Estou aqui por você.

— Bom. — Cole olhou para todos nós. — Eu não seria capaz de fazer isso se um único de vocês não estivesse aqui.

— Claro que você faria. — Griffin jogou um braço sobre os ombros. — Mas nós não teríamos deixado você.

— Sério, vocês. Correndo o risco de ficar sentimental, preciso agradecer por estar lá para mim. Depois que perdi Trisha, não tinha certeza de como sobreviveria como pai solteiro. E certamente nunca pensei que estaria em um lugar onde seria tão feliz novamente. Mas saber que você sempre me protegeu fez uma grande diferença. Você nunca me deixou ficar tão triste que eu não pudesse ver uma saída.

Senti um puxão no fundo da minha garganta.

— Para que servem os amigos? — Perguntou Moretti.

— Sim, mas há amigos e, em seguida, vocês. — Cole riu. — Eu diria que somos mais do que amigos, mas isso soa estranho.

— Somos irmãos por opção, — disse Griffin, jogando o outro braço em torno de Moretti.

Moretti colocou um braço em volta do meu pescoço e eu terminei o círculo com um braço em volta dele e o outro em torno de Cole. Por um momento, ficamos parados ali, cabeças juntas. Isso me faz sentir melhor. Mais forte. Nós tínhamos nos visto por meio de um monte de coisas, boas e ruins, mas estávamos lá um pelo outro. Chamamos um ao outro por causa

de nossas besteiras, mas também levantamos um ao outro. E eu não tinha dúvidas em minha mente que seria sempre assim conosco.

— Awww, vocês são tão fofos!

Nós nos separamos e olhamos para trás para encontrar Bianca parada ali com uma mão sobre o coração.

— Está na hora? — Cole perguntou.

— Sim. Mas você é tão adorável com seu abraço coletivo, eu nem quero interromper.

— Não foi um abraço coletivo, — zombou Griffin, ajustando as lapelas.

— Foi uma *reunião de equipe*. — Moretti mexeu nas mangas. — Uma reunião de equipe muito viril.

— Eu vejo. — Bianca parecia divertida. — Bem, se você acabou de abraçar...

— Eu disse reunião, não abraçar!

— ...então é hora de você ir para lá. — Ela riu de novo. — Eu realmente gostaria de ter uma câmera agora.

— Na verdade, estou feliz por você não ter feito isso, — disse Cole. Ele alisou a jaqueta sobre o estômago e respirou fundo. — Certo, estamos prontos?

Eu balancei a cabeça e coloquei a mão em seu ombro. — Vamos lá.

Começamos a andar pela casa em direção ao quintal e Bianca puxou minha mão. — Ei, — ela disse, acenando para Cole, Griffin e Moretti enquanto eles caminhavam à minha frente. — Aí está sua resposta, a propósito.

— Huh? — Não tinha certeza do que ela queria dizer.

— A pergunta que você me fez na escada. — Seus olhos brilharam quando ela apontou para meus amigos, e sua voz suavizou. — Bem ali, Beckett. Essa é a sua prova.

Queria perguntar a ela qual tinha sido a pergunta, meu cérebro estava uma bagunça hoje, mas ela já havia desaparecido dentro de casa. Griffin deu um soco em Cole e se dirigiu para o pátio onde sua mãe estava, esperando que ele a acomodasse formalmente. Depois, ele entraria em casa para buscar sua irmã, com quem ele caminharia pelo corredor. Com a cabeça ainda na névoa, segui Moretti e Cole até o lado direito de todas as cadeiras, que fiquei surpreso ao ver que estavam ocupadas. Avistei meu pai e Maddie na segunda fila, junto com os Morettis. Ao ver seus ombros nus, os músculos do meu estômago se contraíram.

Ficamos de lado enquanto a harpista começava a tocar, e não conseguia tirar os olhos de Maddie. A forma como a luz do sol fazia seu cabelo brilhar como cobre. A maneira como sua queimadura de sol havia se transformado em um lindo ouro quente. A forma como a brisa agitou o vestido em torno de suas pernas. Eu inalei profundamente, como se pudesse sentir o cheiro dela se me concentrasse bastante. Ela virou a cabeça e olhou para mim por cima do ombro, como se tivesse sentido meus olhos nela. Mas ela não

sorriu ou acenou, e sua expressão era de tristeza, talvez até de arrependimento. Quando a música começou, ela olhou para frente novamente e meu coração afundou mais fundo.

Capítulo Vinte



Maddie

Lutando contra as lágrimas, arranquei meus olhos de Beckett e olhei para frente. Eu estava à beira de um total desde que o deixei no banheiro do andar de cima. Depois de descer as escadas, mergulhei no banheiro do primeiro andar e me inclinei contra a penteadeira, respirando fundo algumas vezes.

Eu senti tanto sua falta na noite passada.

Bem difícil! Ele merecia sentir minha falta. Eu esperava que ele sentisse minha falta pelo resto de seus dias solitários de cowboy caranguejo eremita. Ele poderia ter tido mais, mas ele estava escolhendo me perder. Ele estava fechando seu coração e me mandando embora. Uma lágrima ou duas vazaram dos meus olhos, fazendo meu delineador e rímel escorrerem. Antes de sair, peguei um lenço de papel e minha bolsa de cosméticos e fiz um rápido retoque. Mas meu coração não foi tão facilmente reparado. Senti como se pedaços dele estivessem espalhados como restos por toda a cidade, e costurá-los juntos seria impossível. Minha melhor aposta era

partir antes que qualquer dano pudesse ser feito. Continuar minha vida. Dedicar-me a ser a melhor mãe que poderia ser. Talvez algum dia aparecesse alguém que me faria sentir como Beckett me fazia sentir, mas se isso nunca acontecesse, estaria bem por conta própria. Eu nunca seria descuidada com meu coração novamente. Mantendo minha cabeça erguida, saí e encontrei o Sr. Weaver conversando com um belo casal que pensei ser os Morettis. Com um sorriso no rosto, me aproximei deles e me apresentei.

— Oh, olá, — disse a mulher. — Eu me lembro de você há muito tempo. Somos os pais de Enzo, Carlo e Marisol Moretti.

— É bom ver você, — disse, apertando ambas as mãos.

— Maddie mora do outro lado da rua, — disse Weaver. — Mas ela está na nossa casa o tempo todo. Se meu filho tivesse cérebro, ele se casaria com ela.

Os Morettis riram educadamente enquanto eu ficava vermelha como uma beterraba. — Na verdade, estou voltando para Cincinnati logo após o casamento. Mas foi uma visita adorável.

— Voltar para sua cidade natal é sempre adorável, não é? — A Sra. Moretti suspirou. — Não importa o quão longe você vá, sempre que você se sentir perdida, você sempre pode se encontrar em casa. Você sempre pertencerá a esse lugar.

Minha garganta ficou apertada. Não tinha certeza se tinha mais um lugar assim. — Sim. Devemos encontrar um lugar para sentar, Sr. Weaver?

—Claro, — disse ele. —Vamos lá na frente. Meus olhos não são os melhores.

—Tudo bem.

—Mas não porque sou velho, — disse ele, pegando-me pelo braço. —Só porque eles estão um pouco desgastados.

Escondi um sorriso. —Eu entendo.

Subimos o corredor até a segunda fileira e ocupamos duas cadeiras à direita. Assim que nos sentamos, o Sr. Weaver olhou em volta. —Este é um belo quintal.

—Sim, ele é.

—Você poderia jogar alguns bons jogos de bola aqui. Elliott gostaria disso.

Fiquei surpresa por ele se lembrar do nome de Elliott. —Ele gostaria, você está certo. Mas acho que não teremos tempo.

O Sr. Weaver olhou para mim. —Você não está realmente indo embora, está?

—Eu temo que eu tenho que fazer.

—Mas por que? Você vive aqui. Esta é sua casa.

—Não é, — disse, balançando a cabeça. —Não mais.

Ele ficou quieto por um momento. —Cynthia Mae também foi embora.

—Eu... eu sinto muito.

— Ela disse que também não era a casa dela. Ela disse que cometeu um erro. — Seus olhos azul-acinzentados me estudaram, notavelmente claros. — É isso que você pensa também?

Pensei com cuidado antes de responder. — Estou tentando me conter antes de cometer um erro.

— Ela disse que nos amava, mas ela tinha que ir. Eu nunca entendi isso. Se você ama alguém, você fica. Certo?

Tanto para o trabalho de reparo. Peguei um lenço de papel da minha bolsa e enxuguei meus olhos. — Certo.

— Ela disse que era mais complicado do que isso, e talvez fosse. — Ele suspirou profundamente. — Eu não sei.

Sorri em meio às minhas lágrimas.

— Mas eu pensei que conhecia meu filho. E não entendo por que ele iria querer passar o resto da vida procurando por você quando você estava aqui.

Minha garganta doía de tão apertada. — Talvez ele nem procure por mim.

O Sr. Weaver riu. — Claro que ele vai. Ele está procurando por você há anos.

Não tinha certeza se a clareza estava escapando de sua mente ou não, então simplesmente mudei de assunto. — O tempo está lindo, não é?

— Com certeza está. Temperatura perfeita.

As cadeiras começaram a se encher e os Morettis sorriram para nós ao se sentar à nossa direita. A harpista, que estava sentada de um lado do arco floral no início do corredor, começou a tocar uma melodia clássica, sinalizando aos convidados para se aquietarem. Uma brisa quente agitou meu vestido e fechei os olhos por um momento, desejando que minhas lágrimas ficassem sob controle durante os próximos vinte minutos ou mais, ou se não quisessem, pelo menos que fossem por Cole e Cheyenne.

A pele da minha nuca formigou com o calor da consciência, e olhei por cima do ombro. Minha respiração ficou presa quando vi Beckett parado ao lado do quintal com Cole e Enzo, seus olhos em mim, sua expressão séria, mas inflexível. Por vários segundos, não consegui respirar. Meu pulso disparou e minha visão turvou ligeiramente. Olhei para a frente novamente, inspirando profundamente o ar quente de verão. No entanto, meu coração bateu erráticamente de novo apenas alguns segundos depois, enquanto observava Cole, Enzo e Beckett aparecerem à direita do arco floral e tomarem seus lugares. Como se atraídos por uma força magnética, nossos olhos se encontraram e eu fiquei tonta de novo. Tive que me forçar a desviar o olhar.

Um momento depois, a Sra. Mitchell apareceu no altar de braço dado com um cara que poderia ser o irmão mais velho de Cole. Os dois se sentaram na fileira bem à nossa frente, que já estava ocupada por uma mulher e alguns filhos. Em seguida veio a Sra. Dempsey no braço de Griffin, e ele beijou sua mãe na bochecha antes de sentá-la e voltar pelo corredor com passadas longas.

A harpista mudou para uma música diferente, uma música que reconheci como 'A Thousand Years' e, como todos os convidados, voltei minha atenção para o pé do corredor. Bianca veio primeiro, seu cabelo ruivo brilhando como um rubi ao sol. As damas de honra usavam vestidos longos em seda champanhe profunda e carregavam buquês de rosas em creme, marinho e damasco. Bianca estava sorrindo brilhantemente, seus passos firmes e rápidos, como se ela mal pudesse esperar para chegar à parte boa do show. Quando ela passou por nossa fileira, ela fez contato visual comigo e piscou. Eu sorri e toquei meu coração. Em seguida veio Blair, os olhos brilhando de lágrimas, o sorriso um pouco menor e mais sentimental. Ela caminhou mais devagar também, parecendo a ex-rainha do concurso que era, o queixo erguido, seus passos deslizantes cuidadosos, mas confiantes.

Então a multidão murmurou um awwnnn coletivo, e sorri quando vi Mariah vindo no corredor em seu vestido cor de pêssego brilhante, seu cabelo escuro lustroso à luz do sol, seus olhos azuis arregalados e brilhantes. Seu sorriso era tão grande que revelou quase todos os seus dentes, e quando ela fez contato visual com seu pai, ele teve que enxugar uma lágrima. Tirei um lenço de papel da bolsa e fiz o mesmo. Em seguida, todos os convidados se levantaram e eu olhei para o corredor para ver Cheyenne no braço de seu irmão mais velho enquanto eles caminhavam pelo corredor. O rosto jovem de Cheyenne estava radiante de felicidade, você podia ver a garota apaixonada pelo melhor amigo de seu irmão, uma garota que nunca amou ninguém, uma garota cujos sonhos finalmente se tornaram realidade. O rosto de Griffin estava mais estoico, sua mandíbula

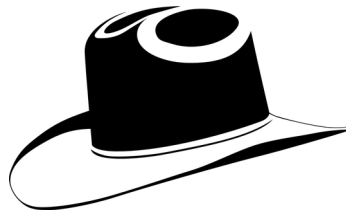
rígida, seus ombros para trás. Mas na metade do corredor, ele olhou para Cheyenne e abriu um sorriso. Ela olhou para ele e sorriu de volta, e o amor entre eles era tão doce e claro quanto a música enchendo o ar.

Cole sorriu também quando sua futura esposa se aproximou pelo braço de seu melhor amigo de toda a vida. Tentei imaginar como seria, ver seu passado e seu futuro interligados. Para saber com certeza você estava bem onde pertencia e cercado por todos que o amavam. Para compartilhar sua vida com pessoas que poderiam olhar para trás com você e rir ou chorar, então olhar para a frente com esperança. Limpei meus olhos novamente quando Griffin beijou sua irmã na bochecha, apertou a mão de Cole e tomou seu lugar entre Enzo e Beckett. Meus olhos percorreram os quatro amigos em seus ternos azul-marinho, os ombros largos e fortes, as testas brilhando com o calor, os braços ao lado do corpo.

Naquele momento, Beckett olhou para mim. Seus lábios se separaram e ele piscou. Era quase como se ele estivesse me vendo pela primeira vez. Meu coração disparou. Mas então ele desviou o olhar novamente, a expressão solene de volta em seu rosto. Desviei o olhar também, meus olhos embaçados de lágrimas. Isso era ridículo. Iria me torturar olhando para ele a noite toda? Imaginando que ele me viu de forma diferente? Eu era tão ingênua que pensei que ele iria de repente olhar para mim e perceber que não poderia viver sem mim? Quantas vezes iria procurar uma resposta que ele não poderia dar? Um sentimento que ele não sentiu? Um futuro que ele não queria?

Sufocando as lágrimas, me decidi. Assim que pudesse, escaparia da multidão, pediria um carro para me levar de volta à casa de Beckett, faria as malas e deixaria Bellamy Creek para trás. Lamento não dizer adeus às meninas, mas mandaria uma mensagem para elas, elas entenderiam. Cole pegou as mãos de Cheyenne e a cerimônia começou.

Tie Me Capítulo Vinte e Um *Down*



Beckett

Parado atrás de Cole e Moretti, observei Bianca e Blair vindo pelo corredor. O sol estava quente em meu rosto e eu estava suado por baixo do terno. A leve brisa foi um alívio. Mas esqueci meu desconforto momentaneamente enquanto observava Mariah caminhar entre as fileiras de cadeiras, parecendo mais feliz do que nunca. Ela era como uma família para mim, e vê-la iluminada por dentro puxou meu coração. Cole tinha muita sorte de ter uma filha tão brilhante e linda. E a maneira como ela estava olhando para ele, como se ele fosse seu herói, fez meu peito apertar. Como seria isso? Eu seria um pai tão bom quanto Cole? Eu seria um tipo de pai diferente do meu? Fui um tolo por jogar fora minha chance de descobrir?

Enquanto lutava com essas questões, Griffin começou a levar sua irmã até o altar, e pensei em minhas próprias irmãs, como tive sorte de tê-las, o quanto elas se sacrificaram por mim enquanto crescia. Não tivemos um tempo fácil. No entanto, de alguma forma, elas conseguiram forjar uma forte crença no amor e no compromisso, para confiar em alguém o

Melanie Harlow

suficiente para construir uma vida com elas, para ter filhos juntos. Assisti Griffin beijar Cheyenne na bochecha e me perguntei se ele estava olhando para ela e vii como eu vi, a garotinha de maria-chiquinha e macacão que costumava nos seguir, ou a adolescente desajeitada que costumava olhar ansiosamente através da cerca no treino de beisebol, ou a adolescente bonita que ia a todos os jogos e torcia como se ela tivesse quatro irmãos em vez de um. Ela também se sentia como uma família.

Quando Griffin apertou a mão de Cole, eu sabia que era mais do que apenas uma formalidade. Que este casamento não foi apenas uma troca de votos entre os noivos. Havia uma promessa sendo feita entre Griffin e Cole também. Com aquele aperto de mão, Griffin estava dizendo a seu amigo que *confio em você com alguém que amo*, e Cole estava fazendo uma promessa: *vou honrá-la e apreciá-la para sempre*. E eles acreditaram um no outro.

Griffin passou por Moretti e recuei para que ele pudesse ocupar seu lugar entre nós. Ele parecia estoico, mas não deixei de ver ele enxugar seus olhos com o polegar e o indicador. Dei a ele um aceno de cabeça e um tapinha no braço. Ele riu e balançou a cabeça, como se se sentisse um tolo, mas não o culpei por ser emocional. Eu também estava, e Cheyenne nem era minha irmã de sangue. Mas o quanto o sangue realmente importava no final?

Não era mais importante e significativo quando o que o ligava a alguém não era necessariamente o DNA, mas uma história de escolha de estar no canto de alguém? Sempre protegendo? Nunca deixando eles se sentirem

sozinhos? As vezes que Moretti, Griffin e Cole estiveram ao meu lado, grandes e pequenas, eram numerosas demais para contar. As vezes que seus pais estiveram lá para mim foram numerosas demais para contar. Suas famílias inteiras sempre me trataram como se fosse seus. Quando eu tinha oito anos, a mãe de Cole viu como minhas calças ficaram curtas em um domingo na igreja, e ela apareceu na minha casa mais tarde para pegá-las. Ela baixou a barra e me devolveu no dia seguinte.

Quando eu tinha 12 anos, a mãe de Moretti mandava um sanduíche extra e um biscoito em sua lancheira todos os dias depois que ele mencionou que às vezes eu esquecia de embalar um lanche decente para mim. Quando eu tinha dezesseis anos, o Sr. Dempsey me vendeu uma caminhonete surrada muito barato e me deixou trabalhar com o que eu não poderia pagar com horas de fim de semana na garagem. E meu pai havia retribuído na mesma moeda, ele sempre mandava ovos, vegetais frescos ou bifes para dizer obrigado. Era uma tradição que continuei. A comida sempre deixava as pessoas felizes. Era uma forma de mostrar que você se importava. Para mostrar que você era grato por eles. Para apreciar eles.

Isso é o que importa. Mais do que sangue. Mais do que amar alguém. Minha mãe provavelmente nos amou, mas ela ainda fez a escolha de ir embora. O amor importava, mas a lealdade era tão importante. A escolha que você fez de aparecer para as pessoas, vez após vez. As promessas que você cumpriu. Os laços que você nunca quebraria. A confiança que você depositou neles para estar lá para você, e a garantia que você ofereceu de que você sempre estaria lá para eles. E me dei conta, o que perguntei a Bianca na escada.

O amor nem sempre é suficiente para fazer alguém ficar. Onde está a prova de que as pessoas permanecem por perto? Em minha mente, eu vi seu sorriso suave e conhecedor enquanto ela acenava para meus amigos, como se ela visse a verdade muito mais claramente do que eu. Ali. Essa é a sua prova.

Apesar do calor, senti um arrepio nas costas sob meu terno enquanto mais de vinte anos de amizade, de fraternidade, passavam pela minha cabeça. Eles estiveram no meu lado mais da metade da minha vida, e eu sabia, sem dúvida, que estariam lá para sempre. Olhei para o mar de rostos assistindo à cerimônia e vi apenas uma pessoa olhando para mim, seus olhos verdes brilhando como o vidro do mar em águas rasas.

Minha boca se abriu, como se eu fosse dizer algo. Eu não pude dizer nada, é claro, era no meio do casamento de Cole e Cheyenne. E, francamente, mesmo se estivéssemos sozinhos, eu não tinha certeza de como explicaria o que estava na minha cabeça ou no meu coração. O amor ainda me assustou. Mas Bianca estava certa, algumas pessoas permaneceram em sua vida para sempre.

—Senhoras e senhores, é uma honra apresentar a vocês o Sr. e a Sra. Cole Mitchell.

Os convidados se levantaram, torcendo e aplaudindo quando Cole e Cheyenne compartilharam seu primeiro beijo como marido e mulher. Na

minha frente, Moretti enfiou dois dedos na boca e assobiou alto. Bati palmas junto com todos, meus olhos nos recém-casados, mas meu coração estava acelerado com antecipação. Eu precisava falar com Maddie. Quando a harpista começou a tocar uma música otimista, Cole e Cheyenne começaram a descer o corredor de mãos dadas, oferecendo aos convidados cumprimentos, sorrisos enormes e um abraço ocasional. Eles foram seguidos por Moretti e Bianca, então Griffin e Blair e finalmente Mariah e eu. Eu ofereci meu braço, e ela colocou seu pequeno braço dentro do meu cotovelo. Seus olhos estavam marejados, mas seu sorriso era de êxtase. Seguimos pelo corredor e tentei chamar a atenção de Maddie quando passamos por sua fileira, mas ela estava olhando para seu telefone. Tentando não franzir a testa, acompanhei Mariah até a casa, onde a festa de casamento estava acontecendo na sala de estar.

—Você está indo tão rápido. — Mariah deu uma risadinha. —Não consigo andar tão rápido com estes sapatos de salto. Eles realmente doem.

—Desculpa. — Diminuí, olhando por cima do ombro. —Quer uma carona nas costas?

—Sim! — Ela chorou.

Virei-me e ela pulou nas minhas costas, e entramos na casa, onde deveríamos nos encontrar com o resto da festa de casamento enquanto os convidados tomavam bebidas no pátio ou sob a tenda.

A sala estava barulhenta e caótica enquanto todos corriam para abraçar Cole e Cheyenne, e Moretti abriu uma garrafa de champanhe. Coloquei

Mariah no chão. —Eu já volto, — disse a ela, movendo-me para a porta novamente.

—Beckett! — Gritou Griffin enquanto os copos de espumante estavam sendo servidos. —Onde você pensa que está indo? Venha para cá!

Relutantemente, fui até lá e peguei um copo junto com todos os outros, levantando-o bem alto enquanto Moretti gritava: —Para os noivos!

—Aos noivos! — Todos responderam em coro. Mas mal tomei um gole antes de colocá-lo de lado e correr para fora da sala.

No pátio, procurei na multidão o vestido azul de Maddie, mas não a vi. Fui até as fileiras de cadeiras, onde algumas pessoas ainda conversavam, mas ela não estava entre elas. Virando-me, olhei para as dezenas de pessoas perambulando pelo quintal, esperando na fila do bar e entrando na tenda, mas não vi nenhum sinal dela. Preocupado, examinei a multidão novamente, desta vez procurando meu pai. Eu o vi indo para a tenda com o Sr. e a Sra. Moretti e corri em direção a eles.

—Ei pai, — disse, pegando seu braço. —Onde está Maddie?

Ele pensou por um momento. —Ela tinha que ir a algum lugar.

—Ela disse onde? — Perguntei impaciente.

Ele pareceu se concentrar bastante. —Sim, mas eu esqueci.

Respirei fundo. —Talvez o banheiro?

—Pode ser.

A Sra. Moretti se virou. —Oh, oi Beckett. Você está procurando Maddie?

—Sim.

—Ela disse que só precisava dar um telefonema e já voltaria, — disse Moretti. —Nós nos oferecemos para mostrar a Eugene onde estamos sentados. Ele está na nossa mesa.

—Obrigado. — Eu olhei para meu pai. —Você está bem aqui por conta própria um pouco? Eu tenho que tirar algumas fotos.

—Claro que estou, — disse ele, como se eu o tivesse ofendido.

—Certo, mas fique no quintal. Não vagueie por lugar nenhum.

—Não se preocupe com nada, — disse a sra. Moretti, chamando minha atenção para que eu soubesse que ela havia entendido.

—Obrigado. — Dei a ela um sorriso agradecido. —E quando você vir Maddie, poderia dizer a ela que estou procurando por ela?

—Pode deixar. — Ela piscou para mim. —Garota linda.

—Sim. — E não apenas bonita, pensei, observando-a enquanto corria de volta entre os convidados a caminho de casa. Ela era inteligente, carinhosa, engraçada, generosa e doce, e se eu não acertasse as coisas com ela, ela nunca me deixaria ser seu lugar seguro novamente.

Eu queria ser muito mais. Quando não a vi no pátio, rapidamente verifiquei a varanda da frente e o banheiro do térreo. Eu estava prestes a subir e espiar nos quartos quando Bianca me viu.

— Aqui está ele! — Ela chamou.

— Beck, estamos esperando por você! — Cole gritou.

Parando com um pé no degrau inferior, exalei e me virei. — Desculpe, — disse, indo para a sala de estar.

— Certo, vamos para a frente, — dirigiu Cheyenne. — Quero uma foto com toda a festa de casamento na frente da casa.

Enquanto o fotógrafo nos conduzia para fora da porta da frente, Moretti me acompanhou. — Ei. Você está bem?

— Sim.

— Bianca disse que você teve um momento de vir a Jesus antes da cerimônia.

Quase ri. — Eu não sei sobre isso, mas ela me ajudou a ver algo mais claramente. Eu só preciso encontrar Maddie para que eu possa tentar me explicar.

— Você não consegue encontrá-la?

Balancei minha cabeça. — Ela não está com meu pai e ele se esqueceu para onde ela foi. A senhora Moretti acha que ela foi fazer um telefonema. Para quem ela poderia estar ligando?

— Talvez Elliott?

— Tudo bem padrinhos, aqui, por favor, — disse o assistente do fotógrafo.

Pelos próximos trinta minutos, consegui colocar o que esperava ser uma expressão agradável em meu rosto para as fotos. Mas o tempo todo, eu estava pensando em Maddie, criando coragem para dizer a ela o que eu disse a Bianca. No momento em que o fotógrafo anunciou que havia terminado, meu estômago estava embrulhado.

— Ei você. — Bianca e Moretti caminharam ao meu lado enquanto todos nós caminhávamos ao redor da casa para o quintal. — Você pensou no que eu disse?

Concordei. — Sim. E você estava certa.

— Não diga isso a ela. — Moretti passou o braço em volta do pescoço da esposa. — Ela vai ficar presunçosa.

Bianca sorriu com autossatisfação. — Nesse caso, não havia como negar. E Beckett claramente precisava de um conselho romântico melhor do que vocês estavam dando a ele.

Moretti ficou indignado. — Ei, acho que sou muito bom em conselhos românticos.

Sua esposa riu. — Diz o cara que propôs com um anel de noivado de segunda mão sem se preocupar em ter a inscrição original removida.

— Eu compensei por isso, não foi?

— Você fez, — disse ela enquanto nos aproximávamos da tenda. — Mas não estamos falando de você agora. Estamos falando sobre Beckett. E agora?

— Eu preciso falar com ela.

— Você precisa que eu lhe dê falas? — Perguntou Moretti.

— Não, — repreendeu sua esposa. Então ela olhou para mim. — Ela não quer ouvir falas. Ela quer ouvir a verdade, como você se sente por ela, o que você deseja, com suas próprias palavras. Diga a ela exatamente o que você me disse.

— Agora? — Eu disse, minha voz falhando. — Eu tenho que dizer tudo isso aqui?

— Porque esperar? Você vai deixá-la ficar triste e infeliz a noite toda?

De pé na parte de trás da tenda, vi Maddie sentada com meu pai, os Morettis, e alguns outros convidados do casamento. Ela realmente parecia miserável. Mas a ideia de ter que confessar meus sentimentos por ela na frente de uma centena de pessoas era aterrorizante. — Eu não poderia simplesmente pedir desculpas por ser um idiota na noite passada e dizer todas as coisas assustadoras mais tarde?

Moretti fez barulho de cacarejar.

— Não. — Bianca riu e me deu um empurrão. — Vá buscá-la, cowboy. Então nos encontre na frente para o brinde.

Com meu coração batendo forte no peito e minhas pernas tremendo, fui até a mesa de Maddie. Os garçons estavam distribuindo taças de champanhe, mas enquanto todos com quem ela se sentava tinham bebidas em suas mãos e sorrisos em seus rostos, Maddie permanecia em um silêncio rígido, com o rosto pétreo e as mãos no colo. No momento em que ela me viu, ela se levantou. O olhar em seus olhos, parte medo, parte determinação, como se ela estivesse convocando a bravura para me enfrentar, perfurou meu coração.

— Ei, — eu disse. — Eu preciso falar com você.

— Na verdade, não tenho tempo para conversar. Minha carona está quase aqui.

Balancei minha cabeça em confusão. — Sua carona?

— Sim. Chamei um carro. Estou indo embora. — Ela olhou para a mesa e baixou a voz. — Eu só estava esperando você terminar com as fotos, porque não queria deixar seu pai sozinho.

— Mas você não pode sair *agora*.

— Sinto muito, Beckett. Eu tenho que ir. — Seus olhos se encheram de lágrimas quando ela olhou para o lado. — Por favor, não torne isso mais difícil do que já é.

— Mas...

Maddie se virou para a mesa. — Acho que tenho que sair, — disse ela ao grupo. — Eu não estou me sentindo muito bem. Mas foi bom ver vocês, e

espero que todos vocês aproveitem a noite. — Inclinando-se, ela beijou meu pai na bochecha, depois se endireitou e passou correndo por mim.

Eu corri atrás dela, pegando seu braço na parte de trás da tenda.

— Deixe-me ir, Beckett, — ela implorou. — Eu tenho que ir para casa.

Suas palavras dispararam um alarme na minha cabeça. — Casa onde?

— Vou voltar para Ohio hoje à noite. Já disse a Elliott para fazer as malas.

Meu coração parou. — Não. Você não pode sair assim.

Ela olhou para o telefone. — Minha carona já está aqui.

— Cancele.

— Não. — Lágrimas enormes escorreram de seus cílios negros e grossos.

— Eu não pertenço aqui.

Eu estava prestes a discutir com ela quando a voz de Bianca veio pelo sistema de som pedindo que a festa de casamento se apresentasse à mesa principal para o brinde.

— Foda-se, — eu disse calmamente.

— Vá, — ela disse desesperadamente, puxando seu braço do meu alcance. — Por favor.

Mas eu não suportava vê-la se afastar de mim novamente. Eu assisti isso acontecer aos dezoito anos sob o bordo e novamente sete anos atrás em Nova York. Recusei-me a deixar isso acontecer novamente.

— Não faça isso. Não saia. — Eu apertei a mão dela. — Por favor. — Antes que ela pudesse responder, me virei e corri para a mesa principal, onde peguei o microfone da mão de uma atordoada Bianca. — Eu tenho que dizer algo antes de fazer o brinde, — eu disse a todos na mesa principal. — Está tudo bem?

— Claro que está tudo bem, — disse Cole, porque ele era esse tipo de amigo.

Cheyenne encontrou meus olhos em pânico e sorriu. — Faça.

Griffin, Blair e Moretti também estavam lá, de queixo caído em estado de choque.

Encarei a multidão e falei no microfone. — Uh, oi todo mundo.

— Beckett. — Cole puxou uma cadeira e me empurrou em direção a ela. — Suba aí para que ela possa ver você.

Sem pensar duas vezes, subi na cadeira e localizei Maddie exatamente onde eu a deixei, os olhos arregalados em choque.

— Boa noite. Posso ter sua atenção, por favor?

Esperei um momento enquanto os convidados ficavam mais quietos e meu coração batia mais alto.

— Meu nome é Beckett Weaver, e estou honrado em fazer o brinde esta noite para Cole e Cheyenne. Aqueles de vocês que me conhecem, que são a maioria de vocês, esta é uma cidade pequena... — fiz uma pausa quando o riso percorreu a multidão — ...você sabe que não sou um grande falador.

Então, subir aqui assim é muito assustador. Mas às vezes você tem que enfrentar seus medos, porque a recompensa vale o risco.

Olhei para Maddie novamente. Seu rosto estava pálido.

—A vida pode ser difícil, — disse, ganhando confiança. —Há contratempos e lutas. Perdas e dores de cabeça. Às vezes parece que nada está sob nosso controle, e é tentador viver em um estado constante de medo, sempre em guarda, sempre procurando a próxima tempestade no horizonte, sempre pronto para correr de volta para dentro e se proteger da chuva. — Fiz uma pausa e respirei, meus olhos ainda focados em Maddie. —Mas isso não é jeito de viver. E não é maneira de amar.

Suas bochechas agora estavam manchadas de vermelho.

—É por isso que devo desculpas a alguém, e Cole e Cheyenne são tão bons amigos, que eles estão me deixando antecipar o brinde do casamento deles. — Eu brevemente olhei para a noiva e o noivo, e eles sorriram em encorajamento. —Prometo a eles, e a todos vocês... — meus olhos percorreram a multidão —...eu vou chegar lá em um minuto. Mas antes de perder minha coragem, preciso dizer algo para a garota que esperei por toda a minha vida. Porque eu estraguei todas as chances que tive de dizer a ela o que ela significa para mim, e tenho medo de deixar esse momento passar por mim, vou perdê-la para sempre.

Várias pessoas ao meu redor engasgaram. Fiz uma pausa, e o medo quase levou o melhor de mim, mas me forcei a encontrar seus olhos e dizer as palavras na minha cabeça.

—Maddie, sinto muito. Você me perguntou se depositava suas esperanças no impossível e eu disse que sim. Você me pediu um motivo para ficar, e deixei que o orgulho me impedisse de lhe dar um. Você disse que sempre procura o amor nos lugares errados, mas isso não é verdade. Desta vez, você procurou o amor exatamente onde ele estava o tempo todo.

— Coloquei meu punho sobre meu coração, e várias mulheres sentadas perto suspiraram alto. — Eu te amo, Maddie Blake, e não vou deixar você ir desta vez.

Maddie tinha as duas mãos sobre a boca agora e seus ombros estavam tremendo, eu não tinha certeza se ela estava rindo ou chorando, e poderia ter sido os dois. Mas eu tinha que continuar.

— Cole e Cheyenne e Mariah, — Olhei para os recém-casados e sua filha, que sorriu para mim. — são um exemplo perfeito da coragem e do compromisso que é preciso para começar uma vida juntos. Eles fazem com que pareça fácil porque são uma família tão linda, mas acho que cada um deles diria a você que eles tiveram que lutar por este momento.

Cheyenne acenou com a cabeça e enxugou os olhos, e Cole colocou um braço em volta da esposa e da filha. Seus olhos também estavam brilhando.

— Mas eles nunca desistiram, porque sabiam que a vida que teriam juntos valeria a pena. — Procurei Maddie novamente. — Não importa as probabilidades, o amor sempre vale a pena lutar.

— Ouça, ouça! — Moretti gritou atrás de mim.

Olhando por cima do ombro, sorri para o noivo. — Eu nunca pensei que veria Cole mais feliz do que no dia em que ele lançou muito bem durante nosso último ano, mas devo dizer, ele parece muito feliz hoje.

Cole riu junto com a multidão, e Cheyenne sorriu em meio às lágrimas.

— Cheyenne, você é como uma irmã para mim e ninguém assistiu a tantos jogos do Bellamy Creek Bulldogs quanto você, então é uma alegria ver você se casar com um homem que realmente te merece.

Rindo, a noiva tocou o coração e enxugou os olhos.

Pegando uma taça de champanhe da mesa e erguendo-a, eu disse: — Para Cole e Cheyenne, que vocês sejam tão felizes juntos para sempre quanto são hoje, e que todos nós tenhamos a sorte de compartilhar essa jornada com vocês. Saúde.

— Saúde! — Ecoou a multidão, seguido pelo tilintar de copos.

Eu nem tinha descido da cadeira quando alguém começou a aplaudir. Completamente envergonhado, olhei em volta e fiquei chocado ao ver meu pai de pé, batendo palmas devagar, mas alto, parecendo tão orgulhoso de mim como se eu tivesse derrubado um vencedor do jogo. Uma por uma, as pessoas ao seu redor se levantaram e se juntaram aos aplausos. Logo todos sob a tenda estavam de pé e torcendo, e eu percebi que Maddie estava vindo em minha direção. Com meu coração martelando no peito, desci da cadeira e entreguei o microfone para Bianca assim que Maddie me alcançou.

— Você quis dizer isso? — Ela disse, com lágrimas escorrendo de seus olhos.

— Sim.

— Ótimo, porque cancelei minha viagem. — Então ela jogou os braços em volta do meu pescoço e apertou com força, seu rosto enterrado no meu pescoço. Passei meus braços em volta dela e a levantei do chão enquanto nossos amigos assobiavam e gritavam.

Foi o momento mais estimulante e mortificante de toda a minha vida, mas eu não teria trocado por nada.

— Isso significa que você me perdoa? — Eu perguntei a ela.

— Sim, — veio sua resposta abafada.

O coordenador do casamento começou a falar ao microfone, dizendo a todos que o jantar agora seria servido, se por favor, sentassem.

Eu a coloquei de pé e a peguei pela mão. — Vamos.

Tie Me Capítulo Vinte e Dois *Down*



Maddie

Beckett me puxou através da multidão, para fora da tenda, através do gramado e ao redor da lateral da casa. Uma vez que estávamos completamente fora de vista, ele me girou e esmagou sua boca na minha. Eu derreti em seus braços, e ele me tirou do chão mais uma vez. Não foi nosso primeiro beijo, mas parecia novo. Não foi nosso último beijo, mas foi preenchido com a profunda dor de saudade. Não foi um beijo que acompanhou os votos, mas foi uma promessa do mesmo jeito. Me senti para sempre naquele beijo, até os dedos dos pés.

—Beckett, — eu sussurrei contra seus lábios. —Você quis dizer o que disse?

— Você já me perguntou isso.

Rindo, me contorci para que meus saltos estivessem no chão, mas mantive meus braços em volta de seu pescoço. —Eu sei, mas isso parece tão irreal. Eu tenho que ter certeza de que não é um sonho.

Melanie Harlow

—Sim, eu quis dizer tudo isso. Eu disse exatamente o que estava sentindo. Só não me lembro quais eram as palavras agora porque a experiência foi tão assustadora que tive que bloqueá-la da minha memória.

—Não se preocupe. Lembro-me de tudo. E tenho certeza de que há um vídeo.

Ele gemeu. —Excelente.

Pressionei meus lábios nos dele mais uma vez. —Provavelmente deveríamos voltar para a recepção, não acha?

—Sim. Devo ter certeza de que meu pai está bem. E eu tenho alguns deveres de padrinho de casamento. Acho que tenho que dançar com Mariah.

—Awwnn. — Eu ri e puxei seu lóbulo da orelha. —Mal posso esperar para ver isso. Talvez você me guarde uma dança também?

—Certo. — Ele me bateu de volta contra a parede de tijolos da casa, seus quadris prendendo os meus. —Mas mal posso esperar para chegar em casa.

Sorri, meus olhos fechando, meu corpo inteiro zumbindo. —Eu também não posso. Oh! — Meus olhos se abriram. —Eu preciso deixar Elliott saber que ele pode parar de fazer as malas e chorar e me odiar.

Beckett riu. —Ele não estava pronto para ir?

—Bem no meio de sua festa do pijama com Daisy? Nem um pouco. — Suspirei. —Mas temos que partir amanhã.

Pegando minha mão, ele começou a caminhar de volta pelo gramado em direção à barraca. —Tudo bem. Eu sei que temos muito o que conversar, mas não importa o que aconteça, vai ficar tudo bem.

—Promessa? — Olhei para ele, meu coração pulando uma batida.

Ele apertou minha mão. —Promessa.

Ao nos encaminharmos para a mesa onde seu pai e os Morettis estavam sentados, sentimos olhos em nós de todos os lados. Algumas pessoas sorriam, outras batiam palmas silenciosamente, outras sussurravam e suspiravam. Quando ela nos viu, a Sra. Moretti se levantou de um salto.

—Beckett Weaver! Você me fez chorar! — Ela repreendeu, jogando os braços ao redor dele.

—Desculpe, — ele murmurou, olhando para mim impotente por cima do ombro.

—Não, não se desculpe. Isso foi simplesmente lindo. — Ela me abraçou também e pegou um lenço de papel de sua bolsa de noite. —Mas este é meu último lenço de papel, então espero ter terminado de chorar esta noite.

O Sr. Weaver levantou-se e depois me chocou colocando os braços ao redor de Beckett. Eu nunca tinha visto nenhum tipo de afeto físico entre eles. Pelo olhar em seu rosto, Beckett estava tão surpreso.

— Você a encontrou, — disse ele, batendo nas costas do filho algumas vezes antes de deixá-lo ir. — E você nem precisava de um mapa.

— Obrigado, pai. Eu fiz o que você disse.

Seu pai parecia confuso. — O que eu disse para fazer?

— Acertar.

O Sr. Weaver acenou com a cabeça satisfeito. — Foi um bom conselho.

Beckett apontou para o servidor que colocava pratos de salada na mesa. — Parece que está na hora do jantar. Você quer que a gente sente com você aqui?

— Não, não, vá sentar-se com seus amigos. — Sra. Moretti acenou para nós em direção à mesa principal. — Você não precisa se sentar com os velhos.

— Obrigado. — Beckett deu a ela um sorriso agradecido. — Vou voltar logo após o jantar.

— Vá, — disse ela, sorrindo melancolicamente para nós. — Divirtam-se.

Depois de dar a boa notícia a Elliott, Beckett e eu fomos ao bar e nos sentamos na mesa principal com Cole e Cheyenne, Griffin e Blair, e Enzo e Bianca, que não paravam de falar sobre o brinde.

—Eu me senti como se estivesse assistindo a um filme, — disse Blair com entusiasmo. —Eu não tinha ideia do que iria acontecer a seguir.

—Eu também não. — Beckett pegou sua cerveja. —Eu estava morrendo de medo.

Embaixo da mesa, esfreguei sua perna. —Você foi perfeito.

—Quando você subiu naquela cadeira, eu não conseguia nem respirar. — Bianca abanou o rosto com as duas mãos, chorando novamente. —Eu sabia o que esperava que acontecesse, mas não tinha certeza se você realmente faria.

—Desculpe por sequestrar sua recepção de casamento, — Beckett disse a Cole e Cheyenne.

O noivo balançou a cabeça. —Não se desculpe.

—Você está de brincadeira? Você tornou isso inesquecível! — Cheyenne gritou. —Eu amei absolutamente tudo nele!

—Eu também, — disse Bianca. —Você fez mais do que apenas 'elogios para a noiva e o noivo,' sabe? Você fez isso sobre algo maior. Algo com o qual todos se identificam.

—Eu gostei da parte sobre meu jogo. — Sorrindo, Cole recostou-se na cadeira e colocou um braço em volta da esposa. —Obrigado por trabalhar nisso.

—Eu tenho que perguntar, Weaver, que diabos te deu coragem para fazer isso? — Griffin perguntou.

—Uma combinação de coisas. — Beckett tomou outro gole de sua cerveja. — Algo que meu pai disse ontem à noite. Algo que minha irmã disse esta tarde. Vocês que me deram merda no pátio.

—Nós lhe demos alguma merda, — disse Cole. —Eu me senti mal depois disso.

—Não, eu precisava ouvir isso. Vocês estavam certos. Eu estava sendo teimoso. — Ele olhou para Bianca do outro lado da mesa. — Na verdade, foi algo que Bianca disse um pouco antes da cerimônia que me levou ao limite.

Ela sorriu com conhecimento de causa. — Estava lá o tempo todo.

—O que ela disse? — Enzo perguntou, intrigado.

Beckett parecia um pouco envergonhado. —Eu estive reclamando que não havia prova de que as pessoas ficavam por aqui para sempre, que as pessoas iam embora quando as coisas ficavam difíceis. E ela apontou para vocês três rapazes e disse: ‘Aí está sua prova bem aí.’ E ela estava certa. De repente, ficou tão óbvio para mim. Durante a cerimônia, comecei a pensar em todas as vezes que estivemos lá um pelo outro, como nossas famílias inteiras sempre estiveram lá um para o outro. E tudo fazia sentido. Os sentimentos podem não ser uma escolha, mas suas ações são. — Ele olhou para mim. — E quando a vi prestes a se afastar novamente, fiz uma escolha e subi em uma cadeira.

Eu não conseguia falar, estava tão emocionada, então apenas coloquei minha testa em seu ombro. Ele beijou o topo da minha cabeça.

Blair suspirou. — E eles viveram felizes para sempre.

— De nada, — disse Bianca, pegando sua taça de vinho. — Por cent'anni!

— *Per cent'anni!*⁴ — todos ecoaram.

— E foda-se os Mavs, — acrescentou Beckett, Cole, Enzo e Griffin de uma vez.

As mulheres à mesa trocaram um rolar de olhos e um sorriso.

— Para as *senhoras* do beisebol de velho, — disse Cheyenne, segurando sua taça de vinho mais uma vez. — Porque eles não seriam nada sem fãs.

— Sim! — Blair estendeu a mão com sua taça de champanhe e bateu na taça de Cheyenne. — E para o clube do livro! Só para Maddie saber, o beisebol de velho não é a única coisa que fazemos por aqui.

— Eu vou beber a isso. — Bianca adicionou sua taça de Martini e olhou para mim. — Como você se sente sobre vampiros adolescentes, Maddie?

Eu levantei meu copo. — Na verdade, sempre fui Team Edward.

Bianca sorriu. — Bem-vindo de volta a Bellamy Creek.

Mais tarde naquela noite, Beckett e eu deitamos nos braços um do outro enquanto nossa respiração lentamente voltava ao normal.

4 Por cem anos

— Acha que estávamos barulhentos? — Perguntei nervosamente, pensando em Mallory tentando dormir no quarto de beliche com Daisy e Elliott.

— Eu não me importo.

— Mas sua irmã é...

— Depois da palestra que ela me deu esta tarde, ela merece ser acordada pelo som de nós fazendo sexo.

Eu sorri. — O que ela disse?

— Ela me deu as palavras duras. Me chamou de algumas coisas.

— Como o quê?

— Assustado e teimoso. — Ele fez uma pausa. — E ela estava certa.

Eu beijei seu peito. — Você recobrou os sentidos na hora certa.

Ele me puxou para mais perto. — Eu sei que você tem que sair amanhã. Mas quando vou te ver de novo?

— Assim que eu puder ir embora. — Suspirei. — Acho que Sam deve ter Elliott no próximo fim de semana, mas se Elliott souber que estou vindo aqui para uma visita, sei que ele vai querer vir comigo.

— Ele está sempre convidado.

— Obrigada.

— Devemos conversar sobre o que vem a seguir?

Apoiei minha cabeça em uma mão para que pudesse olhar para ele. — Agora mesmo?

Ele riu. — Sim. Sei que não teremos todas as respostas de imediato, mas posso dizer o que espero que venha a seguir.

— Me diga.

— Espero que você encontre uma maneira de voltar aqui.

Meu coração disparou. — Mesmo?

— Sim. Não quero pressioná-la e sei que é complicado com Sam e Elliott e seu trabalho, mas qualquer coisa que eu puder fazer para facilitar para você, diga a palavra.

— Você poderia começar me dando o motivo que pedi, — provoquei.

Ele riu e se virou, me virando embaixo dele. — Porque eu quero estar com você o tempo todo. Porque você me faz feliz. Porque você pertence aqui comigo.

— Aqui?

— Bem aqui. — Ele me beijou suavemente. — Quando você estiver pronta, quero que more aqui comigo. Eu quero que esta seja sua casa. E de Elliott.

— Você não acha que isso está apressando?

— Eu não me importo. Cansei de ter medo de cometer um erro.

Meu corpo inteiro formigou. — Isso soa bem. Mas talvez você deva falar com seu pai sobre isso primeiro?

— Eu vou falar com ele. Mas não tenho dúvidas de que ele ficará feliz com isso. E mesmo que ele queira que você passe todo o seu tempo com ele, vou contratar alguém. Você pode encontrar outro emprego de enfermagem pediátrica, se quiser.

— Podemos nos preocupar com isso no futuro. Provavelmente encontraria outro trabalho de enfermagem pediátrica, mas primeiro haverá problemas de licenciamento. E mesmo que a mudança aconteça, não acho que será imediatamente.

— Você quer dizer que eu tenho que ser paciente? — Ele franziu a testa.
— Foda-se isso.

Eu ri. — Sim. Preciso falar com Elliott primeiro. Tenho a sensação de que ele adoraria morar aqui, mas preciso ter certeza disso antes mesmo de trazer isso à tona para Sam.

— Eu entendo. — Seus lábios encontraram os meus novamente. — E se ele não quiser por algum motivo, nós cuidaremos disso. Ainda estaremos juntos.

— Talvez se disséssemos que Elliott pudesse nomear sua própria cabra. .
.

Beckett riu e rolou de costas, levando-me com ele. — Ele pode nomear todas elas. Não estou acima de suborná-lo com cabras para ter você comigo.

—Pode levar algum tempo, — me esquivei.

—Eu esperei anos para te amar do jeito que eu deveria amar, Maddie. Eu posso ser paciente. — Ele tirou meu cabelo do rosto. —Eu quero para sempre com você.

—É seu, Beckett. — Meu coração bateu forte contra o dele. —Eu acho que sempre foi seu.

Tie Me Capítulo Vinte e Três *Down*



Maddie

Um ano depois

—Maddie? — Amy abriu a porta do quarto de hóspedes e enfiou a cabeça para dentro, um sorriso enorme no rosto. — Já é a hora.

Eu encontrei seus olhos no espelho de corpo inteiro que eu estava na frente. — Estou pronta. Você pode entrar.

Seu sorriso ficou ainda mais brilhante quando ela entrou na sala. — Oh, — ela respirou, seus olhos lacrimejando. — Você está tão bonita!

—Não é? — Cheyenne moveu um dos meus cachos de trás do meu ombro para a frente.

—O vestido foi exatamente a escolha certa, — disse Blair de onde estava sentada na cama, apoiada em um braço e a outra mão na barriga de grávida. Ela estava grávida e a qualquer dia agora o garotinho nasceria, e ela e Griffin tinham acabado de se mudar para sua casa nova, construída

Melanie Harlow

no lote de terra que Beckett vendeu a eles perto do lago. Cada vez que pensava em nossos filhos crescendo juntos, isso me deixava feliz.

Olhando no espelho, toquei minha barriga e escondi o sorriso que tentava revelar meu segredo. Eu nem tinha contado a Beckett ainda. Eu mesmo só confirmei dois dias antes. Olhei para o corpete de renda do meu vestido, com seu decote em V e alças finas. A saia de chiffon macia caiu em ondas suaves para o chão, um pouco demais para um casamento minúsculo no quintal, talvez, mas não me importei. Tudo sobre hoje foi perfeito. Beckett e eu daríamos o nó logo abaixo do bordo onde ele me beijou pela primeira vez. Onde, quase um ano atrás, ele me pegou em seus braços e me disse que não queria me soltar. Onde, há dois meses, no meu trigésimo quarto aniversário, ele me trouxe para o balanço e se ajoelhou.

—Maddie Blake, — disse ele, abrindo uma caixa de anel para revelar uma pedra rosa deslumbrante cercada por minúsculos diamantes e incrustada em ouro rosa. —Eu sinto como se tivesse esperado por este momento toda a minha vida.

—Oh meu Deus, — sussurrei, minha visão borrada com lágrimas.

—Você me fez acreditar em tantas coisas, — disse ele. —Amor, compromisso e confiança. Você me fez querer coisas que nunca pensei que gostaria, como uma casa cheia de crianças. Você torna minha vida melhor a cada dia, você me torna melhor. — Ele tirou o anel do veludo e colocou-o no meu dedo.

—Você já fez isso? — Uma vozinha familiar gritou de cima.

Confusa, olhei para cima e vi Elliott pendurado em um galho no alto da árvore.

— Ainda não, — Beckett gritou de volta. — Eu estou prestes! — Ele encontrou meus olhos. — O que você disse? Você quer se casar comigo?

— Sim, — eu disse, rindo através das lágrimas. — Sim! — Eu gritei para a árvore.

— Sim! — Elliott gritou acima de nós.

Ficando de pé, joguei meus braços ao redor de Beckett e ele me levantou do chão. Agora era o dia do nosso casamento e ainda me sentia como se estivesse nas nuvens.

— As flores em seu cabelo são perfeitas, — disse Bianca de seu lugar ao lado de Cheyenne. — Deus, vou chorar só de olhar para você.

— Você já chorou umas dez vezes hoje, — eu disse, rindo.

— Não é minha culpa. São os bebês. — Ela colocou a mão na barriga, que também era deliciosamente grande e redonda, seus gêmeos, um menino e uma menina, que nasceriam em oito semanas. — Choro em tudo dez vezes por dia.

— O mesmo, — disse Blair com um suspiro. — Ooh. — Ela mudou de posição. — Este bebê não está feliz hoje. E eu juro por Deus que ele está sentado na minha bexiga.

Aproximei-me e falei com seus estômagos. — Ei, dê um tempo para suas mães hoje, tudo bem? Pare de fazê-las chorar.

—Não adianta, — disse Cheyenne. —Tenho certeza de que todos nós choraremos durante esses votos.

Blair fez uma careta. —Neste ponto, só espero não molhar minhas calças.

Eu ri. —Eu me lembro desse sentimento. E por falar no meu filho. . . — Fui até o banheiro, onde Elliott e Daisy estavam se arrumando, e bati na porta. — Vocês estão prontos?

—Com certeza estão, — disse Mallory, que estava ajudando as crianças a se prepararem.

Um momento depois, Elliott e Daisy entraram na sala em vestidos rosa combinando que eles próprios escolheram, sorrisos gigantescos em seus rostos. Daisy usou seu vestido com sandálias, mas Elliott usou o dele com um novo par de botas, marrom desta vez, para combinar com o de Beckett.

—Uau! — Disse Blair. — Vocês estão ótimos.

Elliott se aproximou e passou os braços em volta da minha cintura, me abraçando com força. Então ele inclinou a cabeça para trás. — Você está tão bonita.

—Obrigada.

Eu sorri para seus olhos castanhos, pensando em quão sortuda eu era. Elliott pulou com a ideia de se mudar para o rancho de Beckett. Sam hesitou no início, mas acabou concordando com a mudança. Elliott e eu estávamos passando quase todos os fins de semana aqui de qualquer maneira. Sem dúvida, ele também foi persuadido pelo fato de que ele e sua

namorada poderiam se mudar para a casa assim que eu a desocupasse. Elliott conseguiu manter seu quarto lá e visitava seu pai uma vez a cada seis semanas, com Sam e eu nos encontrando em um ponto no meio do caminho entre Cincinnati e Bellamy Creek para a transferência.

Não era exatamente o mesmo que ter um pai ativo todos os dias, mas Elliott tinha 'Vovô Eugene' e Beckett em sua vida agora, e eu não poderia ter pedido modelos mais cuidadosos e pacientes. Elliott perguntou se ele poderia chamar Beckett de 'Pai,' e Beckett respondeu: — Claro. — Ele agiu como se não fosse grande coisa, mas eu o notei se virar e limpar a garganta. Eu mesma comecei a chorar.

No fim de semana em que mudamos, a nova cuidadora de meio período do Sr. Weaver ficou no rancho e Beckett veio a Cincinnati para ajudar. Nós passamos nosso primeiro Natal aqui com a neve no rancho e não nos importamos nem um pouco. Elliott começou na minha antiga escola primária em janeiro, e ele amava seu professor da primeira série, o Sr. O'Brien, quase tanto quanto amava que o beliche agora era todo seu. Passamos um fim de semana pintando as paredes de rosa e dando um tema de unicórnio. Daisy vinha muitas vezes para ficar, e os dois eram escorregadios como ladrões.

Encontrei um emprego de meio período em um consultório de pediatria na cidade, o que era perfeito porque me permitia passar alguns dias em casa também, ajudando a manter a casa em ordem e o Sr. Weaver seguro e ocupado. Ele tinha um zelador nos dias em que eu trabalhava, mas sempre me dizia que gostava mais dos dias que passávamos juntos. Fazíamos

obrigações, almoçávamos na padaria de Blair, caminhávamos pelas ruas do centro se o tempo estivesse bom e, todos os dias, ele saía e encontrava Elliott quando ele descia do ônibus. Assisti-los voltar para casa juntos foi adorável. Eu tinha uma família, como sempre sonhei.

—Papai está pronto para receber você lá embaixo, — disse Amy. —E todos estão aqui.

—Os caras já estão lá fora? — Perguntou Blair.

Amy acenou com a cabeça. —A barra está limpa.

—Certo. — Respirei fundo e dei uma última olhada no espelho. De repente, me lembrei da noiva da loja de vestidos no dia em que compareci à prova final de Cheyenne, o dia em que comprei o vestido azul que usei no casamento deles. Lembro-me de ter olhado para aquela noiva radiantemente feliz me perguntando se eu algum dia me sentiria tão animada, tão esperançosa, com o amor novamente.

Agora eu tinha minha resposta.

Eu me virei e sorri. —Estou pronta.

O Sr. Weaver estava sentado no sofá da grande sala quando desci as escadas. Ele usava calça social e seu paletó esporte favorito de 1991, seu cabelo branco estava recém-cortado e bem penteado, e sua camisa branca e

gravata rosa combinavam com as de Beckett. Todos os caras estavam usando gravatas rosa hoje, em homenagem a Elliott, Beckett o deixou escolher a cor. E embora nosso casamento não fosse realmente formal o suficiente para ter damas de honra e padrinhos oficiais, os amigos de Beckett insistiram em usá-los também.

Quando ele me viu, o Sr. Weaver se levantou. — Bem, olhe para você, — disse ele, sorrindo amplamente. — Toda crescida.

Eu ri quando cheguei ao fim da escada. Sua memória ainda pregava peças cruéis nele às vezes, mas ele sabia quem eu era. — *Você é a Maddie de Beckett*, — ele às vezes dizia, como se lembrando a si mesmo. Ocasionalmente, ele me apresentava às pessoas dessa forma, e nunca me importei.

— Crescida, — repeti.

— Dê uma volta. Me deixe olhar para você.

Eu o fiz, girando em um círculo lento.

— Linda, — disse ele.

Sorri. — Obrigada.

Elliott e Daisy desceram correndo as escadas, seguidos por Blair e Bianca, que se moveram lenta e cuidadosamente, segurando o corrimão. — Por mais que eu adorasse defender você, estou meio que feliz por você ter decidido não ter damas de honra, — disse Bianca enquanto alcançava o fundo e cambaleava em minha direção. — Eu teria parecido um dirigível rosa gigante em um vestido de dama de honra.

—O mesmo, — disse Blair, parando no patamar para estremecer e colocar a mão sob a barriga.

—Você está bem? — Perguntei.

—Tudo bem. Eu só preciso ir sentar. — Ela se aproximou e me deu um abraço.

—Eu também, — Bianca disse se desculpando, me abraçando. —Meus estúpidos tornozelos estão inchados.

—Tudo bem. — Eu sorri. —Obrigada por tudo. Eu vejo você lá fora.

Cheyenne me abraçou também, e nós quatro ficamos de mãos dadas por um momento. —Estou tão feliz, —disse Blair, com os olhos marejados.

—Eu também, — fungou Bianca.

—Comigo são três. — Cheyenne riu, com os olhos enevoados. —Fico pensando em como nossas famílias vão crescer juntas e nossos filhos serão tão próximos que se chamarão de primos e teremos tantas coisas para comemorar, feriados e aniversários e férias e jogos de beisebol dos velhos.

Nós rimos, e elas se dirigiram para fora para se sentar.

—Você sabe o que fazer, pai? — Amy perguntou, vindo em minha direção com minhas flores na mão.

—Eu sei o que fazer, — ele insistiu. —Acabei de fazer isso para o seu casamento um pouco atrás.

Amy, que está casada há quinze anos, me deu uma olhada enquanto me entregava o pequeno buquê de rosas em vários tons de rosa.

— Estamos bem, — assegurei a ela. — Honestamente, não há realmente nenhuma maneira de bagunçar isso. Estamos seguindo Daisy e Elliott para a varanda, descendo os degraus e indo até a árvore.

— Tudo bem, — disse ela, beijando minha bochecha. — Eu vou sentar.

Eu me virei para o Sr. Weaver. — Acho que estou pronta.

Ele me ofereceu o braço. — Eu sei que você está.

Seguimos Elliott e Daisy até o pátio, ficando perto de casa. Sorrindo, observei a cena com amor e orgulho. Tudo era tão familiar para mim agora, o celeiro vermelho desbotado, o cercado, o cercado das cabras, o galinheiro, o jardim, o grande e velho bordo, os campos além. O sol do fim da tarde de verão brilhava, banhando tudo com uma luz resplandecente e cintilante. Estava em casa, e eu não poderia ter amado mais.

No lado oeste da casa, uma tenda foi montada, e os fornecedores estavam preparando e estabelecendo um buffet casual, porco desfiado, frango com bourbon de bordo, verduras misturadas com morangos Michigan e vinagrete de champanhe, macarrão com queijo gourmet. Blair tinha insistido em assar nosso bolo de casamento, um lindo confeito de três camadas que parecia bom demais para comer. Cerca de duas dúzias de convidados sentaram-se em cadeiras colocadas em fileiras de frente para a árvore, sob as quais um oficiante esperava. Embora eu só pudesse vê-los de costas, eu sabia que todos que eram importantes para nós estavam aqui: toda a família de Beckett, os pais de seus três melhores amigos e vários membros dos Bellamy Creek Bulldogs.

O guitarrista começou a tocar a música que Beckett e eu tínhamos escolhido: 'Blackbird' dos Beatles, e uma brisa quente acariciou minha pele. Um momento depois, Beckett, Enzo, Cole e Griffin deram a volta pela lateral da casa e tomaram seus lugares na sombra sob o bordo. Minha respiração ficou presa quando o vi, alto, largo e lindo em seu terno azul. Depois de todo esse tempo, eu mal conseguia acreditar que ele era meu. Mais uma vez pensei no segredo que eu tinha e qual seria a reação dele quando eu o compartilhasse.

— Tudo bem, — sussurrei para Daisy e Elliott. — Vocês podem ir.

Juntos, assim como eles insistiram, eles desceram lado a lado os degraus do pátio, atravessaram o quintal e desceram o curto corredor entre as fileiras. Cada um deles espalhou pétalas de flores de cestas que seguravam nas mãos. Os convidados sorriam para eles enquanto se dirigiam para a frente.

— Maddie, — disse o Sr. Weaver.

— Sim?

— Estou orgulhoso de você.

Comovida, olhei para ele com surpresa. Eu não tinha certeza se alguém já havia dito essas palavras para mim antes. Minha garganta ficou apertada e eu engoli em seco. — Obrigada.

Seus olhos azuis desbotados me olharam pensativamente. — Você nunca teve um pai.

Eu balancei minha cabeça. — Eu nunca tive.

— Você tem agora. — Ele deu um tapinha na minha mão.

Meu coração estava muito cheio para responder, mas sorri.

Todos os olhos estavam em mim enquanto eu caminhava em direção a Beckett, mas ele era tudo que eu podia ver. Atrás dele, todos os três amigos estavam sorrindo, mas sua expressão era terrivelmente séria quando me aproximei. Ele quase parecia ter dezoito anos de novo, como se ele quisesse desesperadamente me beijar, mas estava nervoso sobre o que aconteceria se ele o fizesse. Seus olhos azuis estavam brilhantes e cheios de amor.

Quando o alcançamos, seu pai apertou sua mão e deu um tapinha em suas costas. — Eu disse que você se casaria com aquela garota do outro lado da rua, — disse ele em voz alta.

Todos riram, incluindo Beckett. — Você estava certo, pai.

O Sr. Weaver me abraçou e beijou minha bochecha antes de se sentar ao lado de Amy na primeira fila. Eu me virei para enfrentar Beckett assim que outra brisa farfalhou as folhas acima de nós e soprou meu cabelo um pouco fora do lugar. Ele estendeu a mão e docemente escovou atrás do meu ombro novamente. Seus olhos estavam brilhando. Olhando para ele, pensei que meu coração poderia explodir no meu peito.

— Eu te amo tanto, — sussurrei. — Desculpe, eu sei que ainda não é hora de dizermos isso.

Ele balançou sua cabeça. — Você nunca precisa se preocupar com isso. Sempre vou querer ouvir essas palavras. E eu te amo também.

— Senhoras e senhores, é um grande privilégio apresentar a vocês pela primeira vez, Sr. e Sra. Beckett Weaver.

A multidão aplaudiu quando Beckett passou os braços em volta de mim e me beijou com tanta força que minhas costas se curvaram dramaticamente e pensei que ele poderia nos derrubar. Mas seu abraço foi forte e sólido, e ele nos endireitou novamente um momento depois. Voltamos pelo corredor enquanto nossos amigos e familiares batiam palmas e assobiavam, Elliott e Daisy nos seguindo. Caminhamos em direção à casa por um momento a sós, sabendo que Amy estava guiando todos em direção à tenda.

Assim que entramos em casa e sumimos de vista, Beckett me envolveu em seus braços novamente, pressionando seus lábios nos meus em um beijo muito mais longo, profundo e intenso do que ele me deu lá fora. Quando ele finalmente levantou a cabeça, eu estava ofegante.

— Sr. Weaver, você tirou o fôlego de sua esposa, — disse a ele.

— Bom. — Ele sorriu preguiçosamente.

— Mas estou prestes a retribuir.

— Oh sim? — Uma de suas sobrancelhas ergueu-se, como se ele não acreditasse em mim.

— Sim. *Papai.*

Sua sobrancelha caiu. Em seguida, sua mandíbula. Ele piscou. — O que?

Eu ri. — Você me ouviu.

— Você quer dizer... — Ele olhou entre nós para o meu estômago. — Não.

— Sim.

— Mas... — Ele me soltou e me segurou com o braço estendido, olhando para o meu meio. — Como isso é possível?

— Depois que ficamos noivos e conversamos sobre começar uma família, parei de tomar a pílula.

— E você tem certeza?

Eu concordei. — Tenho certeza. Eu fui ao médico na quinta.

— Oh meu Deus. — Ele me pegou em seus braços novamente e me segurou com força, balançando-me suavemente de um lado para o outro.

— Você está feliz? — Perguntei.

Quando ele finalmente falou, sua voz era apenas um sussurro. — Sim.

—Eu tenho outra consulta em algumas semanas para o primeiro ultrassom. Quer ir comigo?

—Claro que eu quero. — Ele se afastou e pegou meu rosto em suas mãos, seus olhos brilhantes de repente preocupados. — Como você está se sentindo? Você está bem? Você deveria se sentar? Posso pegar algo para você?

Eu ri. — Estou bem. Eu me sinto ótima. Só um pouco cansada.

Ele sorriu. — Um irmão ou irmã mais novo para Elliott. Ele já sabe?

—Não. Talvez possamos contar a ele juntos amanhã?

—Sim. E meu pai também. — Ele balançou a cabeça, como se estivesse surpreso. — Eu não posso acreditar nisso. Como eu tive tanta sorte?

De repente, a porta do pátio foi aberta e Griffin apareceu, atormentado e sem fôlego. — Desculpe, — ele ofegou, correndo pela casa em direção à porta da frente. — Mas Blair está em trabalho de parto. Precisamos ir.

—Oh meu Deus! — Joguei meu buquê no sofá e peguei a batinha do meu vestido, pronta para correr. — Onde ela está?

—Ela está lá fora. Estou estacionado na mesma rua, então vou dar a volta com o carro!

Beckett e eu corremos para fora e encontramos Blair sentada em uma cadeira ao lado do pátio, respirando com dificuldade e suando. Bianca segurou uma de suas mãos e Cole parecia estar checando seu pulso com a outra.

— Blair! — Eu gritei. — Isso é tão emocionante!

— Eu sinto muito, — disse ela, parecendo agonizada. — Eu não queria que isso acontecesse durante o seu casamento.

— Você está de brincadeira? Você acabou de tornar este dia melhor!

Bianca riu. — Nenhum de nossos casamentos foi comum, com certeza.

— Vamos levá-la para a frente, — disse Cole, ajudando-a a se levantar.

— Enzo, você pode ficar deste lado? — Perguntou Bianca. — Não estou muito mais estável do que Blair.

— Claro. — Enzo mudou-se para o outro lado de Blair, e Beckett avançou para abrir as portas para eles.

Bianca, Cheyenne e eu seguimos atrás, observando enquanto a caminhonete de Griffin parava na frente da casa, pneus cantando. Beckett abriu a porta do passageiro e os caras ajudaram Blair a entrar no banco da frente e colocar o cinto de segurança.

Eles fecharam a porta e Blair baixou a janela. — Estou tão triste por perder a recepção, Maddie.

— Não se preocupe com isso! Você pode ver as fotos!

— Ligue para nós! — Cheyenne gritou enquanto Bianca e eu jogávamos beijos e acenávamos.

— Eu vou! — Blair acenou de volta e Griffin foi embora com muito mais cuidado do que havia chegado.

Nós seis ficamos ali na varanda da frente por um momento, observando até que as lanternas traseiras de Griffin desapareceram.

—Griffin vai ser pai, — disse Enzo, como se não pudesse acreditar. — Griffin.

—Ele será ótimo nisso, — disse Cheyenne, fungando. — Assim como nosso pai era.

Cole pegou a mão de Cheyenne e beijou as costas dela. —Eu concordo.

—A vida é engraçada, não é? — Olhando rua abaixo em direção à casa onde cresci, passei meu braço em volta da cintura de Beckett, aninhando-me no menino que nunca me esqueceu. — A forma como as coisas fecham o círculo?

—Mas é bom. — Enzo colocou os braços em volta da esposa por trás e beijou sua testa. — E eu não trocaria meu círculo por nada.

—Acha que todos estaremos aqui em cinquenta anos vendo os netos de alguém se casarem ou algo assim? — Bianca se perguntou.

—Com certeza. — Beckett olhou para mim e sorriu. — Algumas coisas nunca mudam.

Epilogo



Beckett

— Tem certeza de que este é o lugar certo? — Cole perguntou.

— Eu tenho certeza. — Enfiei a pá no chão novamente.

— Acho que era um pouco mais para o celeiro, — disse Moretti. — Talvez sua memória esteja com defeito na sua velhice.

Dei uma olhada nele. — Eu tenho trinta e oito anos, igual a você, idiota.

Ele sorriu. — Apenas dizendo.

— Não, Beckett está certo. Era mais em direção à árvore. — Griffin virou sua cerveja. — Tem outra pá?

— Sim, — eu disse, parando para pegar minha cerveja da cerca em que eu a coloquei. — No galpão.

Griffin acenou com a cabeça. — Legal. Moretti, vá buscá-la e comece a cavar.

— Foda-se. — Moretti riu. — Estou com problemas nas costas.

— Bem, eu tenho um ombro ruim.

Nossas esposas, que arrastaram cadeiras para o gramado para nos ver desenterrar nossa cápsula do tempo, reviraram os olhos. — Cuidado com a boca, por favor, Enzo Moretti, — Bianca repreendeu. — Há crianças por aí.

Havia crianças por aí, porra dez delas. Olhei para o outro lado do quintal, ainda surpreso ao vê-los todos correndo, gritando e suados e pegajosos com picolés que tinham derretido rapidamente no calor da noite de verão.

Havia Mariah, é claro. Ela tinha quatorze anos agora, uma mãe totalmente mãe, sempre se preocupando com os menores. O filho de Griffin e Blair, Hank, tinha quatro anos, igual aos gêmeos de Moretti e Bianca, um menino e uma menina chamados Alex e Natalia. Atualmente Mariah estava empurrando os três em um balanço de pneu que pendurei em um carvalho robusto.

Elliott tinha onze anos e estava puxando a filha de Cole e Cheyenne, Marabel, e nossa filha Lily, em uma carroça. Ambas tinham três anos e já eram melhores amigas. Elliott era um irmão mais velho incrível, gentil, sensível, paciente, brincalhão, não apenas para Lily, mas para todas as crianças. Ele ainda era uma grande ajuda no rancho, mas também um excelente aluno. Ele adorava ler e escrever, e seus professores sempre comentavam sobre suas habilidades artísticas. Embora ele não usasse mais vestidos e a fivela de unicórnio tivesse sumido, ele ainda adorava a cor rosa, costumava pintar as unhas ou usar joias e tinha seu próprio estilo criativo. Como qualquer criança à beira da adolescência, ele ainda estava

descobrimo quem ele era, mas eu não poderia estar mais orgulhoso por ele me chamar de pai.

Os três mais novos nem estavam andando ainda, o filho de Cole e Cheyenne, Roan, o filho de Moretti e Bianca, Rocco, e a filha de Griffin e Blair, Charlotte. Eles estavam brincando em um cobertor perto das cadeiras onde suas mães bebiam taças de vinho e especulavam sobre o que seus maridos poderiam ter colocado em uma cápsula do tempo vinte anos atrás, aos dezoito anos.

—Provavelmente está cheio de bolas de beisebol, — disse Blair.

—Sim! — Cheyenne riu. — E talvez um chapéu ou uma luva fedorenta.

—Uma revista Playboy, — Bianca riu.

—Não há nenhum material obsceno aí, obrigado, — disse Moretti, como se estivesse ofendido. — Levamos isso a sério.

—Vocês ao menos se lembram do que colocaram lá? — Maddie perguntou.

—Vagamente, — eu disse quando a ponta da minha pá atingiu algo. Cavei um pouco mais rápido. — Ei, acho que encontrei.

—Fotos, — disse Cole. — Não colocamos um monte de fotos?

—Eu me lembro de um retrato gigante que Moretti colocou lá de si mesmo, — disse Griffin.

—Oh irmão, — disse sua esposa.

Quando removi sujeira suficiente para agarrar a alça da caixa de equipamento, caí de joelhos e estendi a mão para pegá-la. Precisou de um pouco de músculo, mas eventualmente eu a soltei e puxei para fora. Segurando triunfantemente, pulei de pé. — Aha!

Todos aplaudiram, e eu trouxe um pouco mais perto de onde nossas esposas estavam sentadas para que pudessem ver. Tirando a sujeira de cima, virei a trava e abri.

A primeira coisa que tirei foi uma bola de beisebol e todos riram. — Este aqui diz Cole Mitchell, — eu disse, entregando a ele. — Da sua grande rebatida, certo?

Cole acenou com a cabeça e sorriu, envolvendo os dedos em torno da bola. Ele olhou mais de perto e leu: — 2 de junho de dois mil e cinco. — Então ele travou os olhos com Cheyenne. — Uau. Isso é estranho.

— Não é seu aniversário, Chey? — Perguntou Blair.

Cheyenne acenou com a cabeça feliz. — Isto é. Isso é tão louco!

Peguei uma segunda bola de beisebol. — Griffin Dempsey.

— Meu homer da vitória do jogo contra o Mason City, — disse Griffin quando entreguei a ele. — Cara, isso foi bom.

Peguei mais alguns itens e os distribuí, minha carta de aceitação de Harvard, um recorte de jornal sobre as bases de registros de Moretti roubadas, nosso time de beisebol e estatísticas do último ano, a carta de Griffin dizendo a ele onde e quando se apresentar no campo de

treinamento, algumas borlas de formatura (embora tivéssemos esquecido de quem eram).

Havia também um menu de comida para viagem que Moretti colocara. — Olha, é da DiFiore's! — Bianca exclamou. — E é aí que você me pediu em casamento!

Moretti riu. — Sim. Duas vezes.

— Meu cartão de beisebol do Mickey Cochrane, — eu disse, encantado com a descoberta. — Eu tinha esquecido que coloquei isso aqui. Meu pai ficará emocionado, ele me deu quando eu era criança.

Levantei e coloquei o cartão no bolso de trás, me perguntando se meu pai se lembraria do dia exato em que o deu para mim. Sua memória de longo prazo ainda era incrivelmente nítida, especialmente para estatísticas de beisebol, apesar do rápido declínio cognitivo que seu Alzheimer havia causado nos últimos anos. Ele ainda morava conosco, embora fosse difícil, especialmente depois que Lily chegou. Mas Maddie tinha o coração mais generoso que se possa imaginar e nunca reclamou. Elliott também foi incrivelmente paciente e doce com seu avô Eugene, e eu agradeci minhas estrelas da sorte por ambos todos os dias.

Cole espiou dentro da caixa e riu. — Há uma foto gigante de Moretti.

— Viu? Eu te disse. — Griffin alcançou e puxou o cinco por sete.

Bianca riu. — Por que não estou surpresa?

Peguei a pilha restante de fotos e todos se reuniram para assistir enquanto eu as folheava.

—Oh, olhe, — disse Cheyenne. —Griff, é você, papai e vovô.

Griffin acenou com a cabeça. —Tínhamos acabado de restaurar aquela caminhonete antiga.

—É essa que você ainda tem? — Blair perguntou, apontando para a foto. —A vermelha? Tivemos nosso primeiro encontro de verdade naquela caminhonete!

—Sim. — Griffin sorriu para sua esposa. — A própria.

A próxima foto era a gente depois de um jogo de bola. —Parecemos felizes, — disse Moretti. —Devemos ter vencido.

—Alguma vez perdemos? — Cole brincou. —Eu não consigo me lembrar.

A foto do baile fez todas as esposas rirem. —Awwnn, olhe para vocês, — disse Blair. —Todos vestidos de smokings como cavalheiros adequados.

—Éramos, — disse Moretti. —Exceto talvez Weaver. Ele ficou um pouco fora de controle.

Grunhi em resposta e passei para a próxima foto, que era nós quatro depois da formatura. —Eu acho que coloquei esta aqui.

Todos olharam em silêncio por um momento. —Difícil de acreditar que vinte anos se passaram, não é? — Cole perguntou.

Moretti balançou a cabeça. —Eu tenho três filhos, porra. Como isso aconteceu?

—Uh, acho que você sabe como isso aconteceu, e quantas vezes terei que pedir para você cuidar da sua boca? — Bianca deu a seu marido um olhar ameaçador.

—Desculpe, — ele disse, virando sua cerveja. — É tão louco para mim. Lembro-me de enterrar essa coisa como se fosse ontem.

—Eu também, — disse Griffin. — Lembra como não podíamos imaginar como seríamos todos?

—Sim. Estávamos com medo de ficar carecas ou ter barrigas de cerveja grandes e velhas. — Cole riu.

—Nós nos perguntamos se ainda estaríamos jogando beisebol como aqueles veteranos nas noites de quinta-feira, — eu disse, rindo. — Lembra?

—Oh sim. — Cole deu um gole em sua cerveja. — Acho que temos nossa resposta. Pelo menos ainda temos nosso cabelo.

—Vocês ainda estão incríveis, — disse Blair. —Quase um dia mais de dezoito.

—Talvez um dia, — brincou Cheyenne. —Possivelmente uma semana. Mas não um mês.

Fui para a próxima foto e ouvi um suspiro. —Maddie! — Disse Blair. — Essa é você?

Maddie olhou mais de perto. — Oh meu Deus, é! Sempre me perguntei o que aconteceu com aquela foto!

— Estava aqui no baú da esperança de Beckett, — brincou Moretti. — E olhe, funcionou.

Todos riram e eu senti meu rosto ficar um pouco quente.

— Você deve ter sabido mesmo então, — disse Cheyenne, tocando seu coração. — Isso é tão querido.

— Acho que sim. — Olhei para Maddie, cujos olhos estavam brilhantes e iluminados. Por mais que amasse nossos amigos, de repente desejei estar sozinhos.

Mas isso não era novidade. Nunca me senti como se tivesse tempo suficiente a sós com minha esposa. Era difícil equilibrar as demandas das crianças, de meu pai e do rancho com nosso desejo um pelo outro, mas tentamos. Às vezes, simplesmente colocamos todo mundo na cama e fechamos a porta. Às vezes, escapávamos para o celeiro. De vez em quando, implorávamos a uma de minhas irmãs para ficar por uma noite enquanto nos hospedávamos em uma pousada. Embora, verdade seja dita, nunca tenhamos ido tomar café. Meu corpo e minha alma ansiavam por ela, sempre.

Mais tarde, depois de nos despedirmos de nossos amigos, colocar as crianças na cama e fechar a casa, subimos os degraus e deitamos na cama.

Envolvi minha esposa em meus braços e ela se aninhou ao meu lado como gostava de noite, com a cabeça no meu ombro e o braço em volta da minha cintura.

— Ainda não consigo acreditar que você colocou aquela foto nossa na cápsula do tempo, — disse ela suavemente.

— Por que não? Você sabe agora que eu era louco por você naquela época.

— Eu acho, mas você escondeu tão bem. E nós dois estávamos indo para a faculdade. Como você sabia que íamos manter contato, quanto mais acabar juntos?

— Eu não sabia.

— Mas você deve ter sentido isso, — ela insistiu. — Lá no fundo. Você não acha?

— Pode ser. Suponho que poderia ter sido o destino.

— Ou talvez você tenha poderes mágicos e tenha feito isso acontecer, — ela sussurrou dramaticamente.

Eu ri, beijando o topo de sua cabeça. — Se eu tivesse poderes mágicos, eu a teria trazido de volta para mim mais cedo.

— Verdade. — Depois de um momento, ela levantou a cabeça. — E se eu não tivesse voltado aqui? Você teria vindo me encontrar?

— Sim. — Eu aprendi como responder a esses tipos de perguntas dela, com meu coração em vez de minha cabeça.

—Como você sabe?

—Porque, Maddie Weaver. — Eu a rolei embaixo de mim e olhei em seus olhos. Estava muito escuro para ver o lindo verde garrafa deles, mas eu saberia o tom exato mesmo com meus olhos fechados. — Você era então, é agora e sempre será a única garota que eu amei. Não sei o que fiz para merecer voltar para casa, para você, mas nada mais no mundo se sentiu tão bem, então vou continuar fazendo isso.

Ela sorriu.

—Foi uma boa resposta?

—Sim. — Ela segurou meu rosto com as mãos. —Eu vou continuar voltando para casa para você também.

—Então eu acho que está resolvido. É você e eu para sempre.

—É você e eu para sempre.

Pressionei meus lábios nos dela e selei a promessa com um beijo.

Fim

Sobre a Autora

Melanie Harlow gosta dos saltos altos, do Martíni seco e da história com os pedaços travessos que sobraram. Além da série Bellamy Creek, ela é autora da série Cloverleigh Farms, da série One & Only, da série After We Fall, a Happy Crazy Love Series e a Frenched Series.

Ela escreve de sua casa fora de Detroit, onde mora com o marido e duas filhas. Quando ela não está escrevendo, provavelmente tem um coquetel em mãos. E às vezes quando ela está.